A Arte e a Natureza em Portugal

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL

Album de photographias com descripções; clichés originaes;
copias em phototypia inalteravel; monumentos, obras d'arte, costumes, paisagens

DIRECTORES { *F. Brütt*
Cunha Moraes

VOLUME SETIMO

EMILIO BIEL & C.^A — Editores

PORTO

—

MDCCCCVII

A villa de Chaves

Chaves é não só uma das terras mais populosas e mais importantes da provincia transmontana, mas tambem uma das mais antigas d'esta região do paiz.

A fundação da villa data dos annos 70 a 75 da era christã. A peninsula hispanica achava-se então encorporada no imperio romano, e por toda a parte os legionarios abriam estradas, erguiam castros, edificavam cidades, construiam balnearios, implantando no extremo occidente da Europa costumes novos e melhoramentos materiaes que a sua civilisação lhes ensinára.

Chaves foi primeiro que tudo um balneario, — o acertado aproveitamento das notaveis nascentes thermaes alcalinas que alli brotam na margem direita do Tamega, quasi no extremo sul do valle feracissimo que este rio atravessa ao entrar em Portugal.

Aquæ Flaviæ, seu primitivo nome, mostra bem a origem da fundação, ao passo que nos revela a data d'ella, pela evidente homenagem ao coevo imperante, T. *Flavio* Vespasiano.

Segundo as opiniões mais auctorisadas, o nome moderno *Chaves* derivou do ablativo *flaviis,* do que ha mais exemplos no nosso paiz, como Sagres, que derivou de *Sacris.* O *fl* inicial das palavras latinas transformou-se em *ch* em muitas da nossa lingua, como, por exemplo, *chamma* (de flamma), *cheirar* (de flagrare), etc. E da reducção dos dois *ii* a um só, assim como da transformação do *i* resultante em *e,* ha tambem muitos casos, citando o sabio philologo snr. dr. Leite de Vasconcellos, entre outros, os das palavras *amades* (de amatis) e *fazes* (de facis).

Explica-se assim, morphologica e phoneticamente, como do antigo nome Aquæ Flaviæ (*aguas de Flavio*) resultou a forma actual — Chaves, que, como se vê, não tem relação alguma com o nome commum *chave.*

Junto ao balneario em breve se formou uma povoação, que rapidamente cresceu, vindo a ser uma grande cidade e a séde de um dos cinco bispados que constituiam o *convento juridico* de Braga, na provincia romana chamada *Hispania Citerior* ou *Terraconense.*

Muitas vicissitudes, porém, annullaram, no decorrer dos seculos, a obra romana que grande perfeição attingira. D'esse periodo de grandeza e prosperidade resta apenas, affrontando o tempo, um unico monumento, a grande *ponte de Trajano* (que uma das nossas gravuras representa) e na qual dois venerandos padrões se conservam ainda, cujas epigraphes notaveis (que a falta de espaço nos não deixa reproduzir) são conhecidas pelos archeologos de todo o mundo civilisado e tem servido de base a importantes estudos.

Com o termo do dominio romano na peninsula, póde dizer-se que começou a decadencia de Chaves.

No principio do seculo v, quando as hordas barbaras do norte se despenharam atravez a Europa e invadiram as terras do occidente, n'um poder de expansão a que o colosso romano não pôde pôr diques, *Aquæ Flaviæ* tornou-se uma das principaes cidades do novo reino dos suevos.

Mas, exactamente pela sua importancia, sobre ella se desencadeou a lucta de ambições, a cujo choque deveu a sua primeira derrocada. Foi isso no anno de 460, e da catastrophe deixou-nos memoria o bispo de Chaves, *Idacio,* no seu *Chronicon,* contando como elle proprio lhe soffreu as consequencias n'um duro e prolongado captiveiro.

Com effeito, n'esse anno surgira no reino suevo, a que a conquista visigotica deu curta duração, uma irreconciliavel pendencia de successão ao throno entre Ramismundo e Frimario. Chaves era pelo primeiro d'estes pretendentes. O segundo foi, porém, o vencedor e, tomada a povoação, o seu furor de vingança só ficou satisfeito quando a deixou reduzida a um montão de ruinas.

Longo tempo se passou sem que a cidade fosse reconstruida, pois só em 716 os arabes, novos dominadores da peninsula, a fizeram erguer de entre os escombros, povoando-a, engrandecendo-a e civilisando-a.

Mas no anno 888, Affonso, o Catholico, rei de Leão, hasteando o pendão da fé contra os infieis, veio sobre Chaves, poz-lhe cêrco e assenhoreou-se da povoação expulsando os seus reedificadores.

Le bourg de Chaves

Chaves est non seulement un des endroits les plus populeux et importants de la province de Traz-os-Montes, mais encore un des plus anciens de cette région du pays.

La fondation du bourg date des années 70 à 75 de l'ère chrétienne. La péninsule hispanienne se trouvait alors incorporée dans l'empire romain et partout les légionnaires perçaient des routes, élevaient des châteaux, édifiaient des villes, construisaient des thermes, portant à l'extrémité occidentale de l'Europe de nouvelles mœurs et des améliorations matérielles que leur civilisation leur avaient enseignées.

Chaves fut tout d'abord une station balnéaire, qui bien justement mit à profit de magnifiques sources thermales alcalines qui jaillissent là, sur la rive droite du Tamega presque à l'extrémité sud de cette fertile vallée que le fleuve traverse en entrant dans le royaume de Portugal.

Aquæ Flaviæ, son nom primitif, démontre bien l'origine de sa fondation et nous en révèle en même temps la date, avec l'hommage dû à l'empereur contemporain, T. Flavius Vespasien.

Selon les opinions les plus autorisées, le nom moderne *Chaves* dérive de l'ablatif *flaviis* dont nous avons encore d'autres exemples dans notre pays, comme Sagres, qui vient de sacris. Le *fl* initiel des mots latins s'est transformé en *ch* dans beaucoup de termes de notre langue, tels que, *chamma* (flamme) qui vient de *flamma, cheirar* (sentir) de *flagrare,* etc. Et nous avons aussi, bien des cas de réduction des deux *ii* en un seul, ainsi que de la transformation de l'*i* en *e,* que le savant philologue Mr. le dr. Leite de Vasconcellos cite, entre autres, *amades* (de amatis) et *fazes* (de facis).

Ainsi s'explique, morphologiquement et phonétiquement, comment de l'ancien nom Aquæ Flaviæ (eaux de Flavius) est resultée la forme actuelle — Chaves, qui, comme on le voit, n'a aucune relation avec le nom commum *chaves* (clefs).

Une bourgade se forma aussitôt près des thermes; elle s'accrût rapidement et devint une grande ville, siège d'un des cinq évêchés qui constituaient le *couvent juridique* de Braga, dans la province romaine nommée *Hispania Citerior* ou Terraconense.

Cependant, dans la suite des siècles, bien des vicissitudes vinrent annuller l'œuvre romaine, qui avait atteint une si grande perfection.

Subissant l'outrage du temps, à peine est-il resté de cette période de grandeur et prospérité, un seul monument, le grand *pont* de Trajan, représenté sur une de nos gravures, où l'on conserve encore deux vénérables monuments, dont les inscriptions remarquables, que, faute d'espace, nous ne pouvons reproduire, sont connues des archéologues de tout le monde civilisé et ont servi de base à d'importantes études.

Avec la terminaison de la domination romaine dans la péninsule, on peut dire que commença la décadence de Chaves.

Au commencement du v^me^ siècle, lorsque les hordes barbares du nord se précipitèrent à travers l'Europe envahissant les contrées de l'Occident, dans une puissance d'expansion que le colosse romain ne pût réfréner, Aquæ Flaviæ devint une des principales villes du nouveau royaume des suèves.

Mais justement par son importance, la lutte des ambitions se déchaîna sur elle, produisant une première débâcle. Ceci se passait vers l'an 460, et le souvenir de cette catastrophe nous a été laissé par l'évêque de Chaves, *Idacio,* dans sa *Chronicon,* où il raconte comment lui-même en a souffert les résultats, par une dure et longue captivité.

En effet, pendant cette même année, et dans le royaume suève, auquel la conquête visigothique avait donné une certaine durée, commença une guerre irréconciliable de succession au trône, entre Ramismundo et Frimario. Chaves était du parti du premier prétendant, mais le second fut vainqueur et, s'étant emparé de la ville, sa fureur de vengeance fut telle qu'il ne resta satisfait que lorsqu'il l'eût réduite à un amas de ruines.

Il se passa longtemps sans que la ville fut reconstruite, puisque seulement en 716 les arabes,

N'aquelle tempo de luctas contínuas entre christãos e mouros, eram porém pouco estaveis as conquistas de uns e outros.

Em 923 novamente os arabes se apoderaram de Chaves, mas só conseguiram conservar a sua posse durante trinta e dois annos, ao fim dos quaes mais uma vez o crescente mahometano foi substituido nas velhas muralhas pelo pendão da cruz.

Affonso III de Leão dotou então a villa com poderosos meios de defeza, mercê dos quaes a cubiça dos infieis se manteve em respeito. E foi assim que Chaves pôde fazer parte, em 1095, do dote territorial que Affonso VI de Leão e Castella deu a sua filha D. Tareja, quando esta casou com o conde D. Henrique de Borgonha.

Mas a lucta entre christãos e mouros continuava na peninsula com fortuna varia para ambos os contendores. Em 1129 Chaves caiu de novo em poder dos arabes, que encarniçadamente a defenderam dos christãos, de modo que foi só em 1160, quando o condado dotal de D. Tareja se havia já transformado em reino independente sob o sceptro de D. Affonso Henriques, que a cubiçada villa veio a entrar definitivamente nos dominios de Portugal.

Deveu-se a façanha a dois irmãos, que o eram tanto pelo sangue como pelo seu arrojo de denodados batalhadores.

Foram elles Ruy e Garcia Lopes, a quem o rei, em galardão, concedeu que usassem o appellido Chaves e *cinco chaves* de crystal no campo roxo dos seus escudos de cavalleiros.

Desde que se tornou povoação portugueza, a decadencia de Chaves accentuou-se consideravelmente, quasi esquecida dos governantes no extremo norte do paiz.

Como unica excepção d'este abandono apenas póde citar-se a protecção que quiz dar-lhe el-rei D. Diniz, o qual mandou reformar as desmantelladas muralhas da villa e construir o castello, com a sua torre de menagem, dois monumentos que ainda hoje existem e que uma das nossas gravuras representa. Mas depois, longos annos se passaram sem que a villa desse qualquer passo assignalado no caminho dos seus progressos.

No reinado de D. Manoel, a povoação, apertada na estreiteza das suas muralhas, era ainda insignificante, não devendo ter mais de 300 fogos.

O foral que este monarcha outorgou á villa, confirmando os que já lhe haviam dado el-rei D. Diniz e seu filho D. Affonso IV, mais visava a regular as contribuições que os habitantes haviam de pagar ao real erario do que a conceder-lhes garantias e privilegios que auxiliassem os seus progressos.

Em 1385, quando D. João I de Castella pretendeu fazer valer os seus direitos ao throno portuguez, o alcaide de Chaves foi um dos que se conservaram fieis á rainha D. Leonor Telles e a sua filha, a infanta D. Brites, esposa d'aquelle monarcha.

Mas o Mestre de Aviz tinha posto o seu braço ao serviço da independencia da patria; e derrotadas em Aljubarrota as poderosas forças de Castella, resolveu ir em pessoa recuperar para o reino, cuja defeza o povo lhe confiára, algumas praças que ainda ao pretendente obedeciam.

Assim, no anno de 1386, as suas forças, auxiliadas pelas do glorioso condestavel D. Nuno Alvares Pereira, puzeram cêrco a Chaves e obrigaram a sua guarnição a render-se depois de porfiada resistencia que durou quatro mezes.

D. João I deu a villa ao condestavel e ella veiu a constituir uma parte do dote de sua filha D. Beatriz, quando esta casou com o conde de Barcellos, D. Affonso, mais tarde o 1.º duque de Bragança.

Tanto a filha de Nunalvares, como o duque seu marido passaram largas temporadas em Chaves, e ambos terminaram alli os seus dias, nas *casas do Castello*, aquella em 1414 e este em 1461.

Os restos do duque ainda hoje os guarda a villa, em modesto mausoleu na igreja de S. Francisco.

Durante dois seculos e meio, depois de conquistada pelo Mestre de Aviz, Chaves manteve-se estacionaria, se acaso não augmentou ainda a sua decadencia.

Em 1640, após a redemptora revolução que restituiu a autonomia a Portugal, a villa, como praça fronteiriça que era, não podia deixar de chamar as attenções de D. João IV, que mandou reparar e ampliar as fortificações e prover á sua defeza, de tal modo efficaz que nunca os castelhanos ousaram

nouveaux dominateurs de la peninsule, la firent réédifier d'entre les décombres, la peuplèrent, l'agrandirent et la civilisèrent.

Mais en 888, Alphonse, le Catholique, roi de Léon, y implanta l'étendard de la foi, contre les infidèles, il marcha vers Chaves, l'assiègea et s'empara de la ville, en chassant ceux qui l'avaient reconstruite.

Dans ces temps de luttes continuelles entre chrétiens et maures, les conquêtes des uns et des autres n'étaient guère persistantes.

En 923 les arabes s'emparèrent nouvellement de Chaves, mais ils ne réussirent à en conserver la possession que pendant trente deux ans, au bout des quels le croissant mahométan fut encore une fois remplacé par la croix, sur les vieux murs de la ville.

Alphonse III de Léon doua à la ville de puissants éléments de défense, grâce auxquels il pût contenir en respect la cupidité des infidèles. Et ce fut ainsi que en 1095 Chaves put faire partie de la dot territoriale qu'Alphonse VI de Léon et Castille donna à sa fille D. Tareja, lorsqu'elle épousa le comte D. Henri de Bourgogne.

Cependant la lutte entre chrétiens et maures continuait dans la péninsule avec des chances variables pour chacun des combattants. En 1129 Chaves tomba de nouveau au pouvoir des arabes qui la défendirent avec acharnement contre les chrétiens, de manière que ce fut seulement en 1160, lorsque le comté donné en dot à D. Tareja, était déjà devenu un royaume indépendant, sous le sceptre de D. Alphonse Henri, que cette ville si disputée pût entrer définitivement dans les domaines du Portugal.

Ce résultat fut l'œuvre de deux frères, qui l'étaient autant par le sang que par leur bravoure de hardis batailleurs.

C'étaient Ruy et Garcia Lopes, à qui le roi, comme récompense, accorda la grâce d'adopter le nom de Chaves et *cinq clefs* (chaves) de cristal sur champ violet de leurs écussons de chevaliers.

La décadence de Chaves s'accentua considérablement, aussitôt qu'elle devint ville portugaise, et presque toujours oubliée par les dirigeants à l'extrémité nord du pays.

Comme seule exception à cet abandon on peut à peine citer la protection que le roi D. Denis voulut bien lui accorder, en faisant restaurer les murs démantelés de la ville, et reconstruire le château avec sa tour d'honneur, deux monuments qui existent encore aujourd'hui et qui sont représentés sur une de nos gravures. Mais ensuite, de longues années se passèrent sans que le bourg fit un seul pas digne de remarque, sur la route du progrès.

Sous le règne de D. Manuel, la bourgade, resserrée dans l'étroitesse de ses murs, était encore insignifiante et ne comptait pas plus de 300 feux.

La charte que ce roi donna au bourg, confirmant celles que lui avait données le roi D. Denis et son fils D. Alphonse IV, visait plutôt à régler les contributions que les habitants devaient verser au trésor royal, qu'à lui accorder des garanties et des privilèges qui l'eussent aidée dans ses progrès.

En 1385 quand D. Jean I de Castille prétendit faire valoir ses droits au trône portugais, l'alcalde de Chaves, fut un de ceux qui se maintînt fidèle à la reine D. Leonor Telles et à sa fille l'infante D. Brites, épouse de ce roi.

Mais le Maître d'Aviz avait mis son bras au service de l'indépendance de la patrie; et lorsque les puissantes armées de Castille furent vaincues à Aljubarrota, il résolut d'aller lui-même racheter pour le royaume, dont le peuple lui avait confié la défense, quelques places fortes qui obéissaient encore au prétendant.

Ainsi, l'année 1286, ses troupes, aidées par celles du glorieux connétable D. Nuno Alvares Pereira, mirent le siège à Chaves et obligèrent sa garnison à se rendre, après une resistance opiniâtre, qui dura quatre mois.

D. Jean I donna le bourg au connétable, et il vint à faire partie de la dot de sa fille D. Béatrice lors que celle-ci épousa le comte de Barcellos, D. Alphonse, qui fut plus tard le 1er duc de Bragance.

La fille de Nunalvares, de même que son mari le duc, firent de longs séjours à Chaves et tous deux y finirent leurs jours, dans les *Casas do Castello* (maisons du château). La duchesse mourût en 1414 et son mari en 1461.

Le bourg conserve encore les restes du duc, dans un modeste mausolée à l'église de S. François.

investil-as durante os largos annos que durou a lucta da independencia. As obras de defeza, porém, lentamente executadas por falta de recursos, nunca chegaram a concluir-se, tendo-se suspendido quando o tratado de paz de 1668 poz termo á longa campanha.

A praça caiu de novo em grande abandono, e foi pelo seu desmantelamento e pela extrema decadencia a que as instituições militares chegaram no nosso paiz durante o reinado de D. João v, que em 1762, declarada a guerra entre Portugal e a Hespanha, o governador da Galliza pôde occupar Chaves sem a mais insignificante resistencia.

Felizmente o genio do marquez de Pombal, auxiliado pela pericia militar do conde de Lippe, poz breve termo á vergonha d'esta affronta. As hostilidades haviam começado no mez d'abril, e a 3 de novembro era assignado em Fontainebleau o tratado de paz, a que o inimigo fôra forçado pelos successivos triumphos que sobre elle alcançaram as nossas tropas.

Quasi meio seculo se passou depois sem que em Chaves houvesse qualquer acontecimento digno de menção. Mas em 1809 novamente um pavilhão estrangeiro tremulou nas muralhas da villa, embora com ephemera duração do seu dominio.

Foram então soldados francezes, do exercito invasor de Soult, que occuparam a villa, e foi a esses heroes do grande Napoleão que o general Silveira mostrou a valentia da velha raça transmontana, atacando-os com um punhado de soldados e milicianos mal armados e obrigando-os a abandonar a praça quando havia apenas oito dias que d'ella se tinham apoderado.

*
* *

Desde os meados do seculo xix a villa começou a crescer mais rapidamente em população e nos primeiros annos do actual seculo houve algum desenvolvimento nos seus progressos materiaes. Chaves tem hoje uma população de 6:406 habitantes e é séde de um vasto concelho, composto de 45 freguezias e com a população total de 36:781 almas. As antigas muralhas foram em grande parte demolidas, o que permittiu o alargamento da área povoada e alguns melhoramentos da parte velha da villa.

Nos fossos da praça ha hoje jardins magnificos. Muitas das primitivas habitações têm sido reconstruidas, modificando o aspecto das ruas, a maior parte das quaes são todavia ainda bastante estreitas e tortuosas.

Outros melhoramentos se têm executado, entre os quaes merece citação o da illuminação publica, que é realisada com lampadas electricas de incandescencia e de arco voltaico, em condições inteiramente satisfatorias, não havendo em Portugal installações mais perfeitas nem com mais modernos apparelhos.

Os costumes tambem lentamente se vão civilisando. O povo é docil, pacifico e sobrio. As suas condições de existencia não são boas, porque, á mingua de protecção do poder central, jaz quasi inexplorada a sua maior riqueza natural, a agricultura, em que ainda se notam processos verdadeiramente primitivos. O commercio, que foi importantissimo, atravessa hoje a crise que da pobreza da região dimana. D'este mal-estar do povo resulta a sua feição triste, que se revela na sua poesia, na sua musica, nas suas romarias e nas suas festas. N'estas figura ainda, como divertimento tradicional, o *gaiteiro*, musica monotona e barulhenta, de cujos executantes dá uma das nossas gravuras exacta imagem.

Tal é a *muito antiga e sempre leal* villa de Chaves, a que a viação accelerada ha de dar no futuro uma grande importancia pelas consideraveis fontes de riqueza que então poderão ser exploradas.

O castello de Montalegre

A nossa ultima gravura representa as ruinas do castello de Montalegre.

Esta fortaleza, situada sobre uma collina ao norte da villa de Montalegre, dominando o valle do Cávado, foi edificada em 1331, nos primeiros annos do reinado de D. Affonso iv e compunha-se de quatro torres, ligadas entre si por uma muralha quasi circular.

Circumdando as torres havia a muralha do recinto e ainda fóra d'esta a barbacan, de que hoje

Pendant deux siècles et demi, après la conquête du Maître d'Aviz, Chaves resta stationnaire, ou peut-être même plus déchûe encore.

En 1640, après la révolution bénie, qui rendit au Portugal son indépendance, le bourg, comme place forte de la frontière, ne pouvait passer sans attirer l'attention de D. Jean iv, qui fit réparer et augmenter les fortifications et organiser sa défense, d'une manière si efficace, que les castillans n'osèrent jamais les attaquer pendant les longues années que dura la guerre de l'indépendance. Les travaux de défense, exécutés toutefois très lentement, faute de ressources, ne furent jamais achevés, et on les interrompit même, quand le traité de paix de 1668 mit un terme à cette longue campagne.

La place tomba de nouveau dans un lamentable abandon, et ce fut grâce à son écroulement et à l'extrême décadence où tombèrent les institutions militaires de notre pays pendant le règne de D. Jean v, que le gouverneur de Gallice pût s'en emparer sans la moindre résistance, en 1762, lorsque la guerre entre le Portugal et l'Espagne fut declarée.

Heureusement le génie du marquis de Pombal, aidé par la capacité militaire du comte de Lippe, mit un terme à cet affront. Les hostilités avaient commencé au mois d'avril, et le 3 novembre on signait à Fontainebleau le traité de paix, auquel l'ennemi avait été forcé après les triomphes successifs obtenus par nos troupes.

Il se passa ensuite un demi siècle sans que Chaves aît pu compter un seul évènement digne de remarque. Mais en 1809 on vit encore un drapeau étranger déployé sur les murs de la ville, quoique pendant très peu de temps.

Ce fut lorsque les soldats français, de l'armée envahissante de Soult, occupèrent le bourg. Mais le général Silveira voulut montrer à ces héros du grand Napoléon, la bravoure de notre vieille race du nord du royaume, en les attaquant avec une poignée de soldats et de miliciens mal équipés, qui les obligèrent à abandonner la place, quand il y avait à peine huit jours qu'ils s'en étaient emparés.

*
* *

Depuis le milieu du xix[me] siècle le bourg commença à augmenter plus rapidement sous le rapport de la population, et pendant les premières années de ce siècle il y a eu un certain développement dans les progrès matériels. Chaves compte aujourd'hui une population de 6:406 habitants, et est le siège d'une vaste commune, composée de 45 paroisses avec une population totale de 36:781 âmes. Les anciens murs ont été presque tous démolis, ce qui a permis l'agrandissement de la partie habitée, et d'autres améliorations de la partie ancienne du bourg.

Les fossés de la place sont maintenant de magnifiques jardins. Beaucoup d'habitations primitives ont été reconstruites, ce qui a modifié l'aspect des rues, dont la plupart sont toutefois encore très étroites et tortueuses.

On a encore fait d'autres améliorations parmi lesquelles il faut citer l'éclairage électrique, avec lampes d'incandescence à arc voltaïque, monté d'une manière tout-à-fait satisfaisante, avec tous les appareils les plus modernes, ce qui en fait une des plus parfaites installations du Portugal.

Les mœurs aussi se civilisent peu à peu.

Les habitants sont dociles, pacifiques et sobres. Leurs conditions d'existence ne sont pas très bonnes, parceque, faute de protection des gouvernements, la plus grande richesse naturelle, qui est l'agriculture, n'est guère explorée et on y remarque des procédés tout à fait primitifs.

Le commerce, qui jadis a été très important, souffre aujourd'hui la crise dûe à la pauvreté de la région. De ce malaise du peuple découle l'air triste qui se révèle dans sa poésie, sa musique, ses pélerinages et ses fêtes, où l'on voit encore figurer comme amusement traditionnel, le *gaiteiro* (joueur de cornemuse) avec son instrument monotone et bruyant, dont une de nos gravures représente l'image exacte.

Tel est le *très ancien et toujours loyal* bourg de Chaves, que nous espérons voir dans l'avenir, gagner en importance lorsque le chemin de fer permettra d'exploiter ses considérables sources de richesse.

apenas existem insignificantes vestigios. Entre a barbacan e a muralha do recinto, que tinha um traçado irregular, adaptado á fórma do terreno, corria o caminho coberto que se chamava falsa-braga.

A torre maior, do lado do norte, tinha na base uns 13 metros de lado e a altura era approximadamente de 27 metros. Esta era a torre de menagem e nos seus dois pavimentos havia espaçosas salas abobadadas.

As outras tres torres eram o que na antiga fortificação se chamavam *cubellos*. O de leste era o mais importante; tinha uns 10 metros de lado e quasi 20 metros de altura.

Os outros dois *cubellos* eram massiços em quasi toda a altura e apenas tinham 5 metros de lado. A altura era de 11,5 metros no do lado de oeste e de 16 metros no outro.

A fortaleza teve n'outras eras o seu governador e a guarnição compunha-se de duas companhias, como se vê de um alvará datado de 30 de setembro de 1715.

Hoje o castello de Montalegre está abandonado e apenas um dos cubellos foi aproveitado para n'elle se estabelecer um posto meteorologico.

No interior do recinto fortificado havia uma cisterna com as paredes revestidas de cantaria e uma escada por onde se descia até ao nivel da agua. A profundidade devia ser de uns 10 metros e a largura era de 4 metros. A cisterna acha-se hoje em grande parte entulhada.

A villa de Montalegre, de cujo feio aspecto se faz ideia pela nossa gravura, é a séde do concelho do mesmo nome, comprehendendo a vasta e montanhosa região de Barroso. Não se sabe bem a data em que a povoação foi fundada, mas ha muitos vestigios de ella ter sido habitada pelos romanos, e por duas estatuas de granito que em 1785 foram alli encontradas em umas escavações (as quaes hoje estão no jardim do palacio real da Ajuda), suppõe-se que já anteriormente o fôra pelos lusitanos, ou talvez pelos phenicios.

Por emquanto a villa encontra-se em grande atrazo e a sua população é apenas de 930 habitantes, com 203 fogos. Em 1757 tinha apenas 95 fogos e em 1875 dava-lhe Pinho Leal, no *Portugal antigo e moderno*, 180 fogos. Vê-se que os seus progressos têm sido lentos, o que em grande parte deve attribuir-se a ter estado durante longos annos privada de vias de communicação. Hoje acha-se ligada por estrada real á villa de Chaves, com a qual as povoações da parte leste d'aquelle concelho têm estreitas relações. As povoações da parte oeste têm mais relações com a cidade de Braga.

A. Ribeiro de Carvalho.

Le château de Montalegre

Notre dernière gravure réprésente les ruines du chateau de Montalegre.

Cette forteresse située sur une colline au nord du bourg de Montalegre, dominant la vallée du Cávado, a été édifiée en 1331, pendant les premières années du règne de D. Alphonse IV, et se composait de quatre tours, reliées par une muraille presque circulaire.

Les tours étaient entourées par le mur d'enceinte, et encore en dehors il y avait la barbacane, dont aujourd'hui on ne voit que des vestiges insignifiants. Entre la barbacane et le mur d'enceinte, qui était irrégulièrement tracé en rapport avec la forme du terrain, il y avait un chemin couvert que l'on appelait fausse-braie.

La grande tour, du côté nord, avait à sa base 13 mètres de côté et sa hauteur était à peu près, de 25 mètres. C'était la tour d'honneur, et dans ses deux étages il y avait de vastes salles voûtées.

Les trois autres tours étaient ce que dans les anciennes fortifications on nommait *cubellos* (échauguettes). Celle de l'est était la plus importante; elle avait à peu près 10 mètres de côté et presque 20 de hauteur.

Les deux autres échauguettes étaient massives dans presque toute la hauteur et avaient à peine 5 mètres de côté. Leur hauteur était 11^{m},5 du côté ouest, et 16 de l'autre.

Cette forteresse avait autrefois son gouverneur, et sa garnison se composait de deux compagnies, comme on le voit par un brévet daté du 30 novembre 1715.

Actuellement le château de Montalegre est abandonné et dans une seule de ses échauguettes on a installé un poste météorologique.

À l'intérieur de l'enceinte fortifiée il y avait une citerne avec les murs revêtus de pierre de taille et un escalier par lequel on descendait jusqu'à niveau d'eau. Sa profondeur dévait être à peu près de 10 mètres sur 4 de large.

La citerne est aujourd'hui presque comblée.

Le bourg de Montalegre, dont l'aspect peu engageant s'aperçoit dans notre gravure, est le siège de la commune du même nom, comprenant la vaste et montagneuse région de Barroso.

On ne sait pas bien la date de la fondation de cette bourgade, mais on y retrouve des vestiges montrant qu'elle a été habitée par les romains, et en 1785 on a découvert dans des excavations, deux statues de granit, qui sont aujourd'hui dans le jardin du palais royal d'Ajuda, et qui font supposer l'existence plus antérieure encore, des lusitains ou peut-être même des phéniciens.

Pour le moment le bourg est très arrièré et sa population est à peine de 930 habitants, avec 203 feux. En 1757 il y avait seulement 95 feux et en 1875, Pinho Leal, dans le *Portugal antigo e moderno* lui attribuait 180 feux. On voit que les progrès sont très lents, ce qui est dû surtout à ce que pendant bien des années il n'existait pas de moyens de communication.

Aujourd'hui Montalegre est muni d'une route communale qui le relie à Chaves, avec lequel les endroits de la partie est de la commune sont étroitement en relation. Les paroisses de l'ouest ont plus de relations avec la ville de Braga.

A. Ribeiro de Carvalho.

Vista geral
CHAVES

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Ponte sobre o rio Tamega
CHAVES

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Castello e torre de menagem

CHAVES

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Gaiteiros

CHAVES

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL

EMILIO BIEL & Cª - EDITORES

Castello

MONTALEGRE

Barroso

Excepto a candida e vaga narrativa de Frei Luiz de Sousa n'*A Vida do Arcebispo* e a reputação indisputada e justa da sua vitéla e de todo o seu gado bovino, nada mais se conhece, no paiz, da montanhosa região de Barroso.

Recolhida na austera clausura de serranias que a separam de todo resto do mundo, ainda não foi devassada pelos elementos do progresso — áparte o indiscreto macadam que liga a villa de Chaves á de Montalegre e a laboriosa, florescente e moderna população fabril que surge em volta dos jazigos de wolfram, na freguezia de Salto sita nos áditos do formidavel planalto.

Vivendo no rythmo imperturbavel das existencias simples, não tendo outros estimulos senão os da tradição, o indigena continua fielmente a actividade social dos remotos antepassados cuja memoria se perde na crescida sombra dos seculos que sobre elles se dobaram. E assim, na renuncia a qualquer outro premio que não seja o da tranquillidade e paz do seu vasto e aspero cenobio, exerce as industrias dos povos primitivos de que elle é uma viva emanação: a pastoricia, subordinada á lavoura patriarchal, sob os dictames do ceu inclemente onde lê, confiado e seguro, como nas paginas claras d'um livro aberto e inilludivel.

Perpetuando estadios archaicos que vicejam n'uma pureza quasi integra possue, no seu amplo *habitat*, um consideravel archivo de sobrevivencias — material opulento para as locubrações de ethnographos e ethnologos, historiadores e economistas. Infelizmente não consentem o espaço e a opportunidade mais que um conspecto fugaz d'essa zona serrana, entre nós, incomparavel.

Solo alcantilado e agreste de contornos severos; clima cruel com desiguaes alternativas de polo e equador; paizagem arida, indigente, quasi atona.

No fundo dos valles, na aba das encostas, em pregas de cerros e quasi sempre ão abrigo das ventanias impiedosas, assentam as povoações com o seu casario unido, aconchegado, apinhoado. As exigencias da defeza commum e o instincto da solidariedade assim o determinam.

N'esses agglomerados, cobertos de colmo trigueiro, raramente uma alvura de cal aviventa ou fulge na sua côr, sombria e suja, confundindo-se com a da natureza circundante. As habitações logo dizem a constituição geologica do terreno em que poisam e, abertamente, declaram a maior ou menor abastança e a maior ou menor primitividade do aggregado a que pertencem.

O snr. Rocha Peixoto, douto homem de sciencia que addita a uma singular erudição os primores d'uma plastica inconfundivel, n'um resumo lucido, kodaquisou a vivenda barrosã que pessoalmente examinou e largamente perscrutou: «A casa terreira da montanha, traduzindo o mister agricolo-pastoril do habitante, mantem-se sempre n'uma elementar rudeza constructiva. Collocam-se os blocos sem cimento ou dispõe-se o schisto em assentadas, deixando fendas por onde o fumo se esvae ou a luz entra; e a pedra, com um miudo apparelho polygonal, nem sempre se justapõe á fieira e raramente é escudada. Sob o colmasso de duas ou quatro aguas, com lages fixando os cumes e latas de madeira transversaes, a fuligem pende em estalactites ou sequer como reveste interiormente as paredes de verniz. Tres, dois, mesmo um só compartimento aloja animaes e pessoas.»

Com effeito, se o casebre tem a entrada ao rez do chão difficilmente comporta divisões internas e no espaço que as achamboadas paredes encerram descortina-se um quadro, arrepiante e commiserador, mal apercebido a principio pelo acarvoamento compacto em que se concentra, salvo quando uma restea de sol trespassa luminosamente o negrume e diffunde uma debil claridade que todavia basta a relevar e precisar os objectos, como nos inegualaveis interiores de Rembrandt. Mobiliario pobrissimo, desconforto absoluto, photographando uma austereza de eremiterio, uma primeira noção dos aconchegos da vida e um comesinho avanço sobre as cavernas ex-historicas. Deve, emfim, fornecer um espelho mais ou menos exacto das moradas dos *castros* de que dimanam por certo as aldeias de Barroso.

Sobre o terreo pavimento e junto dos muros defumados installam-se, tambem ennegrecidas, as arcas, as bancas, a mesa, o escano, a lareira com o trem olarico, a ruma de lenha para as dilatadas invernias e as rijas enxergas onde quasi promiscuamente se acommoda a familia. De resto uma ou outra

Barroso

Excepté le naïf et vague récit de Frei Luiz de Souza dans *A Vida do Arcebispo* et la juste et incontestable réputation de ses veaux et de ses bestiaux, on ne connait, dans le pays, plus rien de la région montagneuse de Barroso.

Recueillie dans l'austère clôture des montagnes qui la séparent de tout le reste du monde, elle n'a pas encore été pénétrée par les éléments du progrès, à peine un macadam indiscret relie la ville de Chaves à celle de Montalegre, et, autour des gisements de wolfram dans la paroisse de Salto, située à l'entrée du formidable plateau, on voit surgir une population ouvrière laborieuse, florissante et moderne.

Vivant dans le rythme imperturbable des existences simples, n'ayant d'autres stimulants que ceux de la tradition, l'indigène continue fidèlement l'activité sociale des ancêtres lointains dont la mémoire se perd dans l'ombre croissante des siècles qui se sont écoulés après eux. Renonçant ainsi à tout autre bienfait qui ne soit la paix et la tranquillité de son âpre et vaste solitude, il exerce les industries des peuples primitifs dont il est une vivante émanation: les pâturages soumis au labour patriarchal sont régis par le ciel inclément où il lit, confiant et sûr, comme dans les pages nettes d'un livre ouvert et qui ne peut le tromper.

Perpétuant des étapes archaïques qui fleurissent avec une pureté presque entière, il possède dans son vaste logis, un archive considérable de survivances, matériel opulent pour les élucubrations d'ethnographes, d'ethnologues, d'historiens et d'économistes. Malheureusement l'occasion et l'espace nous permettent à peine un aperçu de cette zone montagneuse et incomparable.

Le sol est escarpé et agreste, aux contours sévères; le climat dur avec des alternatives inégales du pôle et de l'équateur; le paysage aride pauvre, presque atone.

Au fond des vallons, sur le versant des coteaux, dans les replis des ravins et presque toujours à l'abri des vents impitoyables, se nichent les villages avec leurs maisons unies, rapprochées, tassées. Les exigences de défense commune et l'instinct de solidarité les inspirent en ce sens.

Dans ces agglomérations, recouvertes de chaume bruni, on aperçoit rarement une blancheur de chaux, brillant ou tranchant sur le coloris sombre et sale, qui se confond avec celui de la nature environnante. Ses habitations dénoncent aussitôt la constitution géologique du terrain où elles siègent et déclarent franchement le plus ou moins d'aisance et le cachet plus ou moins primitif de l'assemblage auquel elles appartiennent.

Mr. Rocha Peixoto, savant homme de science qui réunit à une remarquable érudition les délicatesses d'une plastique exquise, a décrit dans un abrégé des plus lucides, la demeure de Barroso qu'il a personnellement examinée et longuement étudiée: «La maison terrienne de la montagne, traduisant le métier agricole pastoral de l'habitant, se maintient toujours d'une rudesse de construction des plus élémentaires. On place les blocs sans ciment, on dispose le schiste par couches, laissant des fentes par où sort la fumée et entre la lumière; la pierre en petits polygones, ne se juxtapose pas toujours à la filière et on l'équarrit rarement. Sous le toit de chaume à deux ou quatre versants, avec des dalles qui en fixent le sommet et des lattes de bois posées transversalement, la suie pend en stalactites ou alors elle enduit intérieurement les murs d'une sorte de vernis. Trois, deux, et même un seul compartiment sert à loger les bêtes et les gens.»

Effectivement, lorsque l'entrée de la masure se trouve au rez-de-chaussée elle contient difficilement des divisions intérieures, et dans l'espace renfermé entre les murs grossiers on découvre un tableau effrayant et misérable, qu'au commencement on n'aperçoit guère à cause de l'obscurité compacte qui l'entoure, sauf quand un rayon de soleil en transperce lumineusement la noirceur et répand une faible clarté, toutefois suffisante pour définir et préciser les objets, comme dans les incomparables intérieurs de Rembrandt. Le mobilier est des plus pauvres, le manque de confort absolu, rappelant l'austérité d'un ermitage, ou les premières notions des commodités de la vie avec un infime avancement sur les cavernes ex-historiques. Enfin, ce doit être l'image plus ou moins exacte des demeures des *castros* d'où dérivent certainement les villages de Barroso.

estante e o caldeirão de cobre suspenso da gramalheira de ferro. Por cima, o tecto de colmo d'uma negridão gordurenta, alcatroada, envernizada, por onde se côa para a atmosphera a fumarada espessa e d'onde se dependuram os longos pingentes fuliginosos. Aos lados da porta, na imitação da familiaridade biblica, a capoeira e o chiqueiro. Continuos a este predio seguem-se outros do mesmo typo architectonico destinados a outras familias, ou a albergar curraes e estabulos, ou convertidos em celleiros do cereal e armazens da palha, tão prestimosa, para organisar a cama, para cobrir o ninho e para alimentar o gado na frigida estação em que os pastos jazem sepultos na neve.

Do mesmo schema e traça externos é o forno commum onde todos os visinhos do logar fabricam o pão.

Mas se os bens permittem ou o solo em que o povo se acantona é mais fertil as moradias alçam-se até um sobrado com escada exterior rematando n'um pateo ou varanda que o prolongamento da cobertura alpendra e protege. No emtanto pouca melhoria accusam sobre o specimen descripto. Se o tapamento de fasquias de madeira ou o tabique interferem a formar, separados, dois ou mais cubiculos, nas janellas e postigos ha o mesmo desguarnecimento de vidraças, no alto o mesmo tecto, por toda a parte o mesmo colorido luctuoso e no soalho, com sordidas estratificações, arreganham-se os largos resquicios por onde sobem e se libertam os bafos das córtes subjacentes!

E é n'estes antros que se funda o lar com as sacras primicias do noivado e germina e desabrocha a divina florescencia do amor. Amor? Sexualidade animal?...

O vestuario condiz com o domicilio: o mesmo apoucamento, o mesmo desatavio, a mesma rudeza.

O barrosão, como todo o nosso montanhez, inculto e inestheta, não tem a noção do que seja a commodidade e o luxo e pelas penosas condições do seu viver, n'uma labuta porfiada com as rebeldias do céo e da terra, não comprehende nem suppõe a possibilidade de dispendios além do que o seu bronco cerebro considera indispensavel. Portanto como ao tugurio pede apenas um refugio para a noite e para a inverneira, ao fato exige sómente o singelo agasalho para o seu organismo endurecido e macerado.

As deturpações supprimiram já na vestimenta masculina o seu caracter tradicional, salvo a *capucha* empregada sobretudo no pastoreio; a da mulher applicada ao uso quotidiano subsiste e perdura. Bem rudimentar é ella: o *jaqué* ou casibeque de burel ou fulado, uma saia grossa de saragoça, a *capucha* de burel tambem para encobrir o tronco desde a cabeça, o lenço, a camisa de estopa ou linho, o collete aberto no peito, o avental grosseiro, e uns tamancos — as *sócas* — de vidoeiro para os pés. As pernas guarnece-as com *piugas* de lã, não por respeito á honestidade e a uma compostura decente, incompativel com a curteza da saia, mas por violenta precisão afim de evitar o attrito cortante da saragoça hostil e aspera. Por vezes em substituição da saia põe o *mantéu* de fulado, ou seja uma longa e larga faixa d'esta fazenda que envolve a parte inferior do corpo prendendo-a na cintura com um vencilho. Oh! veneravel representante do saio ante-historico!

Á roda de cada logarejo ou aldeola distende-se o seu campo d'acção: a propriedade. Por esta se dispersam os obreiros d'aquellas colmeias humanas.

Este caso singular da união cohesiva dos villares dos quaes nenhum casinholo se desvia ou tresmalha foi condicionado por factores de remotissima origem. N'elle se vislumbra a vaga phase communista a que se subordinou o perspicaz aforamento collectivo das terras instituido nas leis de D. Diniz...

Pedindo ao solo tudo o que fundamentalmente é necessario á sua subsistencia, é a elle tambem que o barrosão dedica todo o anceio, toda a solicitude e todo o producto da sua aturada lide. D'aqui o radicar uma entranhada affeição, que chega a ser doentia, á posse d'um palmo de terra. Nada mais desolador e afflictivo para elle que o aphorismo: *sem eira nem beira*. E na conquista d'aquelle supremo desejo, que importa o titulo de dominio sobre o chão que seus avós trilharam, que seus paes pisaram e que hão de pisar os seus filhos e os seus netos, revela a mais feroz intransigencia, o mais absurdo egoismo. Assim se explicam as verdadeiras teratologias economicas que são os mosaicos de culturas, frequentemente observadas, cada uma das quaes não abrange o espaço capaz de servir á abertura d'um coval para recolher no seu seio quem tão desvairadamente o pretendeu e amargamente o trabalhou.

Onde a seiva é minguada e a colheita sáfara impõe-se a violencia do exodo temporario que dura todo o inverno. E o barrosão, submisso, contristado e saudoso, parte para o sul do paiz, falho de braços, a offerecer a sua actividade nas grandes azafamas da oleifactura alemtejana ou na exportação da laranja em Setubal. Exgottados estes mistéres, regressa pressuroso ao berço, com o peculio das geiras

Sur le sol ras et le long des murs enfumés sont installés, également noircis, les caisses, les bancs, les tables, l'escabeau, la cheminée avec la vaisselle, la pile de bois pour les longs hivers et les paillasses dures où la famille se couche presque toute ensemble. On voit encore par ci par là quelques tablettes et le chaudron de cuivre suspendu à la crémaillère de fer. En haut, le toit de chaume d'une noirceur graisseuse, goudronnée, vernie, par où s'écoule vers l'atmosphère l'épaisse fumée, et d'où pendent les longues pendeloques fuligineuses. Aux côtés de la porte, suivant la familiarité biblique, on voit le poulailler et la porcherie. Près de cette habitation il s'en trouve d'autres du même type d'architecture destinées à d'autres familles, ou alors servant d'étables, de bergeries, de greniers ou de magasins de paille, si utile pour arranger un lit, pour couvrir le nid et pour nourrir les bestiaux pendant les hivers glacés où les pâturages restent enfouis sous la neige.

Le four commum où tous les voisins du village viennent cuire leur pain est extérieurement du même schema et du même dessin.

Mais, lorsque les moyens le permettent, si le sol où le peuple se retire est plus fertile, les maisons sont haussées d'un étage avec escalier extérieur se terminant sur un balcon ou une cour, recouvert et protégé par le prolongement de la toiture. Malgré cela, le spécimen décrit n'est guère amélioré. Si la couverture en lattes de bois, où les cloisons, sont placées de manière à former séparément, deux ou plus de pièces, les fenêtres et les lucarnes sont également dépourvues de carreaux, c'est toujours le même plafond, partout la même teinte endeuillée et sur le plancher avec de sordides stratifications, s'écarquillent les larges fentes par où montent et s'épanchent les relents des étables d'au dessous.

Et c'est dans ces taudis que s'installe un foyer avec les prémices sacrées d'un mariage, et que s'épanouit et germe la fleur divine de l'amour. Amour? Sexualité animale?

Le vêtement s'harmonise avec le domicile: même dénûment, même désordre, même rudesse.

L'habitant de Barroso comme tous nos montagnards incultes et sans esthétique n'a pas la moindre notion de commodité ni de luxe, et les conditions pénibles de son existence, le labeur incessant contre les révoltes du ciel et de la terre, l'empêchent de comprendre et de supposer la possibilité de faire d'autres dépenses que celles que son dur cerveau considère comme indispensables. Donc, s'il demande à son taudis à peine un réfuge pour la nuit et la mauvaise saison, il n'exige des vêtements que la simple chaleur pour son organisme endurci et mortifié.

Les altérations ont déjà supprimé du vêtement masculin le caractère traditionnel, sauf le capuchon employé surtout par les pâtres; le vêtement des femmes qu'elles portent pour l'usage quotidien subsiste comme autrefois. Il est assez rudimentaire: le *jaqué* ou caraco en bure ou en drap, une grosse jupe de futaine, le capuchon de bure qui couvre la tête et le tronc, le mouchoir, la chemise de chanvre ou de lin, le corset ouvert sur la poitrine, le grossier tablier et des sabots, des *socques*, en bouleau pour les pieds. Les jambes sont garnies de chaussettes de laine, non par respect pour l'honnêteté ou pour un maintien décent, incompatible avec leurs jupes courtes, mais simplement par un violent besoin d'eviter le frôttement de la bure grossière et dure. Parfois, au lieu de la jupe elles mettent le *mantéu* de drap, c'est à dire, une longue et large bande de cette étoffe qui enveloppe le bas du corps et se retient à la ceinture par un cordon. Oh! vénérable représentant du sayon pré-historique!

Autour de chaque village s'étend son aire d'activité: la propriété. C'est là que se dispersent les ouvriers de ces ruches humaines.

Cet exemple si singulier de l'union adhérente des villageois dont aucune demeure ne se détourne ou s'eloigne, a été dû à des motifs d'origine très reculée. On y entrevoit la vague phase communiste occasionnée par la sage distribution des terrains instituée dans les lois de D. Diniz.

Le *barrosão* prélevant du sol tout ce qui est fondamentalement nécessaire à sa subsistance, lui voue aussi tout son travail, toute sa sollicitude et tout le produit de ses incessants efforts. Ainsi s'explique le profond désir, presque maladif, de posséder un lopin de terre. Pour lui il n'y a rien de plus triste et désolant que le vieux dicton: *sans feu ni lieu*. Et il montre l'intransigence la plus féroce et l'égoïsme le plus absurde vers la conquête de ce bienfait suprême, qui représente le titre de propriété sur le sol que ses ancêtres ont défriché, que ses pères ont foulé et qui sera également foulé par ses enfants et ses petits enfants. C'est pour celà que l'on observe fréquemment de véritables phénomènes économiques dans les mosaïques de cultures, dont quelques unes n'occupent pas même l'espace nécessaire à l'ouverture d'une fosse pour recueillir les restes de celui qui l'a si follement désirée et si durement labourée,

avaramente poupadas, para moirejar com os patricios nos serviços da lavoura natal. Esta é primeva, regulada por preceitos anteriores ás maximas poeticas das *Georgicas* e confina-se fundamentalmente no cultivo do centeio que se estende por planos, pendores e cumiadas baixas.

No fundo dos valles a gordura herbacea dos prados — *lameiros*. No alto dos relevos de vulto e ao longo de ravinas e dorsos eriça-se a cabellugem das touças de matagal e vegetação bravia por onde se pastoreiam os gados communaes.

É nos lameiros que se criam os *touros do povo*, os soberbos e masculos reproductores da raça barrozã, a raça bovina sem igual, de cabeça curta, fronte larga, olhos grandes e hastes altas encurvando em fórma de lyra.

São os melhores exemplares d'essa raça de perfil concavo e morphologia *sui generis*, solidamente constituida e tão apreciada nas provincias do norte do paiz que a importam na idade pueril da bezerrice, arisca, vibrante, gracil, timida, quando os chifres mal despontam adquirindo-a, por manadas, nas grandes feiras de Montalegre e Boticas — sedes dos dois concelhos que encerram o Barroso.

Não ha, de resto, a fragrancia e o attractivo da arborisação a valorisar o quadro circumscripto a horizontes cerrados, em traços nitidos e sotopostos no afastamento da perspectiva. Nem olivedo ou vinha, nem pinhal ou fructeiras; apenas d'onde a onde uma deveza de bello carvalhido e languido vidoeiral. A paizagem pois é grave, desnudada, pobre de tintas, na rasura do restolho, na gleba arroteada, na messe ondulante e nos mesquinhos episodios horticolas desde as pradarias até ao baldio dos cerros, não raro, encabeçados de formidandos accidentes geologicos, tumultuarios, ameaçadores, brutaes, que tornam o ambiente mais carrancudo e taciturno. Quão longe se está da bucolica poesia rural da cantante e polychromica provincia do Minho!

Mas nem tudo é sáfaro e alguns motivos ha de encanto para os sentimentos artisticos, a começar pelo castello de Montalegre, perfilado sobre um outeiro a norte da villa, guardando a larga chã por onde corre o Cávado, ainda insignificante e reduzido, procedendo do Larouco a barrar, ao fundo, o horizonte n'uma vaga immaterialidade de nevoa.

Quem segue de Villarinho de Negrões, ao descer a serra do Avellar imprevistamente descortina, n'uma inapagavel surpreza, a rôta e veneravel alcaçova d'uma coloração morta de folha secca, salpicada de rubros laivos, escurecidos nos bordos como coagulos obstinados d'um sangue derramado ha seculos. Á medida que se declina pelas abas da montanha mais resalta o arrogante e indomavel cubo de menagem retalhando a abobada no mesmo gesto aggressivo que lhe fixaram os alvaneus e canteiros de Affonso IV. Ascende como um emblema inflexivel e inalteravel do passado!

Pedaços de muro indicam a trajectoria do cerco antigo contando ainda tres torreões em tamanho decrescente. Fronteira e correspondendo-se com elles apruma-se a grandiosa torre com uma falha n'um cunhal e na dentadura d'ameias que não prejudica o effeito do seu conjuncto d'uma estabilidade quasi irreductivel. A sua austera arrogancia amima-se, porém, com a caricia d'um arbusto — a *lamagueira* — de folhagem fina e copioso fructo sanguineo, borbulhando das juntas da velhusca silharia, n'um *décor* festivo, juvenil, caloroso, o que a semelha a uma ara gigantea engrinaldada de ramos votivos. Primorosa vinheta suggestivamente evocativa dos lendarios tempos heroicos!

Uma larga dobra da mesma serra do Avellar atufa-se com a densa massa verdejante d'um bosque. Nada mais inopinadamente delicioso para as almas esthetas, na secca nudez paizagistica do extenso planalto trasmontano, que esta cerrada espessura vegetal d'uma exuberancia opulenta no frescôr e na pureza da sua virgindade inviolada.

O extase subjuga o intruso que pela vez primeira devassa o recinto cathedralesco, hieratico e augusto, d'essa pequena floresta com silencios magestosos, penumbras cheias de mysterio, arcarias d'um capricho indefinivel, pavimentos macios d'um velludo nuançado, bizarras decorações d'arbustos e hervagens pullulantes, exquisitas rendas e tessituras de folhagens por onde se infiltram furtivamente os flammejantes sorrisos do sol pondo scintillas nos veios d'agua que deslisam sem murmurio.

Circula um poderoso germen fecundo impulsionando tudo: musgos mimosos, rebentos arbustivos, plantas infantis e troncos moços, adultos e caducos, que se disputam, com audacia, o esplendor da luz, que se inclinam, com affecto, no mesmo gesto de sympathia, que se cruzam, com ardor, no mesmo abraço indissoluvel, que se toucam d'heras e florescencias para um festejo nupcial ou para uma orgia de luxuria, que se vestem de parasitas contra os derradeiros arrepios da velhice carcomida e exhausta!

Aux endroits où la sève est moindre et la récolte difficile on est violemment forcé à l'exode temporaire qui dure tout l'hiver. Et le *barrosão* résigné, plein de tristesse et de regrets s'en va vers le midi du pays, là où les bras manquent, et il vient offrir son activité pour les grands travaux de fabrication d'huiles de l'Alemtejo ou l'exportation des oranges à Setubal. Les travaux finis il retourne avec empressement à son nid, avec le pécule des corvées durement épargnées, et recommence avec ses compatriotes le labourage du sol natal. C'est la vie primitive réglée par des préceptes antérieurs aux maximes poétiques des *Georgiques*, et elle se borne parfois à la culture du seigle qui s'étend sur les plaines, les pentes et les plateaux bas.

Au fond des vallées ce sont les gras herbages des prés — *lameiros*. Sur le haut des reliefs, le long des ravins et des sommets, les pousses des buissons se hérissent en une végétation sauvage où l'on voit paître les troupeaux de la commune.

C'est dans les *lameiros* que sont élevés les *taureaux du povo*, ces superbes et massifs reproducteurs de la race *barrosã*, cette race bovine sans rivale, à tête courte, front large, grands yeux et hautes cornes recourbées en forme de lyre.

Ce sont les meilleurs exemplaires de cette race au profil creusé d'une morphologie *sui generis*, solidement bâtie et si appréciée dans les provinces du nord du pays, qui l'importent en bas âge lorsque les veaux sont encore petits, farouches, vibrants, sveltes, timides, quand les cornes pointent à peine. On les achète par troupeaux aux grandes foires de Montalegre et Boticas, chef-lieux des deux communes où se trouve Barroso.

Du reste, on n'y trouve pas la fraicheur et l'attrait des arbres qui fassent valoir le tableau circonscrit par des horizons fermés, nettement dessinés et superposés dans l'éloignement du paysage. Pas d'oliviers, ni de vignes, aucun bois de pins ni de vergers; à peine de loin en loin un bosquet de beaux chênes et de minces bouleaux. Le paysage est donc grave, dénudé, pauvre de coloris, dans la platitude de l'esteuble, de la glèbe défrichée, de la moisson onduleuse, et de tous les mesquins épisodes horticoles, depuis les prés jusqu'aux champs stériles, et, souvent couronné par de formidables accidents géologiques, tumultueux, menaçants, brutaux qui en rendent l'aspect encore plus sombre et taciturne. Qu'on est loin de la bucolique poésie rurale, de la province du Minho si pleine de charme et de coloris!

Cependant, tout n'est pas aride et on y trouve encore quelque attrait pour les sentiments artistiques, en commençant par le château de Montalegre, qui se profile sur un coteau au nord de la ville, gardant la vaste plaine où coule le Cávado, très mince et insignifiant encore, et qui vient de Larouco, barrant au fond l'horizon dans une vague immatérialité de brume.

Quand on va de Villarinho à Negrões, en descendant la montagne de Avellar, on découvre à l'improviste et avec une agréable surprise, le vénérable château, tout troué, d'une coloration de feuille morte, parsemé de taches rouges, avec les bords foncés comme des caillots d'un sang répandu depuis des siècles. À mesure qu'on dévale sur le flanc de la montagne, l'arrogante et indomptable tour se réhausse davantage, se détachant sur le ciel avec le même air aggressif que lui ont imprimé les sculpteurs et les maçons de Affonso IV. Elle apparait comme un emblême inflexible et inaltérable du passé!

Des débris de murs indiquent la trajectoire de l'antique enceinte où l'on voit encore trois tourelles de grandeur décroissante. Vis-à-vis et leur faisant face, se dresse la majestueuse tour, ébréchée à un des coins et à la dentelure des créneaux, ce qui ne nuit pas à l'effet de l'ensemble, qui parait d'une stabilité presque irréductible. Cette austère arrogance s'atténue toutefois avec la caresse d'un arbuste, nommé *lamagueira*, au feuillage fin et d'abondants fruits rouges, qui pousse par les jointures des vieilles pierres en un décor de fête, plein de jeunesse et de chaleur produisant l'effet d'un autel gigantesque enguirlandé de fleuris *ex-votos*. C'est une vignette exquise qui évoque suggestivement les légendaires époques héroïques.

Un large repli du même mont de Avellar est recouvert de la masse touffue et verdoyante d'un bois. Rien de plus délicieusement imprévu, pour les âmes esthétiques, que cette épaisse végétation d'une opulente exhubérance pleine de fraîcheur et de pureté dans toute sa virginité immaculée au milieu de l'aride nudité du paysage du grand plateau de Traz-os-Montes.

L'extase subjugue le curieux qui pénètre pour la première fois dans cette enceinte de cathédrale, hiératique et auguste de la petite forêt aux majestueux silences, aux ombres pleines de mystères, aux arcades d'un caprice qu'on ne peut définir, aux sols tapissés de velours nuancés, aux bizarres décorations

Sente-se a verdade intuitiva das concepções poeticas dos povos antigos. Palpita alli, como n'uma fluctuação de sonho, o inteiro drama da vida do arvoredo, amando e noivando, proliferando e luctando, chorando e morrendo.

Não será esta selva de carvalhos, subjacente ao fojo onde se executava o lobo, uma sobrevivencia dos velhos templos germanicos?

Mas quantos outros pormenores emotivos que marcam uma impressão inesquecivel desde a necropole aberta na rocha, em Denões, aos dolmens, os funebres monumentos megalithicos, de Tourem e Pitões em que se fundiram no anniquilamento do Não-Ser nucleos de povos desconhecidos da Historia, que por entre essas selvas dolorida e angustiadamente arrastaram o fardo cruento da vida primitiva!

E já que se alludiu a esta ultima aldeia, sentinella fronteiriça e delimitante do solo barrosão, não é licito omittir ao impressionista a referencia ao mosteiro de Santa Maria de Junias.

Para sudeste de tal povoado, com uma flagrante feição castreja no topo do morro onde se equilibra, desce uma encosta em cuja base, mãos piedosas e crentes, ergueram, n'um ascetico desejo de santidade e bemaventurança, uma igrejasinha gothica e um convento, hoje, sem estylo definido, torto e ruinoso, engastando o claustrosinho de transição romanica, de estylobato e columnas breves, capiteisinhos rudes e arcadas lisas de meio ponto, quasi todo ruido e enterrado na molleza e no affago da hera viçosa.

Aquelle sanctuario, tão afastado das inuteis frivolidades do mundo, tem uma lenda engrinaldada de poesia e fervor e, á falta de religiosos para o exercicio do culto, é povoado d'andorinhas que, desprendidas da banal materialidade das liturgias e ritos, se estabeleceram no convivio de Jesus por ellas venerado desde que S. Francisco d'Assis, uma tarde, em certa collina da Umbria, lh'o tornou conhecido e dilecto n'uma palestra maviosa e esplendida.

Attracção harmoniosa e seductora da maxima bondade para a maxima innocencia!

Ao longo dos frisos, no cruzamento dos artezoados e entre a conjuncção das linhas d'uma ogiva, que se inclinam reciprocamente como dois desejos anciosos que se absorvem, brotam os alveolos dos ninhos onde sob os auspicios ineffaveis de Deus palpita o affecto sublime, patenteado pela natureza no inicio da vida das aves desde a fecundação d'essa pequena ellipse calcarea, condensando o enigma da existencia e que para os antigos egypcios era o symbolo mysterioso da origem do mundo, até ao problema da emancipação dos novos seres.

Toda a populaça alada reverenceia o Christo misericordioso, pregado no madeiro, com as saudações effusivas dos seus gritos e com as acclamações da sua asa inegualavel. Elle retribue-lhe com as bençãos da sua infinita graça.

Não houve ainda communidade com tanta paz e concordia: paz que nunca a dissidencia revolveu, concordia que a malquerença jámais agitou.

Esta cordealissima communhão d'affectividades, em que fulgem n'uma aureola de sonho, a liberdade e a pureza, a bondade e o amor, é mais um ensinamento do Barroso ás idealisações da humanidade soffredora.

Manuel Monteiro.

d'arbustes et de verdures pullulantes, aux dentelles exquises et aux transparences des feuillages par lesquelles s'infiltrent furtivement les flamboyants sourires du soleil, emplissant d'étincelles les filets d'eau qui coulent sans murmure.

Tout est impulsionné par le germe puissant et fécond qui circule; les mousses délicates, les bourgeons d'arbustes, les jeunes pousses et les troncs, minces, vieux et caducs, se disputent avec audace les splendeurs du jour et s'inclinent amoureusement, dans un même élan de sympathie, s'unissant avec ardeur dans un même embrassement indissoluble, coiffés de lierre et de fleuraisons pour une fête nuptiale ou pour une orgie de luxure, revêtus de parasites qui les abritent contre les derniers frissons de la vieillesse croulante et épuisée! On comprend la vérité intuitive des conceptions poétiques des anciens peuples. On y voit palpiter comme en une fluctuation de rêve, le drame entier de la vie des arbres, s'aimant, s'épousant, se propageant et luttant, pleurant et mourant.

Qui sait si cette forêt de chênes, au dessous des pièges où l'on exécutait le loup, n'est pas une survivance des vieux temples germaniques.

Et combien d'autres détails émotionnants qui marquent d'une manière inoubliable, depuis la nécropole creusée dans le rocher, à Denões, les dolmens, les monuments funèbres mégalithiques de Tourem et Pitões où se sont perdus dans l'anéantissement du *Non-Être* des origines de peuples inconnus de l'Histoire, qui ont peut-être traîné avec douleur et angoisse le cruel fardeau de la vie primitive parmi ces sombres forêts!

Puisque nous avons cité ce dernier village, qui est une des sentinelles de la frontière limitant le sol de Barroso, nous ne devons pas omettre à l'impressioniste quelques mots à propos du monastère de Sainte Marie de Junias.

Au sud de ce village, qui a un caractère tout à fait militaire, en haut du coteau où il s'équilibre, dévale une pente au fond de laquelle des mains pieuses et croyantes, dans un désir ascète de sainteté et de béatitude, ont construit une petite église gothique et un couvent, actuellement sans style défini, tordu et ruiné, qui enchâsse un petit cloître de transition romane, avec des stylobates et de minces colonnes, des petits chapiteaux grossiers, et des arcades unies et plein cintre, tout cela presque écroulé et enfoui sous la molle caresse des lierres verdoyants.

Ce sanctuaire, si éloigné des futilités inutiles du monde, a sa légende toute enguirlandée de poésie et de ferveur et, faute de dévots pour y exercer le culte, il est peuplé d'hirondelles, qui, méprisant la matérialité banale des liturgies et des rites, se sont établies là, s'entretenant avec Jésus qu'elles vénèrent, depuis que Saint François d'Assise un soir, sur une certaine colline de l'Ombrie, la leur a montrée et fait choisir après un discours suave et splendide.

C'est l'attrait harmonieux et séducteur de l'immense bonté pour la grande innocence!

Le long des frises, au croisement des nervures et entre la conjonction des lignes d'une ogive qui s'inclinent l'une vers l'autre comme deux désirs anxieux qui s'absorbent, surgissent les alvéoles des nids où sous les ineffables auspices de Dieu, palpite l'affection sublime démontrée par la nature, au commencement de la vie des oiseaux, dès la fécondation de cette petite éllipse calcaire, condensant l'énigme de l'existence et qui pour les anciens égyptiens, était le symbole mystérieux de l'origine du monde, jusqu'au problème de l'émancipation des nouveaux êtres.

Toute la gent ailée révère le Christ miséricordieux, cloué sur sa croix, avec les louanges enthousiastes de ses cris et les acclamations de ses ailes incomparables. Et il les lui rend avec les bénédictions de sa grâce infinie.

Jamais il n'y a eu de communauté avec autant de paix et de concorde; une paix qu'aucune dissidence n'a jamais troublée, une concorde qu'aucune méchanceté n'a jamais altérée.

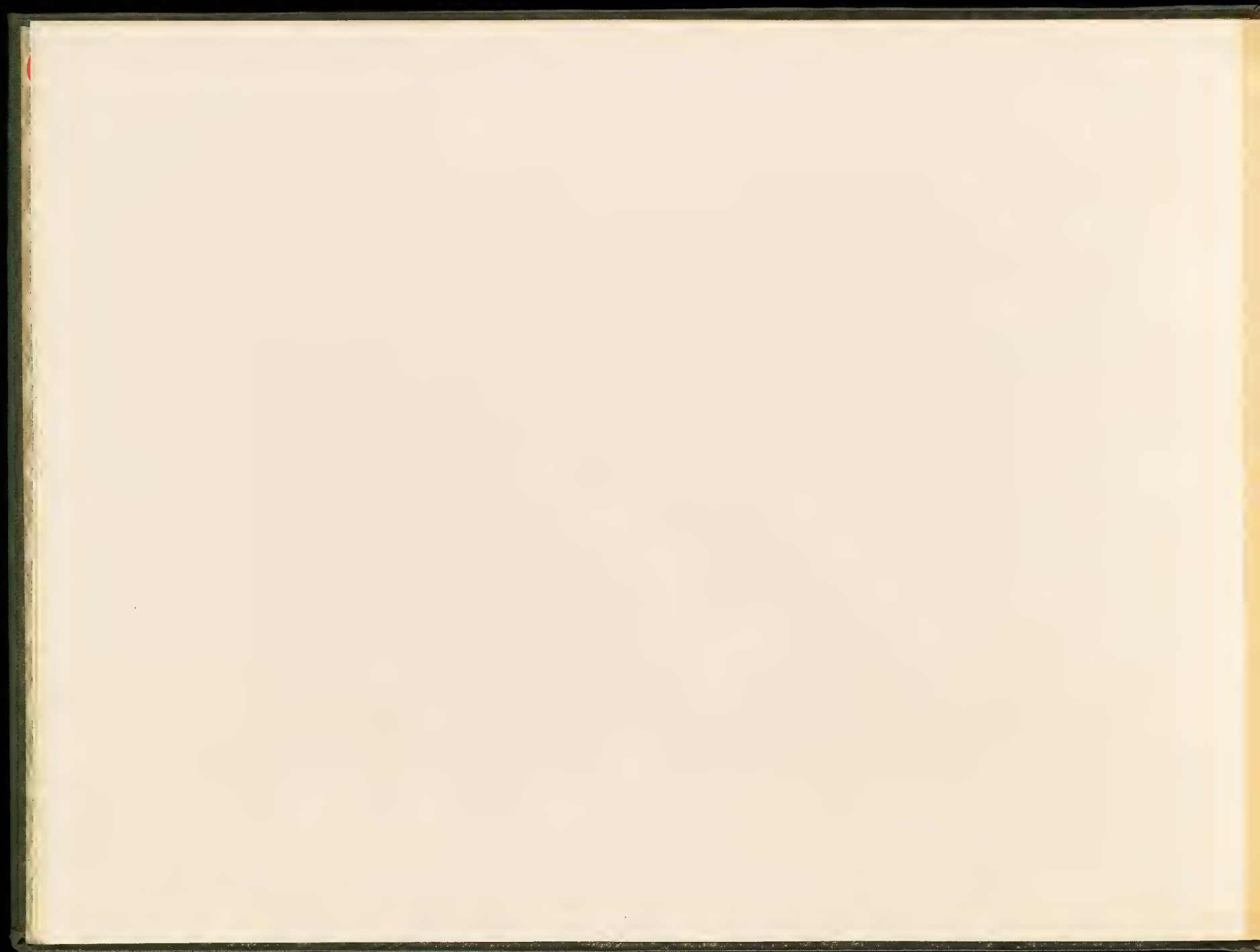
Cette communion si cordiale d'affections, où brillent comme dans une auréole de rêve la liberté et la pureté, la bonté et l'amour, est un enseignement de plus donné par Barroso aux idéalisations de l'humanité souffrante.

Manuel Monteiro.

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

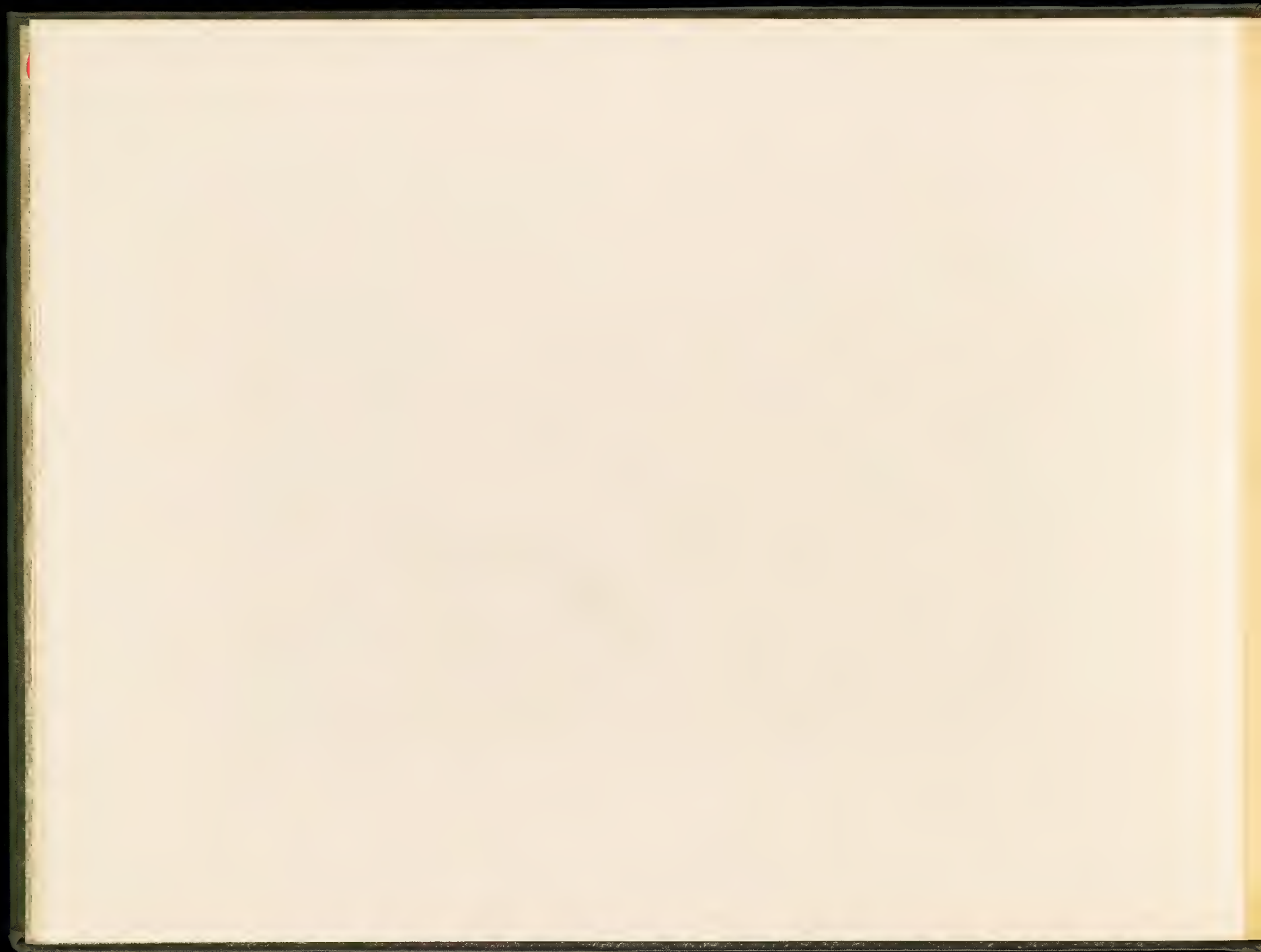
EMILIO BIEL & C.ª-EDITORES

Povoação barrosa

BARROSO

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

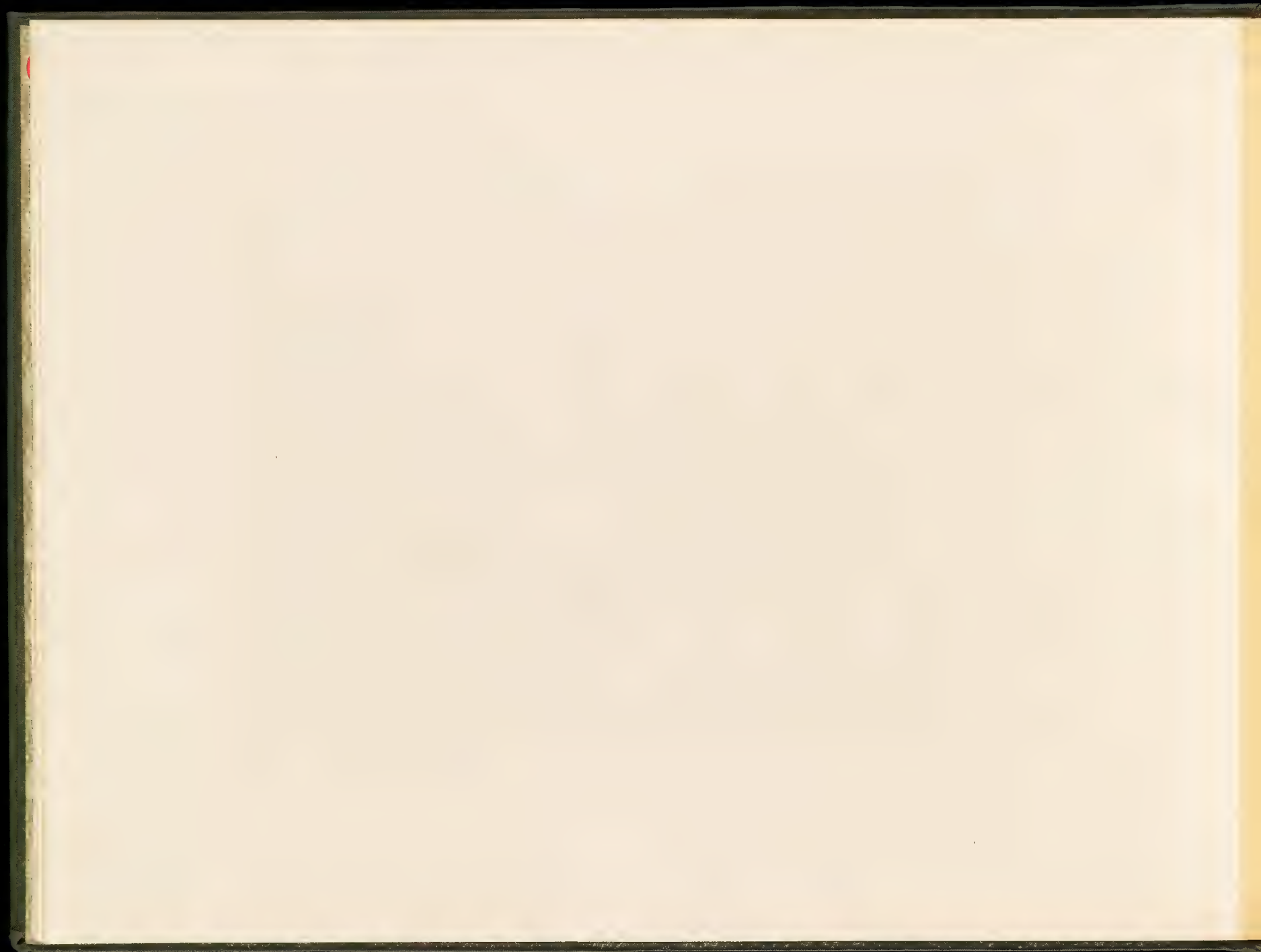
EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Habitação barrosã

BARROSO

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Costumes femininos

BARROSO

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO,

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Conducção de carvão
BARROSO

Bragança

filão das origens da famosa cidade transmontana começa de perder-se nos horizontes da historia. Embora uns leves indicios se apercebam na bruma que se adensa para além, não é facil conjecturar com firme decisão sobre a sua genése. N'esse minguado rastreio as linhas diluem-se, os contornos deformam-se e o exame por mais attento perde-se no vago.

A presumpção pois avança inclinando-se, verosimilmente, á existencia d'um rude *habitat* prehistorico, a que succedeu o oppido no alto, tendo ao lado, em plano inferior, a cividade luso-romana de *Brigantia*.

Parece que esta foi uma realidade segundo os documentos da alta Idade-média. Mas ainda aqui a luz não é sufficiente e a penosa concisão dos textos, na apparencia discordes, perturba e confunde levando a suppôr que ella fôra substituida ou convertida pelo romano no celebre typo da propriedade rural — *villa* — e reduzida talvez a uma sub-unidade cultural, no dominio do opulento mosteiro de Castro d'Avellãs quando Sancho I ahi estabeleceu a colonia — o primeiro estracto demographico que a historia indiscutivelmente assignala na formação do que é hoje a cidade... *et ejus Conventu de hereditate, quum accepi ab eis, de bem querentia quod vocitant civitatem Brigantiae...*

Ora não foi só, decerto, o respeito pela tradição e a solicitude em não quebrar o laço que a prendia ininterruptamente a um passado remoto que decidiram o segundo monarcha portuguez a dar em escambo aos poderosos frades d'Avellãs: «*Villam quae dicitur S. Juliani et Ecclesiam quae dicitur S. Mametis.*»

A sagacidade e a previdencia do Rei Povoador attenderam, talvez, e com todo o acerto, á importancia e situação da *Brigantia* transformada na villa que elle povoou, fortificou e definitivamente constituiu por foral de 1187. E tão singular cuidado lhe mereceu, que elle proprio a foi libertar do cerco levantado em maio de 1189 por Affonso IX de Leão.

Após vicissitudes que não merecem enumerar-se, passou nos meiados do seculo XV para o senhorio do seu primeiro duque — D. Affonso, conde de Barcellos, filho bastardo de D. João I e casado com D. Brites Pereira d'Alvim, filha legitima do Condestavel.

O interesse sempre crescente que suscitára antes, não diminue desde então entre os reinantes e os senhores de Bragança, que D. Affonso V elevou á categoria de cidade.

Estava lançada e, mercê dos novos privilegios que, ao deante, lhe foram concedidos, bem como dos seus notaveis recursos de producção economica, cresceu e prosperou.

Mas esta notabilissima prosperidade procedente do florescimento das industrias locaes, especialmente, lanificios e sericicultura, começou a declinar no seculo XVIII até desapparecer, em absoluto, com ellas no seculo XIX. Se bem que, relativamente a esta ultima, se tenham promulgado medidas tendentes a provocar o seu resurgimento, Bragança não volta a adquirir o esplendor extincto das afamadas tinturarias e sirgarias.

De resto cahida, por factores de varia ordem, como uma grande parte das terras do paiz outr'ora laboriosas, na apathia dissolvente e corrosiva que substituiu a tradicional e multisecular energia manufactureira, accresce que ficou isolada e esquecida no remoto extremo nordeste do paiz entre a solidão austera das montanhas e a cujo conhecimento raramente alguem se aventurava.

Com effeito, para se fazer uma viagem a Bragança no anno pouco remoto de 1903 escolhia-se o verão, seguia-se pela linha ferrea do Douro, fazia-se um trasbordo na estação do Tua e subia-se pela via reduzida, aberta na margem esquerda d'este rio. Pelo arrastar offegante e moroso do comboio atravez da penedia britada a golpes de dynamite sobre a corrente colleante, profunda e tôrva, chegava-se a Mirandella ao cahir da tarde. Aqui jantava-se na mais reputada hospedaria de Traz-os-Montes, a do Zé Maria, que presidia pessoalmente com as suas barbas biblicas ás refeições dos seus hospedes. Pelo começo da noite assaltava-se a diligencia e, n'um instante, o interior regorgitava de saccos, agasalhos e passageiros que, após os primeiros momentos de silencioso perscrutar, se familiarisavam lentamente compellidos pela violenta resignação e camaradagem ante a inevitavel tortura d'uma noite de solavancos, entre torvelinhos de pó, n'aquella estreita e espessa atmosphera, breve trescalando a petroleo e fartum.

Bragança

E filon des origines de cette fameuse ville de la province de Traz-os-Montes, commence à se perdre dans les lointains horizons de l'histoire. Quoiqu'on en aperçoive encore de légers indices dans la brume qui s'épaissit vers l'au-delà, il n'est pas facile de faire des conjectures sur sa génèse. Dans cette mince traînée, les lignes se fondent, les contours se déforment et l'analyse la plus attentive se perd dans le vague.

Mais il est présumable et l'on s'incline vraisemblablement vers l'existence d'un rude *habitat* préhistorique, auquel se suivit un *oppidum* sur la hauteur, et à côté sur un plan inférieur la cité luso-romaine de *Brigantia*.

Il paraît, d'après des documents du Moyen-âge, que ceci fut la réalité. Mais, la lumière qui se fit sur ces faits ne fut guère suffisante, et la pénible concision des textes, discordants en apparence, devient troublante et confuse et nous porte à croire que cet endroit primitif a été remplacé ou changé par les romains, qui en firent le type si célébré de la propriété rurale — villa ou bourg — et le réduirent peut-être à une colonie culturale, dans le domaine de l'opulent monastère de Castro d'Avellãs, lorsque D. Sancho I y établit la colonie; c'est d'ailleurs le premier extrait démographique que l'histoire signale indiscutablement à propos de la formation de la ville actuelle... *et ejus Conventu de hereditate quum accepi ab eis de bem querentia quod vocitant civitatem Brigantiæ.*

Or, ce ne fut pas certainement, le seul respect pour la tradition et la sollicitude de ne pas briser le lien qui la rattachait indissolublement à un passé lointain, qui décidèrent le deuxième roi portugais à la donner en échange aux puissants moines de Avellãs... «*Villam quae dicitur S. Juliani et Ecclesiam quae dicitur S. Mamedis.*»

La sagacité et la prévoyance du roi Povoador, (qui peupla) se portèrent comme de raison, sur l'importance et la situation de *Brigantia* transformée en un bourg qu'il peupla, fortifia, et institua définitivement par une charte de l'année 1187. Et les soins qu'il lui prodigua furent si particuliers, que ce fut lui-même qui la délivra du siège fait en 1189 par Alphonse IX de Léon.

Après bien des vicissitudes qu'il est inutile d'énumérer, le bourg passa, vers la moitié du XV^{me} siècle, dans la seigneurie de son premier duc, D. Alphonse, comte de Barcellos, fils bâtard du roi D. Jean I et marié à D. Brites Pereira d'Alvim, fille légitime du connétable.

L'intérêt toujours croissant inspiré d'abord, ne diminua plus dès lors, non seulement de la part des princes régnants, mais aussi des seigneurs de Bragança que D. Alphonse V éleva à la cathégorie de ville. Elle était lancée, et grâce à de nouveaux privilèges qui lui furent accordés par la suite, et aussi avec ses remarquables ressources de production économique, elle augmenta et prospéra toujours.

Cependant cette remarquable prospérité, dûe à l'état fleurissant des industries locales, surtout des lainages et de la sériciculture, commença à décroître pendant le XVIII^{me} siècle et disparût complètement au XIX^{me} siècle. Relativement à l'industrie de la soie, on a, il est vrai, adopté des mesures, tendant à la faire renaître, mais il est évident que Bragança ne parviendra jamais au degré de splendeur perdue de ses teintureries et passementeries d'autrefois.

Elle déchût, pour des raisons diverses, de même que beaucoup de villes de notre pays jadis laborieuses, mais tombées dans une apathie morne et invétérée, qui remplaça l'énergie manufacturière traditionnelle pendant de longs siècles; en outre, elle resta isolée et oubliée dans le recoin le plus reculé du nord-est du pays, au milieu de la solitude austère des montagnes où l'on ne s'aventurait que très rarement. En effet, pour faire un voyage à Bragança, même à la date si récente de 1903, il fallait choisir la saison d'été; on prenait le chemin de fer du Douro, avec changement de train à la station de Tua et on montait par la voie réduite ouverte sur la rive gauche de ce fleuve.

Le train haletant et morose, se traînait, à travers le rocher écaillé et percé à grand renfort de dynamite, au dessus du courant sinueux, profond et trouble, et arrivait vers le soir à Mirandella. Là, on dînait dans la meilleure hôtellerie de toute la province de Traz-os-Montes, chez Zé Maria, qui présidait lui-même, avec sa longue barbe biblique, à tous les repas de ses hôtes.

Au commencement de la nuit on prenait d'assaut la diligence et aussitôt, à l'intérieur, c'était un amas de sacs, de manteaux et de voyageurs, qui, après les premiers moments de silencieux examen, se familiarisaient peu à peu, poussés par la violente résignation et entraînés par la camaraderie forcée,

Fóra, os mais felizes, enroupados em grossos capotes de cabeções erguidos para as orelhas ou coiraçados com solidos cobertores de papa, como se se tratasse d'uma travessia pelas steppes siberianas, enfileiravam-se em successivos planos desde a almofada do cocheiro até aos pinaculos da imperial onde se confundiam com a massa das bagagens que se alastravam pelo tejadilho. Esta montanha, quando já não havia um recanto ou flanco onde arrumar e pendurar mais carga, despegava-se e, oscillando, desapparecia na treva. Passadas as onze horas arribava a Macedo para preencher as lacunas do que havia alijado no trajecto deixando o excedente de malas e viajantes á espera de logar e vez para a noite immediata. Depois, de novo abalava para de novo poisar, já noite alta, n'um logarejo com a sua taberninha de interior denegrido, que uma luzerna d'azeite vagamente alumiava, e onde um vulto feminino distribuia vinho, aguardente e aniz aos intrusos que desciam a desentorpecer-se.

Alfim o vehiculo retomava a caminhada até que na serra da Nogueira, pelas alturas de Rebordãos, despontavam timidamente os primeiros alvores do dia. Então, entreabriam-se os olhos, bocejava-se e respirava-se a plenos haustos na pureza virginal da manhã.

A paizagem, ainda adormecida, offerecia-se na monotonia dos pastios e das terras ceifadas, cobertas do restolhiço dos trigaes e centeios e rindo-se apenas de quando em quando no alegre verdejar d'um retalho de vinha; nos campos a amanhar, viam-se os rebanhos acocorados na clausura das *cancellas* junto dos carros de leito fechado com toldo onde se acoitavam os pastores.

O sol entretanto explodia no horizonte doirando os cimos envolventes; ao longe divisava-se o casario; dentro em pouco transpunha-se uma corrente — a do Fervença — serpeando entre hortejos e arvores esguias e chegava-se finalmente a Bragança.

A traquitana parava solemne ao meio d'uma rua depois de ter despertado os habitantes que acudiam ás portas e janellas ou esfuracavam os caixilhos com as cabeças desgrenhadas para pasmarem, com as carantonhas de quem acorda em sobresalto, da intrepidez dos viajeiros. Estes felicitavam-se com reciproca e intima effusão e precipitavam-se dos seus poisos para se enlaçarem nos parentes ou amigos ou para serem assediados pelos proprios hoteleiros que urbanamente offereciam as suas casas. Abordava-se o dono da que gozava de melhor fama e este conduzia os forasteiros a um predio triste com uma cocheira no rez do chão, fazia-os subir ao primeiro piso e introduzia-os nas alcovas disponiveis, impantes dos flavores da cavallariça subjacente baforejados atravez das largas fendas do soalho desguarnecido e caduco.

Assim se ficava installado em Bragança, o que provocava o desejo de a esquadrinhar aproveitando a breve benignidade matutina.

Bragança desde logo offerece a impressão de quietude morbida, patenteada em tantas outras terras de provincia, á falta de energias vitaes que lhe concitem o desenvolvimento e o progresso, circumscrevendo quasi a sua acção em vegetar á sombra do parasitismo official.

Não obstante as suas qualidades de capital do districto e da rica provincia de Traz-os-Montes, é acanhada e modestissima. Dispõe d'umas sete ruas razoaveis um pouco movimentadas ás horas do vaevem do mercado, ao tempo, reduzido, por assim dizer, á Praça da Sé, o ponto principal de convergencia da povoação. N'este largo trapezoidal, com effeito, ao longo da fachada da cathedral — uma bisonha igreja dos jesuitas d'uma penuria de capacidade, sumptuaria e arranjo verdadeiramente lazeirenta e sem criterio adaptada a tal destino — e em face no mosaico parallelo se realisava a maior parte das transacções tendentes a apaziguar as necessidades inadiaveis do estomago da populaça brigantina.

Visto esse trecho de feira bem curioso pela *sans façon* com que assentava arraiaes á soleira do templo do senhor bispo e por sobre o passeio favorito do dandysmo indigena a quem uma musica regimental, mesmo em pé, afugentava o somno durante as calmas nocturnas do regulamento, nascia o desejo curioso de vagabundar ao acaso pelas artérias mais importantes, bem como travessas e beccos affluentes á cata de motivos artisticos e suggestivos entre a chata inesthetica do casario evidente.

Eis uma aventura arriscada e de serias consequencias dada a ideia singular que o transmontano tem da hygiene e do asseio vasando na via publica os dejectos e demais porcaria do *chez soi*. Ora attentas as condições climatericas do norte e leste da provincia de Traz-os-Montes, ligada aos altos platós centraes da Peninsula, e concisamente expressas na pittoresca phrase popular — *nove mezes de inverno e tres de inferno* — (conhecida tambem nas elevadas regiões pyrenaicas e alpinas) facilmente se calculará o perigo d'um tal devaneio, extra-coração da cidade, atravez da immundicie descaroavelmente

d'une nuit passée dans les tortures inévitables des cahots, étouffés par des nuages de poussière, dans l'atmosphère lourde et malsaine, puant le pétrole et la sueur.

Au dehors, enveloppés dans de gros manteaux avec les collets relevés jusqu'aux oreilles, ou cuirassés dans d'épaisses couvertures de laine, comme s'il s'agissait d'une traversée dans les steppes sibériennes, les plus heureux se rangeaient en plans successifs depuis la banquette du cocher, jusqu'aux pinacles de l'impériale où ils se confondaient avec la masse sombre des bagages qui encombraient le dessus de la voiture. Lorsqu'il n'y avait plus un seul recoin, un seul clou pour fourrer ou pendre des malles ou autres objets, cette montagne, se dégageait et cahin-caha, disparaissait dans les ténèbres. Après onze heures on arrivait à Macedo pour remplir les vides occasionnés pendant cette première partie du trajet, mais il y avait toujours un excédent de voyageurs et de bagages, qui devaient attendre patiemment la nuit suivante pour obtenir des places. Ensuite le lourd véhicule partait de nouveau pour arriver très tard dans la nuit à un petit village, où l'on trouvait une petite auberge à l'intérieur noirci, vaguement éclairée par un lumignon à l'huile, et où l'on apercevait une ombre de femme qui distribuait du vin, de l'eau-de-vie et de l'anis aux intrus, qui descendaient pour se dégourdir.

Après cette étape la diligence reprenait sa route jusqu'au mont Nogueira, et vers les hauteurs de Rebordãos, on commençait à voir poindre timidement les premières lueurs de l'aube. Alors, on ouvrait les yeux, on bâillait, et on respirait à pleins poumons, la pureté virginale du matin.

Le paysage encore endormi paraissait avec l'habituelle monotonie des pâturages et des champs moissonnés, couverts de déchets de blé et de seigle, et à peine égayé çà et là par la riante verdure de quelques vignes; un peu plus loin on passait le courant du Fervença, petite rivière qui serpente à travers des vergers et des arbres grêles et on finissait enfin par arriver à Bragança.

La diligence s'arrêtait solennellement au milieu d'une rue, après avoir réveillé les habitants qui accouraient aux portes et aux fenêtres passant à travers les volets leurs têtes échevelées, avec des visages effarés de personnes, réveillées en sursaut, et tout étonnés de l'intrépidité des voyageurs.

Ceux-ci se félicitaient réciproquement avec effusion et se précipitaient de leurs places pour embrasser les parents et les amis, ou pour être assaillis par les hôteliers qui offraient leurs maisons avec empressement. On abordait celui qui jouissait de plus grande réputation, et il conduisait les voyageurs à une immeuble assez triste, avec une écurie au rez de chaussée, les faisait monter au premier étage et les introduisait dans les chambres vacantes, tout imprégnées des odeurs de l'écurie d'au-dessous, qui s'infiltraient par les larges fentes du plancher vermoulu et découvert. Et l'on se trouvait ainsi installé à Bragança, avec le désir subit de la visiter en profitant de la douce température matinale.

Bragança présente la même impression de morne tranquillité, de beaucoup d'autres villes de province, où manquent les énergies vitales qui pourraient leur donner un certain développement et un peu de progrès, qui se trouve limité pour ainsi dire à l'existence végétative du parasitisme officiel.

Malgré sa qualité de capitale du district et de la riche province de Traz-os-Montes c'est une ville humble et des plus modestes. Elle possède sept rues passables et assez fréquentées aux heures du va-et-vient du marché, réduit maintenant pour ainsi dire, à la Place de la Cathédrale, qui est le principal rendez-vous des habitants. Sur cette place trapézoïdale ont lieu presque toutes les affaires et transactions qui ont rapport aux nécessités urgentes des estomacs de la population de Bragança. Tout cela se passe, au long de la façade de la Cathédrale qui est une sombre église des jésuites d'une pauvreté, de dimensions, d'ornements et de goût tout à fait dépourvue des conditions nécessaires à un temple, et en face sur le trottoir en mosaïque parallèle à l'église.

Cet aspect de foire est des plus curieux et on admire le sans façon avec le quel les promeneurs s'installent sur le parvis du temple de Monseigneur l'Evêque, et sur la promenade favorite du dandysme indigène, égayé par les accords de la musique du régiment qui même debout, joue le plus brillamment possible et empêche les habitants de se livrer au sommeil aux heures calmes de la nuit.

Mais tout ceci fait naître en nous le vague désir de flâner au hasard par les quartiers les plus importants, et aussi par les impasses et les ruelles qui y aboutissent, en quête de sujets artistiques et intéressants que nous n'apercevons guère parmi toute la platitude inesthétique qui nous saute aux yeux. Cette promenade des plus risquées peut même amener de sérieuses conséquences si l'on pense que les naturels de Traz-os-Montes ont, à propos d'hygiène et de propreté, les idées les plus singulières, et déversent sur la voie publique les déjections et toutes les saletés de leur *chez soi*.

estatelada, a decompôr-se, sob a chamma abrazadora, implacavel, do sol do estio, o que mais se aggrava para o cahir da tarde pelo calor concentrado, asphyxiante, de rescaldo e pairando sem que um leve assômo de brisa o tempere ou attenue.

E ao cabo d'esta audacia funesta o visitante não logra, além da maravilhada surpreza pelo embotamento das pituitarias brigantinas, enxergar nada de impressivo interesse espiritual, a não ser a igreja de Santa Clara, d'uma sobria e satisfatoria Renascença, sita na Rua Nova e construida na segunda metade do seculo XVI por uma duqueza de Bragança e uns minguados trechos d'aspectos pittorescos do rio Fervença.

De resto, salvo o Museu Archeologico devido á louvavel iniciativa do snr. Albino Lopo, como nada mais prenda a attenção do forasteiro visto que as repartições publicas e presidios em toda a parte offerecem o mesmo espectaculo deprimente e as demais igrejas exhibem o mais estreito e obsessivo *rococó,* cumpre subir á cidadella.

Accommette-se então uma das ladeiras que partem da Praça de Baixo. É a chamada Costa Grande que lá conduz directamente.

Vencida a rampa, defronta-se com a cintura de muralha, amparada por cubellos, a porta em ogiva entre dois baluartes facetados junto da nobre *Torre da Camara.* Transposta a entrada e o segundo muro de vedação, o *touriste* desprevenido acha-se n'um perfeito burgo medieval, tal a suggestão dos elementos que de todos os lados convergem a provocar tão imprevisto recúo mental.

Na realidade, feitos alguns passos na Rua da Cidadella, depara-se á esquerda no pequenino Largo de S. Thiago e entre um circuito amavel e fresco d'arvoredo, o singularissimo pelourinho manuelino.

Sobre a base octogona alçada em quatro degraus poisa uma *porca,* identica á de Murça (ambas documentos excepcionaes da primitiva arte iberica), illogicamente adaptada ao esbelto symbolo da nossa extincta jurisdicção municipal. Do dorso da rude esculptura zoomorpha levanta-se a columna cylindrica e lisa, encimada por um capitel em cruz; ao longo dos seus braços, cujos extremos ostentam carrancas, alastra-se uma serie de baixos relevos de caracter essencialmente ornamental denunciando a influencia esthetica que produziu o elegante padrão rematado por um grotesco a empunhar as armas da cidade.

Do mesmo lado e logo adeante assenta o corpo principal das ruinosas fortificações d'outr'ora, em que sobresahem a *Torre da princeza* a desaggregar-se lentamente, como que roida por uma carie centenaria, e a Torre de Menagem, vasta e um tanto acaçapada, mas não desgraciosa, tal o concurso artistico e nobilificante de certos incidentes architectonicos congraçando a solidez e a esthetica. Esta, como aquella, é feita de schisto antipathico e rebelde a qualquer affeiçoamento de que lhe resultou a denegrida patine de ferrugem e é solidada nas arestas pelo granito amoldavel e robusto.

A pouco mais de meio da sua verticalidade cinge-a um friso granitico d'um inesperado alcance ornamental e ao alto dos cunhaes excrescem as bases, em secção rectangular, das atalaias cylindricas a lançar uma nota de desvio e excepção ao typo geral disseminado pelo paiz, mas n'uma tão arguta e segura penetração de planos que logo accusa o magistral e douto senso constructivo que a gestou; no cimo a fila d'ameias de córte horizontal e d'esculcas cruciferas servindo de escudos ás vigias do terraço. A porta voltada a norte, n'um cauteloso afastamento do solo; a nascente e a sul duas poeticas janellas gothicas flammejando e alleluiando as respectivas fachadas com o fulgor que irradia da pureza dos seus lavores. Aqui e alli, fenestras escancarando o vago e mudo negrume do interior, como golpes resequidos e hirtos de remotas punhaladas que jámais cicatrizassem. Um brazão até agora indemne memora a interferencia de D. João I restaurando a obra de D. Diniz, que por sua vez renovára a de D. Sancho.

Para a direita da referida Rua da Cidadella comprime-se o bairro humido, viscoso e sujo, sulcado de viellas e bêccos fétidos por onde cursa, n'um socego ineffavel, toda a fauna que as lendas dos evangeliarios fixaram no affecto da alma popular e d'onde vem o ruido de bitesgas sombrias e cavernosas, de casinholos humildes espelhando uma vida amofinada e miseravel e de poluidos valhacoutos onde se espoja a soldadesca.

No cimo a referida arteria enfrenta com o quartel do regimento de caçadores n.º 3 que inscreve desde 1895 nas suas paginas d'ouro os feitos gloriosos de Coolella e Manjacaze. Quasi parallela a esta séde militar ergue-se a igreja de Santa Maria desastradamente reconstruida no seculo XVIII e na ilharga

Or on peut imaginer le danger d'une telle excursion, hors du centre de la ville, à travers les immondices honteusement étalées, qui se décomposent sous l'ardeur embrasée et implacable du soleil d'été, qui augmente encore vers le soir, avec la chaleur concentrée, étouffante du sol, sans le moindre souffle de brise qui la tempère ou l'atténue. Les conditions climatériques du nord et de l'est de la province de Traz-os-Montes, reliée aux plus hauts plateaux centrals de la Peninsule, sont bien définies dans la pittoresque expression populaire — *neuf mois d'hiver et trois d'enfer* — qui peut être également attribuée aux régions elevées des Pyrénées et des Alpes.

Mais après cette funeste audace, le visiteur, outre l'étonnante surprise de reconnaître à quel point sont blasées les pituitaires des habitants de Bragança, ne reússit à rien voir qui puisse l'impressionner ni l'intéresser au point de vue spirituel, si ce n'est l'église de Sainte Claire, de style Renaissance, sobre et bien tracé, située dans la Rue Neuve et construite pendant la deuxième moitié du XVI^me^ siècle par une duchesse de Bragança, et quelques aspects pitoresques de la rivière Fervença.

Du reste, sauf le Musée Archéologique dû à la louable initiative de Mr. Albino Lopo, il n'y plus rien qui attire l'attention du voyageur, puisque les bureaux publics et les prisons offrent partout le même spectacle misérable et les églises sont toutes du même genre rococo obsessif et mesquin. Nous allons donc monter à la citadelle. On prend alors une des montées qui partent de la Place de Baixo, celle qui se nomme la Costa Grande et qui y conduit directement.

Après avoir franchi la montée, on se trouve élevant le mur d'enceinte soutenu par des tourelles, avec sa porte en ogive entre deux bastions facetés près de la noble *Torre da Camara.*

Passé l'entrée et le deuxième mur de séparation, le *touriste* pris au depourvu se trouve dans le plus parfait bourg du moyen âge, tellement puissante est la suggestion des éléments qui s'y réunissent pour provoquer cet involontaire recul de notre imagination.

Lorsqu'on a fait quelques pas dans la rue de la Citadelle, on voit à droite un original pilori du temps de D. Manuel, sur la petite Place de S. Thiago et tout entouré d'arbres verdoyants et frais.

Sur une base octogonale haussée de quatre marches se pose une *vis* semblable à celle de Murça; toutes deux sont des exemplaires exceptionnels de l'art ibérique primitif, adaptés illogiquement comme symboles élégants de notre juridiction municipale d'autrefois. Du tronc de la grossière sculpture zoomorphe s'élève la colonne cylındrique et unie, surmontée par un chapiteau en croix; au long de ces bras, à l'extrémité desquels on voit des têtes d'animaux sculptées, s'étend une frise en bas reliefs d'un caractère tout à fait ornemental, dénonçant l'influence esthétique produite par le svelte monument qui se termine par une figure grotesque soutenant l'écusson avec les armes de la ville.

Un peu plus loin, et du même côté se trouve le bâtiment principal des anciennes fortifications à demi ruinées, où l'on distingue la Tour de la Princesse qui s'écroule lentement comme rongée par une carie centenaire, et la tour d'honneur, assez grande, mais un peu aplatie, sans toutefois paraître disgracieuse, grâce à la réunion noble et artistique de certains éléments architecturaux aussi solides que beaux. L'une et l'autre sont faites de schiste assez laid et rebelle à tout travail minutieux d'où est résultée la patine noircie de rouille; les arêtes sont soutenues par du granit robuste et malléable.

À peu près vers la moitié de sa hauteur la tour est entourée d'une frise en granit d'un effet imprévu et très ornemental et du haut des encoignures partent les bases rectangulaires, d'échauguettes cylindriques qui sortent du commun et font exception au type vulgaire disséminé dans le pays, mais tout l'ensemble est lancé avec une connaissance de plans, si savante et si assurée qu'on reconnait aussitôt le sens constructif sage et superbe de celui qui a tracé cette œuvre magistrale; le bord supérieur est garni d'une rangée de créneaux de coupe horizontale et de motifs en croix qui servent d'écussons aux guérites de la terrasse. La porte tournée au nord est soigneusement écartée du sol; au levant et au midi deux poétiques fenêtres gothiques flamboient et égaient les façades avec toute la splendeur et la pureté de leurs ornements. Çà et là des croisées éclairent la vague et sombre noirceur de l'intérieur, comme des blessures mortes et desséchées qui ne se seraient jamais cicatrisées.

Des armoiries très bien conservées rappellent l'intervention de D. Jean I, le restaurateur de l'œuvre de D. Denis, qui à son tour avait aussi renouvelé celle de D. Sancho.

À droite de cette rue de la Citadelle se resserre le quartier humide, sale et gluant, sillonné de ruelles et d'impasses où se promène dans la plus grande tranquillité toute la faune que les légendes de l'évangile a fixée dans l'amour du peuple, et dont on entend les bruits par les recoins sombres et

opposta d'esta fica situado o vetusto Paço Municipal, o unico edificio profano que do romanico subsiste no paiz.

Uma vez em face d'este a primeira impressão sentida é naturalmente a da revolta e desagrado pelas sevicias infligidas com a ruptura d'uns janellões, a sul e oeste, destinados a illuminar o interior em substituição das fenestras primitivas, obstruidas no seculo passado com enchimento e pedregulho, e ainda com a ligação d'um muro de predio rustico ao cunhal de sudéste cortando lastimosamente a perspectiva.

Diluida, porém, a indignação que o conspecto inicial repentinamente suscita, esta construcção discreta e atarracada absorve com delicia a imaginativa do espectador pela instituição admiravel que suggere e pela clara luz que projecta na revivescencia da architectura urbana do seculo XII.

Levantado n'essa época remota, ante o espirito se apresenta como um dos tres principaes edificios que dominavam um burgo pequenino e pobre, composto de habitações humildes e infectas de madeira e schisto, que as vicissitudes do tempo, o gosto dos homens, a melhoria do conforto e outros factores economicos transformaram e substituiram.

Vislumbra-se o ardor, o desinteresse e a solicitude que o estricto populacho medievo puzera na fabrica do seu Paço Municipal, empregando a melhor e mais dispendiosa materia constructiva para a sua perdurabilidade e resistencia e cumulando-o carinhosamente dos recursos e lavores artisticos ao seu alcance como se se tratasse d'um templo para a perenne glorificação de Deus.

E, presumivelmente, os canteiros que no tempo de D. Sancho I ergueram o primitivo castello e a antiga igreja de Santa Maria foram os mesmos que trabalharam n'esta veneravel construcção romanica d'uma equilibrada firmeza e d'uma segurança robusta, cheia de logica e graça.

A angulosidade da fachada occidental que faz descrever ao seu perimetro o traço d'um pentagono; o resalto da cornija circundante, sustentada por modilhões historiados em que predominam motivos anthropo e zoomorphicos a quebrar a simplicidade das suas linhas; a serie successiva das fenestras que se abriam ao longo das faces com as archivoltas chanfradas cahindo sobre a saliencia das impostas e d'uma proporção harmoniosa para a sua altura comedida e breve, evidenciam uma ponderada sagacidade architectonica tendente a uma frisante convergencia d'effeitos na sua sobria estructura.

A portinha d'accesso recorta-se em arco perfeito no lado sul sobre o pateosinho do escadoz d'alvenaria.

O visitante, commovido sob o peso da veneranda tradição historica, avança respeitosamente os seus passos com ancia de poisar os olhos na intima solitude do recinto augusto, onde tantas vezes os senadores medievaes decidiram dos destinos do concelho.

Mas ao penetrar no interior, composto de duas salas que se communicam por uma abertura ogival feita no muro divisorio, logo o assalta a severa austeridade, a desconfortavel nudez e a tristeza da assolação que ali reinam.

Ao longo das paredes mestras caiadas, e em que se resentem as deturpações acima expendidas, corre uma bancada de pedra e ao alto a fileira dos modilhões esculpidos tendo um o escudo das cinco quinas verosimilmente considerado como o brazão do segundo monarcha portuguez.

No aposento da direita e quasi sob o enorme e violento rasgão produzido por um incendio no madeiramento do tecto e no telhado, emerge do lagedo do pavimento o parapeito circular da bocca da cisterna que occupa a subjacencia do edificio.

A entrada para este deposito cava-se na frontaria oriental ao nivel do solo. Sobre a lobrega e soturna superficie do liquido mal se enxerga a vigorosa abobada de cantaria em curva plena com arcos de reforço.

O indigena ignorante e supersticioso foge com pavor d'este presumido antro de bruxedo.

Tal é, desconhecida a sua vida historica, a consideração que lhe merece o venerando palladio das regalias e direitos municipaes dos seus antepassados e que é hoje um monumento excepcional, producto indiscutivel d'uma arte definitiva e consummada, a cuja silharia de granito o tempo transmittiu um caracter solemne com o tom esmorecido da velhice.

Manuel Monteiro.

grouillants des humbles masures où vît une population triste et misérable, et la soldatesque se vautre dans d'infâmes habitations. En haut de cette rue on se trouve en face de la caserne de 3^{me} régiment de chasseurs, qui depuis 1895, inscrit sur son livre d'or les faits glorieux de Coolella et Manjacaze. Presque parallèlement à cet établissement militaire, s'élève l'église de Sainte Marie reconstruite d'une manière désastreuse pendant le XVIII^{me} siècle et du côté opposé est situé le vieil Hotel de Ville, le seul édifice laïque de style roman qui existe dans le pays.

Au premier aspect de cette construction, on est pris d'un sentiment de révolte et de mécontentement pour les mauvais traitements qu'on lui a infligés avec le percement de grandes fenêtres au sud et à l'ouest, afin d'éclairer l'intérieur, et qui ont remplacé les croisées primitives, obstruées pendant le dernier siècle par de grosses pierres; il y a aussi une liaison de l'angle sud-est de la construction avec le mur d'une maison rustique, qui nuît déplorablement à la perspective. Mais, passé le premier moment d'indignation qu'inspire subitement l'effet initiel, l'imagination du spectateur est délicieusement absorbée par l'analyse de cette construction basse et discrète, par l'agréable impression qu'elle éveille, et par la manière brillante dont elle fait revivre le souvenir de l'architecture urbaine du XII^{me} siècle.

Elevée à une époque reculée, elle se présente à notre esprit comme un des trois principaux édifices qui dominaient dans ce bourg petit et pauvre, composé de maisons humbles et infectes en bois et en schiste, que les outrages du temps, le gôut des hommes, l'accroissement de confort et d'autres raisons économiques ont transformé et remplacé.

On y aperçoit l'ardeur, le désintéressement et la sollicitude que le peuple correct du moyen âge avait mis dans cette construction de son Hotel de Ville, en employant la meilleure et plus chère matière, afin d'assurer sa résistance et sa perpétuité, et l'enrichissant amoureusement de tous les embellissements à sa portée, comme s'il s'agissait d'un temple pour l'eternelle glorification de Dieu.

Et il est présumable que les marbriers, qui, au temps de D. Sancho I élevèrent le château primitif et l'ancienne église de Sainte Maria, furent les mêmes qui travaillèrent à cette vénérable construction romane d'un équilibre si ferme, d'une assurance si robuste, pleine de grâce et de logique.

L'angulosité de la façade occidentale qui fait décrire à son périmètre le dessin d'un pentagone; le ressaut de la corniche qui l'entoure, soutenue par des modillons ouvragés où dominent des motifs anthropologiques et zoomorphologiques qui brisent la simplicité de ses lignes; la série successive des fenêtres qui s'ouvraient le long des façades avec les archivoltes échancrées, tombant sur la partie saillante des impostes, et d'une proportion tout à fait harmonieuse avec leur hauteur si mesurée, tout révèle la science architecturale la plus étudiée, tendant à en faire briller tous les effets malgré la sobriété de structure d'ensemble. La petite porte d'accès se découpe en plein cintre au sud du petit palier de l'escalier en maçonnerie et le visiteur, sous l'impression émouvante de la vénérable tradition historique, avance respectueusement désireux de poser les yeux sur la solitude intime de l'enceinte auguste, où les sénateurs du moyen âge ont si souvent décidé des destinées de la contrée.

Mais en pénétrant à l'intérieur, composé de deux salles qui se communiquent par une ouverture ogivale faite dans le mur qui les sépare, il est tout surpris de l'austérité sévère, de la nudité inconfortable et du triste délabrement qui y règne.

Au long des murs blanchis à la chaux, où l'on aperçoit les mêmes dégâts dont nous avons parlé, s'appuie un banc de pierre, et en haut la rangée de modillons sculptés dont l'un porte l'écusson des cinq quines vraisemblablement considéré comme le blason du deuxième monarque portugais.

Dans l'appartement à droite presque au dessous de l'énorme déchirure produite par un incendie de la charpente du plafond et du toit, on voit sortir du pavé dallé, la balustrade circulaire qui entoure l'ouverture de la citerne construite au dessous de l'édifice. L'entrée de cette citerne est creusée dans la façade orientale, au niveau du sol, et, sur la surface liquide, sombre et trouble, on aperçoit à peine la vigoureuse voûte de pierre en plein cintre avec des arcades de renfort. L'indigène superstitieux et ignorant fuit avec épouvante de ce qu'il présume être un antre de sorcellerie. Telle est, malgré le peu de connaissance de sa vie historique, la considération que mérite ce vénérable palladium des garanties et des droits municipaux de ses ancêtres, qui est aujourd'hui un monument exceptionnel, produit indiscutable d'un art défini et raffiné, sur le granit duquel, le temps a empreint un cachet solennel avec les nuances pâlies et fanées de la vieillesse.

Manuel Monteiro.

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Vista geral da Cidadella

BRAGANÇA

Pelourinho

EMILIO BIEL & C.ª EDITORES

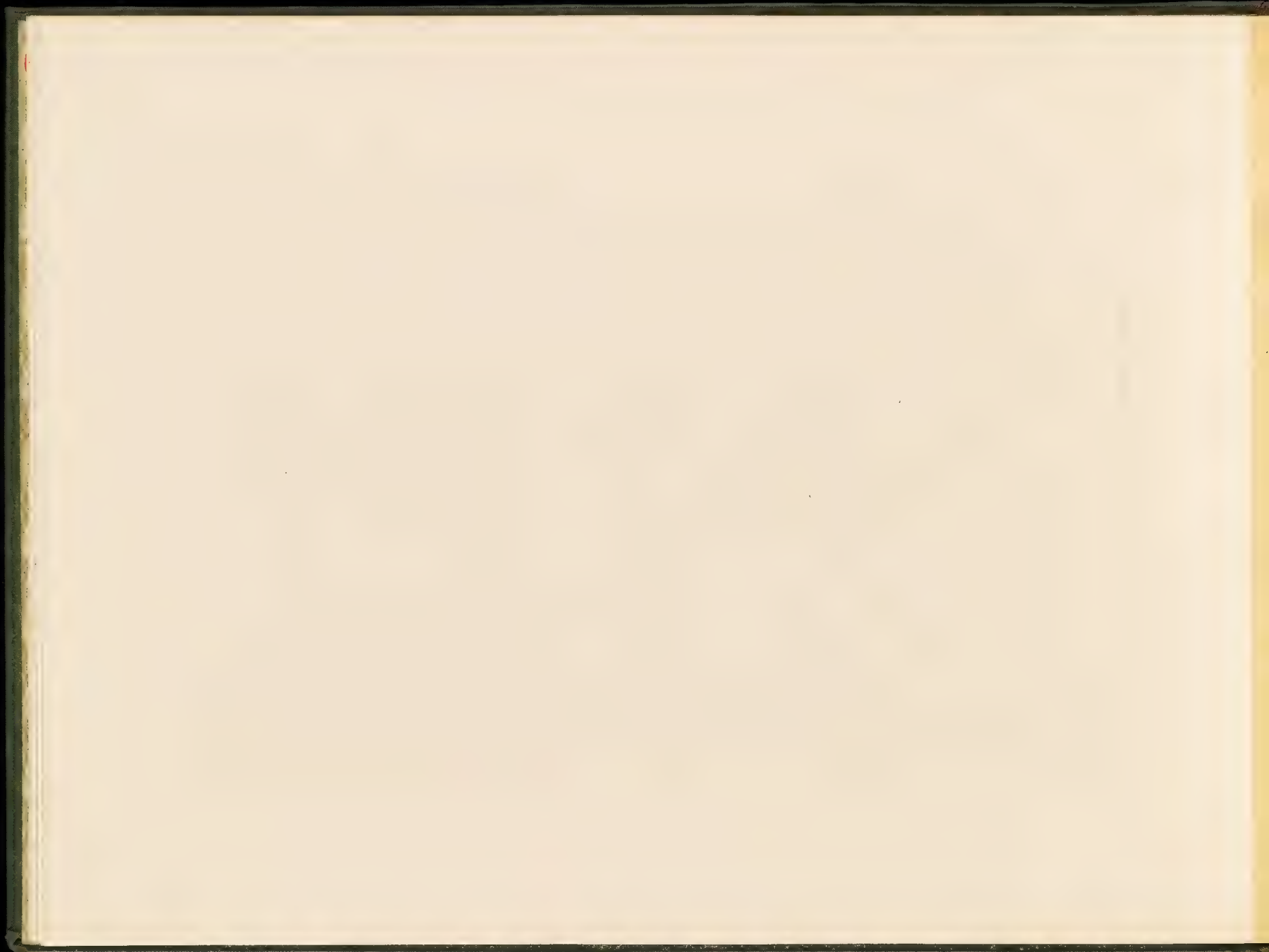
Porta da Egreja de Santa Maria

BRAGANÇA

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO

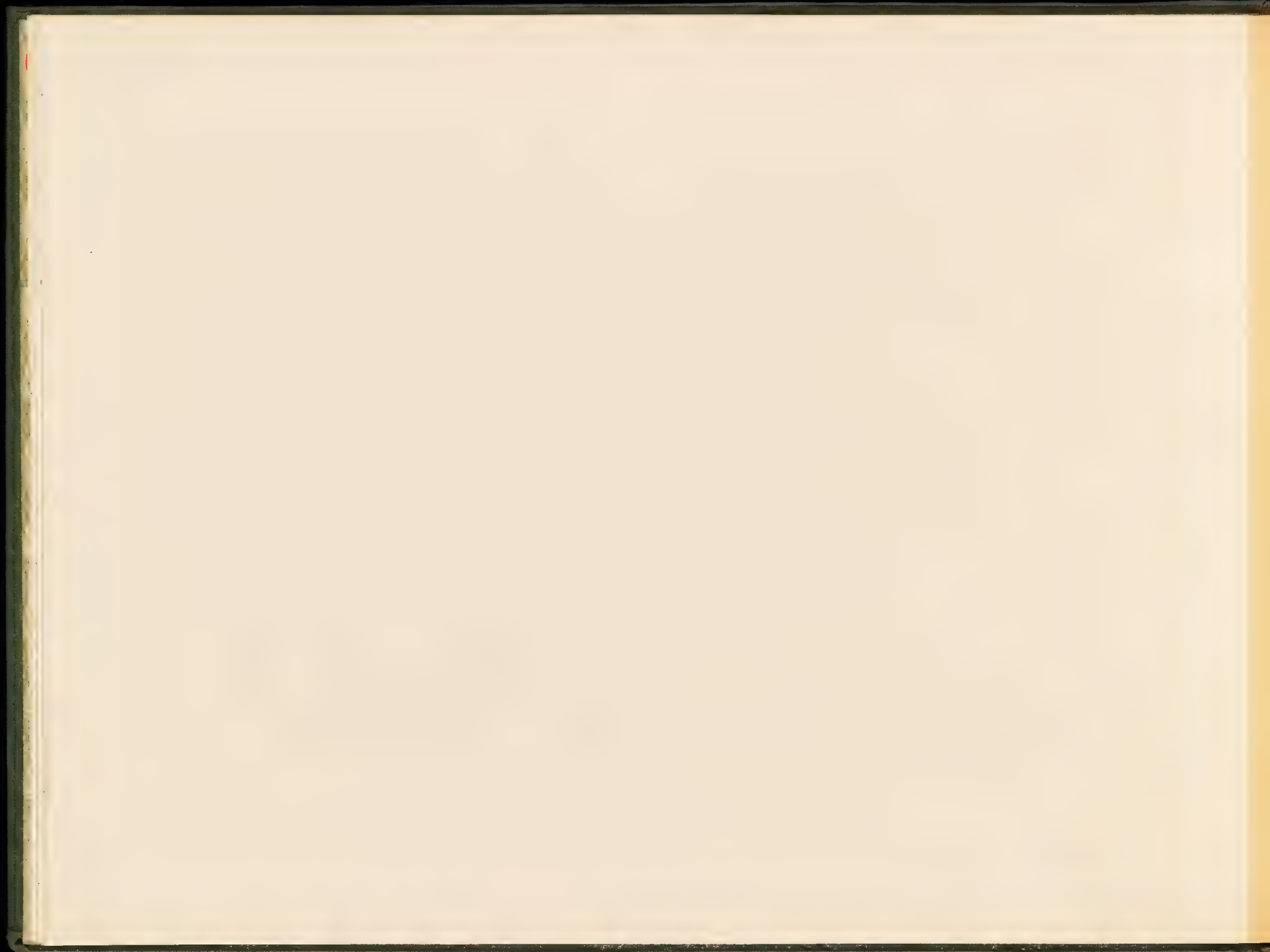
EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Antiga casa do Senado

BRAGANÇA

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO

EMILIO BIEL & C.ª EDITORES

Aspecto do rio Fervença e da Cidade

BRAGANÇA

Miranda do Douro

Certo, nenhuma outra cidade portugueza offerece mais perfeito aspecto d'uma terra morta do que Miranda do Douro.

Esmorecendo ante o agro fatalismo que a acommetteu após cyclos de brilho e ventura, não mais se reanimou e, resignadamente, sem um queixume, nem um protesto, e n'um esquecimento ingrato e injusto, se deixou definhar e exhaurir.

E, para que nada perturbasse a recondita e amarga solitude do seu fenecer estoico, ficou isolada n'um recanto do enorme planalto mirandez, sem uma arteria de macadam a ligal-a com qualquer centro populoso convisinho e a canalisar-lhe a seiva rejuvenescente e transformadora das energias economicas.

Abafada no estreito cinto dos muros envelhecidos, sobre ella paira o silencio triste e pungente das coisas que passaram, a saudosa doçura evocativa das illusões extinctas!

A melancholia que d'ella se diffunde torna-a porém sympathica aos olhos sensiveis e á idealisação do visitante culto, logo enternecido ante o burgo celebre que não podendo supportar o infortunio inexoravel, depois de ter cumprido com galharda valentia o seu destino historico, se apaixonou, deu graças a Deus, suspirou e morreu. E hoje parece que subsiste sómente para o delicioso devaneio e regalo emotivo das almas estheticas, buscando com avidez suggestivas e complexas *rêveries* sobre o Passado. N'ella as encontram com prodigalidade, porque, estranguladas com impiedosa crueza as suas mais intimas aspirações, sobreveio á pequenina cidade a indifferença doentia e com esta a inercia e a miseria que não permittiram quasi alteração alguma de vulto no existente á data da desventura ultima. N'isso reside com effeito o seu principal interesse.

Sita sobre a alcantilada e sinistra margem direita do Douro, no extremo leste da provincia transmontana, ainda se abriga com a decrepita muralha que em seculos idos lhe serviu de escudo e defeza contra os acommettimentos leonezes e castelhanos. Não fallando no *Postigo* que se abre para o rio, e era outr'ora a passagem das escapadas angustiosas e discretas ou das arremettidas traiçoeiras, das duas portas pelas quaes se transpunha a cintura protectora resta a do *Amparo*, ogival, aberta ao fundo de dois cubellos decapitados.

Atravessando esse arco ponteagudo, que já se não cerra com portas espessas e munidas de fortissimos ferrolhos e armellos ao toque soberano do *couvre-feu*, entra-se na *Costanilha* — a pittoresca rua quinhentista. Subindo por esta via declivosa e torta a vista queda surpreza a um lado e a outro por reconhecer nas fachadas humildes que lhe formam o leito uma velhusca e modestissima architectura do seculo XVI.

É uma serie numerosa de estreitas frontarias manuelinas com as portas rasgadas em rectangulo, ogiva ou arco perfeito, de humbreiras, aduélas e vergas em aresta ou chanfradas.

Quasi todas com um pizo superior ao rez-do-chão e onde se abrem uma ou duas janellas, simples, geminadas ou d'angulo, com o peitoril saliente entre os poiaes tendidos solicitamente para descanço dos vasos com florações sympathicas. Estes cachorros são historiados com carrancas e outras modelações anatomicas reçumando o satyrico intento do grotesco e obsceno.

Além d'isso um copioso alfôbre de episodios ornamentaes em baixo relevo, occupa os silhares e padieiras d'umas e d'outras evidenciando, na sua expressiva ingenuidade, uma arte bisonha de inspiração e factura populares. São os sabidos motivos naturalistas do estylo que emphaticamente gosa os foros de nacional: rosetões, contas, flôres de liz, caraças, aves e outros animaes.

Nas travessas e ruélas, que á *Costanilha* affluem, enxergam-se outras construcções manuelinas entre as quaes destaca a da antiga *Casa da Alfandega.*

Algumas d'estas habitações ufanam-se de haverem sido solares d'antiga aristocracia apoucada e d'esquecida heraldica ou de terem acolhido sob os seus tectos personalidades illustres.

A referida arteria principal remata n'uma praça minuscula onde se concentram as tedientas e varias repartições publicas e d'onde se envereda com afan para a decantada Sé.

Eis o monumento, por excellencia, de Miranda do Douro que n'elle põe todo o seu affecto, talvez toda a sua esperança, constituindo o seu unico mas desvairado orgulho e que Bragança não póde tolerar por inverosimil despeito.

Miranda du Douro

Assurément, aucune ville portugaise n'offre un aspect plus complet de cité morte, que Miranda du Douro.

Déchûe par l'aigre fatalisme qui la frappa après quelques cycles brillants et heureux, elle ne parvint pas à se ranimer, et, sans une plainte, sans une protestation, dans un oubli ingrat et injuste, profondément résignée, elle se laissa épuiser et dépérir.

Et, afin que rien ne pût troubler l'obscure et amère solitude de sa destinée stoïque, elle demeura isolée dans un recoin de l'énorme plateau *mirandais,* sans une voie macadamisée qui la reliât à quelque centre populeux du voisinage et qui aurait pu lui insuffler la sève vivifiante et énergique du progrès.

Etouffée dans l'étroite enceinte de ses vieilles murailles, on sent peser sur elle le triste et douloureux silence des choses qui sont passées, les doux regrets d'illusions perdues!

Mais la mélancolie qui s'en dégage la rend sympathique aux âmes sensibles et à l'idéalisation du visiteur éclairé, ému par l'aspect de ce bourg célèbre, qui, n'ayant pu supporter l'implacable infortune, après avoir accompli bravement sa destinée historique, plein de chagrin rendit grâce au ciel, soupira et mourût. Et maintenant, on dirait qu'il existe seulement pour les délicieuses rêveries et pour le charme émouvant des esprits élevés qui recherchent avidement des souvenirs complexes et suggestifs du Passé. On les y retrouve profusément, parceque, après avoir vu étouffer avec une impitoyable cruauté ses plus intimes ambitions, la petite ville se trouva en proie à une indifférence maladive d'où découla l'inertie et la misère qui n'ont presque pas permis l'attention remarquable ni aucune espèce d'altération à ce qui existait lors de son dernier malheur; et c'est celà même qui la rend le plus intéressante.

Située sur la rive droite, escarpée et sinistre du fleuve Douro, à l'extrémité est de la province de Traz-os-Montes, elle s'abrîte encore au dedans du mur ruiné qui jadis lui servait de défense et de bouclier contre les attaques des castillans et des léonais.

Sans parler du *Postigo* qui s'ouvre sur le fleuve, et qui était autrefois le passage des fuites angoissantes et discrètes, ou des attaques traîtresses, ni des deux portes par lesquelles on franchissait l'enceinte protectrice, il y a encore la porte du *Amparo* en ogive, ouverte au fond de deux guérites décapitées.

En passant sous cette arche pointue qui ne se ferme plus avec les anciennes portes épaisses munies de verroux et de clous à l'heure solennelle du couvre-feu, on entre dans la *Costanilha,* pittoresque rue du XVI^me siècle. En gravissant cette voie inclinée et tortueuse, le regard reste surpris de voir des deux côtés, sur les humbles façades qui la garnissent, des anciens et modestes exemplaires de l'architecture de ce même siècle.

C'est toute une série d'étroites façades du temps de D. Manuel avec les portails percés en rectangle, en ogive, ou en plein cintre, et les embrasures, les vantaux et les linteaux, en arêtes ou échancrés.

Presque toutes ont un étage au-dessus du rez-de-chaussée, percé d'une ou deux fenêtres, simples, géminées ou en angle, avec les appuis saillants entre les deux socles soigneusement ménagés pour des vases de fleurs choisies. Ces appuis sont enjolivés de gargouilles et d'autres motifs anatomiques où l'on aperçoit l'intention satyrique d'allier le grotesque à l'obscène.

Outre cela, une vaste théorie d'épisodes décoratifs en bas relief, orne les assises, et les alléges et les bandeaux, montrant dans son expressive ingénuité, un art tout à fait naïf et la main d'œuvre très populaire. On y voit les motifs déjà si connus du style qui jouit si pompeusement de la réputation d'être national; rosaces, perles, trêfles, masques, oiseaux et autres animaux.

Dans les ruelles et impasses qui aboutissent à la *Costanilha,* on voit encore d'autres constructions de la même époque, parmi lesquelles se distingue l'ancienne maison de la Douane.

Quelques-uns de ces logis se vantent d'avoir été les manoirs de l'ancienne aristocratie déchûe d'héraldique oubliée, où d'avoir abrité sous leurs toits des personnages illustres.

La rue principale dont nous avons parlé se termine sur une place minuscule, où se concentrent les ennuyeux et différents bureaux publics, et d'où l'on part pour aller avec élan vers la Cathédrale, si vantée.

Procedendo da época venturosa de maior prosperidade da diminuta cidade transmontana e memorando, como facto inapagavel, a alliança do braço real com o povo, é, no emtanto, o marco da sua decadencia originada por certo no influxo nefasto e enervante da ideia que materialisa.

Por isso o seu frontispicio sombrio d'uma dura sobriedade de linhas e comprimido entre as singelas torres extremas logo suggere, não sei porque macabra e subtil associação d'ideias, que o templo ex-episcopal é a arca tumular em que desappareceu para sempre o espirito heroico e vivido das gerações d'outr'ora.

Erguida por D. João III no momento em que se substituia a longa e fecunda nevrose, que gestara os mais geniaes e phantasticos poemas da pedra, por uma derrancada e crassa concepção architectonica, successiva e crescentemente severa e rigida, a cathedral mirandeza não poetisa com o seu pesado aspecto a melancholica terra. Não. Antes a sua tristeza admiravelmente avoluma.

O estylo jesuitico denuncia-se na hirta frontaria de granito ennegrecido, entalada entre duas torres, como dois cubellos massiços de fortaleza cobertos por abobadas com lanternetas entre os varandins grosseiros.

O enfado inevitavel absorve o espectador. Transposta porém a porta, rasgada em pleno cintro entre as columnas doricas, a sensação diverge de repente pela inundante abundancia de luz, pela sua amplitude e pelo desafogo das tres altas naves divididas por pilares esbeltos audazmente lançados para as convergencias das pressões das abobadas artesoadas.

Não maravilha nem deslumbra porque o não permitte a sua austera frieza, mas agrada pela calma harmonia, ponderoso equilibrio e precisa integralidade da sua estructura.

Ao mesmo tempo um pensamento obsessivo e ladino preoccupa facetamente o visitante: impossibilidade de topar gente em Miranda, embora vasculhados todos os escanos, capaz de encher a vasta igreja.

De resto percorrendo o olhar por todo o ambito, o que mais o prende, é o retabulo de madeira do altar mór. Sendo uma peça monstruosa pelo inadvertido intuito que a promoveu, é, todavia, desculpavel ante a franca solução das difficuldades emergentes ao realisar o plano concebido.

Pertence ao que vulgarmente se diz renascença portugueza e divide-se em dois corpos.

O inferior tem por base uma predella enriquecida com pios e santos luminares da Igreja. Sobre esta nos duplices retabulos dos intercolumnios lateraes desenrolam-se breves scenas biographicas da Virgem que teem como complemento o grande quadro central — a Assumpção.

Esta composição de dimensões inusitadas e invulgares, tratada com extranha largueza e poderoso vigor de factura, merece reparo. Ao alto, a mãe de Deus é conduzida para a bemaventurança n'uma nuvem esmaltada por cabecitas de cherubins entre as sonoridades triumphaes da orchestra celeste; em baixo os discipulos de Christo pasmam, absortos, em roda do tumulo vasio ante o prodigio patente, desviando porém, alguns as faces na direcção de acontecimento, sem duvida, consideravel que os arranca a tão desolada magua.

Uma flagrante expressão de vida e sentimento se apercebe n'esse grupo eleito de physionomias cuidadosamente estudadas, gestos suaves, roupagens opulentas de córte largo, prégas fundas e cahindo com racionalidade. Os pannejamentos fluctuantes da Virgem que sobe em extase são por egual fartos e bem delineados.

A parte superior comporta uns tres assumptos da Paixão. Ao centro, junto do Crucificado, perfilam-se as figuras do Evangelista e Maria que além de posteriores são d'uma plastica toscamente desproporcionada e desmedida.

Como a talha restante seja de somenos importancia e pelo transepto e paredes lateraes nada se divise a attrahir a curiosidade, [1] deixa-se a cathedral onde o echo dos passos arrastadamente se perde como n'um santuario abandonado e examina-se o contiguo edificio prelaticio. Restam apenas as paredes incompletas, ruindo lento e lento, do que foi a vivenda nobre dos bispos mirandezes, cuja serie findou com a suppressão da diocese no penultimo quartel do seculo XVIII.

Cumpre, por ultimo, contemplar pezarosamente as sobrevivencias do castello altaneiro, no seu inicio, construido por Affonso Henriques e depois reformado, reedificado e consolidado por D. Diniz, D. João I e D. João IV.

---

[1] Diz-se que na sacristia existem quadros de valor. Não os pudemos vêr.

C'est, à vrai dire, le principal monument de Miranda du Douro, celui qui mérite tout son amour et peut-être tout son espoir, qui résume son orgueil unique et insensé, et que Bragança, prise d'un invraisemblable dépit, ne peut tolérer.

Construit à l'époque la plus heureuse et prospère de la petite ville et rappelant comme inoubliable souvenir, l'alliance de la royauté avec le peuple, il marque toutefois le commencement de sa décadence, dûe certainement à l'influence néfaste de l'idée qu'il matérialise.

Et sa façade sombre, d'une dure sobriété de lignes, resserrée entre les deux tours latérales, nous suggère aussitôt, je ne sais par quelque subtile et macabre association d'idées, la pensée que le temple ex-épiscopal est l'arche tumulaire où est disparu à jamais l'esprit héroïque et vivifiant de nos générations passées.

La cathédrale de Miranda fut bâtie par D. Jean III au moment où l'on remplaçait, par une grossière et ignoble conception architecturale, successivement et progressivement sévère et âpre, la longue et féconde névrose qui avait conçu les plus fantastiques et sublimes poèmes de pierre, et son aspect lourd ne parvient pas à rendre poètique ce mélancolique pays. Au contraire, elle le rend encore plus triste.

Le style jésuitique se dénonce sur la façade raide en granit noirci, pressée entre les deux clochers, qui ont l'air de deux tourelles massives d'une forteresse, recouverts par des pignons à lanternes, entre les grossières balustrades.

Un inévitable ennui s'empare du spectateur. Après avoir franchi le portail ouvert en plein cintre entre les colonnes doriques, l'impression se trouve subitement changée grâce à l'abondance de lumière, à la grandeur et à l'amplitude des trois hautes nefs, séparées par de sveltes piliers hardiment élancés jusqu'aux convergences des nervures de la voûte.

L'ensemble n'émerveille et n'éblouit pas, car la froideur austère ne le permet guère, mais il charme par son harmonie calme, son équilibre étudié, et l'intégralité précise de sa structure.

En même temps, on est obsédé par une pensée facétieuse et badine: l'impossibilité de trouver du monde à Miranda, qui puisse remplir cette vaste église, même qu'on aille fureter dans tous les recoins de la ville.

Du reste, en parcourant du regard toute l'enceinte, la seule chose qui nous attire est le retable en bois du maître-autel. C'est une pièce monstrueuse et faite dans une intention irréfléchie, mais on la trouve toutefois pardonnable en contemplant les difficultés de travail accomplies pour en réaliser le plan.

L'ensemble est partagé en deux parties et appartient à ce que l'on nomme vulgairement, la renaissance portugaise.

La partie inférieure a comme base une assise, enrichie de saints et de pieux luminaires de l'Eglise. Au dessus, dans les doubles retables des entre-colonnes latérales, se déroulent des scènes de la vie de la Vierge ayant pour complément le grand tableau central — l'Assomption.

Cette composition, de dimensions peu vulgaires, travaillée avec une exquise grandeur, et une puissante vigueur, est tout-à-fait digne de remarque. En haut, la mère de Dieu est conduite au ciel dans un nuage émaillé de petites têtes d'anges, au milieu des sonorités triomphales d'un orchestre céleste. En bas, les disciples du Christ, pleins d'étonnement à la vue du miracle, entourent le tombeau vide, et quelques-uns ont les faces tournées du côté du prodigieux évènement, qui les arrache à leur grande douleur. Ce groupe choisi, de physionomies soigneusement étudiées, aux gestes doux, aux vêtements opulents et amples, à larges plis tombant naturellement, est imprégné d'une flagrante expression de vie et de sentiment.

La partie supérieure présente trois sujets de la Passion. Au centre, près du Crucifié, s'alignent les figures de l'Evangéliste et de Marie, qui sont d'une date plus récente et d'une plastique grossièrement démésurée et disproportionnée.

Le reste des sculptures en bois est de moindre importance et comme dans le transept et les collatéraux il n'y a rien qui attire notre curiosité [1], nous sortons de la Cathédrale où l'écho de nos pas, se traîne longuement, comme dans un sanctuaire abandonné, et nous examinons le palais des prêlats qui est contigu.

---

[1] On dit que dans la sacristie il y a des tableaux de grande valeur, mais nous n'avons pas pu les voir.

Era no ponto culminante, a noroeste, que se erguia a temivel fortaleza com o seu muro especial, fosso e lavadiça a contornar o cubo de menagem fartamente empastado, mais tarde, com additamentos de reforço. Depois de ter soffrido atravez dos seculos a lucta indomita com leonezes e castelhanos abateu fragorosamente n'uma nefanda e horrivel explosão, aos oito de maio de 1762, adensando cruel e dolorosamente o vilipendioso luto que cobria a cidade, desde que um governador militar, a troco de dinheiro, a entregara traiçoeiramente ao inimigo em 1710.

D'aquelle indescriptivel desastre apenas ficaram aprumados alguns lanços de cortinas e parte da firme torre central que D. João I mandou erigir, como o attesta o escudo fixado na face do sul com a porta em ogiva, aberta para a Hespanha. O aspecto do poente é desolador: a menagem amputada e desventrada, as restantes edificações aluindo, e sobre a ossatura a descoberto das paredes descarnadas os crescidos pensos das hervagens inseparaveis das ruinas.

Eis o que miserandamente subsiste da destemida sentinella guerreira.

Extra muros da cidadesita envolvida em patines, silencio e tristeza, estende-se a paizagem monotona.

No primeiro plano o arrabalde pintalgado de hortejo e vinhedo entre o accidente pedregoso cortado pelas correntes do Fresno e do Douro, tendo a d'este aspectos tragicos de pavor selvagem, nos precipicios das margens cheias de negrume ou veladas pela amarellidão dos lichens, e em cujo fundo se estrangula com desespero turvo e ululante.

Para além, até aos longes nevoentos da perspectiva sem bizarria de linhas, o bistre pastoso ou esbatido das terras aradas, o verde ephemero das culturas e lameiros emquanto que as gramineas do centeio, do trigo e dos pastos, pela energia e superabundancia da seiva, resistem ás ardencias mortiferas do sol transmutando logo o colorido n'um amarello fulvo, predominante e absorvente, que vae esvaecendo, sem sobresaltos e após as ceifas, para a tonalidade cadaverisada e exangue do restolhiço. Farrapos d'arvoredo tufando aqui e acolá mais accentuam o desfallecimento da côr. Demais, nem um casal branco ou um vestuario polychromo e garrido lançando uma nota alegre e vibrante na atonia geral da natureza agreste, torturada pelo sol nos tres mezes estivaes, açoitada pelas ventanias desabridas, amortalhada pela neve nos extensos invernos...

E este caracter antipathico e sombrio distende-se atravez de todo o fertil planalto mirandez que comprehende, além do concelho denominante, os de Vimioso e Mogadouro, abrangendo uma parte da zona limitada a leste e oeste pelo Douro e pelo Sabor.

As aldeias assaz espaçadas entre si teem o seu casario sujo, lobrego e humilde, n'um agrupamento meticuloso, sem que um unico predio se desgarre, motivado pelo instincto da sociabilidade e da defeza commum. D'aqui como d'uma colmeia irradiam os seus habitantes para a faina agricola da vasta area circundante onde se dispersam e somem para valorisar o solo.

Por acaso o viajante sem uma estrada certa de macadam, marchando quasi á ventura por caminhos labyrinthicos, encontrará uma ou outra figura para lhe desvanecer o penoso abatimento que o anniquila na solidão desconhecida e taciturna. Com que alvoroçada alegria escuta o chiar tardo e dissono d'um carro de bois — o veneravel *plaustrum!* — que range de rodas altas com os olhaes circulares e de leito e *engarellas* completamente submersos na montanha do cereal colhido! Com não menos commovido prazer se detem, acordando poeticas reminiscencias, ante a modulação fina e flebil da rustica flauta do zagal que pastoreia os rebanhos erraticos. É a visinhança do homem que o contenta no desalento de ermos tão vastos e que muitas vezes o tira da incerteza do seu rumo resignadamente confiado á philosophia velhaca e saber topographico do burro em que monta.

Tal é o ambiente e o habitat do mirandez.

Sequestrado a todo o convivio e em permanente lucta com o clima inhospito restringe-se a uma vida simples, primitiva e subordinada ás exigencias do seu meio.

É profundamente ignorante, assaz desconfiado, mas não braviamente irreductivel e até amavel e obsequioso logo que se conquiste o seu conhecimento.

Physicamente, moreno, de feições espessas, anatomia vigorosa. Moralmente um melancholico, nem outra qualidade condicionariam a sua amarga existencia de crúa labuta e os tyrannicos desabrimentos climatericos. Estes e os recursos naturaes de que dispõe, pela sua influencia decisiva, dictam o traje que não é original, na essencia, e representa uma adaptação ou repetição do das regiões montanhosas do paiz e estrangeiro. No emtanto uma tal ou qual modalidade o distingue e assignala. Lastima é que

De ce qui fut la noble demeure des évêques de Miranda, dont la série se termina avec la suppression du diocèse, pendant l'avant dernier quart du XVIII^me siècle, on retrouve à peine les murs incomplets, qui peu-à-peu tombent en ruines.

En dernier lieu, nous devons contempler tristement les restes du superbe château, qui fut commencé par Alphonse Henriques et plus tard restauré, réédifié et reconstruit par D. Denis, D. Jean I et D. Jean IV. C'était au nord-est, sur le point le plus haut que s'élevait la redoutable forteresse avec son mur d'enceinte, son fossé et son pont-levis, entourant la tour carrée d'honneur, fortement surchargée plus tard avec des accroissements de renfort. Après avoir souffert à travers les siècles la lutte acharnée avec les léonais et les castillans, elle s'abattit bruyamment le 8 mai 1762 par une horrible explosion, qui vint encore augmenter le deuil pénible et douloureux de la ville, dejà si éprouvée, depuis qu'un gouverneur militaire soudoyé, la livra traîtreusement à l'ennemi en 1710. De cette catastrophe inouie il ne resta que quelques pans de murs et une partie assez ferme de la tour centrale que D. Jean I avait fait élever, comme le prouve l'écusson fixé sur la façade sud, avec sa porte en ogive ouverte du côté de l'Espagne. L'aspect du couchant est désolant; la tour d'honneur amputée et éventrée, les autres édifications tombant en ruines, et, sur la charpente découverte des murs décharnés, un foisonnement de plantes inséparables des ruines.

Voilà tout ce qui subsiste misérablement, de cette redoutable sentinelle guerrière.

Hors des murs de la petite ville enveloppée d'ombre, de silence et de tristesse, s'étend le paysage monotone.

Au premier plan, le faubourg teinté de la verdure des enclos et des vignes, parmi le terrain rocailleux, coupé par les cours d'eau du Fresno et du Douro, celui-ci avec l'aspect tragique et sauvage des précipices, sur les rives noircies ou voilées par les jaunes-lichens et au fond desquelles le fleuve coule étranglé, trouble et bruyant.

Plus loin, jusqu'aux lointains brumeux de la perspective, sans beauté de lignes, s'étend le bistre pâteux ou estompé des terrains défrichés, la verdure des cultures et des prés, où les graminées du seigle, du blé et des pâturages, abondantes et fortes de sève, résistent aux ardeurs mortelles du soleil et se nuancent de tons fauves dominant d'abord, mais qui après les moissons se fanent peu à peu jusqu'à la tonalité morte et livide des chaumes. Des lambeaux d'arbres poussent çà et là, marquant encore les défaillances de couleur. Du reste, on n'aperçoit pas une ferme blanchissante, pas un vêtement coquet et brillant qui mette une touche joyeuse et vibrante dans l'atonie générale de cette nature sauvage, torturée par le soleil pendant les trois mois d'été, fouettée par le vent âpre, et couverte d'un linceul de neiges pendant les longs hivers.

Et cet aspect sombre et déplaisant s'étend à travers tout le plateau mirandais, si fertile, et qui comprend outre la commune principale, celles de Vimioso et Mogadouro, et une partie de la zone limitée à l'est et à l'ouest par le Douro et le Sabor.

Les villages, assez espacés les uns des autres, présentent des constructions sales, humbles et sombres, méticuleusement groupées, sans qu'une seule maison s'éloigne, et poussées par l'instinct de sociabilité et de défense commune. Les habitants se dirigent vers le travail des champs, comme une ruche partant aux alentours, pour se disperser et faire valoir le sol.

Quelquefois le voyageur, sans voir une route présentable de macadam, s'achemine au hasard par des chemins tortueux, où il rencontre par ci par là, une personne qui le relève du pénible découragement de cette solitude inconnue et taciturne. C'est avec une véritable joie qu'il écoute le grincement tardif et aigu du char à boeufs — le vénérable *plaustrum!* — avec ses hautes roues, percées de trous circulaires, le fond et les côtés complètement enfouis sous la meule des blés fauchés! Son plaisir est encore plus grand lorsqu'il entend les modulations délicates et faibles de la rustique flûte du berger, qui mène paître son troupeau, et qui lui rappèlle de poétiques souvenirs. Tel est l'ambiant et l'*habitat* du mirandais. Séparé du monde, et luttant constamment avec l'âpreté du climat, il se restreint dans une vie simple, primitive et bornée aux exigences de son milieu. Il est profondément ignorant, très méfiant, sans toutefois devenir sauvage, et même il se montre assez aimable et complaisant aussitôt qu'il a fait connaissance. Physiquement il est brun, avec les traits épais et la charpente vigoureuse. Moralement, c'est un mélancolique, et ne pourrait guère être autrement avec l'amère et dure existence qu'il mène et les tyranniques rudesses de son climat. Ces conditions ont une influence décisive sur tout son être et di-

se oblitere em proveito da fancaria citadina insufficientemente confortavel e incapaz de coiraçar e defender os organismos das inclemencias atmosphericas, como os tecidos regionaes, solidissimos e impenetraveis.

Limitando pois o descriptivo ao que, com leviandade, se diz caracteristicamente local, apurar-se-ha da simpleza d'esse vestuario montanhez feito de *enxerga*, saragoça e burel organisados com a lã das ovelhas *churras*, áparte a roupa branca de linho ou estopa que a mulher espadéla e carda, fia, ennovéla e tece.

A vestimenta d'esta reduz-se ao lenço que abafa o coiro cabelludo; ao casaco de burel ou *pardo* cuja gola debruada se reveste com o collarinho alvo da camisa; á saia de enxerga, lisa e cahindo em pregas uniformes e, por ultimo, ao collete apertado por um cordão zig-zagueante, mas que não cinge todo o torso, abrindo em angulo invertido, cujos lados partem dos seios e convergem para o vertice cahido na cintura com o fim de deixar vêr sob o casaco a faixa ou *cinta* colorida, sobreposta á camisa. Como agasalho usa a mantilha que lhe cobre a cabeça e desce abaixo do tronco.

O costume do homem, de burel e saragoça, compõe-se da jaqueta curta, do collete de trespasse, dos calções d'alçapão e polainas quando não as simples calças. Rijos sapatões ou botifarras nos pés; na cabeça um chapeu grosso ou uma *gorra* de panno, em calotte, com abas que se reviram exhibindo então os forros de côr chamados *amostras*.

Contra a chuva e contra o frio enverga as *honras* famosas. São amplos capotes de burel com capuz e um cabeção franjado.

A banda que encobre o capuz, o pingente — *a honra* — fixo ao vertice d'este, todo o campo das humbreiras — *as alêtas* — entre a franja e o gorjal e as abas e trazeiras da capa são profusamente carregados de lavores, em relevo, feitos de delgadissimos filetes da mesma fazenda. Os ornatos, d'uma barbara penuria geometrica, são tudo o que ha de mais ingenuo e simplista e revelam apenas um trabalho pacientissimo e estopante improficuamente malbaratado em mezes. D'esta morosidade na sua confecção resulta a careza do seu custo — 30 a 60$000 reis.

É, porém, um traste precioso e que se adquire por necessidade e ostentação.

Quando porventura desfila um individuo assim encapotado, atravez dos meandros desertos da cidade, faz lembrar um cenobita que, fiel ao seu dever até o ultimo instante, se obstinasse em manter a chamma sagrada no decahido lar dos seus maiores.

O mirandez pela sua incultura e pelo seu isolamento na zona montanhosa, raro ultrapassada, confina a sua actividade nas industrias pastoril e agricola e suas accessorias.

Aquella para produzir a lã com que se cobre, esta para lhe fornecer o pão com que se alimenta.

Nos serviços de tiragem, carga e transporte é auxiliado pela raça asinina — *luso africana* — tão soffredora, tão sobria e tão prestimosa, que abunda nos concelhos de Miranda e Mogadouro.

Double de velhacaria e resignação, albardada conduz os donos, com a silha leva os fardos, com os *asnaes* (cestos de vime geminados) acarreta os adubos para os campos e d'aqui as colheitas para a eira, e com a coleira é atrelada ao arado, como no Alemtejo e Algarve.

Além d'este auxiliar tem a raça bovina de perfil convexo, morphologia especial e por isso mesmo denominada *mirandeza*, se bem que se encontre na provincia hespanhola de Leão.

Das que existem no paiz é esta a mais numerosa, a mais resistente e a que dispõe de maior capacidade de trabalho, mas sem importancia lactifactora.

Para mais o apartar do resto do paiz o mirandez falla um dialecto proprio que dá a impressão d'uma hybrida mistura de castelhano e portuguez vasados no mais vicioso e corrupto plebeismo.

Conspectada succintamente em todos os seus detalhes, Miranda apparece á nossa observação como nitida illuminura dispersa do saudoso livro do Passado. Que os destinos a poupem das sevicias modernas, embora consintam que a linha ferrea do Pocinho vá vitalisar o seu territorio, muito fertil e avaro de riquezas mineraes, mas ainda envolto n'uma atmosphera nostalgica de solidão, bucolicamente, virgiliana apenas perturbada pelo brando murmurio da avena, pelo chocalhar dolente dos gados e pelo zumbido fugaz da abelha d'oiro.

Manuel Monteiro.

ctent même sa manière de s'habiller, qui n'est pas essentiellement originale et présente une adaptation ou répétition du vêtement des montagnards du pays et de l'étranger. Cependant, il adopte des modalités qui le distinguent et le signalent. C'est dommage qu'il commence à se gâter avec la pacotille des villes, insuffisamment confortable et impuissante à le cuirasser et le défendre contre les rigueurs atmosphériques, et bien moins convenable que les tissus de la contrée, qui sont solides et impénétrables.

Nous bornerons donc notre description à ce que, peut-être à tort, on nomme caractéristiquement local, et qui se compose du simple vêtement de montagnard en tissu paillasson, en drap grossier et en bure, fait avec la laine des brebis *churras*, avec le linge blanc de lin ou de chanvre que les femmes trient, cardent, filent, pelotonnent et tissent.

Les vêtements des femmes se réduisent au mouchoir dont elles recouvrent le cuir chevelu; le casaquin en bure ou en drap, dont le col est garni avec la collerette blanche de la chemise; la jupe de bure, tout unie tombant en gros plis et en dernier lieu, le corselet resserré par le cordon en zig-zag, mais qui ne ceint pas tout le torse, car il s'ouvre en angle renversé dont les côtés partent des seins et la pointe s'arrête à la taille afin de laisser voir la ceinture de couleur qui retient la chemise. Pour se couvrir, elles ont la mante qui enveloppe la tête et descend plus bas que la taille.

Le costume des hommes, en drap ou en bure, se compose de la veste courte, du gilet croisé, des pantalons à pont avec des guêtres ou des pantalons vulgaires. De gros souliers ou de grosses bottes, un grand chapeau, le béret en drap, ou la calotte avec des bords retroussés doublés de couleur.

Pour la pluie et le froid, ils mettent d'amples manteaux de bure avec un col garni de franges et un capuchon, qu'ils nomment *honras*. La bande qui cache le capuchon, le pendentif — *honra* — fixé à son extrémité, tout l'espace des épaulettes — *alêtas* — entre la frange et le gorgeron, les basques et les pans du manteau, sont profusément surchargés d'ornements en relief, faits avec de minces rubans de la même étoffe. Ces garnitures, d'une barbare pauvreté géométrique, sont tout ce qu'il peut y avoir de plus naïf et de plus simple, et révèlent à peine une œuvre de patience, ennuyeuse, avec laquelle on a gaspillé inutilement de longs mois. Cette lenteur de travail produit l'élévation du prix, qui est de 150 à 300 francs. C'est toutefois un objet précieux, que l'on achète par nécessité et par gloriole.

Quand on voit défiler par les méandres déserts de la ville un individu enveloppé dans ce manteau, on pense à un de ces cénobites qui, fidèles à leur devoir jusqu'au dernier moment, se serait obstiné à entretenir le feu sacré dans le foyer déchu de ses ancêtres.

Le mirandais, par son manque d'instruction et son isolement dans la zone montagneuse, qu'il dépasse rarement, résume toute son activité dans les industries agricoles, bergères, et leurs accessoires.

L'une lui fournit le pain dont il se nourrit, l'autre, la laine dont il se couvre.

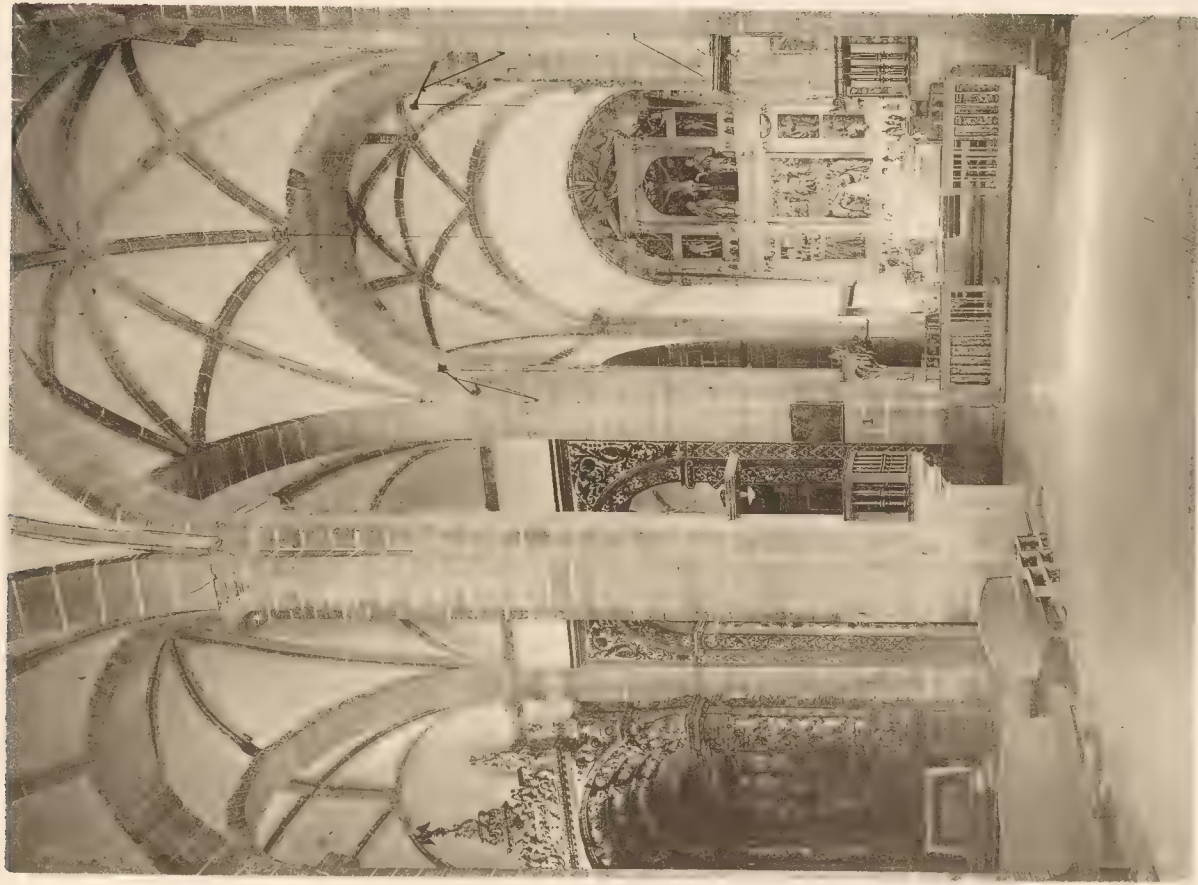
Pour les services de trait, charges et transports, il trouve un auxiliaire chez la race asinine — *luso-africaine* — si patiente, si sobre, si utile, et qui abonde dans les communes de Miranda et Mogadouro.

Ces bêtes, doublées de ruse et de résignation, sont équipées de façons diverses. Pour porter les maîtres on leur met un bât, pour les fardeaux c'est la sangle ou ventrière avec les — *asnaes* — (paniers géminés en osier), qui transportent les engrais aux champs, les moissons à l'aire; avec le collier on les attelle à la charrue, comme dans les provinces de l'Alemtejo et Algarve.

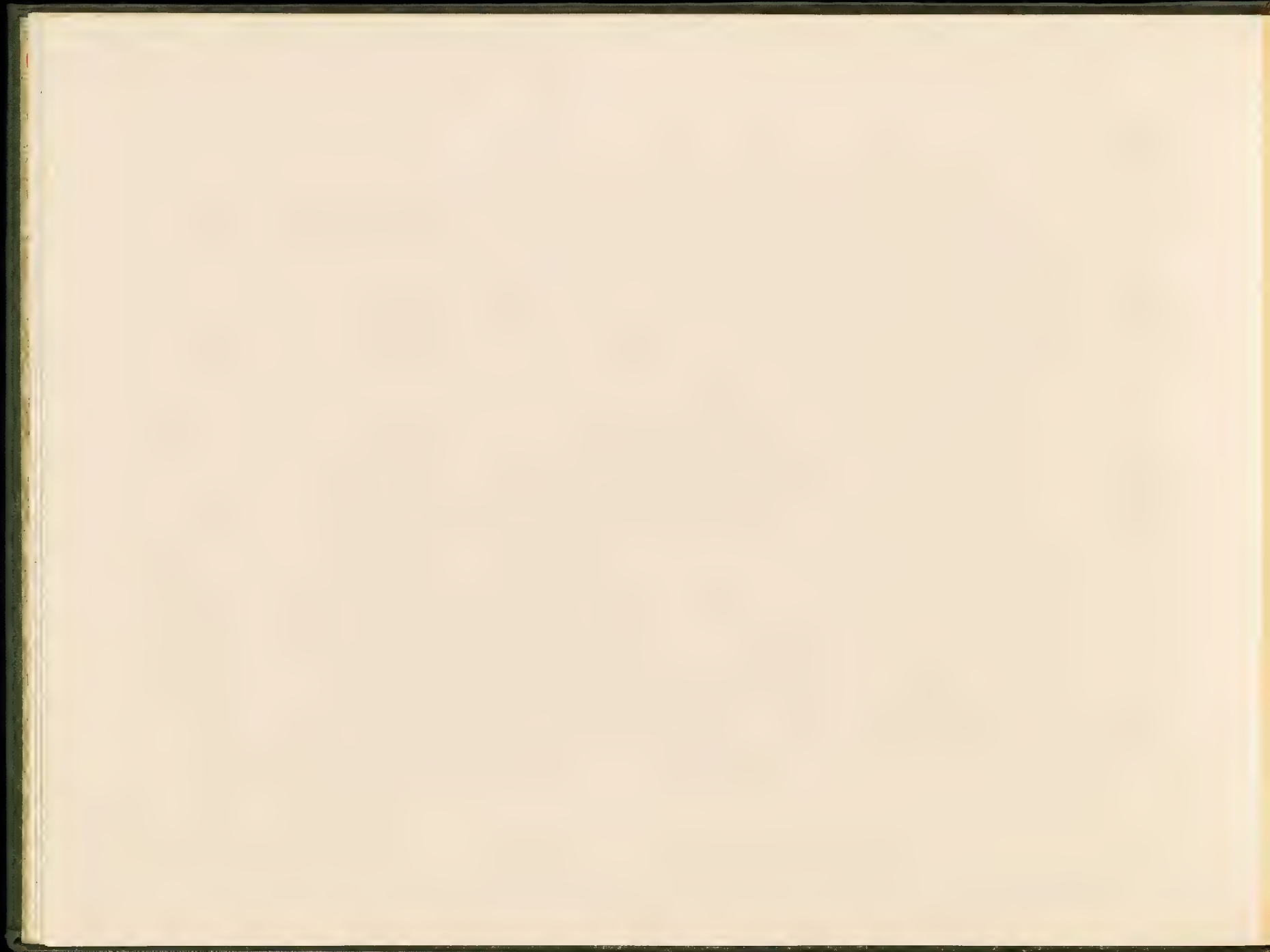
Outre cet auxiliaire, il y a encore la race bovine à profil convexe, d'une morphologie spéciale et pour cela même surnommée *mirandeza*, qu'on retrouve aussi dans la province espagnole de Léon.

De toutes les races bovines du pays, c'est celle-ci qui est la plus nombreuse, la plus résistante et qui présente les meilleures conditions pour le travail, mais au point de vue du laitage elle n'a pas d'importance. Pour l'éloigner encore davantage du reste du pays, le mirandais parle un patois qui donne l'impression d'un mélange hybride de castillan et de portugais, moulé dans le plébeisme le plus corrompu et vicieux. Observée brièvement dans tous ses détails, la ville de Miranda nous apparaît comme une image parfaite du livre du Passé, plein de doux souvenirs. Plaise à Dieu que la destinée lui épargne les sévices modernes, même après lui avoir apporté le chemin de fer du Pocinho, qui donnera une nouvelle vie à son territoire, si fertile mais avare de richesses minérales, et qui reste encore enveloppé dans une atmosphère nostalgique de solitude, bucoliquement virgilienne, à peine troublée par le doux murmure de la flûte du berger, le tintement dolent des sonnailles du troupeau et le bourdonnement fugitif de l'abeille dorée.

Manuel Monteiro.

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Interior da Sé

MIRANDA DO DOURO

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª EDITORES

Costumes mirandezes

MIRANDA DO DOURO

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Capa d'honras (costas)

Costume de mulher

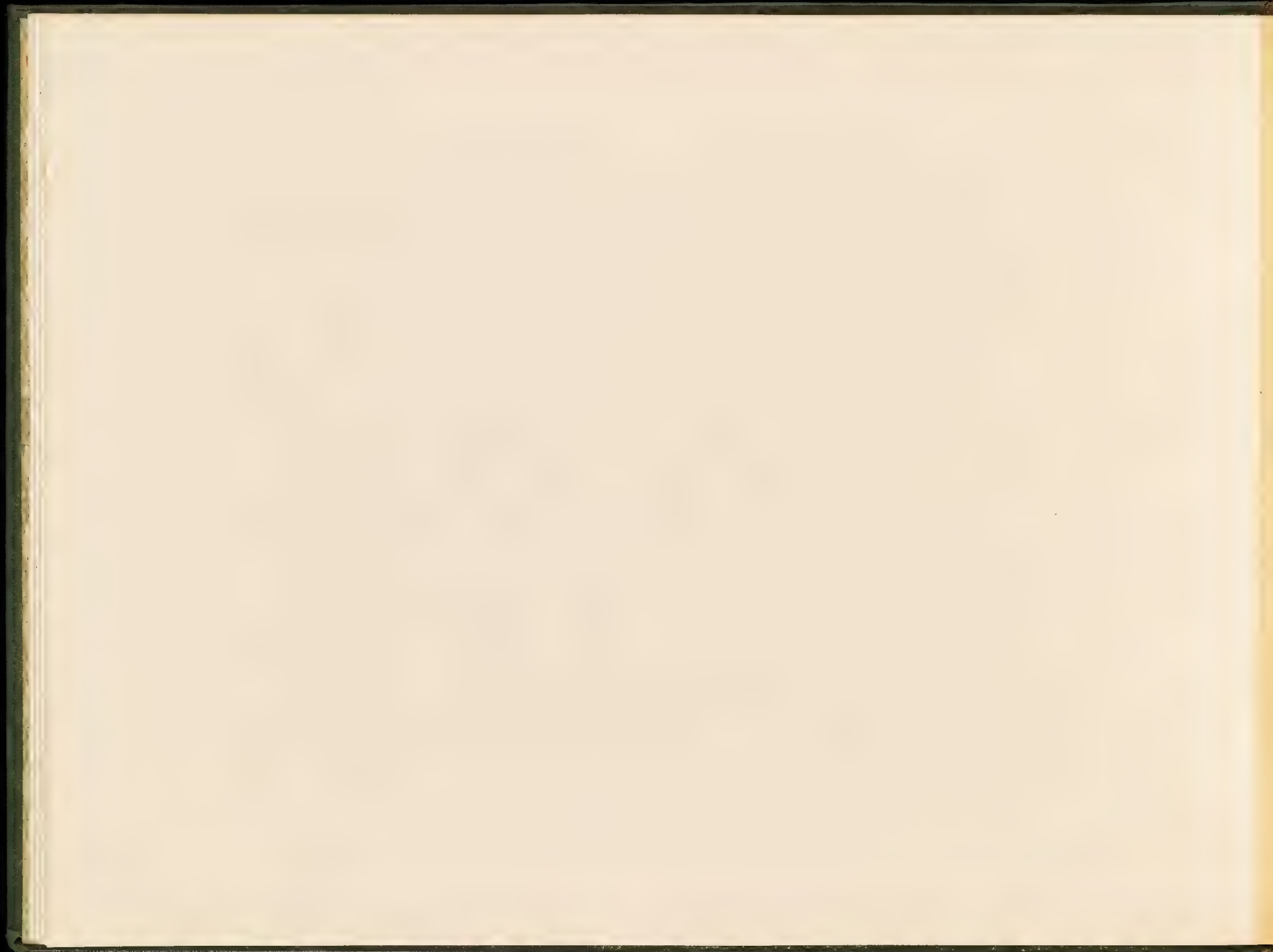
Capa d'honras (frente)

MIRANDA DO DOURO

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Colheita do centeio. Regresso da ceifa

MIRANDA DO DOURO

Villa Real

' uma agradavel cidade de provincia que, em homenagem ás suas tradições, inabalavelmente persiste em ser villa. Assenta n'um alto promontorio, avançando para sul, do macisso orographico do Amezio e rematando na confluencia dos rios Corgo e Cabril que o banham por leste e poente.

Situada n'uma boa zona rural e ponto obrigádo de passagem entre duas povoações — Regoa e Chaves — da mais consideravel importancia economica n'ella desagúa, subindo ou descendo, todo o movimento da faxa occidental de Traz-os-Montes. De resto, cabeça de comarca, séde de concelho e capital de districto, e servida desde 1906 por uma via accelerada, gìboiando na margem esquerda do Corgo, é de suppôr que o seu desinvolvimento intensamente se dilate convertendo-a n'uma terra de primeira ordem.

O caminho de ferro veio secundar e avolumar os beneficios do macadam moderno, anteriormente ao qual havia umas desoladoras estradas, serpeando por serranias ermas, onde o viandante sempre liquidava contas com o bacamarte e o bandoleiro, em pleno dia, ou entregava a sua alma a Deus na chacina tenebrosa das estalagens malditas. A via mais famigerada era a que ainda hoje se vê nos flancos do Marão, com leito de schisto superabundantemente fissilisado e distendido, como lugubre ossuario bem suggestivo das cruentas façanhas d'outr'ora. Entraram porém nos dominios da historia e relembram-se ainda, como episodios aventureiros de lenda e romance, esses assaltos bruscos, arrepelados e pavorosos, de faces glabras, espectraes e sinistras, com gritos imperativos e seccos a paralysarem a marcha das arriarias, das liteiras, das caravanas e mala-postas sobre que se apontavam as armas aniquiladoras do tempo, na exigencia ritual e dramatica de — a bolsa ou a vida! Identicamente desappareceram as tragicas poisadas, onde se escochinavam como cerdos, os malfadados caminhantes que n'ellas pernoitavam.

Mas era depois de jornada tão fertil em sobresaltos e riscos, que os felizes chegavam com anomalias cardiacas á antiga e aristocratica Villa Real cujas origens são incertas e controvertidas.

O que de seguro se affirma, quanto a estas, é que em 1272 D. Affonso III lhe outorgou um foral, perfeitamente inutil e frustre pela estricta parcimonia das garantias concedidas e em 1289 D. Diniz substituia o do *Bolonhez* por um outro — uma real *carta-pobra* — repleto de immunidades e regalias amplas e singularissimas. Entre outras se inscreviam as seguintes: o *alcaide-mór* não tinha jurisdicção a não ser no castello; o *rico-homem* e o *prestameiro* não podiam poisar mais que um dia em Villa Real e seu termo e isto quando fossem de caminho; o concelho podia acceitar quaes visinhos quizesse, salvo sendo *cavalleiros*, nomeava ou elegia os seus juizes e ficava a possuir todo o terreno em volta — a *Redonda* — n'um raio de quarto de legua, para ser dividido em courellas iguaes por todos os habitantes.

D'estes privilegios e liberalidades assaz convidativos pelo seu rasgado proteccionismo e que se extinguiram na grande reforma foraleira de D. Manuel se deduz o preconcebido intento de subtrahir a povoação nascente ás prepotencias, extorsões e vexames da aristocracia cujos coutos e honras abundavam no alfoz.

Não obstante o concreto proposito inicial do rei *lavrador* em a conservar nos dominios da corôa deu-a, em senhorio, a sua candida esposa Santa Isabel, de quem passou para as rainhas subsequentes até que depois de D. Leonor Telles teve por donatario o fidalgo João Rodrigues Porto Carreiro, cujo neto, D. Pedro de Menezes, foi elevado a conde de Villa Real, como premio do seu intrepido feito da defeza de Ceuta para que se offereceu a D. João I com a chistosa e confiada phrase: «com este *alleo* defenderei a praça da mourisma toda» [1].

Na descendencia heroica d'este heroico Menezes se conservou o titulo de Villa Real até que a familia se extinguiu pela execução patibular do setimo marquez, D. Luiz de Menezes, e seu filho D. Miguel de Noronha e Menezes, 2.º duque de Caminha, no dia 29 de agosto de 1641, por fazerem parte da celebre conspiração tramada a favor de Castella contra o primeiro dynasta brigantino.

Mas do vetusto e primevo povoado de D. Diniz apenas sobrevive o solo em que se fundou, alcu-

---

[1] Veja-se o n.º 41 d'esta Revista, em que a proposito do tumulo do egregio fidalgo, o distincto collaborador Zephyrino Brandão relata, com precisão, o notorio episodio historico.

Villa Real

HARMANTE ville de province, mais ne voulant pas déroger à ses traditions, elle persiste à être toujours un bourg. Villa Real repose sur un promontoire élevé de la chaîne de montagnes de Amezio, qui s'avance vers le midi, se terminant à l'endroit de la jonction des deux fleuves Corgo et Cabril, qui le baignent à l'est et à l'ouest.

Sa situation rurale est des meilleures, et, se trouvant le point de passage obligé entre les deux villes de Régua et Chaves, qui ont une considérable importance économique, tout le mouvement de la zone occidentale de Traz-os-Montes y afflue, soit en montant ou en descendant. D'ailleurs, comme chef-lieu de canton, siège de la commune, et capitale du district, desservie depuis 1906 par le chemin de fer qui serpente sur la rive gauche du Corgo, il est probable que son développement s'accentue chaque jour davantage et qu'elle devienne une ville assez importante.

Le chemin de fer est venu augmenter et seconder les bienfaits des routes modernes, avant lesquelles il n'y avait que des chemins affreux zig-zaguant par les montagnes désertes, où le voyageur, même en plein jour, se trouvait aux prises avec les brigands et les espingoles, ou rendait son âme à Dieu dans le massacre ténébreux des auberges maudites. La plus fameuse route était celle que l'on voit encore aujourd'hui sur les flancs du Marão, avec son lit de schiste abondamment fissilisé et distendu, comme un lugubre ossuaire rappelant bien les cruelles prouesses d'antan. Mais celles-là appartiennent aux domaines de l'histoire et, comme d'aventureux épisodes de roman et de légende, on se souvient encore de ces brusques assauts, violents et épouvantables, de ces faces glabres, sinistres et spectrales qui avec des cris impératifs et secs, paralysaient la marche des bêtes, des litières, des caravanes et des diligences sur lesquelles se dirigeaient les armes destructrices de l'époque avec l'exigence dramatique et rituelle de — la bourse ou la vie! Les tragiques auberges, où les malheureux voyageurs, qui s'arretaient pour passer la nuit, étaient massacrés comme des pourceaux, ont également disparu.

Mais c'était toujours après un voyage plein de risques et de surprises, que les plus heureux arrivaient avec des anomalies cardiaques à l'ancienne et aristocratique Villa Real, dont les origines sont incertaines et controversées.

Sur ce point, ce que l'on assure de plus clair, c'est que, en 1272, D. Affonso lui accorda une charte, tout à fait inutile et vaine à cause de la stricte parcimonie des garanties accordées, et en 1289, D. Diniz remplaçait celle du *Bolonhez* par une autre — une royale *carta-pobra* — pleine d'immunités et de privilèges, très amples et des plus singuliers. Entre autres, on y trouvait celui-ci: le *alcaide-mór* (gouverneur) n'avait d'autre juridiction que celle du château; le *rico-homem* (propriétaire) et le *prestameiro* (usufruitier) ne pouvaient s'arrêter plus d'une journée à Villa Real et la banlieue et cela même lorsqu'ils y seraient de passage; la commune pourrait accepter les voisins qui lui plairaient, sauf les *cavalleiros* (chevaliers), elle nommait et élisait ses juges et restait en possession de tous les terrains d'alentour — la *Redonda* — sur un rayon d'un quart de lieue, afin de les partager, en portions égales, par tous les habitants. De tous ces privilèges et libéralités si engageantes par leur généreux protectionnisme, et qui furent supprimés lors de la grande réforme des chartes par D. Manuel, on déduit l'intention préconçue de soustraire le bourg naissant aux abus, aux extorsions et aux vexations de l'aristocratie dont les propriétés et les honneurs abondaient dans la contrée.

Malgré le fixe et premier dessein que le roi *laboureur* eût de conserver Villa Real dans les domaines de la couronne, il la donna en seigneurie à sa candide épouse Sainte Isabelle; elle passa ensuite à toutes les reines qui survinrent jusqu'après D. Leonor Telles, où elle fut donnée au noble João Rodrigues Porto Carreiro, dont le petit fils, D. Pedro de Menezes, fut nommé comte de Villa Real en récompense de son action d'éclat lors de la défense de Ceuta. Ce fut lui-même qui se présenta à D. João I avec cette phrase plaisante et hardie: «avec cette massue je défendrai la place contre tous les maures.» [1]

Le titre de Villa Real s'est maintenu dans la descendance héroïque de cet heroïque Menezes

---

[1] Voir le nº 41 de cette Revue, où notre distingué collaborateur Zephyrino Brandão, décrit avec précision le remarquable épisode historique, à propos du tombeau de cet illustre gentilhomme.

nhando-se de Villa Velha o espaço por elle outr'ora occupado. Eliminaram-se as torres e muralhas que soberbamente o coiraçavam, substituiram-se os casebres que o compunham, transformou-se a igreja que lhe alimentava a fé. Favorecido por especiaes condições de vida tornava-se-lhe o ambito inicial incapaz de comportar a sua acção e crescimento: transpoz então o cerco dos seus muros defensivos e estendeu-se para norte e nordeste com desembaraçado arrojo. E a sua expansão e melhoramento continuos de tal forma se teem feito, que offerece hoje, ao primeiro exame, todo o aspecto d'um aggregado novo, com os seus vastos largos arborisados e ajardinados, com os seus vistosos passeios recreativos, com o seu mercado metalico, com a sua illuminação electrica, com a sua avenida procedente da estação e prolongada pela galante e alta ponte de ferro sobre o Corgo, que liga a margem esquerda com a direita onde repoisa a cidade. Para que mais se accentue no espirito do observador essa nota de civilisação, a par dos indiculos do progresso material, outros se divisam, respeitantes ao intellectual e affectivo. Ora, na realidade, uma terra só progride, quando não descura os interesses da intelligencia e da moral social. Mas em Villa Real, com effeito, varios estabelecimentos e institutos de educação, ensino e beneficencia testificam esse desinvolvimento.

No emtanto, apezar do modernismo, tem essa feição typica que um inquerito attento discrimina. Emergente de velhos habitos, essa caracteristica, assaz pittoresca e original, reside no profuso numero de rotulas que ostenta o casario.

Asymetricamente e desniveladas, resaltam, avolumam-se e penduram-se das frontarias, mais sahidas umas, mais recolhidas outras, estas mais bojudas, mais flacidas, aquellas menos bazofientas, mais timidas, mais seresmas. No geral, revestem a varanda até ao peitoril ou defendem a janella no alinhamento da parede; certas, porém, fecham inteiramente o balcão, crivam a luz para o interior e permittem aqui a mais absoluta semcerimonia compativel com a mais discreta liberdade de vistas sobre o scenario da rua, salvo, quando uma aguilhoante curiosidade, uma pontinha de presumpção ou um arrulho sentimental obrigam á abertura das portadas. D'este typo de decoração Renascença existem dois exemplares completos e outros tantos profundamente mutilados e de todo perdidos. Do primeiro subsistem innumeros specimens e ainda hoje constituem regra: de gelosia encanastrada sómente, ou com os alçapões de gelosia e o resto de madeira apainelada, ou vice-versa, destinam-se a subtrahir nos olhares irrespeitosos, de fóra, as donas de casa sentadas no tamborete ou na esteira, fazendo meia, *crochet*, ou costurando, e investigando tudo o que se passa na visinhança dos seus lares. Frequentemente se vê, atravez das portinholas entreabertas, uma face idosa e placida olhando com bonhomia e doçura, ou um par d'oculos veneraveis cavalgando o nariz verrugoso d'um rosto coscovilheiro esquadrinhando com insatisfeita e gulosa attenção o movimento publico das arterias.

Revivem e suggerem o predominio freiratico, a vida conventual, com o seu recato curioso, o seu retrahimento ávido d'exteriorisação, a sua pudicicia velhaca.

Além d'este frisante detalhe constructivo, que dá tanto caracter á nobre terra trasmontana, outros se revelam d'uma indiscutida generalidade na velha habitação nacional, como as graciosas janellinhas d'angulo.

Mas se de taes pormenores, impressivos e frisantes, que espelham uma indole radicada, um subjectivismo tradicional e incorrupto, o forasteiro alargar a sua investigação a definidas expressões architectonicas achal-as-ha.

Pondo de parte as do seculo XVIII, tanto as vivendas senhoriaes d'um conhecido schema commum, como as vulgares que além da rotula assente em cachorros de madeira teem o beiral muito saliente e a porta agachada e larga, offerecem-se, para uma captivante analyse, dois predios manuelinos sitos no *Campo do Tabolado* e na rua de *Antonio d'Azevedo Castello Branco*. O d'ali com a silharia núa e tostada, portas com chanfro, janellas em arco de cintro pleno, ameias ao alto; o d'aqui, ainda mais interessante, com a escada exterior reentrante, com as aberturas ornamentadas, com capiteis e misulas historiadas. Este habitavel; aquelle deserto e em ruina.

Da architectura civil logicamente se transita para a religiosa, infelizmente, a verdadeira depositaria das faculdades artisticas d'um povo atravez da sua longa caminhada secular.

O edificio mais notavel é a igreja gothica de S. Domingos. Das adulterações que soffreu, a principal foi a substituição da capella-mór. Ás sevicias produzidas pela novidade accrescem as que lhe advieram com o criminoso incendio lançado ao convento nos meados do seculo XIX.

jusqu'à ce que la famille s'éteignit par la mort, sur l'échafaud, du septième marquis, D. Luiz de Menezes et de son fils D. Miguel de Noronha e Menezes, 2^e duc de Caminha, le 29 Août 1641, qui faisaient partie de la fameuse conspiration en faveur de Castille contre le premier roi de la dynastie de Bragança.

Mais de la primitive et ancienne bourgade de D. Diniz, il reste à peine le sol où elle a été fondée; l'on nomme Villa Velha l'emplacement qu'elle a occupé jadis. On a démoli les tours et les murs qui la défendaient orgueilleusement, on a remplacé les masures qui la composaient et restauré l'eglise où elle puisait sa foi. Les conditions les plus favorables, rendirent plus tard l'espace initiel incompatible avec son développement et son progrès; elle passa au delà de ses murs de défense et s'étendit au nord et au nord-est avec une hardiesse inouie. Son expansion et ses améliorations continuelles ont été telles, qu'aujourd'hui au premier abord, avec ses vastes et agréables promenades, son marché en fer, l'éclairage électrique, son avenue qui vient de la gare et se prolonge sur le haut et beau pont de fer du Corgo, reliant la rive droite à la gauche, où se trouve la ville, et ses grandes places pleines d'arbres et de jardins, elle présente l'aspect d'une ville moderne. Cette phase de civilisation est encore accrue dans l'esprit de l'observateur, par d'autres indications de progrès, non seulement au point de vue matériel, mais intellectuel et affectif. En effet pour qu'un pays se civilise tout à fait il faut qu'il s'occupe des intérêts de l'intelligence et de la morale sociale, et l'on voit à Villa Real beaucoup d'établissements d'éducation, d'instruction et de bienfaisance qui témoignent de son développement.

Toutefois, malgré son modernisme, elle présente ce cachet typique, qu'un examen attentif découvre. La grande profusion de jalousies en treillis de bois qui ornent les fenêtres des maisons, selon l'ancienne mode, en est un des caractères les plus pittoresques et originaux.

Sans symétrie et à des hauteurs variées, elles ressortent, agrandissent et se penchent sur les façades, les unes plus en dehors, d'autres plus recueillies, celles-ci plus ventrues et ramollies, celles-là plus timides, effacées et sans prétention. Ordinairement elles garnissent les balcons jusqu'à l'appui ou protègent la fenêtre sur l'alignement du mur; il y en a qui ferment entièrement le balcon, criblant la lumière à l'intérieur, et alors elles permettent la plus entière liberté, avec la faculté discrète de pouvoir observer tout ce qui se passe dans la rue, sauf quand une curiosité aiguë, un peu de coquetterie ou une pointe de sentiment obligent à ouvrir les volets. Il existe deux exemplaires complets de ce type de décoration Renaissance, beaucoup d'autres sont profondément mutilés ou tout à fait perdus. Du genre que nous avons premièrement décrit on voit de nombreux spécimens, c'est presque la règle générale: jalousie en treillis seulement, ou alors avec les trappes en treillis et le reste en lambris de bois, ou vice-versa, destinée à soustraire aux regards irrespectueux du dehors les maitresses de maison assises sur les tabourets ou les nattes, travaillant à leur tricot ou leur crochet, cousant, ou furetant tout ce qui se passe dans le voisinage. On perçoit souvent, à travers les volets entr'ouverts, des vieilles figures paisibles, regardant avec bonhomie et douceur, des paires de lunettes vénérables enfourchant un nez verruqueux au milieu d'un visage ridé et fureteur que examine avec une attention goulue et inassouvie le mouvement de la voie publique.

Elles revivent et rappèlent l'influence monastique, la vie conventuelle avec sa curiosité discrète, son effacement avide de paraître et sa pudicité sournoise. Outre ce frappant détail de construction qui donne tant de cachet à cette noble ville, d'autres encore se révèlent avec une indiscutable généralité, dans les vieilles habitations nationales, par exemple, les gracieuses fenêtres d'angle.

Mais si le voyageur, après ces détails, impressionnants et frapppants qui sont l'image d'un caractère invétéré, d'un joug traditionnel et incorruptible, veut étendre son examen à des expressions définies d'architecture, il les trouvera également. Sans parler de celles du XVIII^{me} siècle, les maisons seigneuriales d'un schema commun et connu, de même que les plus vulgaires qui, outre les jalousies posées sur des appuis de bois, ont le rebord du toit très saillant et la porte large et aplatie, il y a deux maisons de style manuelino, situées au *Campo do Tabolado* et rue *Antonio d'Azevedo Castello Branco*, qui se prêtent à une attrayante analyse. Celle-là avec la pierre nue et brûlée, les portes échancrées, les croisées ouvertes en plein cintre, et des créneaux en haut; celle-ci plus intéressante encore avec l'escalier extérieur en retrait, les ouvertures ornementées, des chapiteaux et des colonnes ouvragés. Cette dernière est habitable, l'autre est ruinée et déserte. On passe logiquement de l'architecture laïque à la religieuse, qui malheureusement est la véritable exposante des facultés artistiques d'un peuple à travers son long trajet séculaire.

De fabrica modesta, a sua fundação remonta ao primeiro quartel do seculo xv, data em que a arte ogival tinha attingido a sua plena maturidade.

No frontispicio abre-se o portico incolume, da mais estricta simplicidade com tres columnelos por lado e igual numero d'archivoltas lisas. Sob as cornijas, as filas dos modilhões á maneira romanica. Este mero accidente architectural evidencía como é poderoso o apêgo aos moldes e preceituações herdadas. O anachronismo accentua-se, mas o proposito conciliador é com tão sympathica franqueza deduzido na adaptação d'esse elemento laborado conforme um estadio artistico extincto, que de boa vontade se absolve.

Compõe-se a igreja de tres naves — a do meio sobrepujando as adjacentes — que se communicam, por banda, por outros tantos arcos em ogiva, vendo-se sobre cada um d'elles, no clerestory, as frestas interceptadas que outr'ora derramavam luz na central. Quasi á mesma altura d'esta se ergue o transepto.

Notam-se illogismos e titubeamentos constructivos, presentindo-se que não se realisou o plano inicialmente meditado, talvez por incompetencia do architecto ou por difficuldades financeiras, inherentes á intermittencia dos estipendios regios e ás magras bemfeitorias dos poderosos titulares da villa.

O que surprehende e encanta, porém, é o naturalismo d'uma viva intencionalidade que se expende nos capiteis amenamente modelados. N'elles se lobrigam, atravez do caiaço, bustos, com perfis adoraveis e d'uma correcção magnifica, irrompendo d'entre cortinados de folhagem; figuras, como o sacerdote e o guerreiro, que resumem classes sociaes, então, de preponderante supremacia; scenas colhidas em flagrante: o caçador de lança, occulto detraz da arvore, esperando o javardo insuspeitoso, e os vindimadores colhendo as uvas na vinha com um gesto de meiguice e caricia que as acompanha até ás cestas vindimeiras...

É certo que o desvio do modulo, o encolhimento e a ingenuidade se congregam n'esta exhibição plastica: mas ella é tão sentida, tão sincera e tão espontanea que constitue um documento fiel e precisamente interpretativo d'um regionalismo medievo, insusceptivel de melhor se fixar e traduzir. Eis o seu grande valor.

Antes de se deixar o templo do antigo convento dominicano bom será, por instantes, demorar os olhos sobre dois sarcophagos ogivaes, embutidos em arcos nas paredes do evangelho e da epistola do corpo da igreja. Esses modestos exemplares d'arte funeraria encerra as cinzas de pessoas heraldicas.

Ao cimo do *Campo do Tabolado* fica a *Praça de Camões* fechada a poente pelo convento de Santa Clara erigido nos primeiros annos do seculo xvii. O que mais importa n'este edificio de renascimento definhado são os azulejos de tapete e cercadura e os da capella-mór imitando pedras preciosas.

Derivando d'aqui para a direita e ascendendo, outra igreja se depara approximadamente da mesma época: é a de S. Pedro com talha excellente nos caixotões dos tectos, sobretudo no da capella-mór forrada com azulejos polychromicos, onde se lê o nome do bemfeitor que ordenou a obra e a data de 1692.

Mais ao alto espraia-se o *Largo do Pioledo* com a capella do Espirito Santo para aqui removida e depois expressamente barrada com o frontispicio actual e convertida em armazem.

Deploravel o duplo feito que barbarisou e inutilisou a pequenina construcção, coroada d'ameias, com a galilé constituida pelos dois arcos ogivaes geminados, lateralmente abertos, cujos capiteis contêm uma decoração fina e risonha accusando affinidades com os de S. Domingos.

No ponto dominante da cidade está a capella de Santo Antonio, azulejada em 1642, tendo á frente o seu vasto alpendre seguro em doze columnas.

Parallelamente fica o terreiro do Calvario, notavel pelo panorama grandioso que d'ahi se desfructa. O quadro, soberbo e desafogado, é rico de tons e valores magnificamente distribuidos nos multiplos planos que se estendem até ás alterosas arestas das derradeiras montanhas que fecham o circulo do horizonte e onde, para a perspectiva, remata a sombria solidez da terra e principia a claridade imponderavel do céo.

Menos dilatado, mas talvez mais impressivo é o que se contempla do cemiterio no extremo do cabo onde estava situada a villa primitiva. Pelo nascente a vista cae desabaladamente para a profunda corrente do Corgo que se precipita com tumulto, por quedas successivas, em massa lactea, alvissima,

L'église gothique Saint Dominique est l'édifice le plus remarquable. De toutes les restaurations dont on l'a accablé, la principale a été le remplacement du sanctuaire. Aux dégâts produits par le modernisme, s'ajoutent ceux qui ont résulté de l'incendie criminel qui eut lieu au couvent, vers le milieu du xix^{me} siècle. Le bâtiment, de facture simple, fut fondé pendant le premier quart du xv^{me} siècle, époque où l'art ogival avait atteint sa complète maturité.

Le portail intact, de la plus stricte simplicité avec trois colonnettes de chaque côté et autant d'archivoltes unies, s'ouvre sur la façade. Sous les corniches, des rangées de modillons à la manière romane. Ce simple accident architectural montre bien le puissant attachement aux préceptes et aux modèles légués. L'anachronisme s'accentue, mais l'intention conciliatrice est perçue avec une franchise si sympathique, dans l'adaptation de cet élément, employé d'après des régles astistiques disparues, qu'on le pardonne de bon cœur.

L'église a trois nefs, — celle du milieu plus haute que les collatéraux qui se communiquent par les côtés, par le même nombre d'arcades en ogive; au dessus de chacune, dans le clerestory, on a intercepté les croisées qui repandaient autrefois la lumière au centre du temple. Le transept s'élève presque à la même hauteur que la nef du milieu. On remarque des illogismes et des hésitations de construction, démontrant que l'on n'a pas exécuté le plan initiellement conçu, par manque d'adresse de l'architecte ou faute de moyens, comme il arrivait souvent avec l'intermittence des dons royaux et les maigres oboles des puissants titulaires de la ville.

Mais ce qui charme et surprend, c'est la naturalité bien manifeste, qui s'épanche sur les chapiteaux doucement modelés. À travers les replâtrages on y découvre des bustes au profil adorable, d'une correction parfaite, émergeant de rideaux de feuillage; des figures, comme celle du prêtre et du guerrier, qui résument des classes sociales, alors suprêmement prépondérantes; des scènes prises sur le vif: le chasseur avec sa pique, caché derrière l'arbre, guettant le sanglier insouciant, et les vendangeurs cueillant les raisins dans la vigne et les suivant des yeux avec un geste de douceur et de tendresse, jusqu'aux paniers où ils vont tomber.

Il est certain que le dessin incorrect, hésitant et naïf se présente dans ce tableau plastique; mais il est si plein d'âme, si sincère et si spontané, qu'il constitue un document fidèle et interprêtant précisément le régionalisme du moyen âge, que l'on ne saurait mieux fixer et traduire. C'est son plus grand mérite. Avant de quitter le temple de l'ancien couvent dominicain, nous devons arrêter nos regards pendant quelques instants, sur deux sarcophages gothiques enchâssés en arceaux, sur les murs du côté de l'évangile et de l'épître, dans la partie principale de l'église. Ces exemplaires modestes de l'art funéraire renferment les cendres de personnes nobles.

En haut du *Campo do Tabolado* se trouve la *Praça de Camões* limitée à l'ouest par le couvent de Sainte-Claire construit pendant les premières années du xvii^{me} siècle. Ce qu'il y a de plus intéressant dans cet édifice d'une renaissance chétive, c'est le tapis et la bordure en faïences, et celles du sanctuaire imitant des pierres précieuses.

Tournant vers la droite, et en montant, on voit une autre église, à peu près de la même époque: c'est celle de Saint-Pierre, avec de belles boiseries aux caissons des voûtes, surtout celle du sanctuaire qui est revêtue de faïences polychromes, sur lesquelles on lit le nom du bienfaiteur qui a fait construire le temple, avec la date de 1692.

Plus haut, s'étend le *Largo do Pioledo* avec la chapelle du Saint-Esprit transférée ici, que l'on a fait plus tard barrer expressément avec la façade actuelle, et transformer en magasin.

Double et déplorable résolution qui a abîmé et inutilisé ce petit édifice couronné de créneaux avec le jubé composé de deux arcades ogivales géminées, ouvertes sur les côtés, et dont les chapiteaux sont ornés d'une décoration fine et agréable rappelant ceux de Saint Dominique.

Sur le point le plus élevé de la ville on voit la chapelle de Saint-Antoine avec des faïences de 1642 et, en avant, le vaste porche soutenu par douze colonnes.

La place du Calvaire, remarquable par le beau panorama que l'on y découvre, est située parallèlement. Le paysage, superbe et étendu, est riche en tonalités et en coloris magnifiquement distribués sur la quantité de plans qui s'étendent jusqu'aux hautes cimes des lointaines montagnes fermant le cercle de l'horizon, où s'arrête la sombre masse de terre et commence l'immensité du ciel.

Mais la vue que l'on contemple du cimetière à l'extrémité du cap où était la ville primitive, est

referventе, no leito estrangulado entre as arribas pedregosas que adentram, avançam ou inflectem n'um capricho bizarro e extravagante. Nos pendores, medonhas cristas de schisto amarellecido galgando n'um arripio de linhas que orlam pequenas pregas, ravinas e socalcos, onde se enristam pennachos de pinheiral, esmaltam nesgas de vinha, leiras de milho e centeio e retalhos d'horta. Ainda na margem d'além, n'uma dobra minuscula, enfileira-se um bando de moinhos movidos pelo mesmo jacto d'agua, espumosa, esbranquiçada, resvalando no fundo da negra estria, até baralhar se com o rio, produzindo um sussurro perenne modulado pelo vento.

Costeando o cemiterio para sul vê-se a juncção do Cabril com o Corgo que perfura o macisso de montanhas convergindo para o seu curso torturado n'uma interpenetração indefinida e crescente. Contornando para leste, desapparece o medonho alveo cavado na penedia anfractuosa, pardacenta, esverdinhada, para dar logar ao idyllico e mimoso valle do Cabril que corre sinuoso e sumido por entre a bacia de verdura, cheia de alegres manchas, e que se demarca ao longe pela airosa torre de Quintella, assente n'uma fraga nas abas dos contrafortes da serra do Marão.

A atalaia feudal, pertencente aos condes de Vimioso, embora vasia, tem a apparencia de sustentar ainda, com firmeza e sobranceria, a defensão do dominio envolvente, assaz penetrado d'um bucolismo sereno e doce.

Resta dizer do *Solar de Matheus*, o magnifico palacio dos actuaes condes de Villa-Real. Excellentemente o descreveu já, n'um primoroso relevo de fórma, o illustre romancista snr. Abel Botelho. Nenhuma penna seria a tal respeito mais artistica e erudita que a do notavel escriptor. Sigamol-o pois: «Matheus é uma formosissima aldeia transmontana, toda bordada a milharaes, hortas, vinhedos e povoada de mattas abundantes, e transposto o Corgo, sita a 5,5 kilometros a N. E. de Villa-Real. E escusado será relembrar que este nome de Matheus ficou perduravelmente assignalado na historia patria, desde a existencia do benemerito morgado de Matheus, o fanatico camonista que, a expensas suas, levou a effeito, e dadivosamente espalhou, a edição monumental dos *Lusiadas*, conhecida pelo seu nome, e que é a mais opulenta, a mais artistica e condigna moldura que ainda foi feita a este poema immortal.»

«A grande casa senhorial de Matheus, hoje propriedade e residencia habitual dos snrs. condes de Villa Real, tem em planta a fórma d'um H, do qual as duas pernas fossem ainda ligadas, n'um dos extremos, por um outro corpo transversal. O seu estylo architectonico, em geral sóbrio e symetrico, apresenta na balaustrada e escadaria da frente, e nas respectivas estatuas, tudo trabalhado em granito, os caracteres *barôcos*, e as demasias de ornamentação e a assoprada abundancia de roupagens que ficaram distinguindo a degenerescencia fradesca da *renascença* em Portugal. Sob este ponto de vista, direi até que as quatro grandes figuras symbolicas e o tympano da fachada principal, bem como os coruchеus que, sobre o telhado, prolongam as pilastras das esquinas, são exemplares typicos.»

«Mas está o leitor a vêr que, primitivamente, a disposição interior de cada uma das suas extensas alas, (as duas pernas do H) seria uma successão rectilinea de salões, perfeitamente enfiados, d'um a outro extremo, e cujo córte severo e amplo tomava assim uma ampliação senhorial, no alongamento inflexivel da perspectiva. O que porém não é facil imaginar-se é o accentuado cunho fidalgo como em cada um d'esses salões realçam as suas linhas de grandeza. Não se imagina o effeito, a emoção, a um tempo de esmagamento e de prazer, com que nos subjugam o espirito, fortemente alheiado pelas saudosas suggestões do passado, aquelles magnificos tectos de castanho, assentando em peanhas entalhadas, todos em artezões floridos, e aquella parcimonia de luz, aquellas paredes singelas como a fé, aquelles grandes armarios decorativos, aquellas sobreportas maravilhosas, de castanho tambem, de dimensões colossaes, todas em rica obra de talha, lavradas em emblemas heraldicos e figuras allegoricas.»

Seductor seria acompanhar a narrativa do rico e luxuoso mobiliario e a descripção da imponente capella delineada na mesma inspiração architectural, do seculo XVIII. Cumpre, porém, não devassar mais o magestatico recolhimento do vasto e solitario palacio.

Manuel Monteiro.

peut-être encore plus impressionnante quoique moins vaste. Au levant les regards s'abaissent démesurément sur le courant profond du Corgo, qui se précipite tumultueusement, de chute en chute, formant une masse laiteuse, blanche et bouillonnante, sur le lit qui l'étrangle entre les rives escarpées, qui reculent, s'avancent, ou se replient d'une manière capricieusement bizarre et extravagante. Sur les pentes, d'effrayantes crêtes de schiste jauni, bondissent en un hérissement de lignes, bordant les moindres replis, les ravins et les tertres, où se dressent les panaches des pins, au dessus de l'émail verdoyant des vignes, des champs de maïs et des petits potagers. Sur la rive opposée, on voit encore dans un petit repli du terrain, une rangée de moulins, tournant sur le même cours d'eau, écumante et blanchâtre, qui dévale au fond du sombre creux et va se perdre dans le fleuve, avec le même murmure continuel, modulé par le vent. Vers le sud, en cotoyant le cimetière on aperçoit la jonction du Corgo et du Cabril perçant la masse des montagnes, et suivant vers son cours tourmenté, avec une interpénétration toujours croissante et indéfinie. Tournant à l'est, le lit effroyable, creusé dans les rochers anfractueux, grisâtres et verdissants, disparait pour faire place à la charmante et poétique vallée du Cabril qui court sinueusement et effacée à travers le bassin de verdure, agréablement émaillé, et limité au loin par la jolie tour de Quintella posée sur un rocher, sur le versant de la chaine du Marão.

La redoute féodale, appartenant aux comtes de Vimioso, quoique déserte, a l'air de vouloir maintenir encore, avec orgueil et fermeté, la défense du domaine qui l'entoure, et qui paraît bien pénétré d'un tranquille et doux bucolisme.

Il nous reste à parler du *Manoir de Matheus*, magnifique palais des actuels comtes de Villa Real. Le grand romancier Mr. Abel Botelho, l'a déjà remarquablement décrit, dans un de ses précieux ouvrages. Personne ne pourrait s'en occuper d'une manière plus artistique et savante. Citons-le donc: «Matheus est un très beau village de Traz-os-Montes, tout brodé de champs de maïs, de potagers et de vignobles, peuplé de magnifiques forêts, et situé à 5 kilomètres et demi au nord-est de Villa Real, de l'autre côté du Corgo. Inutile de rappeler que ce nom de Matheus est resté éternellement signalé dans l'histoire de la patrie dès l'existence du bienfaisant *aîné* des Matheus, fanatique admirateur de Camões, qui, à ses frais, fit publier et répandre profusément, l'édition monumentale des *Lusiades*, connue sous son nom, et qui est le cadre le plus digne, le plus opulent et le plus artistique que l'on a fait à ce poème immortel.»

«La grande maison seigneuriale de Matheus, devenue la propriété et demeure habituelle des comtes de Villa Real, a, sur le plan, la forme d'un H dont les deux bras seraient reliés à une des extremités, par un bâtiment transversal. L'architecture, en général symétrique et sobre, présente, sur la balustrade, l'escalier de la façade, et les statues qui l'ornent, le tout travaillé en granit, les caractères *baroques*, les excès d'ornements et l'abondance boursouflée de draperies qui ont marqué la dégénérescence monastique de la *Renaissance* en Portugal. Sous ce point de vue je suis même d'avis que les quatre grandes figures symboliques, le tympan de la façade principale, et les flèches qui prolongent sur les toits les piliers d'angle, sont des exemplaires tipiques.»

«Mais le lecteur pense bien que, primitivement, la disposition de ces longues ailes de bâtiment, les deux bras de l'H, devait être une enfilade recte de salles, se succédant d'un bout à l'autre, et dont la disposition sévère et vaste prenait un air de grandeur seigneuriale, dans le prolongement inflexible de la perspective. Mais ce que l'on ne peut imaginer, c'est le cachet de suprême distinction qui fait resortir les lignes grandioses de chacune de ces salles. On ne saurait décrire l'effet, l'émotion, et en même temps la frappante sensation de plaisir qui nous envahit l'esprit, forcément épris de ces belles suggestions du passé, lorsque nous contemplons ces magnifiques plafonds en bois de marronnier, soutenus par des piliers sculptés, avec leurs nervures fleuries, et cette discrète clarté, ces murs simples comme la foi, ces grandes armoires décoratives, ces dessus de portes merveilleux, également en châtaignier, de dimensions colossales, tout cela richement travaillé, et orné d'emblêmes héraldiques et de figures allégoriques.»

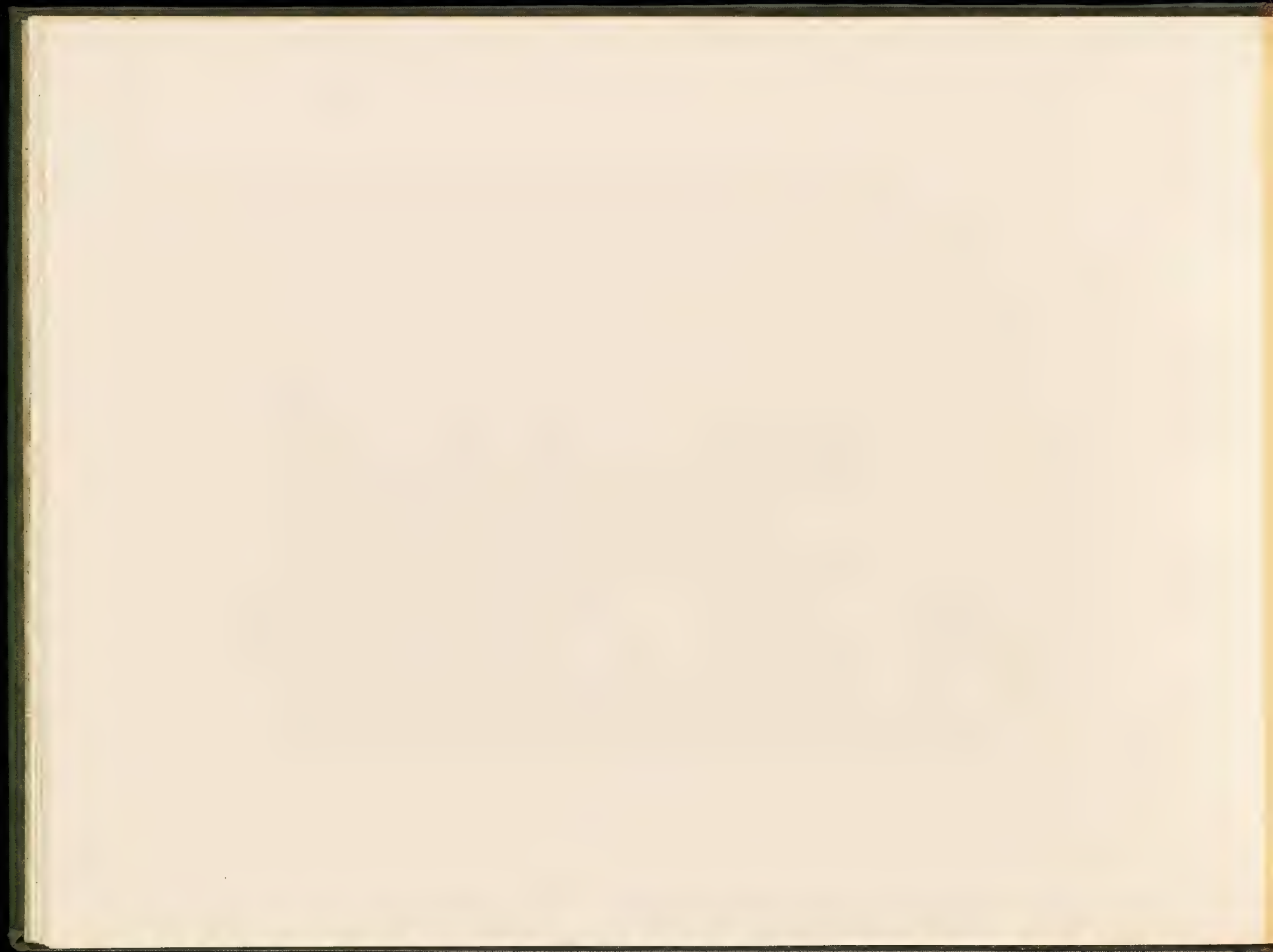
Il serait attrayant de faire suivre la description du riche et luxueux mobilier, et celle de l'imposante chapelle tracée sous la même inspiration architecturale du XVIII^me^ siècle. Mais, nous ne devons pas pénétrer plus loin, dans le majestueux recueillement du palais si vaste et solitaire.

Manuel Monteiro.

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª EDITORES

Vista geral

VILLA REAL

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª-EDITORES

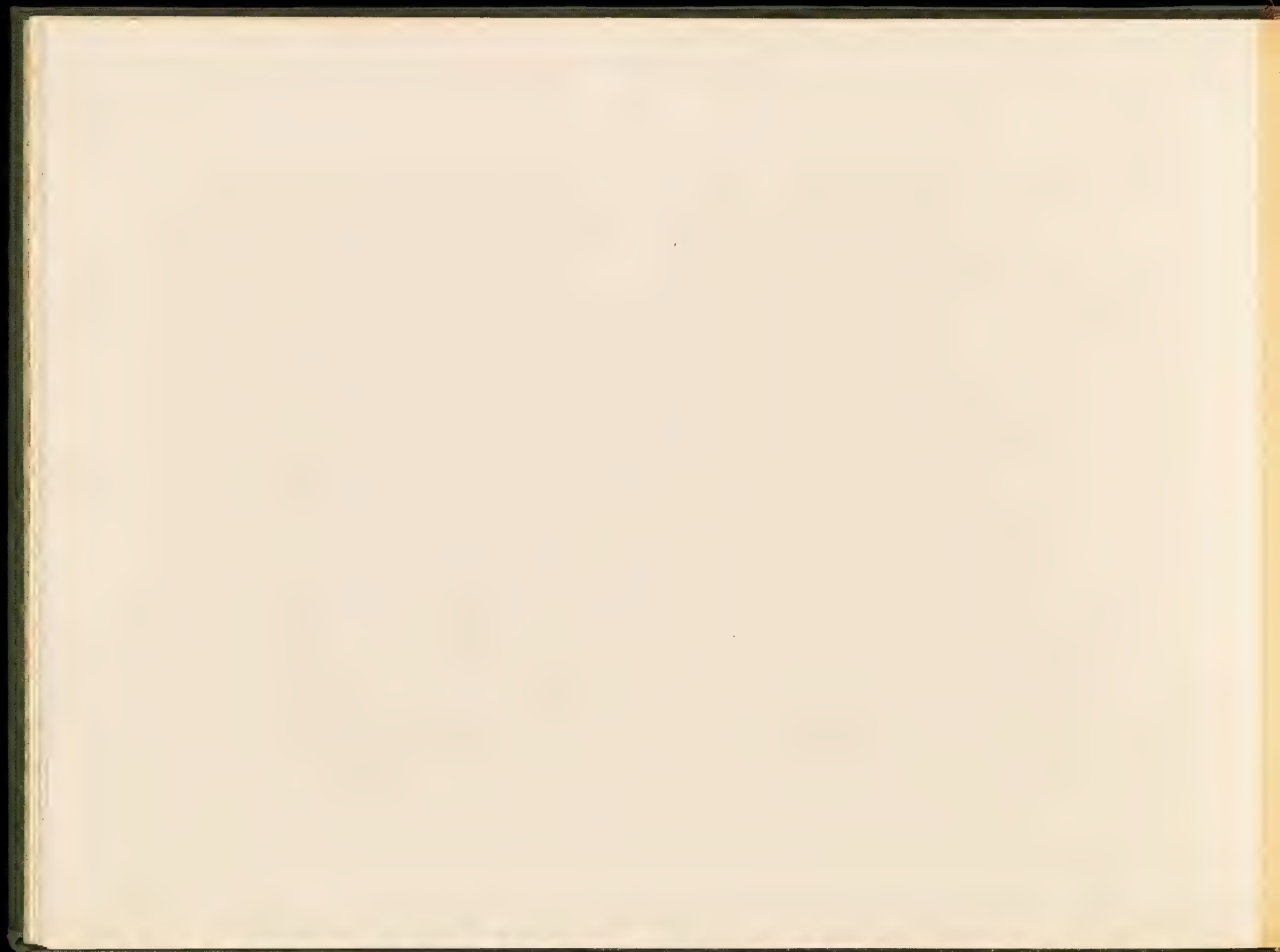
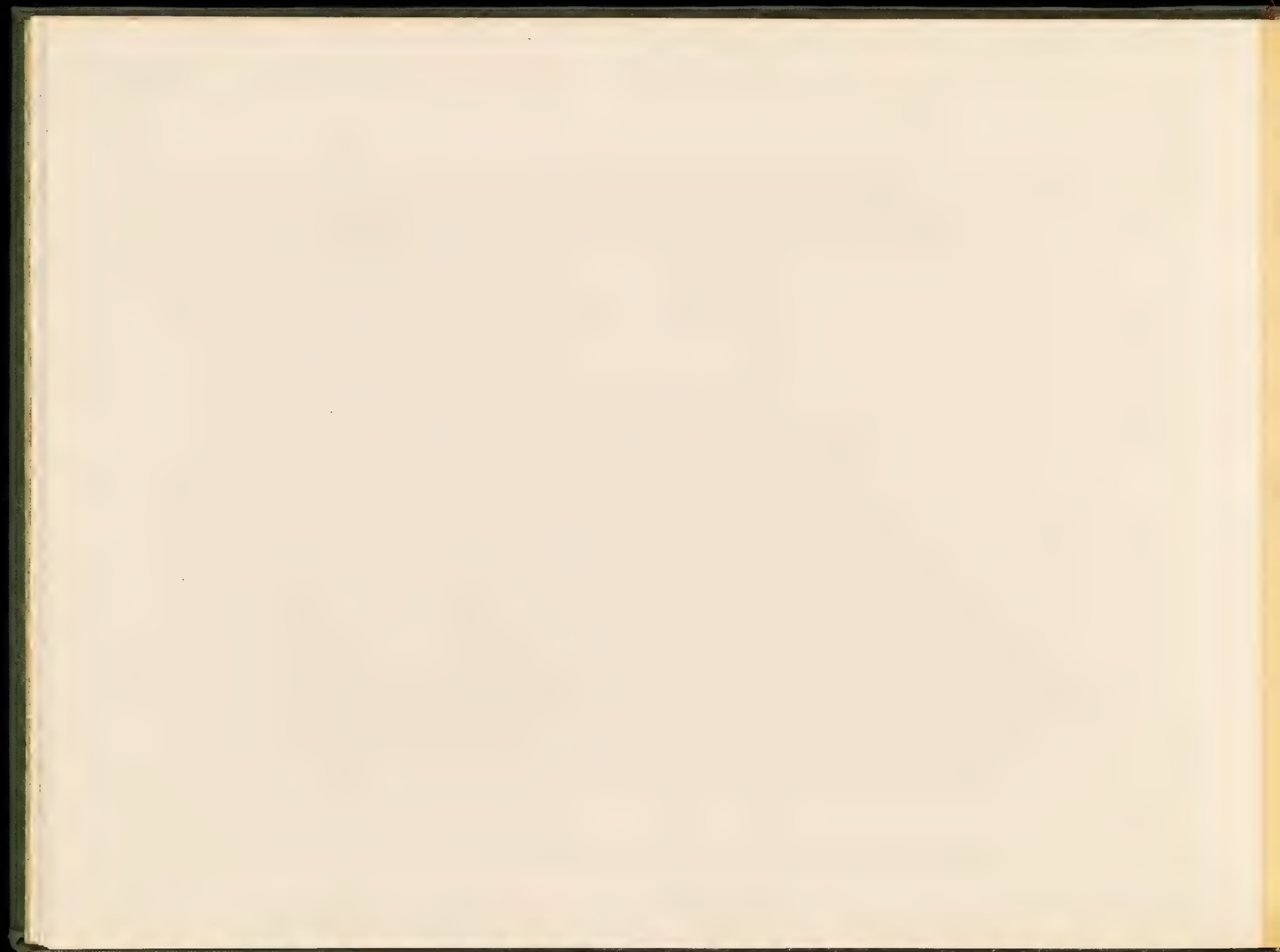
Torre de Quintella

VILLA REAL

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª EDITORES

Solar de Matheus
VILLA REAL

EMILIO BIEL & C.ª EDITORES

Cascata no rio Corgo
VILLA REAL

Moncorvo

PARA o viajante a quem não só o termo da sua jornada interessa, uma visita a Moncorvo deve fornecer-lhe um inapreciavel capitulo de absorvente curiosidade que compensará generosamente as incontaveis fadigas soffridas.

Sensações paisagisticas as mais antagonicas, os mais inopidados incidentes, aspectos ethnographicos os mais diversos, tudo isso se lhe offerece provocando alluviões de notas rapidas, suggestivas, edificantes, nas breves paginas d'uma carteira previdente.

Effectivamente, chegando ao Pocinho depois de percorrida a linha ferrea do Douro, com a sua serie indefinida de surprezas emotivas, logo se patenteia, ao sahir d'aquella estaçãosinha arrumada a um canto da alta nave d'eucalyptos, o espectaculo singular, n'um acre sabor de imprevisto, de todos os meios de locomoção e transporte que precederam o comboio.

Um guia desconhecido e não solicitado dirige os recem-vindos, atravessando os rails e enveredando por um córrego sinuoso que vermifuga por entre courellas de milho, olivedo e hortejo, até ao leito do rio; na cauda silenciosa da caravana, burros de carga conduzem as bagagens. Sobre a corrente, mas com o bico de popa recostado na margem, espera uma barcaça de fundo chato, pachorrenta e bamboleante, que recolhe com indifferença e impassibilidade passageiros e quadrupedes, os quaes se vão accommodando até ao fundo das *apégadas* onde range a *espadéla* e se olham com bonhomia e affecto ante a camaradagem familiar que o destino brejeiro lhes proporcionou. Findo o embarque, muitas vezes demorado e difficil pela teimosia irreductivel dos solipedes, aquella revivescencia biblica da arca de Noé desloca-se ao arrepio da agua e ao longo d'um calabre para a riba d'além.

Transposto assim o Douro, nova caminhada segue até ao alto da estrada, onde uma decrepita diligencia attende cargas e viandantes. Então aquella põe-se em marcha, ronceiramente, subindo, subindo sempre, pelo macadam alvadio, poeirento e caracolante sobre a vertente da montanha sombria, povoada de enfezadas semeaduras de centeio e de amendoeiras e olival; duas horas bastam para arribar a Moncorvo situada no plató irregular e onduloso que se prolonga do sopé da serra de Roboredo, erguendo a sul o seu altivo dorso.

A villa não é pequena e com importancia industrial e commercial, embora decahida da antiga prosperidade que lhe insuflaram as industrias cordoeira e sericola. Esta é hoje moribunda, senão já liquidada; aquella, sem o desenvolvimento de fabrico mantido n'uma existencia multisecular sob a interferencia directa do Estado iniciada, com a creação da Cordoaria e Armazem real, no tempo de D. Sebastião.

Se estes factores de ruina não fossem, por si, sufficientes a impedir o devido crescimento e folgança economica do povoado excellente, outra circumstancia desastrosa e deploravel o inhibe d'alcançar a preponderancia e latitude a que tem jus: a inexploração do colossal jazigo de ferro do Roboredo que se estende n'uma area de 10 kilometros e cuja massa de minerio é computada em sessenta e cinco milhões de toneladas e disposta em excepcionaes facilidades extractivas.

Moncorvo é ainda uma terra de nobreza, tambem, fenecida a ajuizar pelo abandono e descalabro dos solares brazonados, salvo um outro que ainda mantem, com ostentação e prestigio, as tradições da sua velha heraldica.

De resto com apertados e maus arruamentos cingidos á traça archaica sem obediencia a plano systematico, e rebelde a noções de geometria e hygiene, á parte o estricto desafogo de tal ou qual melhoramento dos modernos municipios.

E d'entre o seu agglomerado architectural d'uma generica indigencia organica sómente conseguem alliciar o reparo do forasteiro alguns dos sisudos casarões fidalgos, recolhidos no seu mudo hieratismo, altivo e independente, e uns dois edificios religiosos procedentes do seculo XVI: a Misericordia e a Matriz.

Aquella, mesmo, adstringe o valor conceptivo e artistico á frontaria com o porticosinho em curva perfeita e de frisos concentricos com dois medalhões ao alto entre as pobres pilastras que o encerram; esta lisa e singela Renascença accusa-se ainda n'um pulpito de granito, que se perfila, ao lado, no an-

Moncorvo

Le voyageur qui ne s'intéresse pas seulement au but désigné de son excursion, trouvera dans une visite à Moncorvo un inappréciable chapitre d'attrayante curiosité qui le dédommagera amplement des incontestables ennuis du trajet.

Il y trouvera des sensations de paysages les plus opposés, des incidents les plus inattendus, des aspects ethnographiques les plus divers, qui lui procureront une foule de notes rapides, suggestives, édifiantes, à entasser dans les courtes pages de son carnet.

En effet, après avoir parcouru la voie ferrée du Douro, avec toute sa vaste série d'émotionnantes surprises, on arrive à Pocinho et sortant de cette petite gare, fourrée dans un coin de la haute voûte d'eucalyptus, un étrange spectacle se manifeste aussitôt, auquel s'ajoutent avec une piquante saveur d'imprévu, tous les moyens de transport et de locomotion qui ont précédé le chemin de fer.

Un guide, non sollicité, et inconnu, dirige les nouveaux venus, leur fait traverser les rails et on se faufile par un ravin sinueux qui serpente parmi les lopins de terre plantés de maïs, d'oliviers et de potagers, jusqu'au lit de la rivière; au bout silencieux de la caravane, des bêtes de somme conduisent les bagages. Sur le courant, mais avec la pointe de l'avant appuyée au bord, une barque à fond plat, se balançant nonchalamment, attend et reçoit avec une impassible indifférence les passagers et les quadrupèdes qui se placent le mieux possible jusqu'au fond des *apégadas* où grince le gouvernail, et se regardent avec bonhomie et tendresse, dûes à cette camaraderie familière que le sort malin leur a procurée.

L'embarquement fini, et souvent retardé et rendu difficile par l'indomptable entêtement des solipèdes, ce renouvellement biblique de l'arche de Noé se déplace au fil de l'eau et au long d'un câble, gagne la rive opposée.

Le Douro ainsi franchi, on suit une nouvelle marche jusqu'au haut de la route, où une vieille diligence attend les bagages et les voyageurs. Celle-ci se met alors en marche, lentement, montant toujours, par le macadam grisâtre, poussiéreux, et caracolant sur le versant de la sombre montagne, peuplée de maigres champs de seigle, d'amandiers et d'oliviers; deux heures suffisent pour arriver à Moncorvo situé sur le plateau irrégulier et onduleux qui se prolonge du pied de la chaîne de Roboredo, élevant vers le midi son sommet altier.

Le bourg n'est pas petit et a une certaine importance industrielle et commerciale, un peu déchûe de l'ancienne prospérité que lui donnaient les industries des cordes et de la soie. Celle-ci est actuellement agonisante, voire même morte; celle-là n'a plus le développement de fabrication maintenu pendant de longs siècles sous le patronnage direct de l'État, initié au temps du roi D. Sebastião, avec la création de la Corderie et du Magasin royal.

Quand même ces agents de ruine n'auraient pas été, à eux seuls, suffisants pour empêcher le juste développement et l'aisance économique de cet excellent endroit, il y a une autre circonstance désastreuse et déplorable qui l'empêche d'atteindre la prépondérance et la latitude auxquelles il a droit: c'est l'inexploitation du gisement colossal de fer du Roboredo qui s'étend à près de 10 kilomètres et dont la masse de minerai est calculée à soixante cinq millions de tonnes et disposée de manière exceptionnelle pour en faciliter l'extraction.

Moncorvo est encore un lieu de noblesse, éteinte aussi, à en juger par l'abandon et le délabrement des manoirs blasonnés, sauf l'un ou l'autre, qui maintient encore avec faste et prestige, les traditions de sa vieille héraldique.

Du reste, on n'y voit que des rues étroites et vilaines, d'après les vieux tracés archaïques, n'obéissant à aucun plan systématique, et rebelles à toute notion de géométrie et d'hygiène, excepté la stricte expansion de quelques améliorations dûes aux récentes municipalités.

Et de toute l'agglomération architecturale d'une indigence organique si générale, l'attention du voyageur est à peine attirée par quelques sombres demeures nobles, recueillies dans leur muette tradi-

gulo formado pelo resalto d'uma contigua vivenda de escudo em riste, e tem a fórma de calix octogono com o baixo relevo d'um santo em cada face e ao longo do pé a decoração bisonha e rude em rotulos e pendurados.

A Matriz é um edificio monumentoso d'uma imponencia pesada e fria que se ergue ao fundo d'um pateo lageado com parapeitos de cantaria e obeliscos.

Se as vastas construcções constituem testemunho elucidante e comprovativo do estado social d'uma povoação n'uma determinada época, esta igreja é um documento de inilludivel revelação quanto á abastança e progresso de Moncorvo em pleno seculo XVI.

O seu estylo é o renascimento inculto a triumphar pelo excesso das massas e sem uma graciosa efflorescencia de linhas a esbater-lhe a obsessiva rigidez. As datas de 1562, na porta lateral coberta pelo alpendre, e de 1567, na opposta, justificam-no em parte.

Exteriormente, uma severidade incoercivel, accrescida pela torre avançando a meio da frontaria e excrescendo-lhe em cubo rematado por uma balaustrada e ainda pelos robustissimos gigantes, seis por lado, a reforçar a estabilidade das paredes de Bastilha em cujo terço superior, demarcado por um friso, se abrem as exiguas janellas.

A composição do portico, d'encasamentos animados por estatuas d'uma penuria plastica, nos intercolunios do primeiro e segundo corpo e na ultima platibanda sobre que se rasgam as lucarnas e fenestra, não desvanece a desgraciosidade da espessa mole granitica. O interior de tres naves divididas por elevadas columnas cylindricas, como jarras tubulares, d'onde irrompem os feixes das nervuras divisorias e das que vão ligar com os angulos do quadriculo reticulado afflorando ao centro de cada tramo em todas as abobadas. A capella-mór é differentemente organisada, em caixotões, e na sacristia de novo se encontra o artesoado que é o de mais esbelta e cuidadosa factura.

Como arte sumptuaria e decorativa ha que especificar além d'alguns paramentos, d'um cofre de madeira com embutidos, d'uma custodia pomposa no schema architectonico proveniente da Renascença e d'um retabulo, n'este genero, rudemente executado, um formoso tryptico d'esculptura em madeira representando a *Lenda de Santa Anna.*

Este precioso exemplar de talha gothica succumbindo todavia ante os reflexos do Renascimento eloquentemente se insinua como um producto de commovida e sincera mentalidade inspirada, porventura, ao gestal-o no tryptico pictorico do flamengo Quentin Massys, existente na Real Galeria de Bruxellas. Fundamentalmente os mesmos assumptos e quasi a mesma imaginaria: Casamento de S. Joaquim e Santa Anna, Revelação prophetica do anjo a S. Joaquim e encontro d'este com sua esposa á Porta Aurea de Jerusalem, e a Apresentação do Menino Jesus feita por Nossa Senhora a sua mãe.

Abstrahindo da negligencia no acabamento de certos pormenores é uma peça bellamente modelada, no respeito harmonioso do arranjo e do modulo, na ostentosa e galante execução dos detalhes e no gracil e affavel sentimento que diffunde. Inedita até hoje, vulgarisada agora, apesar das sevicias na filigrana, principiará a ter, na estima critica, o destaque merecido como joia valiosa e rara do nosso saqueado patrimonio artistico.

É findo o summariado inventario da capital dos territorios da amendoa no norte do paiz. Constitue este fructo uma das suas fontes de riqueza que em grande parte provém do valle da Villariça, uberrimo e fecundo pelas *rebofas* ou refluxo das aguas da ribeira e do Sabor, quando a corrente impetuosa do Douro não lhes permitte o escoamento e depositam então os nateiros arrastados durante a represa. Assim a natureza pela destruição e anomalia dos seus movimentos prodigalisa ao homem o dom carinhoso, que lhe faz erguer o clamor agradecido.

tion, hautaine et indépendante, et deux édificies religieux provenant du XVI^me^ siècle : la Miséricorde et la Cathédrale.

Mais, même la valeur conceptive et artistique du premier est restreinte à la façade avec le petit portail en plein cintre avec frises concentriques et deux médaillons verticaux entre les pauvres piliers qui le renferment; cette Renaissance simple et unie s'accuse encore sur une chaire en granit qui se profile sur l'angle formé par la saillie d'une maison contigue comme un bouclier en arrêt. Cette chaire présente la forme d'un calice octogone ayant sur chaque face le bas relief d'un saint, et au long de la base une décoration naïve et grossière formée de quadrillés et de pendentifs.

La Cathédrale est un édifice monumental d'une majesté lourde et froide, qui s'élève au fond d'une cour pavée, avec des balustrades de pierre et des obélisques.

Si les vastes constructions sont un témoignage qui puisse élucider et prouver l'état social d'une ville à une époque déterminée, cette église est un document qui révèle d'une manière frappante l'aisance et le progrès de Moncorvo en plein XVI^me^ siècle.

Son style est la renaissance inculte, triomphant par l'excès de masses, sans la moindre gracieuse florescence de lignes qui en estompent l'obsessive roideur. Les dates de 1562, sur la porte latérale surmontée du porche, et de 1567 du côté opposé, en sont, en partie, une justification.

Extérieurement, l'aspect est d'une sévérité incoercible, augmentée par la tour qui s'avance au milieu de la façade faisant une saillie en cube, terminée par une balustrade, et encore par les robustes arcs-boutants, six de chaque côté, qui renforcent la stabilité de ces murs de Bastille. Une frise marque le tiers supérieur de la hauteur, où sont percées des fenêtres exigues.

La composition du portail, à emboîtements animés par des statues d'une plastique des plus pauvres, dans les entre-colonnes du premier et du second corps de bâtiment, et la dernière balustrade sur laquelle s'ouvrent les lucarnes et les fenêtres, tout cela ne parvient pas à dissiper l'air disgracieux de cette épaisse masse de pierre. À l'intérieur les trois nefs sont séparées par de hautes colonnes cylindriques, comme des vases tubulaires, d'où jaillissent les faisceaux des nervures qui divisent la voûte et de celles qui vont se relier aux angles du carré réticulé aboutissant jusqu'au centre de chaque panneau de la voûte. Le sanctuaire est organisé différemment, en caissons, et dans la sacristie on retrouve encore la voûte nervurée qui est des plus belles et des mieux travaillées.

En fait d'art somptuaire et décoratif il faut spécialiser quelques ornements, un coffret en bois avec incrustations, un ostensoir somptueux du schema architectural provenant de la Renaissance, un retable du même genre grossièrement travaillé, et surtout un superbe tryptique en boiserie sculptée représentant la *Légende de Sainte Anne.*

Ce précieux exemplaire de boiserie gothique éclipsé toutefois par les reflets de la Renaissance, s'insinue éloquemment comme une œuvre d'intellectualité émue et sincère, inspirée peut être, à sa conception, par le tryptique pictural du flamand Quentin Massys que l'on voit dans la Galerie Royale de Bruxelles. Fondamentalement se sont les mêmes sujets et presque les mêmes images: Mariage de S^t^ Joachim et de Sainte Anne, Révélation prophétique de l'ange à S^t^ Joachim, et rencontre de celui-ci avec son épouse à la Porte Dorée de Jerusalem, et Présentation de l'Enfant Jésus faite par Notre Dame à sa Mère.

Malgré la négligence et l'imperfection de certains détails, c'est un travail très bien dessiné, avec un harmonieux respect de l'arrangement et des proportions, une magnifique et délicieuse exécution de détails, répandant un sentiment de charme et d'élégance. Inédit jusqu'à nos jours, il est maintenant connu et malgré les dégâts des ornements il commence à être considéré par la critique, comme un joyau précieux et rare de notre patrimoine artistique si malheureusement pillé.

On a terminé dans la capitale l'inventaire abrégé des terrains où l'on cultive les amandiers au nord du pays. Ce fruit est une des sources de richesse de la contrée et vient en grande partie de la vallée de Villariça, très fertile et féconde, grâce aux *rebofas* ou au reflux des eaux de la rivière et du Salôr lorsque le courant impétueux du Douro ne permet pas leur écoulement et qu'elles déposent alors les limons entrainés pendant l'endiguement. La nature, par la destruction et l'anomalie de ses mouvements, prodigue ainsi à l'homme les dons précieux qui le font élever des clameurs de reconnaissance.

Freixo d'Espada á Cinta

Este antigo *couto d'homiziados* é uma villa escura de Traz-os-Montes, encravada n'uma cova, a sudeste da provincia, e penosamente accessivel por desprovida de qualquer via de moderna e razoavel communicação. O trajecto faz-se por Moncorvo ou Barca d'Alva por vagos caminhos trilhados em lombos montanhosos, encostas arripiantes, ora sob escarpadas horrendas, ora sobre correntes fragorosas, ou, então, remontando o curso do Douro até ao Saltinho — terminus da sua navegação — e d'aqui galgar os tres kilometros a que dista.

Povoação typicamente transmontana conserva, em quasi toda a sua inteireza, o desconforto, a nudez e a porcaria, conhecidamente, medievaes. Parece emergir do banho da montureira que se accumula e fermenta e apodrece ao longo das ruelas, congostas e bêcos, no assentimento e conformação d'um habito varias vezes secular.

As habitações, salvo umas quatro recentes, são feitas de schisto, d'uma concreta negrura, sem argamassa a diluir a apparencia corrosiva e variolosa do pedregulho inadaptavel a assentadas unidas. Muitas d'ellas, porém, apresentam o frontispicio em granito e, então, na cantaria, carrancuda e fusca, recortam-se a porta e as janellinhas manuelinas, mais ou menos ornamentadas, e, aos lados d'estas, as misulas para os craveiros, ou os cachorros com entalhes para o poiso dos varaes da seccagem da roupa.

A mesma esthetica, em mais subida demonstração, se denuncia nas igrejas da Misericordia e Matriz. Aquella de capella-mór alçada sobre o resto da construcção com oito gargulas nervosas á altura da cornija; no interior, o diminuto artezoado e, na sacristia, um retabulo com pinturas em madeira perdidas pelos retoques e pelos restauros. A sua frontaria é singela.

A Matriz enfileira na serie das grandes edificações religiosas, approximadamente coevas, que se effectivaram na zona leste de Traz-os-Montes.

Manuelina, como acima se diz, entre os dois accrescimos á fachada principal, que a obstruem e prejudicam, abre-se a porta de sarapanel com um friso incrustado de florões entre os dois pilares enfeitados com corucheus tendo, sobre o arco abatido, o *décor* trifoliado e subposto aos olhaes encimados pela janella. As portadas de madeira são revestidas de ferragens hespanholas, assim como as dos porticosinhos lateraes do mais ingenuo e canhestro manuelino. De resto, seis contrafortes por banda, cada com seu caleiro ao cimo.

Por dentro, as tres naves, columnas cylindricas de faixas ornamentaes, a meia altura, onde se reproduzem os constantes motivos que caracterisam o estylo referido: o cadeado, a corda, as flôres, os cherubins, etc. Todas as abobadas artezoadas vendo-se, nos fechos da absyde e nave central, o escudo regio a attestar a intervenção monarchica na fabrica do templo que, se não deslumbra, é todavia excellente n'estas paragens.

Obrigando a uma vista demorada e ponderosa deparam-se: o pulpito de ferro forjado, um sarcophago n'um dos absydiolos e os dezeseis quadrinhos quinhentistas, pintados em madeira e encastoados na talha *rocaille* da absyde. A contrastar horrivelmente com a delicia e frescor d'illuminura d'estas composições nascidas d'uma arte ideal espapa-se, na bocca da tribuna, uma pintalgada pathologica de painel de feira com o S. Miguel, impante, entre as fulgurações da óca e do roxo-rei, e, anatomicamente, mais hediondo que um chulo e monstruoso Hercules de barracão.

Junto da Matriz, á borda d'um vallado onde até ha pouco esbracejava o freixo que, segundo a tradição, appellidava a villóta, apruma-se agora o vistoso e ataviado pelourinho manuelino.

A pouca distancia, para nordeste, no cume do comoro e annexa ao cemiterio, que occupa o recinto do extincto reducto, eleva-se a torre soberba e donairosa, a unica sobrevivente das tres que se erigiram no seculo XIV. Heptagona, as armas de Freixo á frente, parapeito saliente nos cachorros de contorno; escada exterior para a entrada, excessivamente distante da base, que communica logo com o salão ogival, e, no terraço, a sineira posthuma do relogio compassando o giro do tempo. Encantadora, na sua côr de pergaminho envelhecido, transfigura-se quando, no silencio da noite, apparece a lua errante e sonhadora vertendo a graça do seu clarão immaculado; então, o seu perfil suavisa-se e mais ascende, no espaço profundo e constellado, accordando, evocando eras d'heroismo e lenda como as velhuscas e pallidas fortalezas dos romanescos e nevoentos paizes das balladas...

Freixo d'Espada á Cinta

Cet ancien *couto d'homiziados* est un bourg obscur de Traz-os-Montes, enfoncé dans un creux, au sud-est de la province et d'un accès très pénible, car il est privé de toute voie de communication moderne et facile. Le trajet se fait par Moncorvo ou Barca d'Alva, par de vagues chemins frayés sur des sommets montagneux, des côtes effrayantes, tantôt sous d'horribles pentes escarpées, tantôt sur des courants impétueux, ou, alors, en remontant le cours du Douro jusqu'à Saltinho, terminus de sa navigation, et de là, franchir les trois kilomètres au bout desquels il se trouve.

C'est un endroit typique de la province de Traz-os-Montes et qui conserve dans presque toute son intégralité le manque de confort, la nudité et la saleté, connues au moyen-âge. Il semble émerger du bain de fumier qui s'accumule, fermente et pourrît le long des ruelles et des impasses, avec l'assentiment et l'uniformité d'une habitude de plusieurs siècles.

Sauf quatre habitations modernes, toutes les autres sont faites en schiste, d'une noirceur épaisse, sans que le mortier vienne adoucir l'apparence rugueuse et bosselée des pierres, incompatibles à des surfaces unies. Il y a beaucoup de maisons, cependant, qui présentent les façades en granit et alors, avec la pierre sombre et rude on découpe la porte, les petites croisées *manuelinas*, plus ou moins ornementées ayant à côté les consoles pour les vases d'œillets ou les appuis entaillés servant à mettre les perches pour sécher le linge.

La même esthétique plus hautement démontrée se dénonce dans l'église de la Miséricorde et l'église Mère. Celle-là a le sanctuaire réhaussé sur le reste de la construction, avec huit gargouilles élancées à la hauteur de la corniche; à l'intérieur, de faibles nervures et, dans la sacristie, un retable avec des peintures sur bois, gâtées par les retouches et les restaurations. La façade est très simple.

L'église Mère peut être comptée dans la série des grandes édifications religieuses, à peu près de la même époque, qui furent construites sur la zone est de Traz-os-Montes.

Elle est de style manuelino comme nous avons dit, et entre les deux excroissances de la façade principale qui l'obstruent et lui nuisent, s'ouvre le portail en voûte surbaissée avec une bordure incrustée de fleurons, entre deux piliers garnis d'aiguilles, ayant sur l'arc aplati le décor en trèfle au dessous des arceaux surmontés par la fenêtre. Les vantaux en bois sont revêtus de ferrures espagnoles de même que celles des petites portes latérales de style manuelino le plus gauche et naïf. Du reste, on voit encore six arcs-boutants de chaque côté, surmontés chacun de sa gouttière.

Au dedans, les trois nefs, des colonnes cylindriques avec bandes d'ornements à mi-hauteur, sur lesquelles sont reproduits constamment les motifs qui caractèrisent le style: le cadenas, la corde, les fleurs, les chérubins, etc. Toutes les voûtes sont nervurées et aux clefs de celles de l'abside et de la nef centrale, l'écusson royal vient attester l'intervention monarchique dans la construction du temple qui, sans être une merveille, est toutefois excellent pour ces parages.

Les regards sont obligés à s'arrêter longuement sur la chaire en fer forgé, un sarcophage dans une des chapelles de l'abside et les seize petits tableaux du XVI^me^ siècle peints sur bois et enchâssés dans la sculpture rocaille de l'abside. Contrastant horriblement avec le charme et la fraicheur de coloris de ces compositions nées d'un art idéal, à l'entrée de la tribune s'étale un peinturlurage pathologique de tableau de foire avec un Saint-Michel, imposant, parmi les fulgurations ocrées et violettes et, au point de vue anatomique, plus horrible que le plus grossier et monstrueux Hercule de cirque.

Près de l'Eglise, au bord d'un vallon où, il y a encore peu de temps, on voyait le frêne qui, d'après la tradition, donnait son nom au petit bourg, s'élève maintenant le coquet et brillant pilori manuelino.

À peu de distance vers le nord-est au sommet d'un coteau proche du cimetière qui occupe l'enceinte de l'ancienne redoute, s'élève la tour superbe et élancée, la seule survivante des trois qu'on avait érigées au XIV^me^ siècle. Elle est heptagone, avec les armes de Freixo en avant, le parapet en saillie sur les appuis du pourtour; un escalier intérieur pour l'entrée, excessivement loin de la base, et qui communique aussitôt avec la salle ogivale; sur la terrasse la sonnerie posthume de l'horloge marquant la marche du temps. Charmante dans sa couleur de vieux parchemin, elle se transfigure lorsque pendant la nuit silencieuse, paraît la lune vaguement rêveuse, qui déverse toute la grâce de sa lueur immaculée; alors sa silhouette s'adoucit et dans l'espace profond et constellé elle semble monter encore, réveillant, évocant des époques d'héroïsme et de légendes comme les vieilles et pâles forteresses des brumeux et romanesques pays des ballades...

Vimioso

Offerecida em condado a D. Francisco de Portugal, bisneto do primeiro duque de Bragança, esta terra pouco ou nada contém de recommendavel e, a bem dizer, só um facto a torna credora da mais inequivoca sympathia e digna do mais caloroso registro. É uma villoria que perdida, isolada e remota, na pouco inviavel e lobrega provincia de Traz-os-Montes, patenteia ao visitante boquiaberto uma hospedaria caiada, varrida, esfregada com as camas alvas, cheirando a fresco, e a bateria da cozinha, reluzente e polida, como n'uma aldeia alemtejana ou hollandeza.

Demais, como apenas um repoiso na passagem para as grutas chama o viajante á terreola, elle vae-se bem disposto e contente sem a ter investigado.

O jazigo de marmores e alabastros ainda fica distante e a jornada não é breve, atravez de terrenos ingratos de culturas sumidas entre a superabundancia da pedra dispersa e rolada. O logar onde sita é d'uma solidão rude, com ravinas selvagens, morros grandiosos, declives phantasticos, amortalhados em arborescencias bravias.

No ambiente emocional e severo enxergam-se tres edificios, derrocadas de casebres e amplas manchas de marmore arrancado ao ventre da montanha e que esta de novo pretende guardar rodeando os brancos blocos com a coiraça defensiva do matagal e silvado.

E os predios recolhidos e silentes, os casinholos aluindo e as lages alvadias dizem uma historia triste sob a alegria triumphal do sol que os banha. Essa historia é simples.

Averiguada e confirmada technicamente a riqueza do jazigo, sua extensividade e possança, com tanta certeza se creditou a copiosa remuneração d'uma empreza que se arrojasse á iniciativa, que o capital acudiu e aquella organisou-se e petrechou-se para a devida laboração industrial. Logo de começo se arraigaram as conjecturas d'exito ante a variedade dos marmores d'uma brancura diaphana, ou maciamente azues, ou d'uma negridão compacta e a dos alabastros d'uma fina translucidez em differentes tonalidades, ondeados, extraordinarios...

Todas as esperanças, quasi infalliveis, baquearam, porém, com a falta de senso administrativo e com a carencia absoluta de communicações, careza e impossibilidade de transportes. Estrangulado o emprehendimento seductor, seguiu-se o cortejo funebre de litigios, paralysias e desamparo final. A labuta cessou, o pessoal operario desappareceu, o material mechanico ficou a decompôr-se e a inutilisar-se nas officinas, os tugurios onde os trabalhadores se acoitavam foram ruindo... Para distrahir o espirito contristado ante esta crueza da fatalidade implacavel abatidamente se conduzem os passos para as cavernas d'alabastro. São cinco: a Grande, a de Ferreiros, a da Ribeira, a de Geraldes, a da Abelheira.

Penetrar no seu seio é, no emtanto, desafiar a commoção e quasi profanar o mysterio augusto que as envolve. Na primeira, por exemplo, a plutonica sombra que a enche, apavora, sobresalta, quebra o rythmo cardiaco, e o sopro algido que acolhe o intruso, congela e entorpece. A vista, ferida, allucinada e torvelinhando, naufraga no abysmo d'aquella negra noite. Depois, para os que vão munidos de simples lanternas cujo luciolar é frouxo, a treva dissipa-se, lento e lento, e a pupilla, serenada e adaptada já, vae revelando as fórmas, os relevos, os caprichos do scenario feerico; quando a transição é rapida, brusca, violenta, pela projecção d'um foco luminoso e, ante a retina assombrada, se desvenda momentaneamente a maravilha produzida pelas lagrimas condensadas da terra, o espirito subjugado torna real e positiva a irrealidade dos sensibilisantes contos de fadas.

A vasta cupula magicamente suspensa, as arcarias, os pilares, os capiteis, os rendilhados, as franjas, as insculpturas, envolvem-se na alvura purissima d'uma virgindade imperturbada realçando sobre reconcavos, golphos d'escuridão, furnas tenebrosas.

Presente-se a vigorosa circulação d'uma vida extranha na apparente immobilidade da pallida materia dilatando-se, sentindo, amando.

Pontas stalactiticas pendendo como pufs de gelo, rebentos infantis, borbulhas mimosas d'uma epiderme setinea, como seios crespos e tumidos, como calices elançados de lyrios, ora olhando as agulhas stalagmiticas n'um desejo indefinido, ora unindo-se a ellas n'um beijo fecundo que fará germinar a columna — o organico elemento constructivo, fornecido pela natureza e aproveitado pelo homem nas concepções da sua Arte.

Manuel Monteiro.

Vimioso

Cet endroit, qui fut offert comme comté à D. Francisco de Portugal, arrière petit fils du premier duc de Bragança, ne possède rien ou presque rien de recommandable et, à vrai dire, il n'y a qu'un seul fait qui le rende digne de la plus sincère sympathie et des plus chaleureux éloges. C'est un petit bourg perdu, isolé et ancien, de cette province de Traz-os-Montes si peu accessible et si sombre, et il offre au visiteur étonné une hôtellerie blanchie à la chaux, balayée, frottée avec des lits propres, respirant la fraicheur, et une batterie de cuisine reluisante et polie comme dans un village de l'Alemtejo ou de la Hollande.

Et puis, comme le voyageur n'est attiré en ce lieu que pour un bref repos, en passant vers les grottes, il s'en va bien disposé et satisfait, sans l'avoir bien examiné.

Les gisements de marbre et d'albâtre sont encore éloignés et le trajet n'est pas court, à travers des terrains ingrats, aux cultures presque cachées par l'abondance de pierres dispersées et roulantes. L'endroit où ils se trouvent est d'une solitude âpre, avec des ravins sauvages, des tertres grandioses, des pentes fantastiques ensevelies dans des arborescences agrestes.

Dans l'espace émotionnant et sévère on aperçoit trois édifices, des masures délabrées et de grandes taches de marbres arrachés au flanc de la montagne et que celle-ci prétend reprendre en entourant les blocs blanchâtres avec une cuirasse défensive de buissons et de ronces.

Et les maisons recueillies et silencieuses, les chaumières délabrées et les dalles grises racontent une triste histoire sous cette joie triomphale du soleil qui les baigne. Cette histoire est simple.

Lorsqu'on eût techniquement reconnu et confirmé la richesse du gisement, son étendue et son importance, on crût avec tant de certitude à la copieuse rémunération dont bénéficierait une entreprise qui prendrait l'initiative de son exploitation, que les capitaux se présentèrent et une société s'organisa, pourvue du nécessaire à une exploitation industrielle. Les conjectures d'un succès s'enracinèrent bientôt lorsqu'on vît la variété de marbres d'une blancheur diaphane, ou légèrement blêutés, ou d'une noirceur compacte, ainsi que celle des albâtres d'une délicate translucidité avec des tonalités différentes ondulés, extraordinaires...

Mais toutes ces espérances, presque infaillibles, échouèrent, par l'absence de sens administratif et le manque absolu de communications, la cherté et l'impossibilité des moyens de transport. L'attrayante entreprise fut étranglée, et il s'ensuivit le cortège funèbre de procés, de paralysation et le désarroi final. Le travail cessa, les ouvriers disparurent, le matériel mécanique resta inutile et abimé dans les ateliers, et les masures où les travailleurs se réfugiaient se ruinèrent. Pour distraire l'esprit abattu devant cette cruauté de l'implacable fatalité, on dirige, avec découragement, les pas vers les cavernes d'albâtre. Il y en a cinq: La Grande, et celles de Ferreiros, Ribeira, Geraldes et Abelheira.

Cependant, en y pénétrant, on défie l'émotion et on profane presque l'auguste mystère qui les entoure. Par exemple dans la première, l'ombre plutonique dont elle est pleine, effraie, saisit et brise le rythme du cœur, et le souffle glacé qui enveloppe le visiteur, le gèle et l'engourdit. La vue blessée, affolée, et tournoyant se perd dans l'abîme de cette nuit noire. Ensuite, pour ceux qui vont munis de simples lanternes dont la lueur est faible, les ténèbres se dissipent lentement et les prunelles reposées et accoutumées déjà, commencent à apercevoir les formes, les reliefs, les caprices d'un décor féerique; lorsque la transition se fait rapidement, brusque et violente, par la projection d'un foyer lumineux, et devant le regard émerveillé, se révèle tout d'un coup l'éblouissement produit par les larmes condensées de la terre, l'esprit subjugué nous rend positive et réelle, l'irréalité des émotionnants contes de fées.

La vaste coupole magiquement suspendue, les arcades, les piliers, les dentelles, les franges, les insculptures, tout est enveloppé dans la blancheur la plus pure d'une virginité jamais troublée, réhaussée par les enfoncements, les golfes d'obscurité, les cavernes ténébreuses.

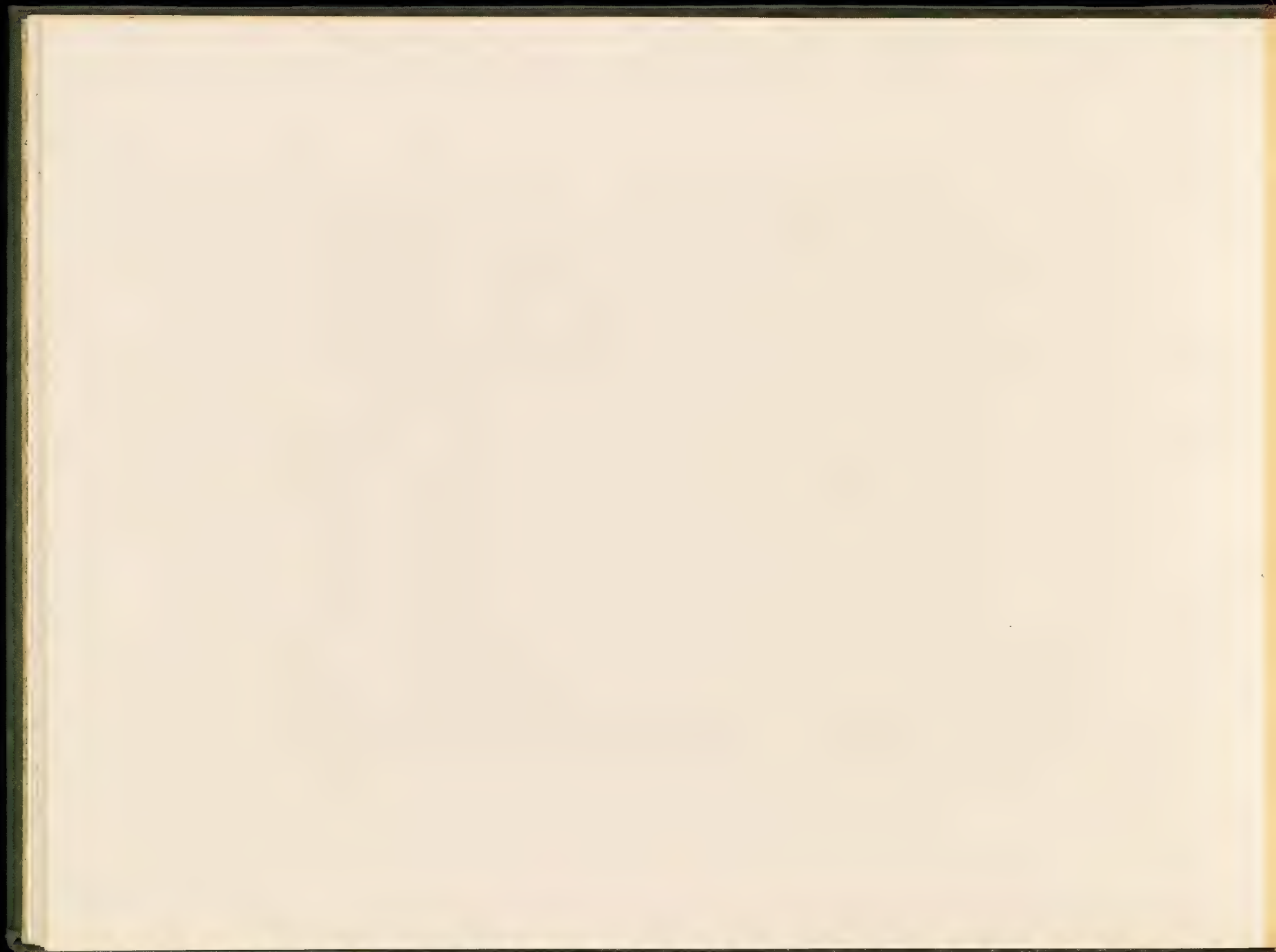
On pressent la vigoureuse circulation d'une vie étrange, dans l'immobilité apparente de cette pâle matière qui se dilate, qui sent, qui aime...

Des pointes de stalactites pendent, comme des poufs de glace, des bourgeons naissants, des boutons délicats sur un épiderme satiné, comme des seins gonflés, des calices élancés d'iris, tantôt regardant les aiguilles des stalagmites dans un désir infini, ou les atteignant d'un baiser fécond qui fait germer la colonne, l'élément constructif organique, donné par la nature, et dont l'homme profite pour les conceptions de son Art.

Manuel Monteiro.

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª EDITORES

Egreja Matriz
MONCORVO

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Tryptico gothico em madeira — A lenda de Santa Anna

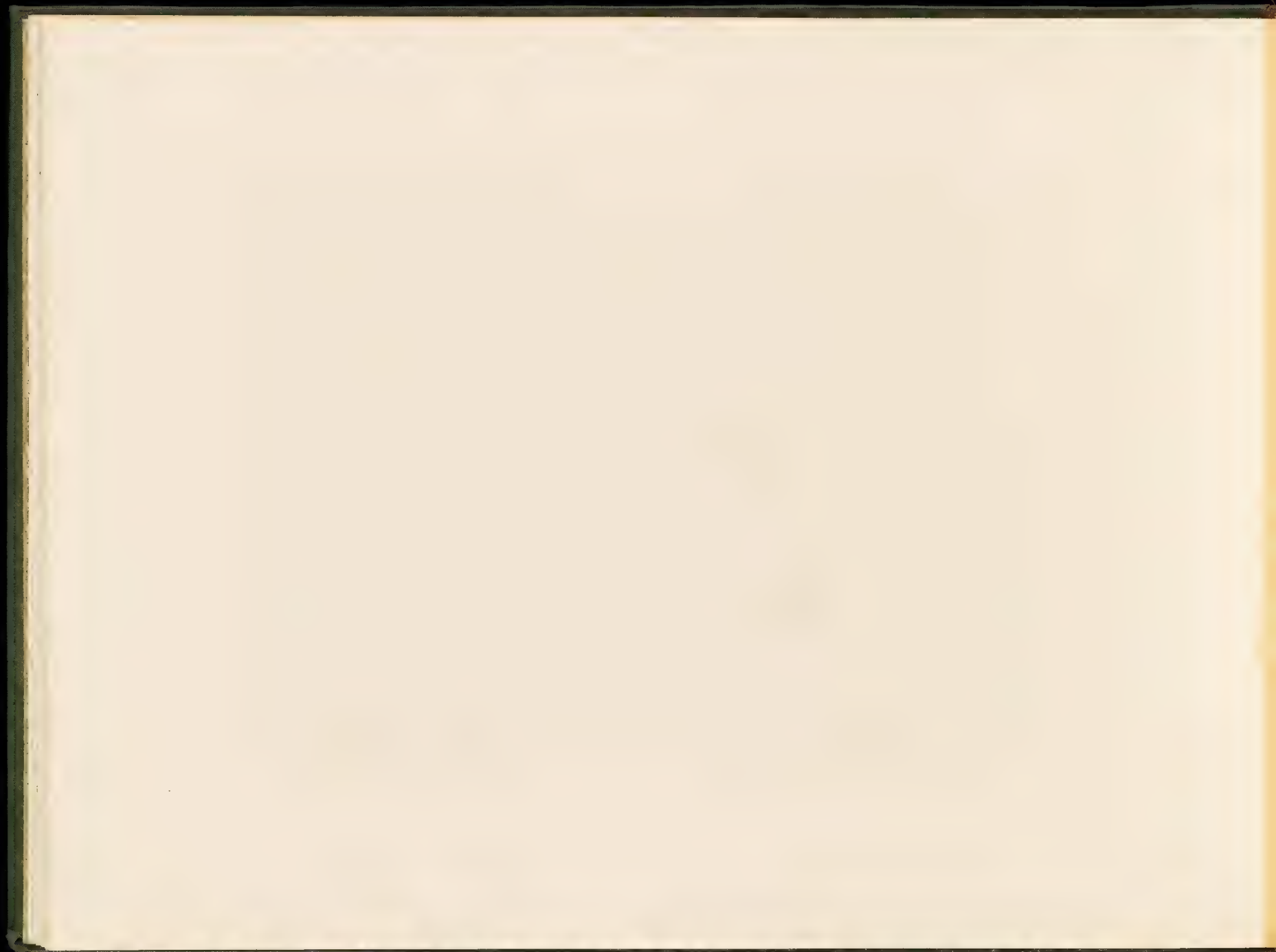
MONCORVO

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Egreja Matriz e Castello

FREIXO D'ESPADA Á CINTA

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Jaz.gos de marmore e alabastro - Gruta grande

VIMIOSO

Arcos de Val-de-Vez

A villa dos Arcos é hoje uma d'estas alegres povoações que põem nos profundos valles do alto Minho, com a mancha clara das suas casas e o ajardinado matiz das suas culturas, a visão d'uma existencia purificadora, sem luctas nem ambições. Banhada pelo Vez, que faz d'ella uma pequena peninsula; realçada no fundo do valle por uma airosa emergencia de terra ribeirinha; a situação da linda villa minhota parece, em verdade, ter merecido á Natureza o mesmo cuidado, carinhoso e minucioso, com que um joalheiro da Renascença engastava as gêmmas de alto preço nos diademas reaes.

Livre de muralhas, com uma sympathica confiança de villa moderna, a sua população atravessou o rio ha muitos annos já, e creou na margem esquerda um outro bairro, cujo desenvolvimento bem cedo fez restaurar a freguezia de S. Paio, supprimida desde que o famoso navegador Fernão de Magalhães, seu senhor, se offerecera ao serviço de Castella.

A origem dos Arcos, como succede sempre com povoações de remota fundação, tem dado vasto campo ás hypotheses e phantasias dos investigadores. Uns, attribuem-na aos gallo-celtas — e, com o nome de Arcobriga, remontam a creação da villa a 350 annos antes de Christo; outros, a D. Affonso Henriques, filiando o actual nome em uma praça coberta de arcos (dos quaes ainda ha pouco havia vestigios) que aquelle rei mandou construir, em memoria do auxilio que os povos do Vez lhe prestaram na celebre batalha da Veiga da Matança; outros ainda (mas estes só pretendem resolver o problema etymologico) affirmam que D. Manuel, quando em 1498 atravessou esta região, a caminho de Sant'Iago de Compostela, tendo admirado muito uns arcos triumphaes, alli levantados em sua honra, logo ordenára que a lembrança d'esses arcos ficasse vinculada ao nome da povoação. Qualquer das hypotheses é verosimil — o que nem sempre succede. É certo, porém, que em 1515 D. Manuel, ingrato ou leviano, menciona apenas como «terra de Valdovez», no foral que então lhe concedeu, o povoado que tão bizarramente o festejára dezesete annos antes.

O senhorio d'esta villa pertenceu ao infante D. Diniz, filho de D. Pedro I e de D. Ignez de Castro. Mais tarde, volvida á corôa, seu irmão D. João I doou-a a Fernão Annes de Lima, fidalgo gallego que o auxiliára na conquista de Tuy. N'esta doação entrou o celebre castello de Giella, construcção feita nos primeiros tempos da monarchia por um abbade de Sabadim, e que, por effeito d'aquella mercê, ficou sendo a casa solarenga da linhagem dos Limas em Portugal. Este castello existe ainda; mas da primitiva fundação apenas sobrevive a torre. O resto do edificio, embora de notavel antiguidade, é muito posterior e tem pormenores architectonicos dignos de reparo. Situado na encosta d'um monte quasi fronteiro á villa, com o seu aspecto de alcáçar feudal, dir-se-ia que vigia ainda n'ella uma herança de seis seculos.

Apesar de tão remota origem, são hoje muito raros, nos Arcos de Val-de-Vez, quaesquer vestigios de civilisação avoenga que detenham os olhos do curioso de arte.

O mais valioso é, sem duvida, o pelourinho, interessante monumento quinhentista, com fama entre os principaes do paiz. Doirado outr'ora, o tempo despiu-o d'esse raro e anachronico luxo. Uma esbelta columna de pedra, torcida, ergue e faz avultar no espaço um complicado emblema, vagamente semelhante a uma corôa real, onde o escudo das quinas e a esphera armillar se repetem n'uma d'essas combinações caracteristicas das nobres e expressivas ornamentações manuelinas. Confinado, durante muito tempo, no velho bairro da Valleta, perto do rio, este interessante padrão foi ha poucos annos transferido para o centro da villa moderna. Está acantoado n'uma dependencia da Praça Municipal.

Em frente d'elle, no alto d'uma larga escada de pedra, ergue-se a matriz do Salvador. A reedificação d'este templo, ordenada por D. Pedro II, nos ultimos annos do seculo XVII, á custa dos direitos do sal, apagou quasi completamente os vestigios da construcção primitiva, attribuida ao fundador do castello de Giella. É esta egreja que constitue, com as suas dependencias de abbadia rica, a unica linha divisoria entre a Praça Municipal e uma outra praça, menos urbana, menos povoada, — e por isso mesmo muito mais interessante. É o terreiro do Espirito Santo. Uma sombra suave desce ahi da espessa ramaria das arvores que o toldam; no solo, de terra batida, a relva cresce ruralmente; e esse recanto de villa minhota, que parece ter sido confiado á Natureza por um enternecimento esthetico do

Arcos de Val-de-Vez

Le bourg d'Arcos est actuellement un de ces riants endroits qui, au fond des vallées du haut Minho, avec la touche claire des maisons et la nuance verdoyante des cultures, nous donne la vision d'une existence purifiante, sans luttes ni ambitions. Baigné par le Vez, qui en fait une petite presqu'île; réhaussé du fond du vallon par une gracieuse élévation de terre-riveraine, la situation du joli bourg du Minho semble vraiment avoir mérité de la Nature le même soin, caressant et minutieux, avec lequel les joaillers de la Renaissance enchâssaient les pierres précieuses dans les diadèmes royaux.

Débarrassé de murailles, avec toute la sympathique confiance d'une ville moderne, sa population a, depuis de longues années, franchi la rivière et installé sur la rive gauche un autre quartier dont le rapide développement a bientôt donné lieu à la restauration de la paroisse de S. Paio supprimée dès l'époque où le fameux navigateur, Fernão de Magalhães, son seigneur, avait passé au service de la Castille.

Comme il arrive toujours avec les contrées de lointaine fondation, l'origine d'Arcos a offert un vaste champ aux hypothèses et aux fantaisies des rechercheurs. Les uns l'attribuent aux gallo-celtiques — et sous le nom de Arcobriga, en font remonter la source jusqu'à 350 ans avant Jésus Christ; d'autres la reportent à D. Affonso Henriques, attribuant le nom actuel à une place couverte d'arceaux, dont on apercevait encore des vestiges il y a peu de temps, et que ce roi aurait fait bâtir en souvenir de l'aide que les gens de Vez lui avaient prêtée pendant la célèbre bataille de Veiga da Matança; d'autres encore, mais ceux-ci ne s'occupent guère que du problème étymologique, assurent que D. Manuel, en 1498, lorsqu'il traversa cette région, en route pour Sant'Iago de Compostela, ayant beaucoup admiré des arcs de triomphe que l'on avait fait élever en son honneur, avait aussitôt ordonné, que le souvenir de ces arcs restât attaché au nom de la ville. Toutes ces hypothèses sont assez vraisemblables, ce qui n'arrive pas toujours. Cependant il est avéré que D. Manuel, ingrat ou léger, ayant en 1515 accordé une charte à ce bourg où on l'avait si généreusement fêté, dix-sept ans auparavant, le désigne simplement sous le nom de «terre de Valdovez».

La seigneurie de cette ville appartint à l'infant D. Diniz, fils de D. Pedro I et de D. Ignez de Castro. Revenue plus tard à la couronne, son frère D. João la donna à Fernão Annes de Lima, noble gallicien qui l'avait aidé lors de la conquête de Tuy. Dans cette donation était compris le célèbre château de Giella, construction de la première époque de la monarchie, dûe à un abbé de Sabadim, et qui après cette grâce, devînt le manoir de la lignée des de Lima en Portugal. Ce château existe encore, mais de la fondation primitive la tour seule subsiste. Le reste de l'édifice, quoique très ancien aussi, est toutefois plus récent, et présente des détails architecturaux dignes de remarque. Situé sur le flanc d'une montagne presque en face de la ville, avec son air de manoir féodal on dirait qu'il la surveille encore comme un précieux héritage de six siècles.

Malgré l'origine si reculée de Arcos de Val-de-Vez on n'y retrouve que de très rares vestiges de civilisation ancestrale, qui attirent les regards d'un amateur d'art. Le plus précieux est, sans doute, le pilori, monument très intéressant du XVI^me^ siècle, réputé parmi les principaux du pays. Autrefois il était doré, mais le temps l'a dépouillé de ce luxe rare et anachronique. Une svelte colonne en pierre, tordue, s'élève et fait ressortir dans l'espace un emblème compliqué, qui rappèle vaguement une couronne royale, où l'écusson des quines et la sphère armillaire se répètent en une de ces compositions caractèristiques d'ornements *manuelinos*, si nobles et si expressifs. Caché pendant de longues années dans le vieux quartier de Valleta, près du fleuve, ce monument si intéressant a été dernièrement placé au centre de la ville moderne, et se trouve dans un recoin de la Place Municipal.

En face, et sur le haut d'un large escalier de pierre, s'élève l'église paroissiale du Sauveur. La réédification de ce temple, commandée par D. Pedro II, pendant les dernières années du XVII^me^ siècle aux frais des droits du sel, a presque complètement effacé les vestiges de la construction primitive, attribuée au fondateur du château de Giella. C'est cette église, avec ses dépendances de riche abbaye, qui forme la seule ligne de séparation entre la Place Munipale et une autre moins urbaine, moins fréquentée, et pour cela même, bien plus intéressante. C'est la place du Saint-Esprit. Doucement ombragée par l'épais feuillage des arbres, le sol en terre battue recouvert d'un frais gazon, ce recoin de la

Municipio, flanqueado por duas velhas egrejas, semeado de grossos bancos de granito, lembra um d'esses suggestivos locaes de repouso que ainda hoje não são raros em antigas cêrcas fradescas.

A riba arcoense, n'esse ponto, attinge a sua maior altitude. A povoação, que até alli avançára sempre, deteve-se ao vêr luzir ao fundo da alta escarpa oriental, como a agua d'um fôsso, o mesmo rio que perto da ponte tinha ao alcance da mão. Maravilhada pelo largo horizonte que d'alli se descobre, talvez pensasse em transformar esse pittoresco cabeço de outeiro em um arrogante baluarte; mas já então a egreja do Espirito Santo o dominava, na aresta da vertente — e a idéa de Deus, a unica que n'aquelle tempo podia sobrelevar a idéa da guerra, impediu por certo a realização d'essa obra mutiladora.

Hoje, apenas uma rasteira e corrida muralha solidifica o terreno, na ourela do despenhadeiro. A essa muralha, como a barbacan de paço feudal, arrimam-se, ao norte, velhas construcções parasitas, que guarnecem toda a encosta de corcovas de telhados, entre os quaes correm linhas angulosas de escadas, sulcos de caminhos colleantes e incertos, nesgas socalcadas de quintaes; — e tudo isto, emmaranhado, confuso, n'uma promiscuidade de burgo medieval, desce até ao profundo bairro da Valleta onde o curso do rio parece deter e disciplinar esse povoado turbulento.

D'ahi, o valle estende-se longamente para o norte. Distante, a leste, por detraz do bairro de S. Bento — um outeiro arrabaldino onde algumas pobres casas procuraram outr'ora a visinhança d'um convento de capuchos erecto no alto — corre uma formidavel cadeia de montanhas que, ennoveladas n'uma vaga linha circular, cingem o valle e formam como que o escrinio d'essa estranha maravilha de vegetação, em que as cambiantes da verdura, as rendas do arvoredo, as manchas dos povoados, se combinam n'uma incomparavel harmonia de tons, para acompanhar, na sua carreira voluptuosa de rio namorado, as aguas transparentes do Vez. Estradas claras fogem, em linhas ondeadas e imprevistas, através do jardim polychromo das culturas; os longes esbatem-se na ondulação azulada dos montes, sem deixarem a olhos idealistas a impressão penosa d'um fim ou d'uma mutação violenta; e essa penetrante magia de Eden nem mesmo desapparece com a approximação dos aspectos. Em baixo, na raiz do outeiro, o rio alarga-se, n'uma vaga curva de enseada. Uma linha dentada de poldras atravessa as aguas com a graça d'um ornamento rural sabiamente disposto. Verduras chorosas de salgueiros e amieiros pendem, na outra margem, sobre a corrente languida — e, d'entre ellas, o velho palacio do Requeixo emerge, com os seus torreões achatados e a sua fachada triste, pondo no quadro a sonhadora nota d'um episodio romantico. Toda essa paizagem parece creada para adormecer paixões, reavivar saudades, simplificar e cristallinizar sentimentos... Deixa nos olhos e na alma o refrigerio d'uma ablução.

Depois d'este, um dos locaes mais aprazíveis dos Arcos é o Campo do Trasladario — que, cortado longitudinalmente em uma ourela da villa, a par do rio, tem o aspecto do lanço inicial d'uma bella avenida de circumvallação. Dois renques parallelos de arvores bordam de sombra a extensa linha do caes. Ao lado, o rio desliza sobre um leito tão pouco profundo que a agua se arruga nas arestas dos seixos mais altos. Apesar d'isso, ainda um longo areal disputa avidamente ao Vez o seu estreito alveo de rio tributario. É ahi que as lavadeiras, vadeando familiarmente a corrente, estendem a roupa ao sol, sobre a massa de arbustos e vegetações parasitarias que dão a essa vulgar emergencia de areia o aspecto decorativo d'uma ilha. Mais abaixo, a ponte de pedra ajunta a este trecho pittoresco a graça archaica dos seus arcos; e, na margem fronteira, um novo grupo de habitações sóbe uma encosta suave, dissemina-se entre verduras de prados, sombras fortes de pinhaes, altos arvoredos avidados, macissos de carvalhos e castanheiros — tendo por fundo, longinquamente, uma trincheira de montes cujo esqueleto de granito se adivinha pelas grandes massas de rocha que lhes rompem a crosta.

Faz hoje parte da área comarcã dos Arcos, reduzido ás proporções d'uma simples freguezia rural, o antigo concelho de Soajo. Villa montezinha, os actuaes habitantes d'ella conservam ainda, no seu trato com os arcoenses, uma certa sobranceria e arrogancia de soberanos captivos. Os homens, trigueiros e sêccos, usam quasi todos os asperos vestuarios de burel de seus avós; as mulheres distinguem-se apenas por umas polainas de lã grossa, que lhes vestem as pernas desde o artelho — que fica nú, assim como todo o pé — até ao joelho, que uma curta saia pouco ultrapassa. E, assim descalças, pisam insensivelmente, no inverno, as neves da montanha, o pedregulho solto dos caminhos resvaladiços e o estreito sulco que os atalhos serranos abrem através de cardos, matagaes e silvados, — ás vezes carregadas com os cereaes, o mel ou os queijos que vêm vender ao mercado da villa.

petite ville semble avoir été mis sous la garde de la Nature, par un élan de tendresse esthétique de la Municipalité. Flanquée de deux vieilles églises, garnie de gros bancs en granit, il nous rappèle un de ces lieux de repos, si suggestifs et que l'on retrouve encore dans beaucoup d'enclos d'anciens couvents. C'est à ce point que la rive d'Arcos atteint sa plus grande altitude. La ville qui avançait toujours vers ce côté-là, s'est arrêtée, en voyant reluire au fond de la haute escarpe orientale, le même fleuve qui près du pont se trouvait sous sa main, et qui à cet endroit semble à de l'eau au fond d'un fossé. Emerveillée par le vaste horizon qui se présente à sa vue, peut-être a-t-elle pensé à transformer cette pittoresque crête de montagne, en un superbe château-fort; mais l'église du Saint-Esprit la dominait déjà sur le versant, et l'idée de Dieu, la seule qui dans ce temps-là pouvait être supérieure à l'idée de guerre, a certainement empêché la réalisation de cette œuvre dévastatrice.

Aujourd'hui, au bord du précipice on voit à peine une muraille basse et unie qui maintient le terrain. Contre cette muraille, s'adossent au nord, comme à la barbacane d'un palais féodal, de vieilles constructions qui, comme des parasites, recouvrent toute la colline de toits bosselés, parmi lesquels passent des lignes anguleuses d'escaliers, des sillons de sentiers tortueux et incertains, des ornières de jardins, tout celà confus, emmêlé, en une promiscuité de bourg médiéval, descendant jusqu'au profond quartier de Valleta où le cours du fleuve semble arrêter et discipliner cet endroit si turbulent.

Ensuite, la vallée s'étend longuement vers le nord. Au loin, à l'ouest, derrière le quartier de S. Bento — un coteau faubourien où quelques humbles maisons avaient autrefois recherché le voisinage d'un couvent de capucins élevé tout en haut — s'étend une formidable chaîne de montagnes, qui pelotonnées en une vague ligne circulaire, entourent la vallée, et forment comme l'écrin de cette étrange merveille de végétation où les nuances de verdure, la fine dentelle du feuillage, les touches claires des villages, se mélangent avec une incomparable harmonie de tons, pour accompagner les eaux limpides du Vez, dans sa course voluptueuse de fleuve amoureux. À travers l'immense jardin polychrome des cultures, des routes blanches fuient, en lignes sinueuses et imprévues; les lointains s'estompent dans l'ondulation bleuâtre des montagnes, sans que des regards idéalistes puissent ressentir la pénible impression d'une fin ou d'un brusque changement, et le rapprochement même des aspects ne réussit pas à faire disparaître cette pénétrante magie d'Eden. En bas, au bord du coteau le fleuve s'élargit en une vague courbure de golfe. Une rangée de pouliches traverse la rivière avec toute la grâce d'un ornement rural que l'on aurait savamment disposé. Sur l'autre rive, pendent sur l'eau tranquille les verdures plaintives des saules et des aulnes, et l'on voit émerger le vieux palais de Requeixo avec ses tourelles aplaties et sa façade triste, mettant une touche rêveuse d'épisode romantique au milieu de ce riant tableau. Tout le paysage semble fait pour endormir les passions, rappeler les regrets, simplifier et purifier les sentiments. Il nous laisse dans les yeux et dans l'âme l'impression rafraîchissante d'une ablution.

Après celui-ci, un des endroits les plus agréables d'Arcos est le Campo do Trasladario, coupé longitudinalement sur un des bords de la ville, parallèle au fleuve, et qui présente l'aspect initial d'une belle avenue d'enceinte. Deux rangées d'arbres garnissent la longue ligne du quai. À côté, le fleuve coule sur un lit si peu profond que l'on voit l'eau se rider sur les arêtes des plus hauts cailloux. Malgré cela, une vaste langue de sable dispute avidement au Vez son mince courant d'humble affluent. C'est là que les blanchisseuses, guéant familièrement le cours d'eau, vont étendre leur linge au soleil, sur la masse d'arbustes et de vegétation parasite qui donnent à cette vulgaire élévation de sable, l'aspect décoratif d'une île. Plus bas, le pont en pierre ajoute à ce détail si pittoresque la grâce archaïque de ses arcades; et sur la rive d'en face, un nouveau groupe d'habitations s'échelonne sur la pente douce du coteau, et s'éparpille parmi les verdures des prés, les forts ombrages des sapinières, les hauts arbres recouverts de vigne grimpante, les massifs de chênes et de marronniers, ayant comme fond, très lointain, une chaîne de montagnes dont la charpente granitique se révèle par les grandes masses de rochers qui en percent les sommets.

L'ancienne commune de Soajo fait partie du district d'Arcos, à peine réduite aujourd'hui à une simple paroisse rurale. C'est un bourg un peu sauvage, dont les habitants conservent encore, dans leurs rapports avec ceux d'Arcos, un certain air hautain et arrogant de souverains déchûs. Les hommes, bruns et secs, portent presque tous, des gros vêtements de bure de leurs aïeux; les femmes se distinguent seulement par des guêtres en grosse laine, qui leur recouvrent les jambes depuis la cheville, — qui reste nue ainsi que le pied — jusqu'au genou, que le jupon dépasse à peine. Elles s'en vont ainsi,

Soajo tinha privilégios que datavam dos primeiros tempos da monarchia. Á semelhança de Monsão, nunca reconheceu outro senhor se não o rei. Além de desfructar a isenção d'um grande numero de tributos, de alojamento e mantimento de soldados, etc., só tinha obrigação de contribuir com gente para a guerra, quando o proprio rei a fizesse em defeza do seu concelho.

Um dia, um fidalgo da casa de Araujo e Lóbeos, que alli tinha grandes propriedades, não havendo pelejas que o divertissem das ociosidades feudaes, deliberou ir montear fragueiramente nas suas coutadas soajenses. A região era afamada; além d'alguns ursos, já então rarissimos, havia grande quantidade de lobos asnaes e cervaes, javalís, veados, martas, raposas e tourões — sem fallar em volateria grossa e miúda. Tão recompensador foi o exito d'esta excursão aventureira, que o filho do senhor de Lóbeos nunca mais perdeu o habito de bater, todos os annos, durante alguns mezes, as montanhas de Soajo. Comtudo, como todo o lídimo filho d'algo d'aquelle tempo, o fogoso caçador não perseguia só as rezes do seu montado e as aves ao alcance dos seus falcões e gerifaltes; não lhe escapavam tambem, com grande escandalo de todos, as raparigas donzellas da villa e mesmo as casadas que alguma graça especial recommendasse. Nos cães, nos possantes sabujos da serra, tambem fazia revoltantes tomadías... — Tantas affrontas exasperaram por fim os soajenses, que pediram justiça ao seu senhor. O rei, que era o resoluto D. Diniz, ordenou logo ao desabusado fidalgo que vendesse sem demora todos os bens que possuia na sua boa villa serrana e nunca mais lá exercitasse as suas aptidões venatórias, tão variadas e leoninas; em seguida, para satisfazer, de certo, um pedido mais expresso do povo que tão festivamente o acolhera por occasião da sua visita ás obras do castello de Lindoso, mandou lavrar uma provisão, segundo a qual nenhum fidalgo poderia demorar-se em Soajo mais que o tempo necessario para esfriar um pão quente exposto ao ar na ponta d'uma lança!

Deve remontar a essa distante época de grandeza, a erecção do pelourinho soajense, que é apenas uma tosca columna de granito, vagamente afuselada de alto para baixo, cravada como uma estaca nas largas lages escadeadas que a elevam do solo. Na parte superior d'ella, insculpida na pedra escura, distingue-se uma caraça lunar, d'um desenho infantil e primitivo; — e, com o grosso disco, tambem de pedra e já sem um segmento, que o corôa, este singularissimo padrão assemelha-se a um velho prego de ferro devastado por ferrugens centenarias e com a cabeça mutilada pelas martelladas d'um cyclope.

Este curioso povo de Soajo, com os seus privilegios, o seu arreganho autonomico, o seu indomavel isolamento, os seus costumes e o caracter igualitário das suas leis internas, constituiu, dentro de seis seculos de monarchia absoluta, uma obscura, tenaz e honesta republica, cujo presidente — o juiz — eleito de três em três annos, accumulava com as suas funcções civis a auctoridade marcial de capitão-mór.

As montanhas do antigo concelho de Soajo, em cujas ravinas espumeja o rio da Peneda, são fronteiriças. D'ellas faz parte o celebre cabeço da Gabiarra, que é, com os seus 2:467 metros de altitude, o mais elevado pincaro de Portugal.

Ponte da Barca

Antigo e obscuro arrabalde da Terra da Nóbrega, forte povoação serrana que a mãe de Affonso Henriques honrou com um foral em 1125, a villa da Ponte da Barca deve principalmente a sua fundação a uma mulher nobre, D. Maria Lopes da Costa, que nos ultimos annos do seculo XV fez construir na visinhança do Lima uma casa que foi o nucleo da prospera e graciosa povoação de hoje. Essa tentativa de colonisação, inspirada certamente pela proximidade da actual egreja matriz, aonde o pae d'aquella illustre senhora tinha (por ser neto do seu fundador, D. Rodrigo Taveira) a sepultura de honra dos padroeiros, foi desde logo favorecida por um acontecimento excepcional. El-rei D. Manoel, passando alli em 1498, por occasião da sua romagem a Galliza, achou o sitio azado para se resarcir das fadigas da jornada — e acceitou com agrado a hospitalidade que lhe offereceu a emprehendedora dona. D. Manoel, que já varias vezes tentára chamar a si o Cardeal de Alpedrinha, voluntariamente exilado em Roma desde o reinado de D. João II, sabendo que se achava em casa d'uma sobrinha do celebre prelado, mais bizarro se mostrou na recompensa do serviço prestado — e, entre outras muitas mercês que concedeu a D. Maria da Costa, outorgou-lhe o direito senhorial de cobrar 40 reis de fumagens, de toda a nova casa que se edificasse na nascente villa. Essa casa, onde recebeu festiva hospita-

nu-pieds, foulant insensibles les neiges de la montagne pendant l'hiver, les cailloux épars sur les chemins glissants, et les étroits sillons des sentiers montagneux, percés à travers les chardons, les buissons et les haies, parfois chargées de céréales, de miel ou de fromages qu'elles viennent vendre au marché de la ville. Soajo possédait des privilèges qui dataient des premiers temps de la monarchie. De même que Monsão elle ne reconnut jamais d'autre seigneur que son roi. Outre la jouissance d'exemption de beaucoup d'impôts, de logements et de manutention de soldats, etc., elle n'était obligée à contribuer avec ses gens pour la guerre, que lorsque le roi la faisait proprement en défense de sa commune.

Un jour, un gentilhomme de la maison de Araujo et Lóbeos qui possèdait là de grandes propriétés, n'ayant pas de combats qui puissent le distraire dans sa noble oisiveté, résolût d'aller chasser les fauves dans ses terres. La région était renommée; outre quelques ours, déjà très rarement aperçus, il y avait une grande quantité de gros et petits loups, des sangliers, des cerfs, des martes, des renards et des furets, sans parler des gros et menus volatiles. Le succès de cette excursion fut si brillant que le fils du seigneur de Lóbeos prit l'habitude de battre tous les ans, pendant quelques mois, les montagnes de Soajo. Mais comme tout bon fils de noble de ce temps-là, le fougueux chasseur ne poursuivait pas seulement le gibier de ses terres et les oiseaux atteints par ses faucons et ses gerfauts; au grand scandale de tous, aucune jeune fille, aucune jeune femme ayant quelque gracieux attrait, ne lui échappait. Il s'emparait aussi d'une manière révoltante des chiens, des puissants limiers de la montagne. De tels affronts finirent par exaspérer les gens de Soajo qui demandèrent justice à leur seigneur. Le roi, qui était alors l'énergique D. Diniz, ordonna aussitôt au licencieux gentilhomme, de vendre sans retard tous les biens qu'il possédait dans sa bonne ville de la montagne et de ne jamais plus y exercer ses aptitudes vénatoires, si ambitieuses et hardies; et ensuite, pour satisfaire certainement, une requête plus empressée du peuple qui l'avait si joyeusement accueilli lors de sa visite aux travaux du chateau de Lindoso, il fit passer un décret par lequel, aucun noble ne pourrait rester à Soajo plus que le temps nécessaire pour refroidir un pain chaud exposé à l'air sur la pointe d'une pique!

L'érection du pilori de Soajo, qui est simplement une grossière colonne de granit vaguement fuselée de haut en bas et plantée comme un pieu dans les larges dalles échelonnées qui l'élèvent du sol, doit remonter à cette lointaine époque de grandeur dont nous avons parlé. Insculpé sur la pierre noircie du haut de la colonne, on distingue un masque lunaire d'un dessin naïf et primitif. Ce singulier monument, avec un gros disque qui le couronne également en pierre et déjà sans un segment, ressemble à un vieux clou de fer dévasté par la rouille centenaire et dont la tête aurait été mutilée par les coups de marteau d'un cyclope.

Ce curieux peuple de Soajo, avec ses privilèges, sa fierté autonomique, son isolement indomptable, ses mœurs et le caractère égalitaire de ses lois internes, a constitué, pendant six siècles de monarchie absolue, une république obscure, tenace et honnête, dont le président, le juge, élu de trois en trois ans, cumulait ses fonctions civiles avec l'autorité de gouverneur militaire.

Les montagnes de l'ancienne commune de Soajo, avec leurs ravins, au fond desquels écume le fleuve de Peneda, sont près de la frontière. L'une d'elles est le fameux pic de Gabiarra, qui avec ses 2.467 mètres de hauteur est sommet le plus élevé du Portugal.

Ponte da Barca

C'est un ancien et obscur faubourg de la Terra da Nóbrega, un endroit de la montagne auquel la mère de D. Affonso Henriques donna en 1125 une charte, qui devint le bourg de Ponte da Barca et qui doit sa fondation surtout à une femme noble, D. Maria Lopes da Costa, laquelle pendant les dernières années du XV^me siècle fit construire dans le voisinage du fleuve Lima, une maison qui fut l'origine de l'actuelle petite ville si riante et prospère. Cette tentative de colonisation inspirée sans doute par la proximité de l'actuelle église principale, où le père de cette illustre dame était inhumé avec tout l'honneur des patrons (car il était petit fils de son fondateur, D. Rodrigo Taveira) fut dès le commencement favorisée par un évènement exceptionnel. En 1498, le roi D. Manuel y passa à l'occasion de son pélerinage en Gallice, et trouvant l'endroit propice pour se dédommager des fatigues du voyage, il accepta de bon gré l'hospitalité que lui offrit l'entreprenante dame. D. Manuel, qui plusieurs fois déjà avait tâché de s'attirer le Cardinal de Alpedrinha, volontairement exilé à Rome depuis le règne de

lidade um dos mais faustosos reis portuguezes, ainda hoje se vê, na bocca d'uma estreita e sombria rua, perto do rio. Abastardada por reconstrucções ineptas, nada tem que denuncie a olhos inavisados a notavel tradição que representa; é um predio de dois andares, revestido de grosseiras caliças, com algumas janellas abertas um pouco ao acaso. Á altura do pavimento do primeiro andar, rompe da parede uma pedra escura, semelhante a um poial, onde a patina do tempo já quasi apagou o relevo de duas caras insculpidas no topo. É este o padrão que alli commemora a visita de D. Manuel — pois essas duas caras são, segundo a tradição antiquissima, as veras effigies d'aquelle monarcha e da triste rainha D. Izabel, sua primeira mulher.

Antes d'essa época, o local onde hoje se ergue a villa não era, verosimilmente, mais que um embarcadouro, — ponto de travessia onde a barca, que ficou ligada ao nome do povoado, estabelecia communicação com os povos d'além-Lima.

Mas o impulso estava dado; — e, pouco depois da morte da celebre barquense, fundava-se a egreja da Misericordia, com o seu hospital; construia-se a magnifica ponte de cantaria, que ainda hoje, apesar d'uma importante reparação recente, conserva todo o caracter das construcções fortes e airosas do seculo XVI; erguiam-se palacios, gizavam-se ruas, retalhava-se e cobria-se de novas edificações a ladeira que desce da matriz até ao rio; e, não só para essa villa embrionaria, mas tambem para os seus arrabaldes, convergiam incessantemente valiosos elementos de prosperidade e riqueza, provenientes das allianças dos Costas com a maior parte das grandes familias da provincia.

A matriz, construida n'uma pittoresca elevação, domina toda a villa com a cupula branca do seu campanario, tão rebocada e remoçada por successivas reparações que, ao primeiro olhar, quasi parecem uma habil mystificação os pormenores architectonicos que na sua larga fachada lhe documentam a antiguidade. Fundada nos primeiros annos do seculo XV por D. Rodrigo Taveira, commendatario de Bravães, esta egreja apresenta interiormente um aspecto de vetustez que mal soffre o contraste inesthetico da maior parte das ornamentações modernas. Tem algumas talhas preciosas. Entre as suas alfaias guarda-se (tambem já depreciado por obras posteriores) um crucifixo de prata offerecido por el-rei D. Manuel, em 1503. O airoso planalto em que foi erigida a egreja, terraplanado e arborisado modernamente, tem hoje, sob o nome de *Alameda*, todas as regalias de local de recreio; ao lado, servindo-lhe de contraforte, emerge da linha funda da estrada, sobre uma solida arcada de silharía, o palacete da Camara.

A ponte, que dá um relevo inconfundivel ao aspecto panoramico da villa, parece ser obra de D. João III. Batida pelas grandes inundações que a chuva e o degelo produzem sempre nas regiões montanhosas, tem soffrido damnos consideraveis durante a sua longa existencia, apesar dos solidos cortamares, que reforçam, a montante, os seus peões, e das boccas de descarga intercaladas entre os seus dez grandes arcos de possante cantaria. As reparações têm sido, portanto, numerosas. Comtudo, nenhuma a alterou tanto como a ultima, terminada em 1896, que além de alargar e macadamizar o seu taboleiro, substituiu por grades de ferro as antigas guardas de granito.

Esta ponte, que é um dos mais notaveis monumentos da villa, é tambem um dos seus mais bellos miradouros. O Lima, que passa por ser o mais formoso rio de Portugal, tão manso corre de ordinario em frente d'essa doce terra ribeirinha, que o diriam saudoso dos velhos poetas que alli nasceram e extasiadamente o cantaram. Grandes areaes o adelgaçam, entre as margens de arvoredo denso — e, não raro, essa vegetação viçosa e aventureira invade os dominios do rio, rompendo-lhe as aguas com altas e espessas verduras de arbustos.

Ao lado do perfil esbelto da ponte, a povoação aninha-se, toda branca, entre culturas ajardinadas de terra fertil, como o acampamento d'um povo que alli tivesse achado o segredo da felicidade. Ao longe, em volta, as serranias ondulam, cobertas de pinhaes e carvalheiras — immenso mar vegetal onde por vezes sorri, como vela inflada de falúa, a mancha branca d'uma casa montezinha.

D. João de Castro.

D. João II, sachant qu'il se trouvait chez une nièce du célèbre prélât, se montra encore plus généreux dans la récompense du service rendu, et parmi beaucoup d'autres bienfaits qu'il accorda à D. Maria da Costa, il lui octroya le droit seigneurial de recevoir 40 reis d'impôt sur les foyers de toutes les nouvelles maisons qu'on édifierait dans la ville naissante. On voit encore aujourd'hui, à l'entrée d'une rue sombre et étroite près du fleuve, cette maison où fût si hospitalièrement reçu et fêté, un des plus fastueux rois portugais. Abâtardie par d'ineptes restaurations, elle n'a plus rien qui dénonce à des regards non prévenus, la fameuse tradition qu'elle représente; c'est une maison à deux étages, revêtue de grossiers replâtrages, avec quelques fenêtres ouvertes un peu au hasard. À la hauteur du premier étage, une pierre noircie se détache du mur, semblable à un appui, sur lequel la patine du temps a presque effacé le relief de deux figures sculptées sur le faîte. C'est ce monument qui rappèle la visite de D. Manuel, et ces deux figures, d'après une tradition très ancienne, sont les véritables images de ce roi et de la triste reine D. Izabel, sa première femme. Avant cette époque, le lieu où se trouve aujourd'hui la ville, n'était, vraisemblablement, qu'un embarcadère, le point de départ de traversée, où la barque, dont le nom est resté relié à celui de la ville, servait de communication avec les gens de l'autre côte du Lima.

Mais l'élan était donné, et, peu après la mort de la fameuse fondatrice de la ville de Ponte da Barca, on bâtît l'église de la Misericordia avec son hôpital; on construisit le magnifique pont de pierre de taille qui encore aujourd'hui, malgré une importante réparation récente, conserve tout le caractère des constructions fortes et élégantes du XV^me^ siècle; ensuite on édifiait des palais, on alignait des rues, on partageait et on couvrait de nouvelles édifications la pente qui descend de l'église jusqu'au fleuve; et toute sorte de précieux éléments de prosperité et de richesse, venant des alliances des Costas avec la plus grande partie des grandes familles de la province, arrivaient incessamment dans la ville embryonnaire, et aussi dans les environs.

L'église principale, édifiée sur une pittoresque élévation, domine toute la ville avec la coupole blanche de son clocher, et elle a été si rajeunie et replatrée par de successives réparations qu'au premier abord on prend pour d'habiles mystifications les détails architecturaux qui sur la vaste façade en attestent l'antiquité. Fondée pendant les premières années du XV^me^ siècle par D. Rodrigo Taveira, commandataire de Bravães, cette église présente à l'intérieur un aspect de vétusté qui jure avec le manque d'esthétique de la plupart des ornementations modernes. On y voit quelques boiseries précieuses. Parmi les ornements d'église on garde un crucifix d'argent offert en 1503 par le roi D. Manuel, et auquel nuisent des objets d'art plus récents. Le joli plateau sur lequel a été bâtie l'église, a été récemment aplani et garni d'arbres, et sous le nom de *Alameda* il réunit toutes les qualités d'un lieu de plaisance; à côté, émergeant de la ligne profonde de la route, sur une solide arcade en pierre de taille, l'Hotel de ville, sert de contrefort à cette promenade supérieure.

Le pont, qui fait ressortir d'une manière charmante l'aspect panoramique de la ville, semble être l'œuvre du roi D. João III. Constamment frappé par les grandes inondations que la pluie et le dégel produisent toujours dans les régions montagneuses, il a souffert de considérables dégâts pendant sa longue existence, malgré les solides assises qui renforcent, en amont, ses piliers, et les bouches d'écoulement, intercalées entre les grandes arcades de fortes pierres. Les réparations ont été nombreuses; cependant aucune ne l'a autant altéré que la dernière, terminée en 1896, car elle en a, non seulement élargi et macadamisé le tablier, mais remplacé par des grilles en fer l'ancienne balustrade de granit.

Ce pont, qui est un des plus remarquables monuments de la ville, est aussi un de ceux d'où l'on jouît d'une plus belle vue. Le Lima, qui a la réputation d'être le plus beau fleuve du Portugal, coule si tranquillement devant cette douce terre riveraine, qu'il semble regretter les vieux poètes qui y sont nés et qui l'ont si délicieusement chanté. De grandes langues de sable l'amincissent, entre les deux rives bordées d'arbres si touffus, qu'ils envahissent avec leur végétation capricieuse et verdoyante la ligne du courant, d'où ils émergent en de hautes et épaisses verdures d'arbustes.

À côté du svelte profil du pont la petite ville se niche toute blanchissante, parmi les jardins et les cultures des terres fertiles, comme le campement d'un peuple qui aurait trouvé là le secret du bonheur. Au loin, alentour, les montagnes ondulent, recouvertes de pins et de chênes, semblables à une vaste mer végétale sur laquelle sourit parfois, comme la voile gonflée d'une felouque, la tache blanche d'une maison forestière.

D. João de Castro.

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª EDITORES

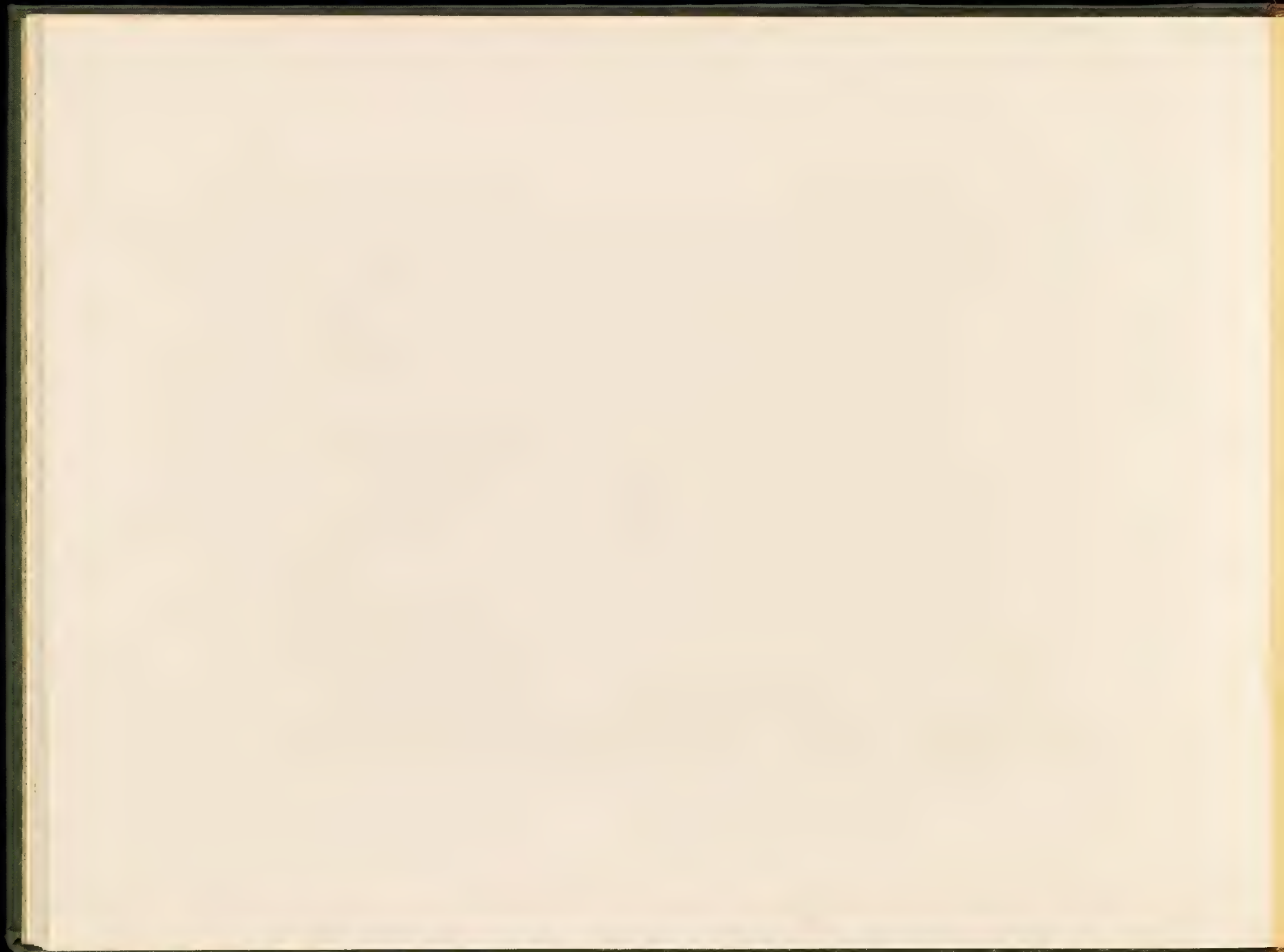
Vista geral

ARCOS DE VAL-DE-VEZ

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª EDITORES

Pelourinho

ARCOS DE VAL-DE-VEZ

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO

EMILIO BIEL & C.ª EDITORES

Castello de Giella

ARCOS DE VAL-DE-VEZ

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª EDITORES

V.sta geral

PONTE DA BARCA

Ponte do Lima

O rio Lima, que depois de se debater entre penhascaes bravios de Galliza entra em Portugal, como uma cobra acossada, pelas ravinas profundas de Lindoso, tão manso e amoravel se torna depois de banhar os primeiros kilometros de terra portugueza, que as suas margens parecem aureoladas pela tradição d'um milagre.

Prados, pinhaes, ribanceiras, logarejos obscuros, tudo embelleza e clarifica; e as três maiores povoações de que elle foi outrora a origem e é hoje um dos primeiros elementos de vida — Ponte da Barca, Ponte do Lima e Vianna do Castello — têm, em todo o mappa do pittoresco de Portugal, um relevo raramente comparavel. Diogo Bernardes, que junto d'elle nasceu, nem durante os seus ephemeros triumphos na côrte de D. Sebastião, nem no captiveiro de Africa, nem entre as tribulações dos ultimos annos da sua vida, esqueceu o rio namorado da terra natal — rio tão sereno e transparente que (diz elle em uma das suas éclogas) «parece que se arrepende de levar agua doce ao mar salgado». Frei Agostinho da Cruz, irmão de Bernardes, e poeta de bem mais elevada inspiração, tambem o não esqueceu nos ermos penitentes da Arrábida: a saudade do Lima disputou ou confundiu-se com a idéa de Deus no espirito e nas trovas d'esse suggestivo poeta mystico.

É na margem d'este rio cantado por poetas de todos os tempos, procurado por artistas e abençoado pelas obscuras populações da região que elle alegra e fertiliza — que se agrupam, numa luminosa polychromia moderna, as cinco centenas de casas de Ponte do Lima.

Fundada, como querem uns, pelos gregos, 1304 annos antes da era christã, ou pelos túrdulos, lusitanos primitivos da zona transtagana, 840 annos depois, é certo que, por occasião da conquista romana, os invasores já aqui acharam o núcleo d'uma povoação, que depois augmentaram e desenvolveram de tal modo que, sob o reinado de Trajano, já ella constituia uma cidade de vulto, com o nome de *Forum Limicorum*.

O resultado das investigações até agora realizadas permitte affirmar, sem sombra de duvida, que a villa nem sempre teve a situação actual. Um pouco a oéste, no logar da Baldrufa, e no Monte dos Médos, ha ainda vestigios de fortificações e de edificios de tijolo, que d'algum modo comprovam o asserto d'aquelles que pretendem ter sido alli o primitivo assento da povoação. A abertura da via militar de Braga a Astorga, que seguia, com variantes sem importancia, a linha da estrada actual, attrahiu naturalmente para junto da ponte, que então se construiu, aquelle povo alvoroçado talvez pela esperança d'uma nova era de paz e prosperidade; mas mais tarde, já extincta a dominação romana na peninsula, factos que se desconhecem (talvez as inundações que desviaram para o sul o leito do rio) determinaram um novo exodo para o local primitivo.

Ahi se achava a velha cidade dos limios em mortal decadencia, já quasi sem habitantes, quando a rainha D. Thereza, em 1125, deliberou mandal-a repovoar, dando-lhe um foral com allicientes privilegios. Este soccorro não logrou porém arrancar os presumiveis descendentes dos túrdulos do doentio abatimento em que jaziam. O Forum Limicorum parecia condemnado irremissivelmente á morte. Em vão D. Affonso II renovou a iniciativa, confirmando, com novos privilegios, o foral de sua bisavó; a decadencia de Ponte do Lima já não podia combater-se com palliativos de tal natureza.

Só muito tempo depois D. Pedro I pôde, por uma feliz suggestão da sua vontade de ferro, oppôr um remedio heroico á lenta consumpção d'esse povo atrophiado por uma antiga herança de infortunios. O primeiro acto do deliberado monarcha foi ordenar a mudança immediata da povoação para o sitio actual; depois, murou-a fortemente, como se quizesse conter para sempre aquella gente voluvel e vagabunda, deu-lhe uma organisação administrativa propria a fomentar o seu rapido desenvolvimento, ratificou e augmentou os privilegios concedidos pelos seus antecessores — e assim conseguiu lançar definitivamente os fundamentos da linda povoação d'hoje.

A ponte romana, da qual ainda subsiste um lanço na margem direita, construida no tempo do imperador Augusto, foi tambem reparada, refeita em parte, e fortificada com duas altas torres, por D. Pedro I. Mais tarde, como as terriveis inundações do Lima a tivessem arruinado, el-rei D. Manuel

Ponte do Lima

Après s'être débattu parmi les écueils sauvages de la Gallice, le fleuve Lima entre en Portugal, comme un serpent traqué, perçant les profonds ravins de Lindoso, mais, passé les premiers kilomètres du sol portugais qu'il baigne, on le voit si doux, si tranquille, que ses rives semblent nimbées par la tradition d'un miracle.

Bois de pins, berges, prairies, hameaux obscurs, tout paraît embelli et éclairé. Les trois endroits dont il fut autrefois l'origine, et dont il est actuellement un des premiers éléments de vie — Ponte da Barca, Ponte do Lima et Vianna do Castello — sont particulièrement remarquables sur la carte de ce qu'il y a de plus pittoresque en Portugal. Diogo Bernardes, qui naquît près de ses bords, n'oublia jamais, ni pendant ses triomphes éphémères à la cour de D. Sebastião, ni dans sa captivité d'Afrique, ni au milieu des chagrins des dernières années de sa vie, l'amoureux fleuve de son pays natal, le fleuve si paisible, si transparent, qui, comme il le dit dans une de ses églogues, «semble se repentir de porter de l'eau douce à la mer salée». Frei Agostinho da Cruz, frère de Bernardes et poète d'inspiration bien plus élevée, ne l'oublia pas non plus dans ses pénitentes solitudes de Arrabida: les regrets du Lima se confondirent et disputèrent l'idée de Dieu dans l'esprit et les rimes de cet insinuant poète mystique.

C'est au bord de ce fleuve, chanté par des poètes de tous temps, recherché par des artistes, et béni par les humbles populations des régions qu'il féconde et réjouit, que se groupent, dans une lumineuse polychromie moderne, les cinq centaines de maisons de la ville de Ponte do Lima.

Les uns veulent qu'elle ait été fondée par les grecs, 1304 ans avant l'ère chrétienne, ou par les turdules, lusitains primitifs de la zone d'au-delà du Tage, 840 ans après J. C.; mais, quelle que soit son origine, il est avéré, qu'à l'occasion de la conquête romaine, les envahisseurs y trouvèrent déjà le noyau d'une bourgade, qu'ils augmentèrent et développèrent à un tel point, que, sous le règne de Trajan, elle était déjà devenue une ville importante avec le nom de *Forum Limicorum.*

Le résultat de recherches effectuées jusqu'à nos jours permet d'assurer, sans nul doute, que le bourg n'a pas toujours occupé la situation actuelle. Un peu vers l'ouest, à l'endroit de Baldrufa et sur le mont des Médos, on voit encore des traces de fortifications et d'édifices en brique, qui prouvent d'une certaine manière l'assertion de ceux qui prétendent retrouver là le premier siège de la ville. Le percement d'une route militaire de Braga à Astorga, qui suivait, avec de peu importants détours, la ligne de la route actuelle, attira naturellement du côté du pont, construit alors, tout ce peuple émotionné peut-être par l'espoir d'une ère nouvelle de prospérité et de paix; mais plus tard, après l'extinction de la domination romaine dans la péninsule, des faits ignorés, ou peut-être les inondations qui détournèrent vers le sud le lit du fleuve, déterminèrent un nouvel exode vers l'emplacement primitif.

C'était là que siégeait la vieille cité des *limios*, mortellement déchûe, presque déserte, lorsque, en 1125, la reine D. Thereza résolût de la faire repeupler, et lui accorda une charte avec les privilèges les plus séduisants. Mais ce secours ne parvint pas à arracher les descendants présumables des turdules, à l'accablement maladif où ils gisaient. Le Forum Limicorum semblait irrémissiblement condamné à mort. Vainement D. Affonso II renouvela la tentative, confirmant avec de nouveaux privilèges la charte de sa bisaïeule; la décadence de Ponte do Lima ne pouvait désormais être combattue avec des palliatifs de ce genre.

Ce ne fut que bien longtemps après, que D. Pedro I, par une heureuse inspiration de sa volonté de fer, pût appliquer un remède héroïque à la lente consomption de ce peuple atrophié par une longue suite d'infortunes. Le premier acte du hardi monarque fut d'ordonner le transfert immédiat de la ville sur le lieu actuel; ensuite il la mura solidement comme s'il avait voulu maintenir pour toujours ces gens changeants et vagabonds, il l'organisa administrativement de manière à exciter son rapide développement, il ratifia et augmenta les privilèges accordés par ses prédecesseurs et de cette manière il réussit à forcer définitivement les assises de la jolie ville que nous voyons actuellement.

Le pont romain, dont il existe un reste de tablier sur la rive droite, et qui datait du temps de l'empereur Auguste, fut aussi réparé, reconstruit en partie et fortifié par deux hautes tours, sous le

mandou-a reedificar, lageando-a e guarnecendo então de ameias as suas altas guardas de granito e os adarves das duas torres que a defendiam. Essa obra foi feita entre 1504 e 1507, como attesta uma inscripção aberta na frontaria da ermida do Rosario.

Com esse decorativo arreganho de ponte medieval, atravessou os seculos e chegou quasi aos nossos dias — pois só em 1834, um d'esses municipios iconoclastas que a Revolução engendrou sem conseguir incutir-lhes uma noção intelligente das suas fecundas idéas, arrazou torres, apeou ameias — e não destruiu a ponte, certamente, por considerar que não era possivel destruir o rio. N'essa mesma época desappareceu tambem o pouco que restava das antigas muralhas de D. Pedro; apenas, para attestar a grandeza d'essa formidavel obra de defeza, existe ainda uma das torres que guarneciam as suas cinco portas. Essa torre, que é um gigantesco cubo de granito denegrido, dentado de ameias, tem ainda hoje uma velhice aggressiva e auctoritaria: é o carcere comarcão. Nas janellas que a custo perfuram as suas espessas muralhas feitas para resistirem aos arietes medievaes, amontôam-se ordinariamente, durante o dia, alguns miseráveis encarcerados, que invocam como mendigos a caridade de quem passa, fazendo correr, ao longo da muralha, através das grossas rexas de ferro, o cabaz das esmolas suspenso por uma corda.

O Lima passa em frente d'esse monumento triste, ainda longe do cáes de cantaria que hoje protege contra as suas bruscas invasões invernaes a bella avenida marginal que vae da ponte á capellinha da Senhora da Guia. Pittorescamente arborisado, sob a magia do rio, esse passeio, apesar da sua banal geometria de rua moderna, é um local que detem os passos, prende os olhos e rarefaz os pensamentos. Uma capella branca, ao fundo, dá um pretexto e um remate a essa estrada de recreio. Ahi se venera, desde 1629, a Senhora da Guia. Antes d'essa época, já a protectora dos navegantes tinha um templo mais vasto, cuja fundação, immemorial, deve datar dos primeiros tempos da dynastia affonsina. Um hospicio de lazaros punha então ao lado da obra pia uma milicia de caridade christã.

Comtudo, o Lima — que, apesar das suas suavidades lyricas, tem ás vezes desmandos de rio pagão — foi pouco a pouco invadindo os dominios da Senhora da Guia, e acabou por destruir irreverentemente egreja e hospicio. Hoje, d'esse chão sagrado, resta apenas um areal que as aguas só submergem por occasião das grandes inundações.

É perto d'esse logar que avulta agora o novo templo, especie de ermida caiada e modesta, defendida do rio por uma plataforma murada. É um sitio aprazivel, onde a relativa estreiteza do horizonte se acha fartamente compensada pela graciosidade e diversidade dos aspectos que se offerecem á vista. O rio, ahi, já longe da ponte, corre tão sereno que toda a margem fronteira, aquarellada de casas, verduras ricas e novelos bronzeos de collinas distantes, se duplica, invertida em uma miragem pura de crystal de espelho. Distante, á direita, o trecho marginal da villa, unido ao arrabalde de Arcozello pela linha suggestiva da ponte, lembra um fundo scenographico animado por reminiscencias de ópera pastoril. Este pittoresco, que é mais gracioso do que grande, que é mais bonito do que bello, gosa ha muito tempo, por isso mesmo, as honras d'um «ponto de vista» celebre. — Malfadada popularidade! Malfadada, sim; porque hoje essa consagração acha-se traduzida na caliça exterior da capella da Senhora da Guia por uma inexhaurivel copia de pensamentos, datas, poesias, assignaturas, desenhos, evocações saudosas — uma farrapagem de impressionismo pretencioso ou ignobil, que logo afugenta quem alli fôr procurar uma suggestão delicada e tenha a noção sentimental do que eu, á falta de melhor expressão, chamarei «pudor da paizagem».

Em frente, fechando longinquamente o horizonte, corre a caminho das linhas raiánas a grande serra da Arga. Alguns dos seus largos planaltos comportariam os alicerces d'uma grande cidade; nos seus pincaros de rocha viva imperam, ha seculos, altivas dynastias de águias. Enorme, abrangendo com os seus quatro braços toda a zona occidental do alto Minho, a Religião estabeleceu outrora nas suas encostas ferteis grande numero de conventos — e bravios, intonsos ermitões, animalizados pelo terror dos castigos eternos, erravam pelos seus cerros mais agrestes, implorando o perdão de Deus, entre uivos de renuncia e clamores de penitencia. Essa tradição de fervor religioso ainda hoje subsiste na imaginação dos povos da riba-Lima, que chamam commummente á serra da Arga — a «serra santa».

N'uma das quebradas d'esse monstro geologico, alveja entre confusas tramas de verdura a capella de Santa Justa. Homisiada n'esse local agreste, a intemerata martyr de Sevilha alcançou de Deus o insigne poder de dar filhos aos casaes estereis. Não concede porém sem premio tão transcendente pro-

règne de D. Pedro I. Ruiné plus tard, par les terribles inondations du Lima, le roi D. Manuel le fit réédifier, paver, et garnir de créneaux les hauts parapets de granit et les plateformes des deux tours qui le défendaient. Cet ouvrage fut fait entre 1504 et 1507, comme l'atteste une inscription gravée sur la façade de la chapelle du Rosario.

Il arriva presque à notre époque, traversant des siècles avec toute cette rudesse décorative de pont du moyen âge; ce fut seulement en 1834, qu'une de ces municipalités d'iconoclastes que la Révolution engendra sans parvenir à leur inoculer une notion intelligente de ses idées fécondes, détruisit les tours, démolit les créneaux et n'abattit pas le pont, parce qu'elle jugea certainement qu'il était impossible d'anéantir le fleuve. Le peu qui restait des anciennes murailles de D. Pedro disparût aussi à cette époque; pour témoigner de la grandeur de ce formidable ouvrage de défense, il existe à peine encore une des tours qui garnissaient ses cinq portes. Cette tour, qui est un gigantesque cube en granit noirci, dentelé de créneaux, apparait encore aujourd'hui d'une vieillesse aggressive et menaçante: c'est la prison communale. Aux fenêtres qui percent difficilement ces murs épais, faits pour résister aux engins de guerre du moyen âge, on voit s'empiler ordinairement, pendant la journée, quelques misérables prisonniers, qui implorent comme des mendiants la charité des passants, et font glisser le long du mur et par les gros barreaux de fer, le panier des aumônes suspendu à une corde.

Le Lima passe devant ce triste monument, assez loin du quai en pierre qui actuellement protège la belle avenue marginale partant du pont jusqu'à la petite chapelle de Notre Dame da Guia, contre les brusques invasions du fleuve pendant la mauvaise saison. Malgré son alignement banal de rue moderne, cette promenade, pittoresquement ombragée, sous le charme du fleuve, est un des sîtes qui retient les pas, attire les regards et allège les pensées. Au fond une petite chapelle blanche, sert de prétexte et de but à cette route si agréable. Depuis 1629 on y vénère Notre Dame da Guia. Avant cette époque la patronne des navigateurs avait déjà un temple plus vaste, et dont la fondation immémoriale doit dater des premiers temps de la monarchie de D. Affonso. Un hospice de lépreux mettait ainsi près de l'œuvre pieuse une milice de charité chrétienne.

Mais le Lima qui malgré tous ses douceurs lyriques, a parfois des caprices de fleuve païen, a peu à peu envahi les domaines de Notre Dame da Guia et fini par détruire irrévérencieusement l'église et l'hospice. Aujourd'hui de ce sol sacré il ne reste qu'une lande que les eaux submergent seulement lors des grandes inondations.

C'est près de ce lieu que se trouve maintenant le nouveau temple, qui est une simple chapelle blanchie à la chaux, défendue du fleuve par une plateforme murée, et où l'horizon relativement restreint, offre aux yeux l'ample dédommagement d'aspects les plus gracieux et variés. Le fleuve, déjà éloigné du pont, coule si paisiblement, que toute la rive opposée, colorée de maisons, de riches verdures et des collines bronzées qui se pelotonnent au loin, se dédouble en sens invers, comme le pur mirage d'un cristal de miroir. À droite, la partie marginale de la ville, reunie au faubourg d'Arcozello par la ligne charmante du pont, rappèle un décor scénographique, animé par des réminiscences d'opéra pastoral. Ce cachet pittoresque, plus gracieux que grandiose, plus joli que beau, a acquis depuis longtemps la réputation méritée de «point de vue» remarquable. Hélas! cette popularité a été nuisible, parce que le résultat de cette consécration s'est traduit en un replâtrage extérieur de la chapelle de Notre Dame de Guia et par une intarissable suite de pensées, de dates, de poésies, de signatures, de dessins, d'évocations tendres, enfin par un fatras d'impressionisme prétentieux ou ignoble qui effarouche aussitôt ceux qui vont chercher là une suggestion délicate et qui ont la notion sentimentale de ce que, faute d'un terme plus expressif, j'appellerai, la «pudeur du paysage».

En face, la grande montagne d'Arga marque le chemin des lignes de la frontière et clôt au loin l'horizon. Quelques uns de ses plateaux porteraient bien les assises d'une grande ville; sur les sommets rocheux règnent depuis des siècles, de fières dynasties d'aigles. Dans toute son énormité, elle atteint de ses quatre bras toute la zone occidentale du haut Minho; sur ses pentes fertiles la Religion, établit autrefois un grand nombre de couvents, et des ermites, sauvages et forts, abrutis par la terreur des peines éternelles, erraient par les collines les plus incultes, implorant le pardon de Dieu, avec des hurlements de renonciation et des clameurs de pénitence. Cette tradition de ferveur religieuse persiste encore dans l'imagination des gens de riba-Lima, qui donnent ordinairement au mont Arga le nom de «Montagne sainte».

tecção. Do seu antigo officio de vendedora de louça, Santa Justa conserva ainda, mesmo portas a dentro da Bemaventurança, um vicioso espirito commercial — e os seus devotos, quando recorrem ao seu poder, devem levar-lhe, como offrenda, um cabaz de frangos brancos. Apesar de tão diminuto preço, Santa Justa apenas é incommodada pelas solicitações dos mais impacientes. O aldeão do Minho, de ordinario tão prolifico que só raramente limita ao tecto conjugal a applicação das suas faculdades productoras, não necessita, em realidade, da intervenção do céo para fazer bracejar e fructificar a sua obscura arvore genealógica.

Com effeito, a familia do lavrador minhoto (escrevo «lavrador» com o restricto significado, que elle tem n'esta região, de camponez que cultiva a terra, sua ou alheia) é em geral muito numerosa. Essa fecundidade, que na cidade seria um encargo, é na aldeia um beneficio. Os filhos, nem mesmo quando são muito pequenos, embaraçam sensivelmente a familia laboriosa. A mãe, se tem serviços no campo, leva a creança comsigo — e, dentro d'um cesto ou d'um caixão afofado de palha, o bambino assiste, n'uma sombra propicia, ao mourejar dos paes. Aos quatro annos já guarda os bois, desfolha o milho e sóbe ás arvores para vindimar algum braço de vide que se enroscou nos ramos frageis dos cabeços. D'essa idade em deante os seus méritos vão-se desenvolvendo, as suas aptidões definindo: é um sêr util, um operario valioso e certo, que se contenta com uma côdea de pão, uma tigela de caldo e um mal agasalhado catre de palha.

A casa de habitação do pequeno lavrador minhoto é ainda, em geral, d'uma rusticidade quasi primitiva. Creado no meio dos campos, cioso da terra que cultiva como d'uma mulher inconstante, esse homem rude, no eterno desassocego da sua existencia de trabalho, não vê nem sente que vive n'uma possilga — ás vezes em extravagante e insalubre promiscuidade com os seus animaes domesticos. Esta, é a casa terrea, em que quatro paredes, mal cobertas por um telhado sem unidade nem solidez, abrigam no mesmo recinto indiviso a cozinha, o quarto de dormir de paes e filhos, as arcas de cereaes e da roupa, a vasilha do vinho, o estábulo dos bois, a capoeira — e até, por vezes, uma canniçada onde o porco grunhe.

Mas o typo de habitação mais commum n'esta região é a casa de granito, grosseiramente faceada a pico, com dois pavimentos sobrepostos, sem communicação interior. Em baixo, ao rez do chão, quasi todas as divisões são occupadas pelos gados domesticos: bois e ovelhas quasi sempre, raramente cavallos. Uma loja exposta ao norte, onde o sol nunca chega, tem um destino certo: é a adega. No pavimento superior vive a familia. Dá-lhe accesso uma escada de pedra exterior, que desemboca, de ordinario, n'um largo patamar alpendrado — ou n'uma varanda aberta, se a casa pertence a algum lavrador mais abastado. Ahi, a cozinha é sempre a maior peça da casa, com a sua lareira baixa separada da parede por um grupo de tres pedras combinadas n'uma vaga disposição de altar druídico, que se chama «borralheira». Algumas taipas de pinho fazem as summárias divisões do interior, que é quasi sempre sombrio e sem conforto. A telha-vã do tecto, que difficilmente deixa escoar o fumo da lareira, repellido pelo estreito gargalo da chaminé, nem sempre defende a habitação do sol ardente da canicula ou dos frios e das saraivadas de inverno. Fóra, em frente da casa, a eira de pedra ou de terra batida aplana-se, flanqueada por um espigueiro, onde a colheita do milho serodio espera o sol de março para ser malhada, e por um alpendre que dá abrigo provisorio a cereaes, forragens, utensilios de lavoira, segundo as contingencias do labôr agricola. Em volta, as mêdas — esguias e altas como coruchéus, se são de palha milha, baixas e rotundas como campanulas, se são de palha triga ou centeia — completam o grupo dos visinhos inseparaveis da casa do lavrador.

A par das pobres edificações d'este typo, a ribeira do Lima apresenta, como nenhuma outra, todas as cambiantes de pittoresco da habitação portugueza. Sem fallar já dos conventos, que são numerosos — e alguns notaveis, como o de Refojos — ha interessantes casas solarengas, como as de Mazarefes, Anquião e Bertiandos, e até vetustos e veneraveis solares, como as torres de Parada e de Morim e os paços de Siqueiros e de Calheiros. Este ultimo, com a sua longa fachada de palacio flanqueado por dois torreões quadrangulares, realiza o typo mais commum da casa nobre do Minho, do seculo XVIII. Deve datar d'essa época a reedificação a que deve o aspecto actual.

Dans un des ravins de ce monstre géologique, la chapelle de Sainte Juste apparait toute blanche parmi les tissures compliquées de la verdure. Cachée dans ce lieu sauvage, l'incorruptible martyre de Séville a obtenu de Dieu la puissance fameuse de donner des enfants aux époux stériles. Cependant elle n'accorde pas sans récompense une aussi haute protection. Sainte Juste qui avait été anciennement marchande de vaisselle, conserve encore, même en Paradis, un vicieux esprit commerçant et les dévots qui ont recours à sa puissance, doivent lui porter en offrande un panier de poulets blancs. Malgré le bas prix, elle est à peine dérangée par les sollicitations de quelques impatients. Le paysan du Minho est ordinairement si prolifique, qu'il ne borne pas seulement au foyer conjugal l'application de ses facultés productrices, et en vérité il n'a guère besoin de l'intervention céleste pour faire ramifier et fructifier son obscur arbre généalogique.

En effet, la famille du cultivateur du Minho, est généralement très nombreuse. J'écris «cultivateur» dans le sens restreint qu'il a dans cette région, c'est-à dire, le paysan qui cultive sa terre ou celle d'autrui. Sa fécondité qui à la ville serait une charge, est un bienfait au village. Même les tous petits enfants n'embarrassent pas sensiblement la famille laborieuse. Si la mère va aux champs elle emporte le petit avec elle, et le bambin, dans un panier ou une caisse étoffée de paille, placé à l'ombre, assiste au labeur des parents. À quatre ans il garde déjà les bœufs, effeuille le maïs et grimpe aux arbres pour cueillir un rameau de vigne entortillé dans les hautes branches plus fragiles. À partir de cet âge ses mérites se développent peu à peu, ses aptitudes se définissent; c'est un être utile, un ouvrier sûr et précieux, qui se contente d'une croûte de pain, d'une écuelle de soupe, et d'un grabat de paille sans confort.

Le logis du petit cultivateur du Minho est encore, ordinairement, d'une rusticité presque primitive. Elevé au milieu des champs, jaloux de la terre qu'il soigne, comme d'une femme volage, dans l'éternel souci de son existence pénible, cet homme rude n'aperçoit pas, ne sent pas, qu'il vit dans un taudis — parfois même en une étrange et malsaine promiscuité avec ses animaux domestiques. C'est la maison ras de terre, avec ses quatre murs, à peine recouverte par un toit sans unité ni solidité, et abritant dans la même enceinte sans division, la cuisine, la chambre à coucher des parents et des enfants, les caisses de céréales et de linge, le tonneau de vin, l'étable des bœufs, le poulailler et même, parfois, une claie derrière laquelle grogne le cochon.

Mais, la maison en granit, grossièrement équarri à la pique, avec un étage au dessus du rez-de-chaussée, sans communication intérieur, est le type de l'habitation plus commune dans cette région. En bas, le rez-de-chaussée est tout occupé par les animaux domestiques, bœufs et brebis, rarement des chevaux. Une des pièces, exposée au nord, où le soleil ne pénètre jamais, est toujours destinée à la cave. À l'étage supérieur, la famille se case. On y accède par un escalier extérieur en pierre, qui se termine ordinairement, sur un large palier recouvert d'un porche, ou sur un balcon ouvert, lorsque le maître de la maison est un cultivateur plus aisé. Alors la cuisine est toujours la plus vaste pièce, avec son foyer bas, séparé du mur par un groupe de trois pierres disposées d'une manière vague en autel druidique, et que l'on nomme *borralheira*. La toiture à solines découvertes ne protège pas toujours l'habitation contre le soleil ardent de la canicule ou les froids et les gelées de l'hiver, et elle laisse difficilement s'écouler la fumée de l'âtre, refoulée par l'étroit tuyau de la cheminée. Au dehors, devant la maison, s'étend l'aire de pierre ou de terre battue, flanquée du *espigueiro*, où la recolte tardive du maïs attend le soleil de mars pour être battue; un hangar sert d'abri provisoire aux grains, aux fourrages, aux ustensiles de labourage, selon les époques et les besoins agricoles. Alentour, les meules, hautes et élancées comme des flèches, si c'est de la paille de maïs, arrondies et basses, si c'est de la paille de blé ou de seigle, servent à compléter le groupe des compagnons inséparables de l'habitation du cultivateur.

À côté de ce type d'edifications pauvres, on trouve sur les rives du Lima, comme nulle part ailleurs, toutes les variétés pittoresques de l'habitation portugaise. Même sans parler des couvents, qui sont nombreux, et quelques uns remarquables comme celui de Refojos, il s'y trouve d'intéressantes maisons nobles, comme celles de Mazarefes, Anquião et Bertiandos, d'anciens et vénérables manoirs comme les tours de Parada et de Morim, et les palais de Siqueiros et de Calheiros. Ce dernier, avec sa longue façade de château flanqué de deux tours carrées, présente le type plus commun de la maison noble du Minho au XVIII^me^ siècle. La restauration, qui lui a donné l'aspect actuel, doit dater de cette époque.

*
* *

Só quando os invernos são muito rigorosos, com chuvas pesadas e persistentes, é que as aguas do Lima, turbadas e engrossadas pelos enxurros dos montes, tomam plena posse do seu leito. N'esses accessos de actividade e ira, não raro galgam o caes — e, invadindo as ruas e as casas mais visinhas da margem, põem em sobresalto todos os seus habitantes, que muitas vezes têm sido obrigados a receber pelas janellas os soccorros de toda a natureza que, n'essas conjuncturas, se empenham em offerecer alguns barqueiros gananciosos. Uma das maiores enchentes do Lima, foi a de 1875. N'esse anno, as aguas chegaram, através d'um dedalo de ruas, ao bairro mais central da villa, inundando ainda a egreja matriz.

Mas, acalmadas as refregas inverniças, o Lima volta a ser o veio d'agua clara e languida que captivou gerações inteiras de poetas e mereceu dos antigos o suggestivo nome de Lethes. Então, todo acantoado na margem direita, deixa a nú, entre as aguas e a villa, mais de dois terços do seu leito de areia. É n'esse areal que se realiza, quinzenalmente, uma das mais concorridas e importantes feiras de todo o Minho. Nada mais curioso do que essa kermesse, onde, entre o trapejar branco das barracas de lona, se agitam e rumorejam, n'uma instavel mancha de côres vivas, alguns milhares de pessoas a quem o ardor do negocio activa ou o goso do divertimento enthusiasma. Visto de longe, esse formigar de população, alli á ourela do rio, lembra o desembarque d'um exercito invasor que, na indisciplina das primeiras horas, armasse tumultuariamente as suas tendas e alastrasse pelo areal temerosas cargas de munições e mantimentos.

No prolongamento d'este mesmo areal, a montante da ponte, corre um outro passeio ribeirinho: a alameda de S. João. A capella do indomavel e violento asceta do deserto (que, com a sua festa solsticial, é o mais alegre santo do agiológio popular) espreita ao fundo d'um denso tunnel de arvores — n'uma humildade civilisada e artificial que contrasta estranhamente com a da ermida de Santo Ovidio que, em frente, na margem opposta, branqueja no pico d'um monte eriçado de fragas, como uma alma insoffrida á procura do céo.

A matriz de Ponte do Lima, cuja torre ameada, emergindo d'entre as modernas construcções, põe no aspecto geral da villa uma interessante nota de contraste, é um notavel exemplar de architectura sacra. Collegiada erecta no seculo XVI pelo arcebispo D. Frei Bartholomeu dos Martyres, as suas três naves têm a vastidão e a solemnidade d'uma cathedral. Não longe d'ella, n'uma pequena praça ladeirenta e irregular, havia outrora uma synagoga onde durante muitos annos celebrou os seus sacrificios cultuaes uma colonia de judeus que occupava, desde tempos remotissimos, a longa rua do Pinheiro, que é hoje, no prolongamento da estrada de Braga, uma das principaes arterias da villa. Depois do exodo hebraico, motivado pelo odioso decreto de el-rei D. Manuel, a synagoga foi adaptada ao culto catholico, em honra de S. Sebastião. Este martyr, porém, pouco mais feliz foi que Jehovah, o antigo locatario, pois bastou uma comesinha obra de viação para o desalojar e fazer desapparecer para sempre a morada que tão iniquamente lhe havia conquistado o povo credulo e supersticioso que desfallecia de fervor devoto quando os conegos regrantes de Refojos traziam processionalmente á villa, no dia 3 de maio, por antiga obrigação, um espinho venerado na egreja do seu convento como veridico despojo da corôa de Jesus.

D. João de Castro.

*
* *

C'est seulement pendant les hivers les plus rigoureux, lors des lourdes et persistantes pluies, que les eaux du Lima, troublées et grossies par les torrents des montagnes, emplissent tout à fait le lit du fleuve. Pendant ces crises de furie et d'activité, il n'est pas rare qu'elles franchissent le quai, et envahissent les rues et les maisons plus proches de la berge, mettant en alarme tous les habitants, qui parfois se sont vus forcés à recevoir par les fenêtres les secours de toute espèce, que s'efforcent de leur offrir en ces occasions, quelques bâteliers intéressés. Une des plus grandes crues du Lima a été celle de 1875. Cette année là, les eaux pénétrant par un dédale de rues, arrivèrent au quartier plus central de la ville, inondant aussi l'église principale.

Mais lorsque les tempêtes hivernales sont apaisées, le Lima redevient le filet d'eau claire et tranquille qui a charmé des générations entières de poètes et mérité jadis le nom significatif du Léthé. Replié vers la rive droite, il laisse alors tout à fait à sec, plus de deux tiers de son lit de sable, entre la ville et le cours d'eau. C'est sur cette berge qu'a lieu, de quinze en quinze jours, une des foires les plus importantes et fréquentées de toute la province du Minho. Rien de plus curieux que cette kermesse, où, parmi la toile blanche des tentes, on voit s'agiter et bruire, la tache remuante et vivement coloriée, de quelques milliers de personnes excitées par l'ardeur des affaires ou enthousiasmées par la jouissance du plaisir. Ce fourmillement de gens, vu de loin, là au bord du fleuve, nous rappèle le débarquement d'une armée envahissante, qui dans l'émoi de la première heure, aurait dressé en désordre ses tentes et éparpillé sur le sable ses énormes chargements de vivres et de munitions.

Sur le prolongement de cette même berge, en amont du pont, s'étend une autre promenade riveraine: l'avenue de St. Jean. La chapelle du violent et indomptable ascète du désert, qui est le saint le plus joyeux de l'hagiographie populaire, avec sa fête estivale, guette au fond d'un épais tunnel d'arbres, et, avec son humilité artificielle et civilisée, contraste d'une manière étrange avec la chapelle de Saint-Ovide qui, en face, sur la rive opposée, parait toute blanche, sur la crête d'une montagne hérissée de rochers, comme une âme souffrante en quête du ciel.

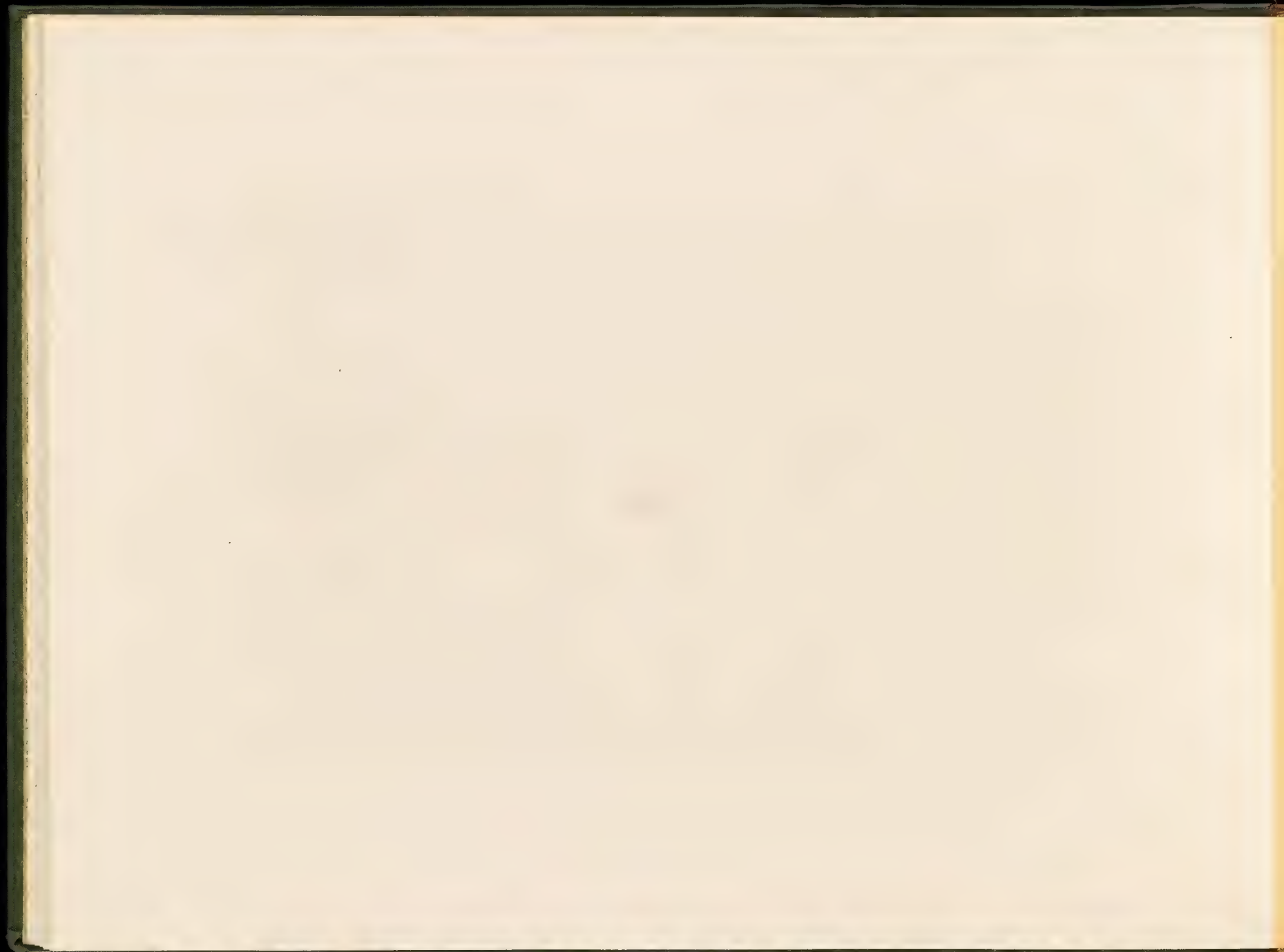
L'église mère de Ponte do Lima avec son clocher crénelé émergeant parmi les constructions modernes, met une intéressante touche qui contraste avec l'aspect général de la ville, et peut être comptée comme un remarquable exemplaire d'architecture sacrée. Au XVI^me^ siècle elle fut la Collégialle érigée par l'archevêque D. Frei Bartholomeu dos Martyres, et ses trois nefs ont l'ampleur et la majesté d'une cathédrale. Sur une petite place en pente et irrégulière, assez proche, il y avait autrefois une synagogue où, pendant de longues années, suivait son culte, une colonie de juifs qui, dès une époque très reculée, habitait la longue rue du Pinheiro, qui actuellement est une des principales artères de la ville, sur le prolongement de la route de Braga. Après l'exode des juifs, dû à l'odieux décret du roi D. Manuel, la synagogue fut adaptée au culte catholique sous l'invocation de Saint-Sebastien. Mais ce martyr ne fut pas plus chanceux que l'antique locataire Jehovah, car les travaux d'une route insignifiante ont suffi pour le déloger et faire disparaître à jamais la demeure que lui avait si iniquement acquise le peuple crédule et superstitieux, qui se pâmait de ferveur dévote lorsque les chanoines régrants de Refojos promenaient en procession par la ville, le 3 Mai, d'après un ancien vœu, une épine qu'on vénérait à l'église de leur couvent, et qu'on assurait être une véridique dépouille de la couronne du Christ.

D. João de Castro.

Vista parcial

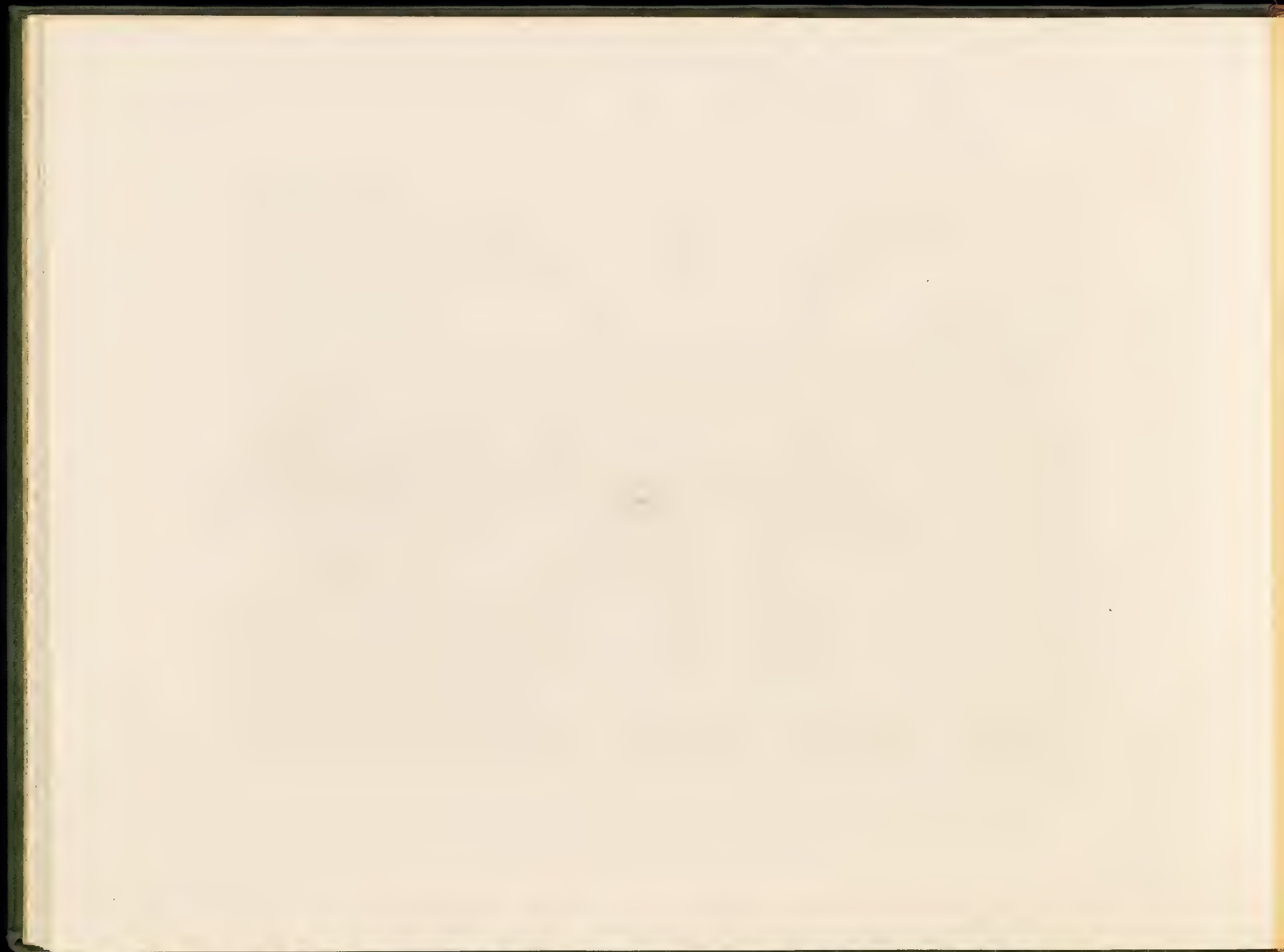
EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Vista geral

PONTE DO LIMA

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO

EMILIO BIEL & Cª-EDITORES

Casa do lavrador minhoto

PONTE DO LIMA

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO

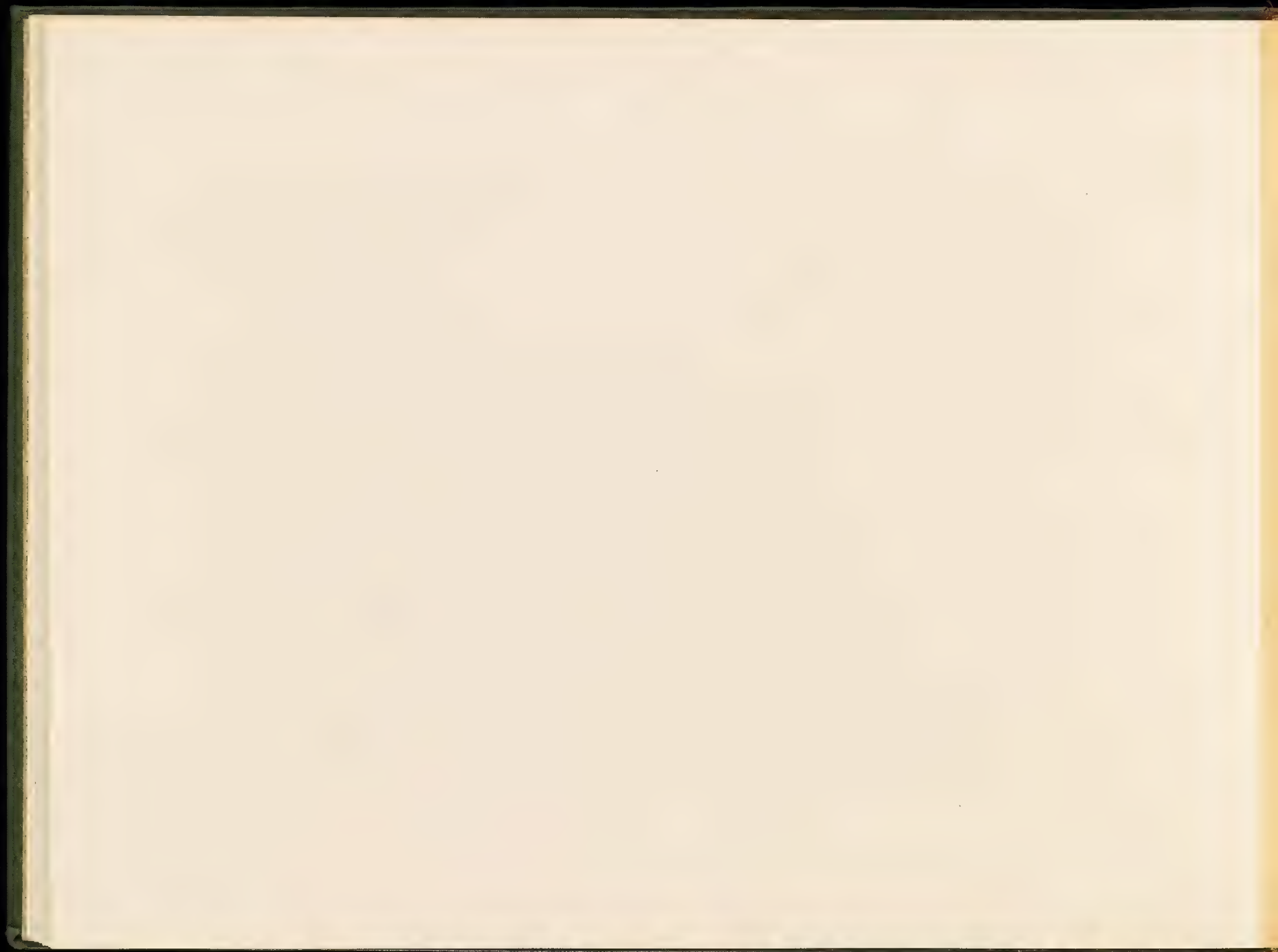
EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Feira quinzenal
PONTE DO LIMA

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
ESTADO

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Paço de Calheiros

PONTE DO LIMA

Lamego

COMO tantas outras cidades do interior do Reino aguarda Lamego a hora de uma resurreição, que ha de soar quando as linhas ferreas a ligarem ás grandes arterias do Douro e da Beira Alta. A união com a Regoa, pelo menos, parece facil e devia existir ha muito. Sou ainda do tempo antigo em que a classica diligencia portugueza, a duas e mais parelhas, bem servida de muares e bem dirigida por cocheiros veteranos, percorria as grandes distancias que mediavam p. ex. entre Villa Real e Bragança, partindo de Amarante ou da Regoa; ou entre Ceia e Lamego, passando por Celorico, Trancoso e Moimenta da Beira; ou entre Mealhada e Vizeu, correndo por Mortagoa, Santa-Comba e Tondella. Ia-se sem duvida muito mais devagar e com muito menos commodidade, mas aprendia-se a conhecer melhor a nossa terra e a nossa gente. As paragens repetidas por causa das *mudas*, o descanço obrigado que a diligencia impunha aos viajantes, favoreciam o romeiro que quizesse tomar as suas notas, esboçar um desenho ou interrogar o aldeão. As refeições servidas em mesa modesta, mas limpa, davam logar a um exame culinario que offerecia o melhor ensejo para se apreciar as riquezas agricolas da região percorrida.

Assim aquelles que percorreram durante os ultimos trinta a quarenta annos as terras de segunda e terceira ordem do paiz com amorosa attenção, não podiam queixar-se da antiga diligencia, ainda que lhes apparecesse um tanto desmantelada, como o exemplar da nossa estampa, sem o apparato da mala-posta official, com molas um pouco gastas, assentos menos suaves; lá dentro, uma boceta apertada, com fraca ventilação, mas cá fóra gado bem tratado e um cocheiro de boa apparencia, com boa mão de rédea. Que mais precisariam para emprehender a jornada segura até Lamego?

As cidades menores, capitaes das nossas provincias, foram centros de influencias politica e economica por serem séde da diocese ou residencia do poder civil e militar; tiveram os seus dias de grande prosperidade e mesmo uma certa autonomia economica que irradiava até longe de seus muros. As grandes feiras de Vizeu, da Covilhã, de Villa Real, de Penafiel, de Aveiro, deram ás respectivas localidades uma fama merecida. Todo o paiz se interessava por esses certamens, onde se realizavam as mais avultadas transacções; durante algumas semanas, uma nuvem de gente, invadindo as hospedarias e as casas dos amigos, trazia atraz de si uma onda de dinheiro, uma enchente de cruzados novos. Esses dias de faina activa foram dias de gloria que passaram; seus ultimos, mas já debeis clarões, ainda poderam ser observados no ultimo decennio do seculo XIX. Felizes as terras que souberam combinar as suas celebres feiras profanas com as tradições religiosas das suas romarias, salvando grandes e justificados interesses economicos.

Está n'este caso a cidade de Lamego com a sua festa de Nossa Senhora dos Remedios, famosa entre as mais concorridas, mais pittorescas e mais rendosas do paiz. Durante quatro dias (7 a 10 de setembro) dezenas de milhares de romeiros transformam os extensos campos que rodeiam a cidade e toda a encosta da extensa collina dos Remedios n'um enorme acampamento, com infinita variedade de aspectos, de episodios e de interesses.

Calculando pela ultima festa, a do anno corrente de 1906, basta lembrar que o rendimento do prato das esmolas attingiu cêrca de tres contos de reis, em tres dias [1].

O programma é que nos parece muito pouco interessante, embora seja o tradicional, na maior parte das romarias do Reino. Não poderia haver melhor occasião para reformar uma parte d'essa folia

---

[1] Teem disfructado as festas cêrca de 70:000 pessoas, disse um correspondente de Lamego para o *Diario de Noticias* (numero de 10 de Setembro). Eis um resumo do programma: No dia 6 á noite, Procissão das Lanternas, com effeitos deslumbrantes de luz e canticos religiosos; nada menos de tres touradas; um duello pyrotechnico entre os mestres de Vianna do Castello e Deveza, que agradou immenso e foi acompanhado de illuminações fulgurantes, na cidade e no Santuario. Da cavalhada á Luiz XIV fallamos adiante. No dia 8 organisou-se a grande Procissão do Triumpho ou da Senhora dos Remedios e no dia 9 o cortejo festivo ao Santuario. É justo dizer que um numero do programma foi bem ideado; o orpheon e as danças pelas creanças no dia 7, uma innovação feliz, produziram sensação nos forasteiros, séndo o pequeno mundo infantil alvo de grandes ovações! Como remate das festas houve a feira grande.

Lamego

AINSI que tant d'autres villes de l'intérieur du Royaume, Lamego attend l'heure d'une résurrection, qui sonnera, lorsque les voies ferrées la relieront aux grandes artères des provinces du Douro et Beira Alta. Sa liaison avec Regoa, semble du moins assez facile et devrait exister depuis longtemps. Je suis encore du temps où la classique diligence portugaise, tirée à deux ou quatre mulets, conduite par des vieux cochers, parcourait les grandes distances qui allaient, par exemple, de Villa Real à Bragança partant d'Amarante ou Regoa; entre Ceia et Lamego, passant par Celorico, Trancoso et Moimenta da Beira; ou entre Mealhada et Vizeu par Mortagoa, Santa-Comba et Tondella. Sans doute on allait bien moins vite et moins commodément, mais on apprenait à mieux connaître le pays et les habitants. Les fréquents relais de poste, le repos forcé que la diligence imposait aux voyageurs, étaient autant d'agréments pour le visiteur qui désirait prendre des notes, esquisser un croquis, ou causer avec un villageois. Les repas servis à une table modeste mais propre, permettaient des extras culinaires où l'on avait l'occasion d'apprécier les richesses agricoles de la contrée.

Donc, ceux qui, pendant les dernières trente ou quarante années ont visité les bourgs les moins importants du pays, avec une amoureuse attention, ne pouvaient se plaindre de l'ancienne diligence quoiqu'elle leur apparût assez délabrée comme le montre notre gravure, sans l'apparât de la poste officielle, avec les essieus un peu usés, les sièges pas trop doux; au dedans, c'était une boîte exigüe où l'on manquait d'air, mais au dehors les bêtes bien soignées et un cocher de bon aspect, connaissant bien son métier. Qu'avait-on besoin de plus pour entreprendre sans crainte un voyage jusqu'à Lamego?

Les petites villes, capitales de nos provinces, furent des centres d'influence politique et économique, parcequ'elles étaient le siège du diocèse ou la résidence du pouvoir civil et militaire; elles eurent leurs jours de grande prospérité et jouirent même d'une certaine autonomie économique qui s'étendait au délà de leurs enceintes. Les grandes foires de Vizeu, Covilhã, Villa Real, Penafiel, Aveiro, donnèrent à ces localités une réputation des plus méritées. Tout le pays s'intéressait à ces concours où se réalisaient les plus importantes affaires; pendant des semaines une nuée de monde envahissait les hôtelleries et les maisons amies apportant avec elle une ondée d'argent. Ces journées de labeur et d'activité furent des jours de gloire qui ont passé; pendant la dernière dizaine du XIX^me^ siècle on a pu encore en apprécier de faibles lueurs. Heureux les pays qui ont su combiner leurs célèbres foires profanes avec les traditions religieuses de leurs pélerinages, qui ont produit à leur avantage de si beaux résultats économiques.

La ville de Lamego se trouve dans ce cas, avec sa fête de Notre Dame des Remèdes, qui est une des plus fameuses, fréquentées, pittoresques et productives du royaume. Pendant quatre jours, du 7 au 10 Septembre, des dizaines de milliers de pélerins envahissent les vastes campagnes qui entourent la ville et tout le flanc de la grande colline des Remèdes, et en font un énorme camp, avec une variété infinie d'aspects, d'épisodes et d'intérêts.

À en juger par la dernière fête, de cette année 1906, il suffit de rappeler que le produit du plateau des aumônes a été de 15 mille francs en trois jours [1].

Le programme nous semble toutefois peu intéressant, quoiqu'il soit tradionnellement celui de la plupart des pélerinages du Royaume. Ce serait le bon moment pour réformer une partie de cette folie populaire, demi religieuse et aussi demi profane. Les confréries avec leurs membres et leurs abbés, pourraient bien donner plus d'une leçon pratique et profitable d'esthétique avec une moindre dépense de

---

[1] 70:000 personnes à peu près sont venues assister aux fêtes. Voici un résumé du programme: Le 6 au soir, Procession des Lanternes avec effets de lumière éblouissants et cantiques religieux; rien moins que trois combats de taureaux; un duel pyrotechnique entre les maîtres de Vianna do Castello et Deveza, qui a obtenu tous les suffrages, et a été suivi d'illuminations féeriques dans la ville et le Sanctuaire. Nous parlerons plus loin du tournoi Louis XIV. Le 8: grande Procession du Triomphe de la Vierge des Remèdes et le 9 cortège de fête au Sanctuaire. Il est juste de dire qu'un numéro du programme a été bien imaginé; l'orphéon et les danses des enfants le 7; une heureuse innovation qui a fait sensation chez les visiteurs, et attiré de grands applaudissements au petit monde enfantin. La grande foire a marqué la conclusion des fêtes.

popular semi-religiosa e tambem semi-profana. As irmandades, com seus mesarios e priores, poderiam dar mais de uma lição pratica de esthetica, proficua, com menor dispendio de foguetes, missas e procissões, e mais efficaz ensinamento p. ex. por meio de representações populares das scenas da Paixão ou do martyrologio, segundo o bello estylo, simples e pathetico, usado na Suissa, no Tyrol, na Baviera (*Ober-Ammergau*), na Provença (Orange, Arles) e até na vizinha Hespanha (Valencia, Elche).

A arte moderna, accommodada, no bom sentido, á feição regional da respectiva localidade, poderia, apresentando novos modelos, corrigir as figurações grotescas, ás vezes monstruosas, de crúa e caricata expressão, que enchem as capellas do Bom Jesus, de Mattosinhos e de tantos Passos populares. Essa imaginaria, ora talhada na pedra ou na madeira, ora moldada no barro, nasceu n'uma época de profunda decadencia da arte, na segunda metade do seculo XVIII, quando o espaventoso scenario da opera italiana passou dos palcos para os templos, com todo o seu apparato de comparsas e coristas transformados em seraphins e cherubins, virtudes e vicios. Os artistas que traçaram as decorações das basilicas e das sés foram os mesmos scenographos que resuscitaram os esplendores da antiguidade greco-romana no palco, vestindo Alexandre á Luiz XIV, e cobrindo Semiramis com as rendas da Pompadour. Uma boa parte do guarda-roupa das nossas procissões é ainda hoje uma reminiscencia d'esse *rocóco* theatral; os anjinhos mirabolantes que carregam com os symbolos mais augustos da religião e da fé são ainda, mesmo nas duas primeiras cidades do reino, inspirações de uma scenographia bastarda. É tempo de reformar tudo isso em harmonia com a seriedade do acto, com a significação das respectivas festas e com as exigencias do bom gosto.

Em Lamego, um dos numeros do programma da festa dos Remedios foi, este anno, uma corrida de cavalleiros, vestindo á Luiz XIV, montados em... gericos! Nas touradas, outro numero solemne das festas, appareceram mais senhores, com egual fardamento vistoso, mas d'esta vez subiram um degrau, passaram do gerico ao... cavallo; no fogo de artificio da noite de 7 de setembro, que esteve esplendido por signal, é de crêr que figurassem mirones, ostentando o mesmo estylo; e na magestosa procissão do dia 8 não faltariam, como parte obrigada, as cabelleiras empoadas do seculo XVIII — tal é a obsessão que soffre o espirito dos nossos festeiros ao divino, por influencia do rei freiratico, a mais de seculo e meio de distancia...

Todas as noticias da imprensa são concordes ao relatarem a enorme concorrencia de forasteiros, apesar dos meios de transporte serem deficientissimos; com uma linha ferrea terá Lamego mais alguns milhares de visitantes. Prepare pois cuidadosamente os futuros programmas da sua grande romaria da Nossa Senhora dos Remedios!

*
* *

A alguns viajantes ouvimos comparar o Santuario dos Remedios com o do Bom Jesus do Monte em Braga. A disposição dos templos, ambos sumptuosos, dentro de um estylo semelhante, a posição tambem parecida, a cavalleiro de um monte elevado, rodeado de bellissimo arvoredo, que se entreabre para dar logar a um magestoso escadório; a semelhança evidente do traçado d'esta obra, os lances da escadaria cruzando-se sobre patamares, ornamentados de fontes, obeliscos, estatuas allegoricas e pequenas capellas devotas — tudo isto concorre para justificar um confronto. Finalmente, como remate e corôa em um concurso de belleza, temos a recordar em ambas as casas, nos Remedios e no Bom Jesus, no alto dos dois montes, um panorama maravilhoso, aqui mais vasto, mais imponente, alli mais familiar, mais suave, transbordando de fecundidade, annunciando a variedade de culturas, que caracterisa o planalto da Beira. O Bom Jesus possue ha muito o seu formoso parque com abundancia de agua e está dotado com bons hoteis; estes melhoramentos faltam no Santuario dos Remedios; as hospedarias de Lamego tambem não correspondem á população, á importancia da cidade, que deve contar cêrca de 12:000 habitantes e parece algum tanto adormecida, apesar da riqueza agricola do concelho.

Comparados os dois monumentos reconhece-se facilmente que o de Lamego é uma imitação, muito mais moderna, como provaremos ao tratar do promotor da grandiosa obra. Comtudo, embora o Bom Jesus represente o original, é certo que o effeito artistico, dentro da paizagem, é superior no monumento dos Remedios. A projecção, a perspectiva do escadorio sobre a collina foi habilmente graduada;

pétards, de messes et de processions; l'enseignement aurait été plus efficace au moyen de représentations populaires des scènes de la Passion ou du martyre, d'après le beau style, simple et pathétique que l'on emploie en Suisse, au Tyrol, en Bavière (*Ober-Ammergau*), en Provence (Orange-Arles) et même chez notre voisine l'Espagne (Valence, Elche).

L'art moderne, adapté, dans le bon sens, au caractère régional de l'endroit, pourrait, en présentant de nouveaux modèles, corriger les figures grotesques, parfois monstrueuses, d'une expression crue et risible, qui encombrent les chapelles du Bon Jésus, de Mattosinhos et de tant de Chemins de la Croix populaires. Ces images, taillées en pierre ou en bois, ou moulées en terre, eurent leur origine à l'époque d'une profonde décadence de l'art, pendant la deuxième moitié du XVIII^{me} siècle, lorsque l'éclatante mise-en-scène de l'opéra italien passa du théatre au temple avec toute la pompe de figurants et choristes transformés en séraphins, en chérubins, en vices et en vertus. Les artistes qui dessinèrent les ornements des basiliques et des cathédrales furent les mêmes scénographes qui résuscitèrent sur la scène les splendeurs de l'antiquité greco-romaine, habillant Alexandre en Louis XIV, et couvrant Sémiramis avec les dentelles de la Pompadour. Une bonne partie de la garde-robe de nos processions est encore aujourd'hui une réminiscence de ce rococo théatral; les petits anges mirabolants qui portent les symboles les plus augustes de la religion et de la foi sont encore, même dans les deux premières villes du royaume, des inspirations d'une scénographie dénaturée. Il est bien temps de changer tout celà, d'accord avec la gravité de l'acte, la signification de ces mêmes fêtes et les exigences du bon goût.

Cette année un des numéros du programme des fêtes de Notre Dame des Remèdes a été une course de cavaliers, vêtus à la mode de Louis XIV et montés sur des ânes! Dans les courses de taureaux qui furent un autre numéro solennel des fêtes, on a vu aussi des seigneurs, également sous de brillants habits, mais cette fois-ci ils avaient monté d'un grade et avaient passé des ânes aux chevaux; pendant le feu d'artifice de la nuit du 7 Septembre, qui a été superbe, il est probable qu'il y ait eu des spectateurs habillés dans le même style; et dans la majestueuse procession du 8 Septembre les perruques poudrées du XVIII^{me} siècle n'auront certainement pas manqué — telle est l'obsession qui domine dans l'esprit des organisateurs de ces fêtes divines, influencées encore, après plus d'un siècle et demi de distance, par les goûts du roi bigot.

Toutes les chroniques sont unanimes en racontant l'énorme affluence de visiteurs, malgré l'insuffisance des moyens de transport; avec l'ouverture du chemin de fer, Lamego aura encore quelques milliers de visiteurs en plus. Qu'elle tâche donc de préparer soigneusement à l'avenir les programmes du grand pélerinage de Notre Dame des Remèdes.

*
* *

Nous avons entendu quelques voyageurs comparer le Sanctuaire des Remèdes avec celui du Bon Jésus du Monte à Braga. La disposition des deux temples également somptueux, d'après un style semblable, la position à peu près pareille, sur le haut d'une montagne, entourés d'une magnifique végétation qui s'entr'ouvre pour laisser passer un majestueux escalier; la ressemblance évidente du plan de cette construction avec les escaliers qui se croisent sur les paliers, ornés de fontaines, d'obélisques, de statues allégoriques et de petites chapelles pieuses, tout s'accorde pour justifier cette comparaison. Et pour couronner l'œuvre, de même que s'il s'agissait d'un concours de beauté, nous devons rappeler que, du Bon Jésus et des Remèdes, tous deux situés sur le sommet de montagnes, on peut contempler le plus merveilleux panorama, celui-là plus vaste, plus imposant, celui-ci plus simple, plus doux, débordant de fécondité, montrant bien la variété de cultures qui caractérise le plateau de Beira. Le Bon Jésus possède depuis longtemps son beau parc avec abondance d'eau et peut compter deux bons hotels; ces améliorations manquent au Sanctuaire des Remèdes; les hôtels de Lamego ne correspondent pas à la population ni à l'importance de la ville qui doit compter à peu près 12:000 habitants et semble une peu endormie, malgré la richesse agricole de la commune.

En comparant les deux monuments on reconnait facilement que celui de Lamego est une imitation, bien plus moderne, comme nous allons le prouver en nous occupant du promoteur de cette œuvre majestueuse. Cependant, quoique le Bon Jésus représente le modèle, il est certain que l'effet artisti-

a ascensão é suave e lenta; os lanços da escada são largos, sempre com amplos patamares que permittem a vista de extensos horizontes em qualquer altura da construcção monumental. O estylo da parte architectonica, pertencendo aos dois ultimos decennios do seculo XVIII, accusa já a reacção neo-classica; e embora na parte figurativa predomine em ambos os Santuarios um *rocóco* exagerado e theatral, é incontestavel que as dezoito estatuas dos Reis e Patriarchas de Israel, existentes no chamado *plano* (ou patamar) da *pyramide* e no outro: das *figuras*, estão subordinadas a dois mui graciosos e elegantes porticos, que as corrigem. Parecem fragmentos de um scenario de opera, traçados por um Bibiena ou Servandoni para a côrte d'El-Rei D. José; a cada momento esperamos vêr essas estatuas descendo dos seus pedestaes para dançarem um minuete em honra da Senhora, padroeira. É uma visão profana, mas encanta.

Como exemplar de architectura decorativa, subordinada a uma bella paizagem — combinação artistica em que os francezes do seculo XVIII (Le Nôtre) foram insignes — não conhecemos outro, superior, em Portugal. É para sentir que haja muita falta de agua no Santuario dos Remedios [1]. As numerosas fontes, repuxos, taças, etc., aliás bem desenhadas, merecimento que se nota em todos os episodios da composição architectonica, estão vazias; a agua não afflue ou corre em fio delgado.

As estampas que offerecemos ao leitor são duas; representa a primeira uma vista geral do Santuario sobre a encosta, a um kilometro da cidade e em frente d'ella. Os nove lanços em fórma de X percebem-se distinctamente. A segunda photographia foi tirada em sentido opposto, do patamar de um dos lanços, olhando para a cidade. Os edificios mais notaveis distinguem-se facilmente; á esquerda do observador, na extremidade da estampa, a vetusta egreja de Santa Maria de Almacave ladeada por uma torre quadrada; no alto da cidade, os restos do castello com a torre de menagem; á direita, muito mais em baixo, o paço episcopal, bem proximo da Sé, marcada por uma torre muito antiga e escura, a dos sinos, que se sobrepõe á torre moderna, levantada sobre o cruzeiro, toda caiadinha de branco.

Pena é que nenhum dos bellos porticos do Santuario podesse ser reproduzido, nem a graciosa capellinha hexagonal sobre o terceiro lanço, que se deve á generosidade do Bispo D. Manoel de Vasconcellos Pereira, desvelado protector do templo e promotor de boas obras nos annos de 1780-86.

O prelado D. Manoel de Noronha que governou a diocese durante os annos de 1550-1569 e fez obras consideraveis na Sé, como veremos, foi tambem o iniciador das construcções devotas que deram origem ao Santuario dos Remedios. A cumiada, a cavalleiro da cidade para o lado do poente, chamava-se então de Santo Estevão por causa de uma capella do proto-martyr que a ornava no ponto mais elevado. Ameaçando ruina, pois datava do meado do seculo XIV, D. Manoel de Noronha transferiu a imagem e o culto do Santo para o local onde está a egreja dos Remedios, dando-lhe abrigo no templo da Senhora que elle fez de novo. Nada do que hoje alli vemos é, porém, anterior ao ultimo terço do seculo XVIII. Em 1789 já causavam as obras do Santuario grande admiração [2], levantadas sobretudo á custa de grandiosas esmolas dos devotos, distinguindo-se o tercenario da Sé José Pinto Teixeira, que teve honrosa sepultura no proprio templo dos Remedios em 1784. Este ecclesiastico e o seu prelado

[1] É certo que uma boa parte da agua do Monte de Santo Estevão, que assim se chama a elevação em que assenta o Santuario dos Remedios, já no meado do seculo XVI fôra encaminhada pelo Bispo D. Manoel de Noronha (1550-1569), com muita despeza, para o rocio ou terreiro do Paço episcopal, onde uma formosa fonte de marmore com duas taças a offerecia ao publico. O mesmo prelado, havendo feito obras consideraveis de devoção no proprio local onde está hoje a egreja dos Remedios não privaria a nova capella de Santo Estevão, alli reedificada, de toda a agua.

[2] «Esta capella hoje se acha reedificada com a maior sumptuosidade, á custa de muitas e grandiosas esmolas... e sem duvida será huma das maravilhas do Mundo (sic!) ou ao menos do Reino se não affrouxar a devoção, e se completar o dezenho das obras.» *Memoria chronologica dos excellentissimos prelados que tem existido na cathedral de Lamego*, etc., por João Mendes da Fonseca, Lisboa, 1789, 4.º, pag. 93.

Áquelles que desejarem levar mais longe os seus estudos sobre Lamego e seu concelho, recommendo a seguinte obra: *Historia ecclesiastica da cidade e bispado de Lamego*, escripta por D. Joaquim de Azevedo, e continuada por um conego da Sé. Porto, 1878, 8.º gr. E os que tiverem interesse em ouvir a voz ingenua, mas enthusiastica e sincera de um chronista local do seculo XVI, poderão lêr com proveito o seguinte ensaio, que foi escripto de 1531-32: *Descripção do terreno em roda da cidade de Lamego duas leguas, suas producções*, etc., por Rui Fernandes, cidadão da mesma cidade. Foi impresso pela primeira vez na *Collecção dos Ineditos de Historia Portugueza*, de ordem da Academia Real das Sciencias, Lisboa, 1824. Vol. V, pag. 546-612.

que, comme paysage, est supérieur dans le monument des Remèdes. La projection, la perspective de l'escalier sur la colline, ont été habilement graduées; l'ascension est douce et lente; les marches sont larges, et de vastes paliers permettent de contempler d'amples horizons, à chacune des hauteurs de cette construction monumentale. Le style de la partie architecturale qui date des deux dernières dizaines d'années du XVIII^me siècle, accuse déjà la réaction néo-classique; et quoique la partie figurative des deux Séminaires soit d'un rococo exagéré et théatral, il est incontestable que les dix-huit statues des Rois et Patriarches d'Israel, existant sur le palier de la *pyramide* et sur celui des figures, sont assujetties à deux portiques gracieux et élégants qui en atténuent les défauts. On dirait des fragments d'un décor d'opéra, tracés par un Bibiena ou un Servandoni pour la cour du roi D. José; à tout moment nous espérons voir les statues descendant de leurs piédestaux pour danser un menuet en honneur de la Vierge, patronnesse. C'est une vision profane mais charmante.

Nous ne connaissons pas en Portugal d'autre exemplaire supérieur, d'architecture décorative au milieu d'un aussi beau paysage, que cette combinaison artistique où excellèrent les français du XVIII^me siècle, comme Le Nôtre. Il est regrettable que l'eau manque au Sanctuaire des Remèdes [1]. La profusion de fontaines, jets d'eau, vasques, etc., malgré leur beau dessin, que l'on remarque en tous les détails de la composition architecturale, sont vides; l'eau n'y afflue pas, ou coule en un mince filet.

Nous offrons deux gravures au lecteur; la première représente une vue générale du Sanctuaire, sur la colline, en face et à un kilomètre de la ville. On aperçoit distinctement les neuf escaliers en forme de X. La deuxième photographie a été prise du côte opposé, et de l'un des paliers faisant face à la ville. On distingue facilement les principaux édifices; à gauche du spectateur, au coin de la gravure la vieille église de Sainte Marie de Almacave flanquée d'une tour carrée; en haut de la ville, les restes du château avec la tour d'honneur; à droite, bien plus bas, le palais de l'Evêché, très près de la Cathédrale, marquée par une tour très ancienne et noircie, servant de clocher et que l'on voit superposée à la tour moderne, élevée sur le transept et toute blanchie à la chaux.

C'est dommage qu'aucun des beaux portiques du Sanctuaire n'ait pu être reproduit, ni la gracieuse petite chapelle hexagonale sur le troisième palier, que l'on doit à la générosité de l'Évêque D. Manuel de Vasconcellos Pereira, protecteur dévoué du temple et initiateur de bonnes œuvres pendant les années 1780-86.

Le prélât D. Manuel de Noronha qui gouverna le diocèse pendant les années 1550-1569 et fit faire des travaux considérables dans la Cathédrale, comme nous le verrons plus tard, fut aussi l'initiateur des constructions pieuses qui furent l'origine du Sanctuaire des Remèdes. Le sommet, perché sur la ville du côté du couchant, s'appelait alors de Saint Etienne, à cause d'une chapelle du proto-martyr qui s'y trouvait sur le point le plus élevé. Vers le milieu du XIV^me siècle, comme elle était à peu près ruinée, D. Manuel de Noronha transféra l'image et le culte du Saint, dans l'emplacement où est l'église des Remèdes, l'abrîtant dans le temple de la Vierge qu'il fit reconstruire. Mais rien de ce que nous y voyons n'est antérieur au dernier tiers du XVIII^me siècle. En 1789 les travaux du Sanctuaire étaient déjà remarquables [2], et dûs surtout aux importantes aumônes des dévôts, parmi lesquels se distinguait le

[1] Il est certain qu'une bonne partie de l'eau du Mont de Saint Etienne, nom donné à la hauteur où se trouve le Sanctuaire des Remèdes, avait été conduite par l'Evêque D. Manuel de Noronha (1550-1569) à grands frais, jusqu'à la place du palais épiscopal, où une belle fontaine de marbre, avec deux vasques, l'offrait au public. Le même prélât, ayant fait des travaux considérables de dévotion à l'endroit même où est actuellement l'Eglise des Remèdes, n'aurait pas tout à fait privé d'eau la nouvelle chapelle de Saint Etienne, réédifiée là.

[2] «Cette chapelle se trouve actuellement rebâtie avec la plus grande somptuosité, grâce à d'importantes aumônes, et elle deviendra sans doute, une des merveilles du monde (sic!) ou tout au moins du Royaume, si la dévotion ne faiblit pas et si on complète le plan des travaux.» *Memoria chronologica dos excellentissimos prelados que tem existido na cathedral de Lamego* par João Mendes da Fonseca, Lisboa, 1789, 4.º, pag. 93.

A ceux qui voudraient porter plus loin leurs études sur Lamego et sa commune, je recommande l'ouvrage suivant: *Historia ecclesiastica da cidade e bispado de Lamego* écrite par D. Joaquim de Azevedo, et continuée par un chanoine de la Cathédrale, Porto, 1878, 8.º gr. Et ceux qui auraient intérêt à entendre la voix naïve, mais sincère et enthousiaste d'un chroniqueur local du XVI^me siècle pourront lire avec profit l'essai suivant qui a été écrit de 1531-32: *Descripção do terreno em roda da cidade de Lamego duas leguas, suas producções, etc.*, par Rui Fernandes, citoyen de la même ville. Imprimé pour la première fois dans la *Collecção dos Ineditos da Historia Portugueza*, par ordre de l'Académie Royale des Sciencies, Lisbonne, 1824. Vol. V, pag. 546-612.

D. Manoel de Vasconcellos Pereira, supra citado, são portanto, perante a historia, os dois promotores mais zelosos das obras do Santuario.

*
* *

O edificio da Sé é um dos exemplares mais curiosos da confusão de estylos architectonicos discordantes. Calculando pela disposição da frontaria, puramente gothica, accusando tres naves, correspondentes ás tres portas, apreciando a ornamentação de granito, sobriamente estylisada, mas profundamente caracteristica (como na Sé da Guarda), energica em todas as linhas, devo conjectorar que teriamos um interior gothico, com abobada artezoada na nave central sómente e com naves lateraes apenas cobertas de madeira. Os exemplos d'este compromisso do estylo gothico, de valor médio, pertencente á época de D. João I, abundam entre nós; ás vezes, a construcção da abobada reduz-se á cobertura da capella-mór e capellas absidaes unicamente. A grande janella de arco abatido, dentro da moldura rectangular, é uma interpolação do principio do seculo XVI, com um desenho muito frequente no inicio do estylo manoelino; o perfil pobre das molduras, núas de qualquer ornato, contrasta com o córte multiforme das arcarias fundas e energicas do portal, finamente cinzeladas; a laçaria da janella, mesquinha e trivial, já nem é lobular. As aberturas lateraes são remendos do seculo XVIII. Tudo o mais que vemos da nave central e da torre do cruzeiro, exteriormente, na estampa, é, ou fim do seculo XVII (motivo das espheras) ou do seculo immediato. A grande torre, quadrada, massiça, ao lado da frontaria, é o unico, mas poderoso elemento da primitiva Sé romanica; e puramente romanicos são todos os caracteres d'essa preciosa reliquia, perfeitamente conservada nas janellas e frestas das tres faces principaes, e no grande apparelho, na verdade primoroso. Descontando a parte superior da torre, desde a linha dos sinos, que é obra de D. Manoel de Noronha, o resto está intacto e faz-nos deplorar sinceramente o que se perdeu. No interior do templo vemos hoje apenas restaurações do seculo XVIII, feitas em duas secções, uma que avançou até ao arco cruzeiro; outra, d'ahi para diante, abrangendo a capella do Sacramento e sacristia. Estas obras pertencem aos annos de 1725, 1734 e 1735-1750, figurando como architectos o italiano Nicolau Nazoni, e principalmente o portuguez Antonio Pereira. Póde affirmar-se que no meio do tumulto d'estas obras, terminadas de vez sómente em 1776, pouco se conservou das restaurações parciaes anteriores, costeadas sobretudo pelo generoso bispo D. Manoel de Noronha, no meado do seculo XVI; um seculo depois era renovada mais uma vez a capella-mór (1650-53). E note-se que para todas estas obras, inclusivé até 1776, se allegou sempre o perigoso estado do tecto e armação do templo, a ruina evidente do edificio que obrigava a uma reconstrucção *a fundamentis,* a que apontámos de 1735-1750. As casas de serventia, annexas, com boas varandas de ferro forjado, pertencem ao primeiro terço do seculo XVII; assim se completa esta manta de retalhos que mostra bem ao vivo a desordem e a confusão que reinou e reina ainda, em geral, nos cabidos, quando se trata da fabrica das sés.

Apezar de tanto estrago, como hoje a vemos, parece-nos a Sé de Lamego, uma reliquia artistica digna de estudo. Ha na cidade ainda o templo de Santa Maria de Almacave, construcção romanica preciosa, a que anda ligada a lenda historica das côrtes de Lamego. É um monumento bem conservado; vale por si só uma viagem á cidade beirôa a qual possue, além d'isso, outros edificios religiosos e profanos, conventos, palacios e quintas, de valor artistico, não fallando nos encantos feiticeiros e inexgotaveis de uma formosissima e uberrima natureza.

Joaquim de Vasconcellos.

bénéficier de la Cathédrale José Pinto Teixeira, qui en 1784 fut inhumé même dans le temple des Remèdes. Cet ecclésiastique et son prélât D. Manuel de Vasconcellos Pereira, dont nous avons parlé plus haut, sont donc, par devant l'histoire, les deux promoteurs les plus zélés de travaux du Sanctuaire.

*
* *

L'édifice de la Cathédrale est un des plus curieux exemplaires de la confusion de styles d'architecture discordants. À en juger par la disposition de la façade purement gothique, accusant bien les trois nefs correspondantes aux trois portails, en appréciant les ornementations en granit, d'un style sobre mais profondément caractéristique (comme la Cathédrale de Guarda), énergique en toutes ses lignes, je devrais conjecturer que je trouverais un intérieur gothique à voûte nervurée seulement dans la nef centrale et avec les bas côtés simplement recouverts de boiseries. Les exemples de ce faux style gothique, de valeur douteuse, appartenant à l'époque de D. Jean I, abondent chez nous; quelquefois la construction de la voûte se réduit à la couverture du sanctuaire et des chapelles absidales uniquement. La grande fenêtre à voûte aplatie dans l'encadrement rectangulaire est une interpolation du commencement du XVI^{me} siècle d'un dessin très fréquent à l'initiation du style *manuelino:* le profil sec des moulures, dépouillées de tout ornement, contraste avec la coupe multiforme des arcades profondes et énergiques du portail, finement ciselées; les festons de la croisée, mesquins et vulgaires ne sont même pas lobulaires. Les ouvertures latérales sont des rapiècements du XVIII^{me} siècle. Tout le reste que nous voyons de la nef centrale et de la tour du transept, extérieurement, sur la gravure, est de la fin du XVII^{me} siècle (motif des sphères) ou du siècle suivant. La grande tour carrée massive, à côté de la façade, est le seul, mais puissant élément de la Cathédrale romane primitive; il en est de même pour tous les caractères de cette précieuse relique parfaitement conservée, quant aux fenêtres et lucarnes des trois faces principales ainsi que pour le grand appareil qui est véritablement admirable. Hormis la partie supérieure de la tour, depuis l'emplacement des cloches, qui est l'œuvre de D. Manuel de Noronha, tout le reste est intact et nous fait regretter sincèrement ce qui s'est perdu. À l'intérieur du temple nous voyons aujourd'hui à peine des restaurations du XVIII^{me} siècle, faites en deux parties, dont l'une s'est avancée jusqu'à l'arcade du transept, et l'autre, partant de là, et comprenant la chapelle du Saint Sacrement et la sacristie. Ces travaux sont des années 1725, 1734 et 1735-1750, et dirigés par l'architecte italien Nicolas Nazoni, et surtout par le portugais Antoine Pereira. On peut assurer qu'au milieu du désordre de ces travaux, qui ne furent tout à fait terminés, qu'en 1776, on a très peu conservé des restaurations partielles antérieures, faites surtout aux frais du généreux évêque D. Manuel de Noronha, au milieu du XVI^{me} siècle; un siècle plus tard, (1650-53) le sanctuaire était encore renouvelé. Et il faut remarquer que pour toutes ces réparations, inclusivement en 1776, on faisait toujours valoir la raison du dangereux état de la voûte et de la charpente du temple, la ruine évidente de l'édifice qui réclamait une reconstruction *a fundamentis,* celle que nous avons citée de 1735-1750. Les dépendances annexes, avec de beaux balcons en fer forgé, sont du premier tiers du XVII^{me} siècle; telle est la composition de cette couverture rapiécée qui montre bien au vif le désordre et la confusion qui régnait et qui règne encore, généralement aux châpitres, lorsqu'il s'agit des travaux de leurs cathédrales.

Malgré les degâts, la Cathédrale de Lamego, telle que nous la voyons aujourd'hui, est une relique artistique digne d'étude. On voit encore dans la ville, le temple de Sainte Marie d'Almacave, précieuse construction romane, à laquelle se rattache la légende historique des États de Lamego. C'est un monument bien conservé et qui à lui seul mérite un voyage à cette ville de Beira. Outre cela Lamego possède d'autres édifices religieux et profanes, des couvents, des palais et des châteaux, de valeur artistique, sans parler des charmes féériques et inépuisables d'une nature incomparablement belle et fertile.

Joaquim de Vasconcellos.

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª EDITORES

Vista geral

LAMEGO

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

LAMEGO

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Diligencia

LAMEGO

A Serra da Estrella

N'uma conversa que tive ha mezes com o director d'esta publicação e na qual fallámos da Serra da Estrella, eu disse-lhe que era de lá e mostrei o amor que tenho á minha querida serra. Foi certamente esse amor que o levou a pedir-me este artigo; e, apezar de eu me ter escusado e em cartas successivas lhe mostrar a minha incompetencia para tratar de um assumpto que exigia uma penna eloquente e prestigiosa, não consegui livrar-me da incumbencia. Lamento-o pela Serra e pelos leitores d'esta bella publicação.

Se bastasse amar bem a Serra para d'ella escrever dignamente, estou certo que ninguem o faria melhor do que eu. Mas não admira.

Em primeiro logar comprehende-se muito bem que sejam mais amantes da sua patria os que nascem entre montes e vivem n'uma pequena area, limitada por horisontes proximos; o que elles vêem, da manhã á noite, tudo ou quasi tudo faz parte da sua terra, — as casas, as arvores, os mattos, os ribeiros, os gados, a gente. Os que vivem nas encostas ou nas planicies vêem outras casas; ouvem tocar as ave-marias nos sinos de povoações proximas; vêem elevar-se no ar, de manhã e á tardinha, o fumo de povoações longinquas; vêem desapparecer o sol a grandes distancias; teem horisontes dilatados, que abrangem ás vezes dezenas de leguas em todos os sentidos.

Para os primeiros o sol põe-se muito cedo e nasce muito tarde; e elles vêem-no ás avessas: de manhã descer das encostas do poente até chegar ao valle; e de tarde ir desapparecendo desde o valle até ao cimo dos montes do lado opposto. Para os segundos a patria é uma simples parte de um todo de que elles vêem constantemente outras partes; emquanto que para os primeiros ella é em si mesma um todo perfeitamente distincto e separado do resto do mundo; aquelles convivem diariamente com os visinhos, como os habitantes de casas separadas por paredes meias; estes não teem visinhos apparentes e vivem na sua terra como certos frades viviam no seu convento e na respectiva cerca, circumdada por altos muros.

Mas ha ainda outra circumstancia: é que eu sahi da minha terra muito cedo «para os estudos». Ora o dictado — Longe da vista longe do coração — só é verdadeiro para os que teem o coração leve, para os que não amam a valer. Para estes é mais verdade o que dizem os primeiros versos d'uma quadra popular:

> A ausencia tem uma filha
> Que tem por nome saudade...

E todos os portuguezes sabem o que é a saudade (nenhum outro paiz tem palavra correspondente...) e como ella anima e aviventa o amor que tem o seu objecto ausente. Eu, por mim, basta dizer-lhes que no primeiro dia do anno lectivo escrevia na parede do meu quarto, no seminario de Coimbra, todos os numeros desde 1 até ao total dos dias que tinha de lá passar até ás ferias grandes; e cada dia riscava um! E no *Penedo da Saudade* (o nome foi-lhe posto com certeza por um beirão!) com que intimo prazer eu via lá em baixo serpear a «estrada da Beira», por onde no fim do anno havia de passar na *diligencia* do Natividade a caminho da minha querida Serra! E com que alvoroço aguardava a chegada á capellinha de S. Pedro Dias, na serra da Lousã, d'onde pela primeira vez via apparecer, lá muito ao longe, a cordilheira magestosa da Estrella, elevando-se pouco a pouco da esquerda para a direita, do norte para o sul, onde avultavam os seus mais altos contrafortes, entre os quaes estava encravada a patria minha amada! E com que delicia eu bebia agua na primeira fonte da Serra, tirava pela primeira vez o chapéo a um viandante, ia successivamente subindo e descendo montes e atravessando povoações até me apparecer lá adiante a «Pedra da Moura», perto da ultima portella, passada a qual me appareciam de repente as encostas do valle onde nasci! E, transposto emfim o ultimo cabeço, perto das ultimas «alminhas», como eu ria de gosto ao ver surgir a casaria encimada pela egreja, os quintaes em que brincara em pequeno, o ribeiro em que aprendera a nadar, os soutos onde tantas vezes fôra ás castanhas para jogar o «castello»; e, — cumulo da alegria! —, ao conhecer pessoas queridas que estavam á minha espera na varanda da minha casa!

La Montagne de Estrella

Dans un entretien que j'eus il y a quelques mois avec le directeur de cette revue, en parlant de la Montagne de Estrella, je dis que j'y étais né, et je montrai bien l'amour que je voue à ma chère montagne. C'est certainement ceci qui l'a induit à me prier d'écrire cet article; et quoique j'aie tenté de me dérober, en tâchant de démontrer, mon peu de compétence pour m'occuper d'un sujet qui exigeait une plume plus éloquente et plus autorisée, je n'ai pas réussi à me délivrer de cette tâche. J'en plains la Montagne et les lecteurs de cette belle publication.

S'il suffit de bien aimer la Montagne pour la décrire dignement, je suis certain que personne ne le fera mieux que moi, et à cela il y a rien d'étonnant.

D'abord on comprend parfaitement que ceux qui naissent dans la montagne et qui y vivent, dans un espace limité, soient plus affectionnés à leur patrie; ce qu'ils voient du matin au soir, maisons, arbres, bois, ruisseaux, troupeaux et gens, tout ou presque tout celà fait partie de leur sol natal. Ceux qui vivent dans les plaines ou sur les versants des collines voient plus loin; ils entendent l'angelus aux clochers des villages voisins; il voient le matin et le soir s'élever dans les airs, les fumées des hameaux éloignés; ils contemplent les couchers du soleil à de grandes distances; leurs horizons sont plus vastes et ils atteignent parfois des dizaines de lieues à la ronde.

Pour les montagnards le soleil se lève tard et se couche tôt; ils le voient à l'envers: le matin il descend les pentes du couchant jusqu'à la vallée et le soir il disparait dès la vallée jusqu'aux cimes des montagnes du côté opposé. Pour les autres la patrie est une simple partie d'un tout dont ils voient constamment les autres parties; mais, pour le montagnard, elle est à elle seule un tout parfaitement distinct et séparé du reste du monde; ceux-là fréquentent journellement leurs voisins comme les habitants de maisons séparées par des murs mitoyens; ceux-ci n'ont pas de voisins et vivent dans leur terroir comme certains moines vivaient dans leurs couvents avec les enclos entourés de hautes murailles.

Il y a encore une autre circonstance: je suis parti tout jeune de mon pays pour aller étudier. Or, le vieux dicton — Loin de la vue loin du cœur — n'est véritable que pour ceux qui ont le cœur léger, et qui n'aiment qu'à demi. Pour ceux qui aiment tout à fait, je citerai les premiers vers d'une strophe populaire:

> L'absence a une fille
> dont le nom est *regrets*

Tous les portugais savent ce que signifie *Saudade* (mot qui n'a d'équivalent dans aucune autre langue), et de quelle manière ce sentiment augmente et vivifie l'amour que l'on a pour l'objet absent. Quant à moi, il suffit de dire que le premier jour de l'année scolaire j'écrivais sur le mur de ma chambre, au séminaire de Coimbra, tous les numéros depuis 1 jusqu'à la totalité des jours que je devais y passer jusqu'aux grandes vacances, et chaque jour j'en rayais un! Et, sur le *Penedo da Saudade*, nom qui certainement a été inventé par un natif de Beira, j'éprouvais une délicieuse émotion en voyant serpenter en bas la route de Beira, par laquelle devait passer à la fin de l'année la *diligence* du *Natividade* qui me conduirait à ma chère Montagne! Avec quel doux émoi je désirais arriver à la petite chapelle de St Pedro Dias, dans le mont de Lousã, parce que c'était de là que je commençais à apercevoir au loin la majestueuse cordillère de Estrella, qui s'élevait peu à peu, de gauche à droite, du nord au midi, où saillaient ses plus hauts sommets entre lesquels se trouvait enclavée ma patrie si chérie! Avec quelles délices je buvais de l'eau à la première fontaine de la Montagne, je saluais le premier passant, et je montais et descendais successivement les coteaux traversant des hameaux jusqu'à ce que je voyais poindre là-bas, la — Pedra da Moura — (Pierre de la mauresque) près de la dernière gorge du mont, passée laquelle je voyais paraître tout-à-coup des pentes de la vallée où je suis né! Enfin, après avoir franchi la dernière cime, près des dernières — *alminhas* — comme je riais de bon cœur en voyant émerger les bâtisses surmontées de l'église; les jardins où j'avais joué tout petit, le ruisseau où j'avais appris à nager, les bois où j'allais ramasser des chataignes pour jouer avec mes petits camarades, et surtout, oh joie suprême! lorsque j'apercevais les personnes chéries qui m'attendaient sur le balcon de la maison!

Como isso vae longe! Mas a saudade, — que é o cynematographo das felicidades preteritas —, mostra-me essas scenas de ha quarenta annos tão perfeita e nitidamente como se fossem de hontem...

Tenho ainda bem vivas as minhas primeiras impressões da Serra. Em uma noite de verão, em que, sentados á porta do quintal, sentindo o aroma das boas-noites, eu e meus irmãos viamos sobre nós o céo, recamado de estrellas, pousar no cimo dos montes que formavam os costados de um navio enorme de que nós occupavamos o porão, um de nós, — talvez eu! —, perguntou a minha mãe se lá em cima, no alto do monte fronteiro, já era o céo... É certo que eu ouvia fallar *de traz de serra,* sabia que meu pae passava a maior parte do tempo fóra de casa, a percorrer outras terras; mas para mim, a bem dizer, essas terras não tinham uma existencia clara, era como se não existissem. E recordo-me ainda perfeitamente da impressão de surpreza e espanto que tive ao ver pela primeira vez, ao chegar á «portella d'Arão», entre Loriga e Vallezim, apparecer de repente a enorme planicie que vae da Serra da Estrella á do Caramullo, e a que nós, os da Serra, chamamos a *Terra chã.* É claro que essa planicie é só apparente; tem montes e vales, altos e baixos como a Serra. Mas os seus montes são outeiros apenas comparados com os da Serra. Nos seus caminhos a linha é aproximadamente horisontal; ao passo que na Serra quem fôr, por exemplo, de Unhaes para S. Romão tem de fazer uma serie de ascensões e descidas analoga á que faria um insecto minusculo se no seu caminho encontrasse os dedos de uma mão, um quasi nada abertos, e os transpuzesse successivamente do primeiro ao ultimo.

Uma differença tão radical no ambiente, no *habitat,* ha de necessariamente influir no caracter, na idiosyncrasia dos habitantes das duas regiões. Por agora vou referir-lhes um facto, que me occorreu a proposito de Vallezim, como argumento comprovativo da minha asserção relativa ao amor da patria.

Vallezim é a menos importante das povoações que ficam no caminho de Unhaes a S. Romão e que formam, com a Covilhã, Manteigas e Gouveia, o mais importante centro industrial do paiz; possue apenas uma fabrica, que a maior parte do tempo tem estado inactiva. Em compensação tem sobre as povoações visinhas o predominio intellectual (que parece vir de longe, porque ella possue uma egreja romanica de tres naves); tem sempre sido terra de doutores e é como que a Coimbra da região; é lá que se falla mais correctamente, e a sua gente tem a primazia na delicadeza de maneiras.

Foi lá que eu estudei a instrucção primaria com o professor official, cuja fama lhe attrahia discipulos de muitas leguas em redondo, — de Gouveia, de Paranhos, de Unhaes.

Pois n'aquella colmeia de pequenos estudantes, de oito a dez annos, uma singularidade distinguia uns dos outros: os nascidos nas terras encovadas, nos «barrôços», — como nós diziamos —, fugiam muitas vezes no mesmo dia da chegada, e outras vezes não chegavam... a chegar.

Houve um que fugiu tanta vez que a familia deixou de o mandar. A ultima vez que foi, levara-o o proprio pae; mas o filho, apanhando-o distrahido a conversar com o professor, esgueirou-se sem ninguem dar por isso; e d'ahi a pouco viamol-o todos a meio do atalho, no monte fronteiro, a subir com toda a gana, sem olhar para traz. Já não tinha medo de errar o caminho!

Mas fallemos do alto da Serra, que é o que mais interessa ao leitor, — e já não é sem tempo...

A Serra da Estrella propriamente dita é a parte da cordilheira d'este nome que se estende de nordeste a sudoeste, desde a *Penha de Prados,* perto de Linhares e Folgosinho, até ao *Terroeiro,* perto de Unhaes e Alvôco, obliquando d'ahi em fórma de C, — como muito bem diz Garcia Mascarenhas no *Viriato tragico* —, até ao *Curcurinho* [1], perto de Aldeia das Déz. Esta segunda parte, porém, não tem planuras no alto: a outra é que é a Serra por excellencia, a Serra procurada pelos turistes; e d'essa parte é ainda na extremidade sul que se elevam os seus mais altos cumes e relvados, e onde estão as suas bellezas mais interessantes e caracteristicas: os covões, as lagoas e os *Cantaros.*

Uma das povoações mais proximas da região dos Cantaros é a minha terra; e apezar d'isso eu já era homem ha muitos annos quando lá subi a primeira vez. Mettiam-me medo com o meu calçado da cidade, dizendo-me que não me mettesse n'isso porque vinha de lá sem botas...

Mas um dia fui lá ter sem haver feito tenção.

[1] Ou Colcurinho (Eu escrevo como se diz na minha terra). O C a que se refere Mascarenhas, é todavia só uma, — sendo a maior —, das ramificações que sahem da Serra ladeando o rio Alva e as ribeiras de Vallezim, Loriga e Alvôco no espaço comprehendido entre o primeiro e a ultima.

Comme tout cela est loin! Mais les regrets, qui sont comme le cynématographe des bonheurs passés, me montrent ces scènes d'il y a quarante ans, aussi parfaites et aussi nettes que si elles dataient d'hier. Mes premières impressions de la Montagne sont encore vivaces. Un soir d'été, assis à la porte du jardin, respirant le parfum des belles-de-nuit, mes frères et moi, nous contemplions au dessus de nos têtes le ciel constellé d'étoiles, qui semblait se poser sur les cimes des montagnes, semblables à un immense vaisseau au fond du quel nous étions; l'un de nous, — moi peut-être — demanda à ma mère, si sur la cime de la Montagne d'en face c'était déjà le ciel... Il est certain que j'entendais parler de *derrière la montagne* et je savais que mon père passait la plupart du temps hors de la maison, qu'il parcourait d'autres lieux, mais pour moi ces lieux, n'avaient pas, pour ainsi dire, une existence claire, c'était à peu près comme s'ils n'existaient pas. Et je me souviens encore très bien de l'impression d'étonnement et de surprise que j'éprouvai en arrivant à la gorge d'Arão, entre Loriga et Vallezim, lorsque je vis paraître tout à coup, et pour la première fois, l'enorme plaine qui va de la Montagne de Estrella à celle du Caramullo, et que nous autres montagnards, nous nommons la *Terra chã* (terre plate). Il est certain que cette plaine n'est qu'apparente; elle a ses montagnes, ses vallées, ses hauts et ses bas comme la Montagne. Mais ses monts sont des coteaux à peine, comparés à ceux de la Montagne. Les chemins sont percés en ligne à peu près horizontale, tandis que dans la Montagne, en allant, par exemple de Unhaes à S. Romão on doit faire une série d'ascensions et de descentes semblables à celles que ferait un insecte minuscule s'il trouvait sur son chemin les doigts d'une main, un peu écartés, qu'il devrait franchir successivement du premier au dernier.

Une si grande différence d'ambiant, d'*habitat,* doit nécessairement influencer le caractère, l'idiosyncrasie des habitants des deux régions. Pour le moment je vais vous raconter une chose qui m'est arrivée à propos de Vallezim, et qui devient un argument bien évident de mon assertion relative à l'amour de la patrie. Vallezim est le moins important des endroits qui se trouvent sur la route de Unhaes à S. Romão, et qui, avec Covilhã, Manteigas et Gouveia, forment le centre industriel le plus important du pays; à Vallezim il n'y a qu'une fabrique, qui, la plupart du temps, demeure inactive. En compensation il a sur ses voisins, la prédominance intellectuelle, qui semble dater de loin parce que l'on y voit une église romane à trois nefs; ç'a toujours été une patrie de docteurs, à peu près comme Université de la région; c'est là qu'on parle le plus correctement, et que les gens ont des manières plus polies et distinguées. C'est là que j'ai fait mes études primaires avec le professeur officiel dont la réputation y attirait des élèves de plusieurs lieues à la ronde, de Gouveia, Paranhos, Unhaes.

Eh bien, dans cette ruche de petits étudiants, âgés de huit à dix ans, une singularité les distinguait les uns des autres: ceux qui étaient nés dans les terrains enfouis, dans les — *barrôcos* — comme nous disions, disparaissaient le jour même de leur arrivée et quelques uns, ne reparaissaient point.

Il y en eut un qui s'enfuit si souvent, que la famille ne l'envoya plus. La dernière fois qu'il parût ce fut même le père qui l'amena; mais l'enfant, en le voyant en conversation avec le professeur, se sauva sans que personne ne s'en aperçut; peu d'instants après nous le vîmes au milieu du chemin sur la montagne d'en face, qu'il gravissait de toutes ses forces sans regarder en arrière, comme s'il craignait de se tromper de route!

Mais parlons du sommet de la Montagne, qui doit intéresser davantage le lecteur, et ce n'est pas sans temps...

La Montagne de Estrella, proprement dite, est la partie de la cordillère de ce nom qui s'étend du nord-est au sud-est, depuis la *Penha de Prados,* près de Linhares et Folgosinho, jusqu'au *Terroeiro,* près de Unhaes et Alvoco, obliquant de là en forme de C, — comme le dit Garcia de Mascarenhas dans son *Viriato tragico* — jusqu'au *Curcurinho* [1], près du village de Déz. Mais cette dernière partie n'a pas de plateaux sur les cimes: c'est l'autre qui est vraiment la Montagne, la Montagne recherchée par les touristes; et même de cette partie, c'est sur la pointe du midi que s'élèvent ses plus beaux sommets et herbages, et c'est là que se trouvent ses attraits les plus intéressants et les plus caractéristiques; les fossés, les étangs et les Cantaros.

[1] Ou Colcurinho (J'écris comme on le dit dans mon pays). Le C auquel se rapporte Mascarenhas, est toutefois une seule, et la plus grande des ramifications qui sortent de la Montagne, cotoyant le fleuve Alva et les cours d'eau de Vallezim, Loriga et Alvôco, dans l'espace compris entre le premier et le dernier.

Quasi no alto do monte que separa Alvôco da Serra, — a minha terra, Exc.mos senhores! —, de Unhaes, tambem da Serra [1], ha uma fonte *milagrosa*, chamada *Fonte da Pedra*, cujas virtudes o povo attribue a uma lenda tão piedosa como... ingenua. Diz ella que, a caminho do Egypto, passou alli a Nossa Senhora com S. José e o Menino; que este teve sêde e o burro em que elle ia ao collo de sua mãe, fez sahir agua de uma pedra dando n'ella tres patadas [2]. Se a lenda não é verdadeira, — como quasi todas as lendas... —, não ha duvida que a agua da *Fonte da Pedra* cura molestias de pelle; e nas manhãs do S. João e do S. Pedro rapazes e raparigas levantam-se muito cedo e lá vão todos os annos em ranchos alegres beber a agua milagrosa, fazer abluções varias e comer os respectivos farneis.

Eu, que nunca lá tinha ido, um dia depois de almoçar pedi que me ensinassem pouco mais ou menos o sitio da fonte e para lá caminhei serra acima. Não dando com ella por mais que procurasse, subi até ao alto para não perder de todo as passadas e ver como era da outra banda. E, ficando enthusiasmado com a vista surprehendente que se me deparou na cumiada, — o admiravel valle entre a Serra da Estrella e a da Guardunha, para lá da qual se estendiam planicies sem fim, monotonas e aridas, até á linha do horisonte, fazendo um contraste notavel com o primeiro plano, todo coberto de vegetação e manchado de povoações branquejantes, entre as quaes sobresahia uma em frente, muito maior que as outras e que devia ser (e era) o Fundão, — eu, em vez de voltar para traz, como me aconselhava a hora, continuei pela cumiada para o lado da Serra. E apezar dos percalços que d'isso me resultaram, não me arrependi. Ainda não tinha andado muito quando encontrei uma pedra, — e a seguir encontrei muitas mais —, com as covinhas prehistoricas, ou *fossettes*, que Martins Sarmento diz não ter encontrado [3]. Eram todas quadradas, com um decimetro de lado aproximadamente e um pouco menos de fundo; e estavam todas cheias d'agua purissima, e tanto que eu não pude resistir e bebi em umas poucas. Chegando ao fim da cumiada, comecei a subir, e pouco depois, com grande espanto, encontrei relvado e uma fonte, onde bebi tambem. A agua ahi era, porém, tão fria que me escaldou os beiços e tirou-me a vontade de beber mais. Continuando a andar, vi de repente surgir á direita uma especie de pyramide, que a principio julguei ser um marco geodesico vulgar, mas que foi augmentando, augmentando até me convencer de que não podia ser senão a *Torre*. D'ahi a pouco estava ao pé d'ella, no ponto mais alto da Serra e de Portugal, a 1:991 metros sobre o nivel do mar! Via a enorme esplanada do extremo norte, que termina a umas 5 ou 6 leguas da Torre; um pouco abaixo, para o lado direito, a cabeça negra do *Cantaro Magro;* e para lá da Serra, em toda a roda, uma vastissima extensão de terreno abrangendo Hespanha e Portugal, com uma linha d'horizonte circular e tão longinqua que mal se distinguia. Vale a pena subir lá acima só para admirar esse espectaculo surprehendente e que nunca mais se esquece...

Não contarei aos leitores as peripecias por que passei na descida, comquanto, — é claro —, isso me fosse muito grato. Sabe sempre bem avivar saudades; e eu poderia encher uns poucos de numeros d'esta revista a contar os casos que lá em cima me aconteceram outras vezes, uns comicos outros tragicos [4], e que dariam talvez aos leitores mais perfeita ideia da Serra do que as descripções feitas com o meu maior desvelo. Por outro lado eu não poderia pensar tambem em descrever a Serra em quatro paginas; e accresce que certamente todos os leitores conhecem o bello livro que lhe consagrou um principe das lettras portuguezas, — Emygdio Navarro. Vou, pois, limitar-me a dizer-lhes o que precisa de ver para fazer perfeita ideia da Serra todo aquelle que fôr visital-a, isto é: quaes são as suas bellezas e curiosidades mais notaveis e caracteristicas.

A principal, e que só por si vale a visita á Serra, é o *Cantaro Magro*, — mas visto de baixo (e são raros os que lá vão!). Só vendo-o de baixo se avalia bem o que tem de grandioso, de solemne, de empolgante e de phantastico esse monstro de granito, de 300 metros de altura, em forma de cantaro assente sobre a bocca, e vertendo agua por todos os lados, que se ouve estalar de longe!

---

[1] Ficam-lhes perto Unhaes Velho e Alvôco de Varzeas.

[2] A mesma lenda refere de outra fonte perto de Barcellos no seu relatorio sobre a *Secção de Archeologia* (*Expedição Scientifica á Serra da Estrella*) o dr. Martins Sarmento, que não teve conhecimento d'esta.

[3] Relatorio citado.

[4] Duas vezes lá me vi em transe não menos afflictivo que o relatado pelo conde de Hoffmansegg no seu livro *Voyage en Portugal* (3.º vol. da obra de Link).

Mon pays est un des plus proches de la région de Cantaros; et malgré cela j'étais depuis longtemps un homme, lorsque j'y montais pour la première fois. On me faisait peur, avec mes chaussures de ville, en me disant de ne pas tenter l'ascension car j'y perdrais mes bottes...

Mais un jour j'y fus sans en avoir eu l'intention.

Presqu'en haut du mont qui sépare Alvôco da Serra, mon pays, de Unhaes da Serra [1], il y a une fontaine *miraculeuse* qu'on nomme *Fonte da Pedra* (*Fontaine de la Pierre*), et dont les vertus sont attribuées par le peuple, à une légende aussi pieuse que... naïve. Elle raconte, qu'en route pour l'Egypte, la Vierge Marie passa par là avec Saint Joseph et l'Enfant Jésus; l'enfant eut soif et l'âne sur lequel il était, dans les bras de sa mère, frappa trois fois la pierre, avec son sabot et en fit jaillir de l'eau [2]. Si la légende n'est pas véridique, comme il arrive presque toujours, il est toutefois certain que l'eau de la *Fonte da Pedra* guérit les maladies de peau.

À l'aube des jours de fête de Saint Jean et de Saint Pierre les garçons et les filles se lèvent de bonne heure et vont en joyeuses troupes boire l'eau miraculeuse, faire diverses ablutions et déjeuner en plein air. Je n'y étais jamais allé, mais un jour, après déjeuner je demandais à peu près le chemin de la fontaine et je commençait à grimper la Montagne. Malgré tous mes efforts je ne réussis pas à la trouver et alors, pour ne pas perdre les pas que j'avais faits je montais jusqu'en haut pour voir ce qu'il y avait de l'autre côté. Mon enthousiasme fut à son comble lorsque je vis le magnifique panorama que l'on découvre de cette hauteur. D'abord la vallée admirable entre les Montagnes de Estrella et Guardunha, et au delà de laquelle s'étendaient des plaines sans bornes, monotones et arides, jusqu'à la ligne de l'horizon, contrastant d'une manière remarquable avec le premier plan tout couvert de végétation et moucheté de bourgs et de villages blanchissants, parmi lesquels, en face, il en ressortait un, plus important que les autres et qui devait être comme de juste, le Fundão. Au lieu de revenir sur mes pas, comme me le conseillait l'heure tardive, je continuai sur le sommet me dirigeant vers la Montagne. Et, malgré les désagréments que j'eus, je ne m'en repentis point. Je n'avais pas encore beaucoup marché, lorsque je trouvai une pierre, ensuite une deuxième et beaucoup d'autres, avec les petites cavités préhistoriques, les *fossettes* que Martins Sarmento dit ne pas avoir trouvées [3]. Elles étaient toutes carrées, ayant à peu près un décimètre de côté, et un peu moins de fond et toutes remplies d'une eau si pure que je ne pus y résister et j'en bus de plusieurs. Parvenu à l'extrémité du plateau, je recommençai à monter et peu après, à mon grand étonnement, je trouvai un frais gazon et une autre fontaine où je bus aussi. Mais l'eau était si froide qu'elle me déssécha les lèvres et m'ôta la soif. Continuant ma route, je vis tout à coup émerger à droite, une espèce de pyramide, que je pris d'abord pour une borne géodésique quelconque, mais que je vis augmenter toujours, jusqu'à ce que je fus convaincu que ce ne pouvait être que la Torre (Tour). Peu après j'étais tout près d'elle, sur le point le plus élevé de la Montagne et du Portugal, à 1991 mètres au dessus du niveau de la mer! Je voyais de là l'énorme esplanade de la pointe nord, qui se termine à 5 ou 6 lieues de la Tour; un peu plus bas, vers la droite, la tête noire du *Cantaro Magro;* et au delà de la Montagne, tout alentour, une vaste étendue de terrain comprenant l'Espagne et le Portugal, avec une ligne d'horizon circulaire et si éloignée qu'on la distinguait à peine. Quand même on n'aurait à admirer que cet inoubliable et surprenant spectacle, celà vaudrait bien la peine de monter là haut!

Je ne raconterai pas au lecteur les péripéties qui m'arrivèrent dans la descente, quoique, il est certain, j'en aurais été charmé. Il est toujours agréable de se souvenir de ce que l'on regrette et je pourrais remplir plusieurs numéros de cette revue en racontant des épisodes qui me sont arrivés d'autres fois, les uns comiques, d'autres tragiques [4], qui donneraient aux lecteurs un idée plus nette de la Montagne, que toutes les descriptions que je pourrais lui en faire avec le plus grand soin. D'ailleurs, je ne saurais penser à décrire la Montagne dans ces quatre pages; et, en outre, il est certain que tous les

---

[1] Tout près se trouvent Unhaes Velho et Alvôco de Varzeas.

[2] Dans son rapport sur la *Section d'Archéologie* (*Expédition Scientifique à la Montagne d'Estrella*) le Dr. Martins Sarmento, qui n'a pas eu connaissance de cette fontaine, attribue cette même légende à une autre fontaine près de Barcellos.

[3] Rapport déjà cité.

[4] Deux fois je m'y suis vu dans des transes non moins affligeantes que celles qu'a décrites le comte de Hoffmansegg dans son livre *Voyage en Portugal* (vol. 3º de l'ouvrage de Link).

Dos covões é tambem mais grandioso o que fica em frente do Cantaro Magro para o lado do nascente e a que uns chamam o valle da *Argenteira* e outros a *Albergaria*. Mas é tambem dignissimo de ver-se o *Covão da Lameira*, no termo de Loriga, a poente da Torre, e que é talvez o mais bello de todos visto ao crepusculo da tarde. Fica-lhe muito perto o *Covão das Quelhas*, muito pittoresco e curioso.

No genero pittoresco é necessario ver egualmente a *Rua dos Mercadores*, ao lado do *Covão do Boi*, proximo e a leste da Torre, e a *Rua dos Cyprestes* [1], que fica perto, para o sul, e de cuja extremidade se vê outro bello covão, o *Covão da Mulher*, no terreno de Unhaes, e em cujas aguas já apparecem trutas — muito escuras e ariscas, segundo me dizem.

Das lagoas a mais bonita é a *do Peixão* [2], que tem o seu mais bello aspecto vista da margem leste, ficando-lhe então sobranceiro pela frente o *Fragão do Passarão*, ou *Poio de Mata-cães*, mas que se pode ver commodamente de cima d'esta enorme fraga, partindo do *Chafariz d'El-Rei*, que lhe fica proximo.

Á ida ou á volta não deve o excursionista deixar de descer á *Ponte de Jugaes* que une as duas margens do Alva entre S. Romão e Vallezim, e que na diversidade de pontos de vista, imponentes, pittorescos ou risonhos, é com certeza um dos mais bellos sitios de Portugal.

Termino com um conselho: Ninguem suba á Serra sem um guia seguro [3], que conheça bem a região dos Cantaros. Não ha por lá muitos; e cautela e caldo de galinha...

As nossas estampas

Fragão do Corvo e *valle de Manteigas*. — O *Fragão do Corvo* é um dos pequenos morros que se encontram nas visinhanças do Sanatorio de Manteigas. Esta villa fica justamente do lado de traz do morro, que se eleva sobre o valle, quasi verticalmente, á altura de uns 800 metros.

Casa da Fraga. — É a casa mandada fazer pelo primeiro tysico que se curou na Serra, o snr. Alfredo Cesar Henriques. A nossa estampa representa-a já correcta e augmentada; a primitiva era unicamente cavada dentro da fraga, tendo parede apenas nas portas e na varanda que dá para o nascente.

Lagôa Escura. — Custa a conhecer assim gelada e vendo-se só as suas margens mais baixas, onde, por entre as pedras, negrejam os zimbros. É a mais célebre lagôa da Serra, a lagôa das lendas.

Cascata do posto da Lage. — É uma das numerosas quedas d'agua formadas nas nascentes do Alva. O que a photographia tem de mais interessante são as caramelleiras que se vêem em baixo e dos lados da torrente. Nada de mais bello, caprichoso e phantastico do que os caramellos formados no inverno pelas quedas d'agua...

Pastores da Serra. — O velho sobretudo é um typo magnifico e perfeitamente caracteristico, com a sua manta de capuz, a sacola, os safões de pelle de ovelha, as polainas cobrindo os sapatos brocheados, a ferrada para o leite e o inseparavel cajado. O rapaz é muito janota: usa cadeia e relogio...

Emygdio de Brito Monteiro.

[1] Dou-lhe eu esse nome, porque lá ninguem m'o soube dizer.
[2] Ha quem escreva *Paixão*; mas este é que é o nome verdadeiro.
[3] Um bom companheiro será tambem o livro do sr. Dr. Adelino d'Abreu sobre a Serra, que é acompanhado de um grande mappa da região, na escala dos da commissão geodesica.

lecteurs connaissent le beau livre que lui a consacré un des princes de la littérature portugaise, Emygdio Navarro. Je vais donc, me borner à dire ce que l'on doit voir pour se faire une idée parfaite de la Montagne, c'est à dire, quelles sont ses beautés et ses curiosités les plus remarquables et caractéristiques.

La principale, et qui à elle seule mérite le voyage à la Montagne, c'est le *Cantaro Magro*, mais vu d'en bas; et peu de visiteurs y vont! C'est seulement en l'observant par dessous, que l'on se rend bien compte de tout ce qu'a de grandiose, de solennel, d'empoignant et de fantastique ce monstre de granit de 300 mètres de haut, en forme de cruche posée sur l'ouverture, versant de l'eau par tous les côtés et que l'on entend gronder au loin!

Le fossé le plus grand est aussi celui qui se trouve en face du Cantaro Magro, vers le couchant et que quelques uns nomment la vallée de l'*Argenteira*, d'autres celle de *Albergaria*. Mais le fossé de *Lameira* dans la commune de Loriga, à l'ouest de la Tour, est également digne de remarque, et peut-être le plus superbe de tous, contemplé à l'heure du crépuscule. Le fossé de Quelhas très pittoresque et curieux se trouve tout proche.

Dans le genre pittoresque il faut voir aussi la rue des *Mercadores* (des Marchands) à côté du fossé du *Boi*, à l'est, près de la tour, la rue de Cyprestes (Cyprès [1]) assez proche, vers le midi, et du bout de laquelle on aperçoit encore un autre fossé nommé de la *Mulher*, sur le territoire de Unhaes, où on a déjà trouvé des truites, très foncées et fuyantes, à ce que l'on dit.

Quant aux étangs, le plus beau est celui du Peixão [2], dont le plus bel aspect est vu de la rive est, dominée sur le devant par le *Fragão do Passarão* ou *Poio de Mata-cães*, mais que l'on peut très commodément voir d'au dessus cette énorme roche, en partant du *Chafariz d'Elrei* qui s'en trouve rapproché.

En allant ou en revenant, l'excursioniste ne doit pas manquer de descendre au *Ponte de Jugaes* qui relie les deux rives du Alva entre S. Romão et Vallezim, et qui par la diversité de ses points de vue, imposants, pittoresques et riants, est assurément un des plus beaux sites du Portugal. Je termine en donnant le conseil de ne jamais aller à la Montagne sans un guide sûr [3], qui connaisse bien la région des Cantaros. Il n'y en a pas beaucoup, il faut donc prendre ses précautions et se défier...

Nos gravures

Fragão du Corvo et *vallée de Manteigas*. — Le *Fragão du Corvo* est un des petites tertres qui se trouvent aux environs du Sanatorium de Manteigas. Ce bourg est justement derrière le tertre, qui s'élève au dessus de la vallée presque verticalement, et à une hauteur de 800 mètres.

Casa da Fraga. C'est une maison faite par le premier tuberculeux qui s'est guéri dans la Montagne Mr. Alfredo Cesar Henriques. Notre gravure la répresente déjà corrigée et augmentée; la construction primitive était seulement creusée dans le rocher, et les seuls murs étaient ceux des portes et du balcon tourné au levant.

Lagôa Escura. — On la reconnait à peine, ainsi gelée et en voyant seulement ses bords les plus bas, où, parmi les pierres, on voit fleurir les obscurs genévriers. C'est le plus célèbre étang de la Montagne, l'étang des légendes.

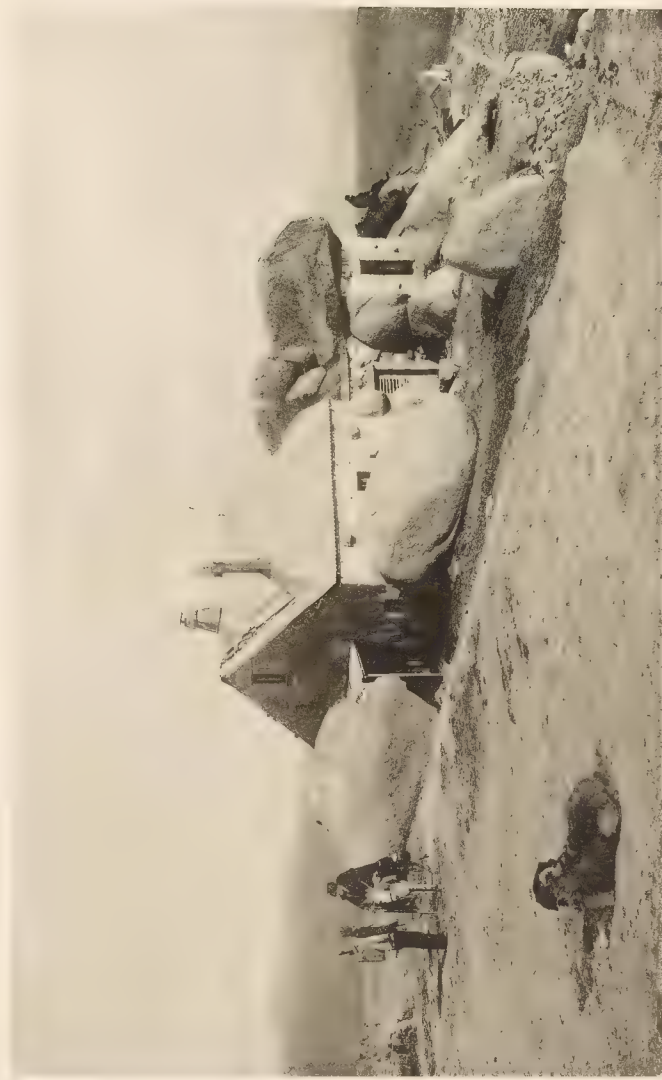
Cascata do posto da Lage. — C'est une des nombreuses chutes d'eau formées par les sources du Alva. Ce que la photographie présente de plus intéressant, ce sont les glaçons que l'on voit en bas et aux bords du torrent. Rien de plus beau, de plus capricieux et fantastique que ces glaciers formés en hiver par les chutes d'eau.

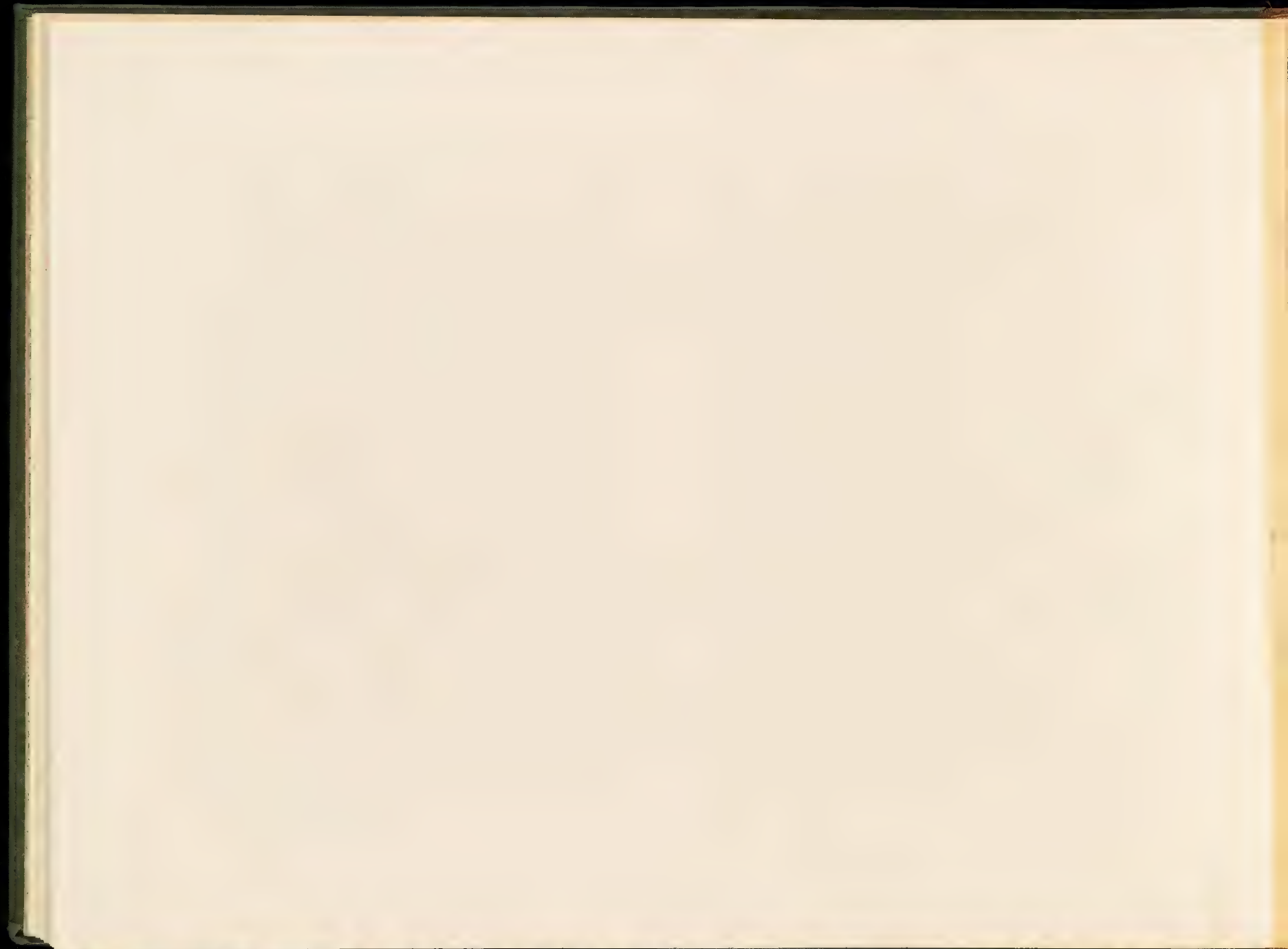
Pastores da Serra (Pâtres de la Montagne). — Le vieillard surtout est un type superbe et parfaitement caractérisé, avec sa mante à capuchon, sa sacoche, ses houzeaux en peau de brebis, les guêtres couvrant les souliers cloutés, le seau pour le lait et l'inséparable bâton. Le jeune homme est trop élégant avec sa chaîne et sa montre...

Emygdio de Brito Monteiro.

[1] Je lui donne ce nom car personne n'a su m'en dire un autre.
[2] Quelques personnes écrivent *Paixão*; mais celui-ci est le véritable nom.
[3] Un bon compagnon à prendre aussi est le livre de Mr. le Docteur Adelino de Abreu sur la Montagne, accompagné d'un grand plan de la région, d'après l'échelle de ceux de la commission géodésique.

Fragão do Corvo
SERRA DA ESTRELLA

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Casa da Fraga
SERRA DA ESTRELLA

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO

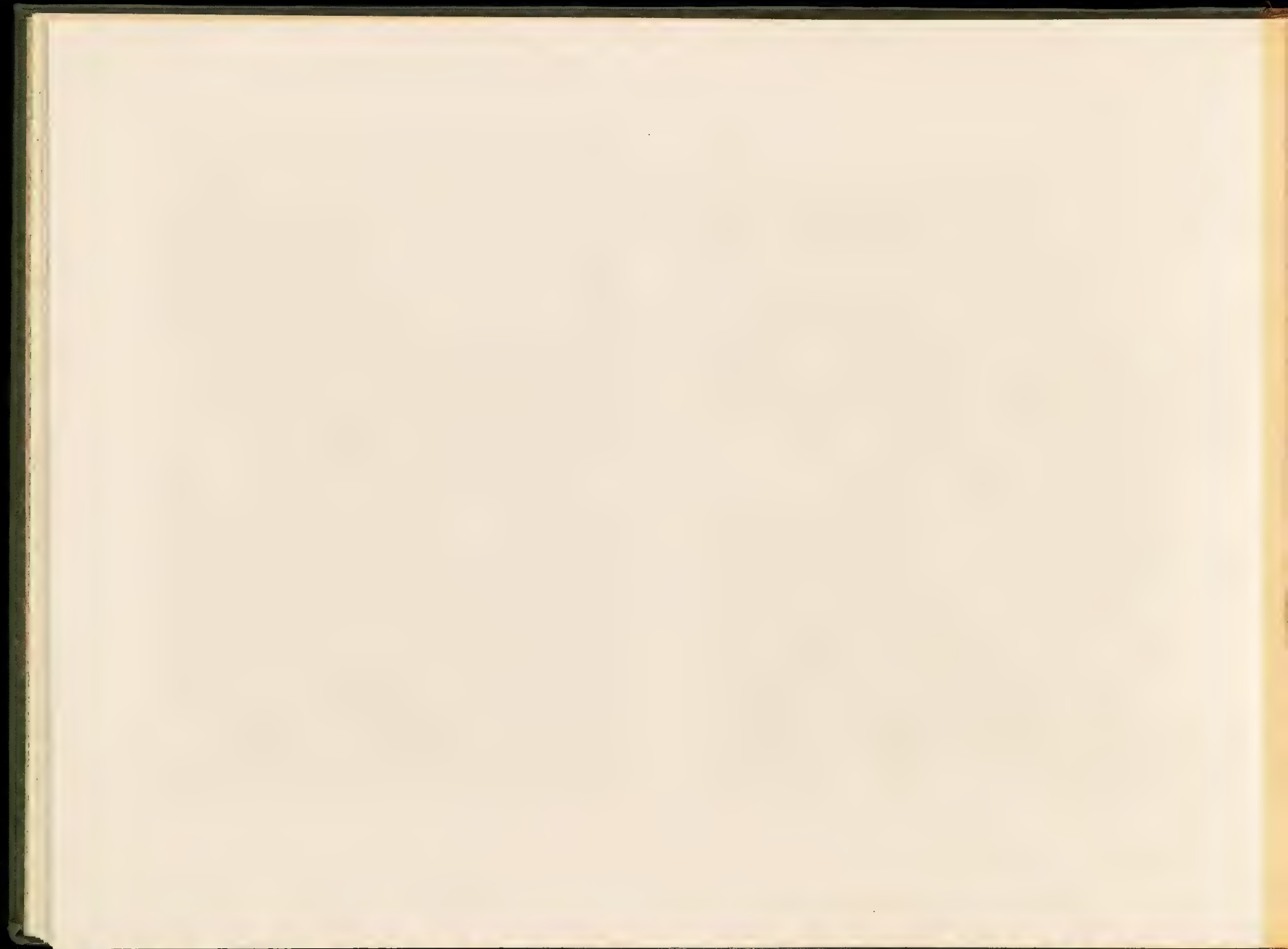
EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Lagôa escura gelada
SERRA DA ESTRELLA

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

Uma cascata na serra

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Cascata do posto da Lage

SERRA DA ESTRELLA

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Pastores da Serra

SERRA DA ESTRELLA

Portalegre

uma cidade muito interessante, capital de districto e séde de bispado, com bons edificios e lindos arredores; está num monte dominando uma vasta planicie fertil; na serra a vegetação é frondosa, muitas fontes brotam das penedias, as paizagens são variadas.

A cidade possue escolas de habilitação para o magisterio primario, a Industrial Fradesso da Silveira, Lyceu nacional, Seminario diocesano, além das competentes escolas primarias. Tem o Asylo de infancia desvalida, hospital regular, e os recolhimentos de S. Braz e de Santa Clara.

É cidade antiga, com seu castello e cerca. Succedeu com esta fortaleza um caso curioso. Quando D. Diniz terminou o castello, rebentou a revolta de seu irmão D. Affonso, e este por surpreza occupou a fortaleza, onde se defendeu desde maio a outubro de 1299; e assim o rei teve occasião de experimentar que o castello estava bem feito.

As fortificações de Portalegre desempenharam grande papel na celebre e dilatada guerra chamada da successão de Hespanha. Em junho de 1704 foi cercada pelo exercito hespanhol.

Esta guerra foi uma desgraça para Portugal, apesar dos brilhantes feitos d'armas praticados pelo seu exercito. Para o Alemtejo, especialmente para esta região de Portalegre, foi a devastação completa.

Rendeu-se ao duque de Brunswick no dia 8 d'esse mez.

Em julho de 1764 soffreu novo conflicto com as forças hespanholas, que por fim a abandonaram. Na primeira invasão franceza recebeu a visita de Loison (1808), sem maior aggravo. Como se vê, tem a sua pagina na historia militar.

A interessante cidade assenta na encosta norte da serra. Ha ahi castinçaes e soutos de frondosos castanheiros, pomares de boa fruta, campos de vinha e cereaes.

A par da grande importancia agricola a cidade tem industrias de valor. Já a meio do seculo XVII possuia fabricas de tecidos de lã, produzindo pannos optimos; depois esta industria definhou, mas ha uns annos cresceu de novo, desenvolvendo-se e aperfeiçoando-se.

Durante muitos annos foi um dos grandes centros do fabrico da rolha de cortiça: industria que está hoje atravessando uma crise.

Ha aqui industrias especiaes.

Tem fabricas de alpercatas, de castelletas, de pirolitos, de massas, de flores artificiaes, de tijolos.

Na cidade ha alguns edificios antigos; a sé, o paço dos bispos, são do seculo XVI. A sé foi começada em 1556 pelo bispo D. Julião d'Alva, hespanhol que veio para Portugal no sequito da princeza D. Catharina, irmã do imperador Carlos V. Esta senhora, filha de Philippe I de Castella e da rainha D. Joanna, casou em fevereiro de 1525 com D. João III de Portugal. Teve sempre muita consideração pelo illustrado preceptor hespanhol que foi confessor e esmoler-mór do rei, e por fim bispo de Portalegre (1550). A cathedral foi concluida pelo bispo D. fr. Amador Arraes, nome illustre nas letras portuguezas. É dedicada, como o são todas as cathedraes do reino, a Nossa Senhora da Assumpção.

Bem de notar o que o bispo D. fr. Amador Arraes fez em Portalegre; porque além de concluir a sé fez o paço episcopal, o seminario, e muitas outras obras de menor importancia. E ainda teve dinheiro para o resgate de todos os seus diocesanos que foram captivos na desastrosa batalha d'Alcacer-Kibir (1578), e para offerecer a Philippe II cinco mil cruzados para a infeliz *invencivel armada*. Acabou pobre, resignou o bispado, foi morrer na sua cella do collegio de Coimbra.

O tumulo do bispo da Guarda, D. Jorge de Mello fundador do convento das freiras bernardas (1572), como se vê na estampa, é obra d'arte opulenta da renascença já adiantada. O artista recorreu á profusão decorativa, como bem se manifesta nas columnas estriadas, floreadas, estranguladas; á complicação de recortes nas bases, nos frisos, dos arcos e nichos; na quantidade de estatuas grandes e pequenas. O conjuncto é grande e sumptuoso, ainda que pouco logico e harmonico; mas a execução das estatuas, dos relevos altos e baixos, dos motivos raphaelescos é primorosa.

Portalegre

'EST une ville des plus intéressantes, capitale du district, siège de l'évêché, avec de beaux édifices et de jolis environs; située sur une montagne dominant une plaine vaste et fertile, ses paysages sont très variés, sur les hauteurs la végétation est luxuriante et touffue et des rochers jaillissent d'abondantes sources d'eau pure.

La ville est pourvue de bonnes écoles primaires; il y a encore l'Ecole Industrielle Fradesso da Silveira, le Lycée national, le Séminaire diocésain, l'Asile des enfants abandonnés, un hospice assez bon, et les couvents de S. Braz et de Santa Clara.

Le type de la ville est ancien, avec son château et les remparts. Un fait assez curieux s'est passé avec cette forteresse. Lorsque D. Diniz termina le château, la révolte de son frère D. Affonso éclata et celui-ci s'empara inopinément du château, où il se défendit depuis le mois de Mai jusqu'à Octobre 1299; le roi eut ainsi l'occasion d'apprécier comme le château était bien construit.

Les fortifications de Portalegre jouèrent un grand rôle pendant la longue et fameuse guerre dite de succession d'Espagne. En Juin 1704 elle fut assiégée par l'armée espagnole.

Cette guerre fut déplorable pour le Portugal, malgré les brillantes actions d'éclat que son armée y déploya; et dans la province de l'Alemtejo, surtout sur cette région de Portalegre, ce fut une véritable dévastation.

Le 8 Juin de cette année elle se rendit au duc de Brunswick. En Juillet 1764 il y eut de nouveaux combats avec les troupes espagnoles qui finirent par l'abandoner. En 1808 lors de la première invasion française, elle reçut la visite de Loison, sans autres dommages. On voit donc qu'elle a aussi sa page dans l'histoire militaire.

La jolie ville s'appuie sur le versant nord de la montagne. On y voit de superbes bois de châtaigniers sauvages, des vergers pleins de beaux fruits, des vignobles et des champs bien cultivés.

Elle est importante non seulement au point de vue agricole, mais aussi par rapport à son industrie. Au XVII^me siècle on y voyait déjà des usines de tissus de laine qui fabriquaient de très beaux lainages; par la suite cette industrie tomba en desuétude, mais plus tard elle s'accrût de nouveau, se développa et se perfectionna.

Pendant longtemps Portalegre fut un des centres de fabrication de bouchons de liège, industrie qui de nos jours traverse une mauvaise crise. On y trouve des industries spéciales, telles que, fabriques de sandales, de draps, de toupies, de pâtes, de fleurs artificielles, de briques; quelques édifices anciens; la cathédrale, le palais de l'évêché datent du XVI^me siècle.

La cathédrale fut commencée en 1556 par l'évêque D. Julião d'Alva, un espagnol qui vint en Portugal dans la suite de la princesse D. Catharina, sœur de l'empereur Charles V. Cette princesse, fille de Philippe I^er de Castille et de la reine D. Joanna, épousa en 1525 D. João III de Portugal. Elle apprécia toujours très hautement l'illustre précepteur espagnol, confesseur et aumônier du roi, et qui fut enfin nommé évêque de Portalegre en 1550. D. Fr. Amador Arraes, qui eut un nom remarquable dans les lettres portugaises, termina la cathédrale, et la mit sous l'invocation de Notre Dame de l'Assomption, comme le sont toutes les cathédrales du royaume.

On doit citer tout ce que l'évêque D. Fr. Amador Arraes fit à Portalegre; non seulement il termina la cathédrale, mais il fit édifier le palais de l'évêché, le séminaire, et beaucoup d'autres choses de moindre importance. Il trouva encore des fonds pour racheter tous ses diocésains qui étaient restés captifs, comme otages dans la désastreuse bataille de Alcacer-Kibir en 1578, et offrit à Philippe II cinq mille cruzades pour la malheureuse *invencivel armada* (invincible armée). À la fin devenu pauvre, il quitta l'évêché et alla mourir dans sa cellule du collège de Coimbra.

Le tombeau de l'Evêque de Guarda, D. Jorge de Mello, fondateur du couvent des religieuses *bernardines*, en 1572, est, comme on le voit sur la gravure, une œuvre d'art somptueuse de la Renaissance, bien accentuée. L'artiste a eu recours à la profusion décorative, à en juger sur ces colonnes cannelées, fleuries, étranglées; sur cette complication de dentelures des socles, des frises, des arceaux et des niches; sur la quantité de statues grandes et petites. L'ensemble est grandiose et riche, quoique manquant de logique et d'harmonie; mais l'exécution des statues, des hauts et bas-reliefs, et des motifs raphaélesques est remarquable.

O castello de Alvito

O palacio e castello de Alvito póde dizer-se regularmente conservado; algumas portas e janellas foram modernisadas; conserva porém intactas as linhas geraes da construcção primitiva.

Algumas janellas mosarabes muito graciosas arejam ainda as suas grossas muralhas e os fortes torreões dos cantos. A estampa mostra bem o estado actual do exterior da fidalga residencia. Entre os edificios alemtejanos da epoca este é o mais senhoril.

O Alemtejo conserva ainda muitas residencias antigas, como a Torre dos Coelheiros, a casa dos Azinhaes, a Amoreira da Torre, o palacio da Oliveira, a Sempre Noiva, etc. Proximo de Vianna está a residencia d'Agua de Peixes, da casa Cadaval, mais moderna que Alvito. Nenhuma das mais antigas residencias conserva pura a planta original.

Tem-se dito que este castello foi feito por D. João II, ahi por 1484, e que este rei o doou a João Fernandes da Silveira. Existe um documento que marca a época da construcção, é uma carta de D. Manuel, confirmando outra de D. João II, e esta a primaria de D. Affonso V. Este rei olhando a situação da villa de Alvito, que então era de D. João da Silveira, barão d'ella, e de D. Maria, sua mulher, e vendo que o sitio era bem disposto para junto da fonte se fazer um castello, proveitoso para sua defeza, e dos moradores em tempo de guerra, e ainda para protecção das outras terras da baronia, dá licença ao barão para fazer um castello, aproveitando a serventia para a obra dos moradores de Alvito, de Villa Nova, da Ouriolla e Aguiar... E se o dito barão começar a fazer o castello, ou começar e não acabar... que sua mulher possa continuar a obra, etc. Parece do documento que a obra ainda não estava começada. Esta carta está datada de 30 de abril de 1489. Do mesmo anno é a confirmação de D. João II.

E a carta de D. Manuel, confirmando estas a D. Diogo Lobo, filho de D. João da Silveira, foi passada em Torres Vedras em 4 de outubro de 1497.

Este documento existe no Real Archivo da Torre do Tombo, no Livro 41 de D. Manuel, folha 93. Vê-se que no final do seculo XV ainda o castello não estava concluido; com probabilidade a construcção, homogenea como é, estaria muito adeantada.

O emprego de elementos arabes na construcção não admira; em edificios do seculo XVI em Evora, se encontra o gracioso mosarabismo, e ainda por muitos annos os operarios mouriscos exerceram aqui os seus misteres.

Alvito é uma villa alemtejana, essencialmente agricola, vivendo do cultivo de cereaes, dos seus montados e olivedos. A casaria branca rodeia o severo palacio acastellado, o seu antigo senhor e protector, hoje despido do antigo poderio. O palacio foi comprado ao actual marquez de Alvito por el-rei D. Luiz, que assim evitou felizmente que a nobre antigualha caísse em mãos inconscientes. O marquez continua porém a usofruir o velho solar.

Nos arredores da villa tem-se encontrado antiguidades romanas; houve por aqui mosteiros de fundação mui remota; lendas christãs de martyrios são mencionadas nas veneraveis chronicas.

Tem uma certa graça a maneira como a linguagem popular na sua evolução tem produzido e acreditado certos santos. De Santo Amancio se fez S. Manços, e de S. Verissimo nasceu S. Brissos no paiz alemtejano. Aqui em Alvito a phonetica fez de S. Cucufate, S. Covado, e de S. Eleutherio, S. Noutel. E toda a gente os conhece assim de ha muito, e os venéra e os invoca na sua crença ingenua.

O nome *Alvito*, com ligeiras variantes, encontra-se em Portugal, Hespanha, Italia; é d'aquellas designações locativas que pertencem a fundo muito antigo. O rio que passa por Alvito é o Odivellas, designação tambem de origem mui remota.

A familia do marquez de Alvito vem do seculo XIII, por linhagens de confiança. O titulo de marquez foi dado em 1766 por el-rei D. José a D. José Antonio Francisco Lobo da Silveira, 3.° conde da Oriolla e 10.° barão de Alvito.

Le château d'Alvito

Le palais et château d'Alvito est assez bien conservé; quelques portes et fenêtres sont modernisées, mais les lignes principales de la construction primitive sont intactes.

Les murs et les grosses tourelles des coins, sont encore percés de gracieuses fenêtres mosarabes. La gravure montre bien l'état actuel extérieur de cette noble résidence. Parmi les édifices de l'Alemtejo datant de cette époque, celui-ci est le plus seigneurial.

On trouve encore beaucoup d'anciennes demeures dans la province de l'Alemtejo: la Torre de Coelheiros, la maison des Azinhaes, l'Amoreira da Torre, le Palais de Oliveira, la Sempre Noiva, etc. Près de Vianna se trouve la résidence de Agua de Peixes, de la maison Cadaval, plus moderne que celle d'Alvito. Mais aucune de ces anciennes demeures ne conserve la pureté de son plan primitif.

On a dit que ce château a été édifié par D. João II vers 1484 et que ce roi le donna à João Fernandes da Silveira. Il existe un document qui marque l'époque de sa construction; c'est une charte de D. Manuel, confirmant une autre de D. João II, laquelle primait aussi celle de D. Affonso V. Ce roi, en observant la situation du bourg d'Alvito, qui appartenait alors à D. João da Silveira, baron d'Alvito, et à sa femme D. Maria, et voyant que l'endroit était bien disposé pour y construire un château près de la fontaine, qui servirait de défense à la ville et à ses habitants en temps de guerre, protégeant en outre les autres localités dépendantes de la baronnie, octroya au baron, la permission de construire un château, à condition que ces travaux fussent profitables aux habitants d'Alvito, Villa Nova, Ouriolla et Aguiar. Et, si le baron commençait le château et ne le terminait point, sa femme pourrait en continuer la construction, etc. D'après ce document on pourrait conclure que le château n'était pas encore commencé, à la date de cette charte, le 30 Avril 1489. Le document confirmatif de D. João II est de la même année.

La charte de D. Manuel, confirmant celles qui furent accordées à D. Diogo Lobo, fils de D. João da Silveira, fut passée à Torres Vedras le 4 octobre 1497.

Ce document se trouve à l'Archive Royal de Torre do Tombo, livre 41 de D. Manuel, folio 93. On voit qu'à la fin du XV^me^ siècle le château n'était pas encore terminé; mais probablement sa construction, telle qu'elle est, bien homogène, devait être très avancée.

L'emploi des éléments arabes de l'édification n'a rien d'étonnant; dans tous les edifices du XVI^me^ siècle à Evora, on retrouve le gracieux style mosarabe, et pendant de longues années encore, les ouvriers arabes travaillèrent dans cette région.

Alvito est une ville essentiellement agricole, vivant de la culture de ses céréales, de ses oliviers et des chênaies où l'on engraisse les cochons. Les maisons toutes blanches entourent le sévère château et son ancien seigneur et protecteur, actuellement dépouillé de son antique puissance. Le palais fut acheté par le roi D. Luiz, à l'actuel marquis d'Alvito, qui empêcha ainsi cette noble demeure de tomber en des mains profanes. Mais le marquis continue a avoir la jouissance de son vieux manoir.

Aux alentours de la ville on a trouvé des antiquités romaines; on y voit des couvents d'origine très reculée et les vénérables chroniques racontent des légendes de martyres chrétiens.

Il est curieux d'observer comment le langage populaire, dans son évolution a engendré et renommé quelques saints. De Saint Amancio on a fait Saint Manços, de Saint Verissimo est né Saint Brissos; cela dans la province de l'Alemtejo. Ici, à Alvito la phonétique a fait de Saint Cucufate Saint Covado, et de Saint Eleutherio, Saint Noutel. Et tout le monde les connait ainsi depuis longtemps, et la foi naïve les vénère et les invoque sous ces noms.

Le nom d'*Alvito*, avec de légères altérations se trouve en Portugal, en Espagne et en Italie; c'est une de ces désignations locales qui ont une origine très lointaine. Le fleuve qui passe à Alvito se nomme Odivellas, nom très ancien aussi.

La famille du marquis d'Alvito date du XIII^me^ siècle, par des lignées authentiques. Le titre de marquis fut accordé en 1766 par le roi D. José, à D. José Antonio Francisco Lobo da Silveira, 3^me^ comte de Ouriolla et 10^me^ baron d'Alvito.

Estremoz

É uma bella povoação situada num dos mais ferteis territorios do Alemtejo; muito desafogada e saudavel, cercada de boas quintas e hortejos, com abundancia de aguas. Occupa uma eminencia com dilatadas vistas. Ha no reino algumas cidades de menor população e importancia.

Seguramente uma das povoações mais formosas e limpas de Portugal. Estremoz é de marmore branco; é a rocha que domina no sitio. Janellas, escadas, e as calçadas das ruas são de marmore. Estes marmores de Estremoz brancos, alguns com veios rosados, afiambrados, são lindos, mas por muito cristallinos rijos, e portanto de difficil trabalho. Os modernos processos de trabalho, principalmente da serragem, facilitam a exploração das pedreiras, e assim nos ultimos annos se tem applicado mais. É translucido em laminas de um decimetro de espessura.

Em Lisboa, no cemiterio dos Prazeres, a familia Centeno tem um tumulo, em forma de pequeno templo grego, com sua escada, columnata e tympanos, todo em marmore de Estremoz de effeito magnifico. É inalteravel ás variantes do tempo; os capiteis do templo romano de Evora, capiteis corinthios com finas volutas e delicadas folhagens, estão como o canteiro os deixou.

Outra especialidade de Estremoz é o barro vermelho de ha muito empregado na ceramica especial conhecida por — louça de Estremoz —. Com este barro fabricam bilhas e pucaros para agua, que se mantem fresca pela singular porosidade que possue. Recentemente têm introduzido estylos varios no fabrico d'esta louça; por minha parte confesso que algumas d'essas tentativas me parecem de mau gosto. Acho muito mais original e interessante o estylo local, antigo; a elegante bilha de uma só aza, sem pintura nem esmaltes, ornamentada de traços vincados, em desenho geometrico e folhagens, com florinhas feitas de pequenos fragmentos de marmore branco. Nos *bonecos* sim póde haver melhoria. Esta arte estremocense dos *bonecos de barro,* com ou sem apito ou rouxinol, é bem curiosa; em todas as feiras do Alemtejo apparece o boneco de Estremoz, encanto da rapaziada. Mas são de rudeza gothica, de espantosa deformidade.

Ora hoje os esthétas com muita razão não querem que ao povo, á creança, se forneçam modelos feios, disparates horrendos. Por isto eu desejo que se conserve a bilha antiga, e o pucarinho de feitio elegante e ornamentação original, e que se melhore, que se aperfeiçoe o *boneco de Estremoz,* aproveitando bem a extraordinaria plasticidade do barro vermelho.

Ainda conserva trechos da fortificação ordenada em tempo de D. Affonso III e D. Diniz (seculo XIII e XIV).

Durante largos annos foi praça de armas. Na prolongada lucta com Hespanha, na guerra da restauração, que seguiu a proclamação da independencia de Portugal em 1640, Estremoz foi ponto importante; nos seus arredores se feriram as grandes batalhas do Ameixial e do Canal, onde se mediram as grandes espadas da época.

D. João IV, logo depois da restauração, tratou de fortificar Estremoz. O antigo castello passou a ser cidadela da praça; fez uma fortificação exterior de quatro baluartes e um reducto importante.

A alta torre, soberbo e esbelto exemplar de architectura militar, guarda ainda o seu prumo. É muito bem construida. É irmã da torre de Beja, já estampada n'esta publicação.

As ameias terminadas em pyramides de base quadrada, as varandas mui salientes sobre fortes matacães, as esguias frestas ogivaes, caracterisam as duas torres.

Uma das nossas estampas apresenta a vista geral de Estremoz; mostra bem na eminencia a torre, os restos do castello e paço, a miuda casaria da villa antiga, e os baluartes da Restauração; em volta alastra-se a casaria branca da villa mais moderna. A outra estampa mostra a torre a que se encosta o pouco que resta do antigo paço. O que n'este paço se tem feito e se continua a praticar é um desgraçado episodio do vandalismo nacional.

Na parte historica a torre de Estremoz vence a torre irmã de Beja. Por aqui andou D. Affonso III, D. Diniz, D. Pedro I. A rainha santa ahi esteve a tratar das pazes entre Portugal e Castella, ahi foi colhida pela morte. A capella de Santa Izabel foi construida no proprio quarto, humilde e apertado aposento, onde a santa falleceu. Foi a rainha D. Leonor, mulher de D. João IV, em seguida á victoria das *linhas d'Elvas* que mandou construir o piedoso monumento. Todo este edificio era um monumento historico digno do maior respeito.

Estremoz

C'est une très jolie localité située sur un des territoires les plus fertiles de l'Alemtejo, dans un endroit très sain, très spacieux entouré de belles propriétés, de vergers et de potagers, avec de l'eau en abondance, et sur une hauteur d'où la vue s'étend au loin. Quelques villes du royaume sont moins peuplées et de moindre importance que ce bourg.

C'est, en outre, un des endroits les plus beaux et propres du Portugal, car la pierre qui y abonde est le marbre blanc. Fenêtres, escaliers, pavés des rues tout est en marbre. Ces marbres blancs d'Estremoz, quelques-uns veinés de rose, couleur de fraise, sont très beaux, mais leur dure cristallisation en rend le travail difficile. Les outillages modernes, surtout la scierie, facilitent l'exploitation des carrières, et c'est pour cela que dernièrement ces pierres sont plus employées. Les lames à un décimètre d'épaisseur sont translucides.

Au cimetière de Prazeres, à Lisbonne, on voit un tombeau de la famille Centeno, en forme de temple grec avec l'escalier, les colonnes et le tympan tout en marbre d'Estremoz d'un effet charmant. Il est aussi inaltérable aux variations du temps; les chapiteaux du temple romain d'Evora de style corinthien avec de fines volutes et de délicats feuillages, sont exactement comme le marbrier les a laissés.

Une autre spécialité d'Estremoz est la terre rouge depuis longtemps employée pour la céramique spéciale connue par — poterie d'Estremoz —. On en fabrique des cruches, des pots et des vases où l'eau se maintient très fraîche grâce à l'étrange porosité de la terre. On a récemment introduit dans la fabrication de ces objets des styles divers, mais, quant à moi, je trouve quelques-unes de ces tentatives de mauvais goût. Je préfère comme plus original et intéressant l'ancien style local; la cruche bien élancée avec une seule anse, sans peinture ni émail, à peine striée de rayures en dessins géométriques ou de feuillages avec fleurettes faites de petits fragments de marbre blanc. Les figurines peuvent être perfectionnées. C'est une industrie tout à fait locale que celle des figurines en terre, avec ou sans sifflet, qui paraissent dans toutes les foires de l'Alemtejo et font la joie des gamins. Mais elles sont d'une grossièreté gothique, étonnament difformes.

Or, de nos jours, les esthètes pensent, avec raison, que le peuple, les enfants, ne doivent pas avoir sous les yeux des objets laids, des monstruosités horribles. C'est pour cela que je désirerais voir conserver l'ancienne cruche, le petit pot élégant avec leur ornamentation originale, et que l'on améliore et perfectionne les *figurines d'Estremoz,* tout en tirant parti de la plasticité de la terre rouge.

On aperçoit encore à Estremoz des restes de fortifications faites au temps de D. Affonso III et D. Diniz, au XIII^me et XIV^me siècle.

Pendant longtemps ce fut une place d'armes, et lors de la longue lutte avec l'Espagne, pendant la guerre de la Restauration, qui suivit la proclamation de l'indépendance du Portugal en 1640, Estremoz fut le point le plus important; c'est dans ses environs que se livrèrent les grandes batailles de Ameixial et Canal, dans lesquelles se heurtèrent les plus vaillants guerriers de cette époque.

Aussitôt après la restauration, D. João IV s'occupa de fortifier Estremoz. L'ancien château se convertit en citadelle; il fit construire extérieurement une enceinte fortifiée avec quatre remparts et une redoute importante.

La haute tour est un élégant et superbe exemplaire d'architecture militaire, qui conserve encore tout son aplomb. Elle est très bien construite, semblablement à la tour de Beja que cette revue a déjà présentée.

Les créneaux terminés en pyramides à base carrée, les balcons très saillants sur de solides contreforts, les minces lucarnes ogivales, sont les caractèristiques de ces deux tours.

Une de nos gravures représente la vue générale d'Estremoz; on voit bien sur la hauteur, la tour, les restes du château et du palais, les petites maisons de l'ancien bourg et les remparts de la Restauration; tout autour s'étendent les claires habitations de la ville moderne. L'autre gravure montre la tour contre laquelle s'adossent les débris de l'ancien palais. Les travaux qu'on a fait dans ce palais et que l'on continue à y faire sont un triste épisode du vandalisme national.

Au point de vue historique, la tour d'Estremoz est supérieure à celle de Beja. Elle fut visitée par D. Affonso III, D. Diniz et D. Pedro I. La reine Sainte Isabel y vint pour s'occuper du traité de paix entre le Portugal et la Castille, et ce fut là qu'elle mourût. La chapelle de Sainte Isabel a été construite même dans la chambre humble et exigue, où la sainte finit ses jours. Ce pieux monument fut

O palacio de D. Diniz serviu por muito tempo de *trem* ou armazem de muniçoes de guerra. O paiol da polvora explodiu em 1698 destruindo parte do edificio, arruinando mesmo algumas casas da villa antiga. Mas a alterosa torre de marmore ficou intacta.

D. João v fez em parte do paço grande sala de armas e museu militar; dizem que no tempo era dos mais ricos da Europa; guardavam-se ahi excellentes armaduras completas. Parece que isso desappareceu no tempo das invasões francezas. Houve tambem aqui fundição de artilheria, que trabalhava ainda no final do seculo XVIII.

Um dos episodios mais tragicos da guerra civil entre miguelistas e pedristas passou-se aqui. Nas prisões do castello de Estremoz havia muitos presos politicos, de varias classes sociaes. Em 27 de julho de 1833 divulgou-se a noticia da entrada do conde de Villa Flôr em Lisboa no dia 24.

Não se imagina facilmente o effeito nos espiritos alemtejanos d'essa espantosa marcha do pequeno exercito liberal do Algarve a Lisboa. Todos estavam exaltados. Contou-se que os presos liberaes de Estremoz soltaram brados de revolta ao saberem a nova. Outros dizem que nada houve da parte dos desgraçados, esfomeados, abatidos, doentes. Os guardas, parte da tropa de guarnição e alguns paisanos da villa, em exaltação furiosa, entraram na cadeia. Foi um massacre completo, a tiro, á baioneta, a machado.

Não escapou um só malhado para narrar o acontecimento. A matança fez horror no paiz. O governador militar teve de prender alguns apontados como cabeças de motim, gente de condição infima. Os assassinos façanhudos de maior graduação não foram apanhados. Quando a guerra civil terminou em 1834 ainda os taes cabeças estavam na enxovia do castello; e os malhados não lhes perdoaram. São terriveis as guerras civis. Deus nos livre de semelhante calamidade.

Gabriel Pereira.

édifié par la reine D. Leonor, femme de D. João IV, après la victoire des *linhas d'Elvas* (frontières d'Elvas). Tout l'édifice était un monument historique digne du plus grand respect.

Le palais de D. Diniz servit pendant longtemps de magasin de munitions de guerre. En 1698 une explosion de la poudrière détruisit une partie de l'édifice, ainsi que quelques maisons de l'ancien bourg. Mais la hautaine tour de marbre resta intacte.

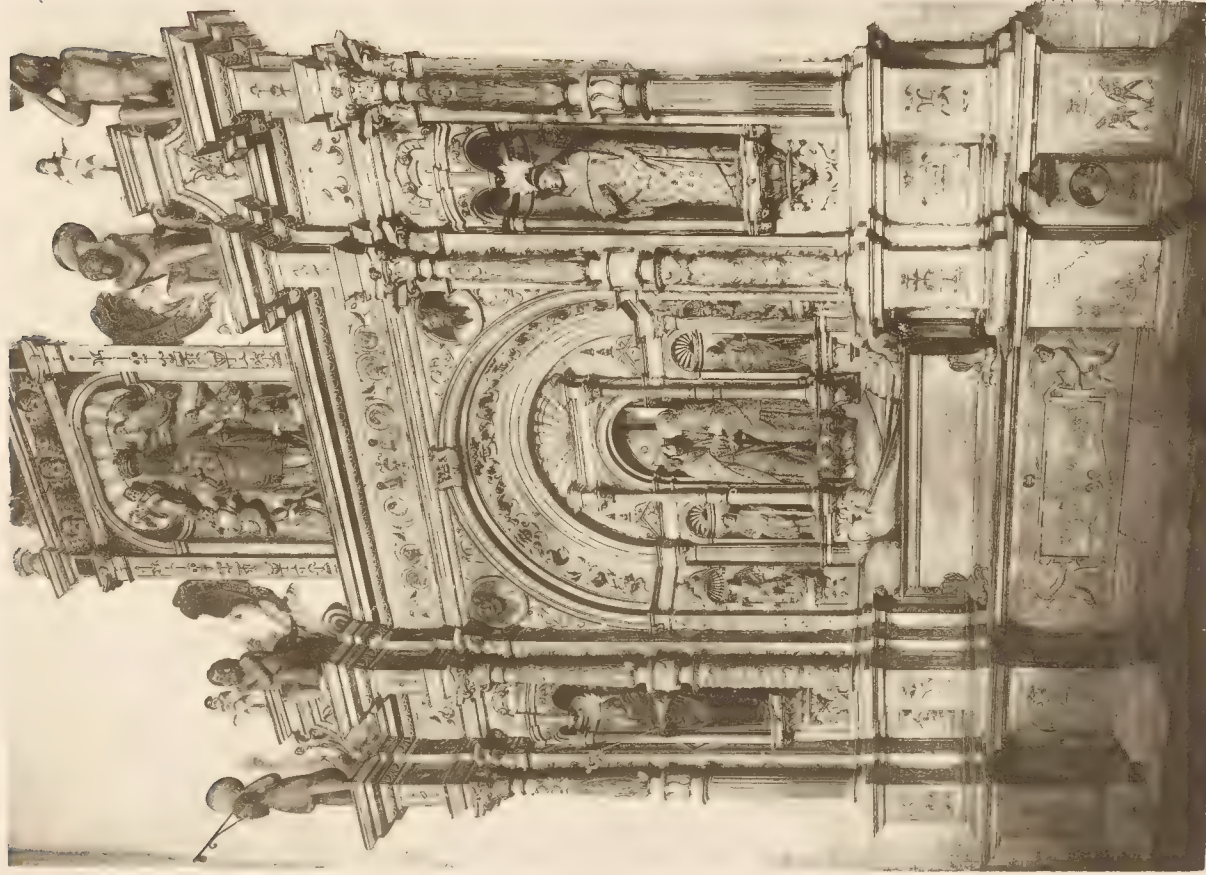
Dans une partie du palais D. João v installa une vaste salle d'armes et un musée militaire, qui, à ce que l'on dit, était, dans le temps, un des plus riches de l'Europe; on y conservait de précieuses armures complètes. Il parait que cela a disparu lors de l'invasion française. Il y eût là aussi une fonderie de canons qui existait encore à la fin du XVIII^me^ siècle.

C'est à Estremoz que s'est passé un des épisodes les plus tragiques de la guerre civile entre les partisans de D. Miguel et de D. Pedro. Dans les prisons du château il y avait beaucoup de prisonniers politiques, de diverses classes sociales. Le 27 Juillet 1833 on répandit la nouvelle de l'entrée du comte de Villa Flôr à Lisbonne le 24.

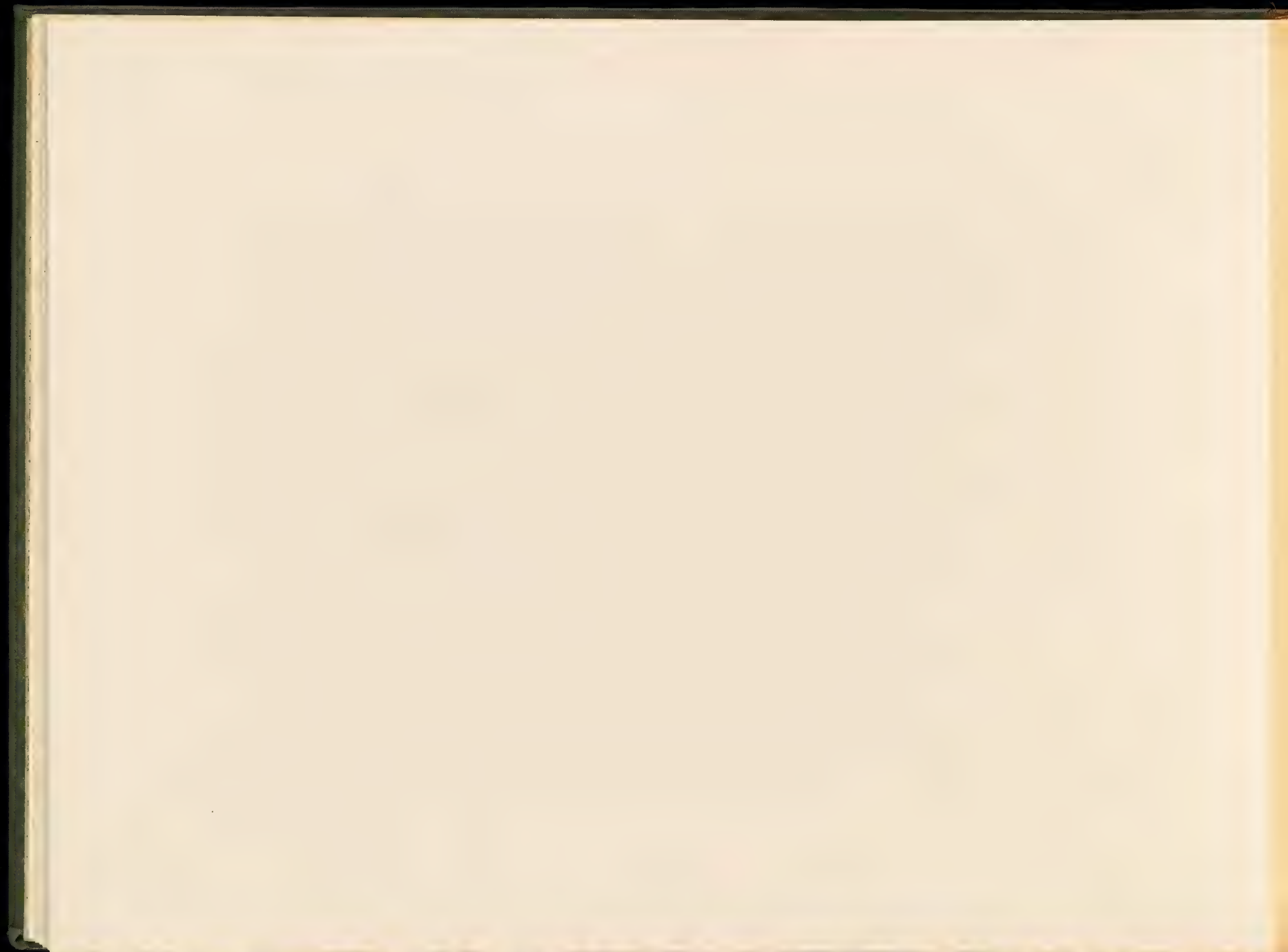
On ne peut se faire une idée de l'effet que produisit dans les esprits des habitants de la province la nouvelle de cette marche étonnante de la petite armée des libéraux depuis l'Algarve jusqu'à Lisbonne.

Tout le monde s'exaltait. On raconta que les prisonniers libéraux d'Estremoz poussèrent des cris de révolte en sachant ce qui se passait. D'autres assurent qu'il n'y eut pas de manifestations de la part de ces malheureux, affamés, découragés et malades. Les gardiens, avec une partie de la garnison et quelques bourgeois de la ville, furieusement excités, entrèrent dans la prison et ce fut un massacre complet, à coups de fusils, de baïonnettes et de haches!

Il ne resta pas un seul *libéral* qui pût raconter l'évènement. La tuerie fit horreur à tout le monde. Le gouverneur militaire fit arrêter ceux qui étaient désignés comme auteurs de la révolte, tous gens de basse extraction. Les gros bonnets plus haut placés ne furent pas saisis. Lorsque la guerre civile termina, en 1834, ces malheureux étaient encore dans les cachots du château et les libéraux ne leur pardonnèrent pas. Les guerres civiles sont terribles. Que Dieu nous préserve de telles calamités!

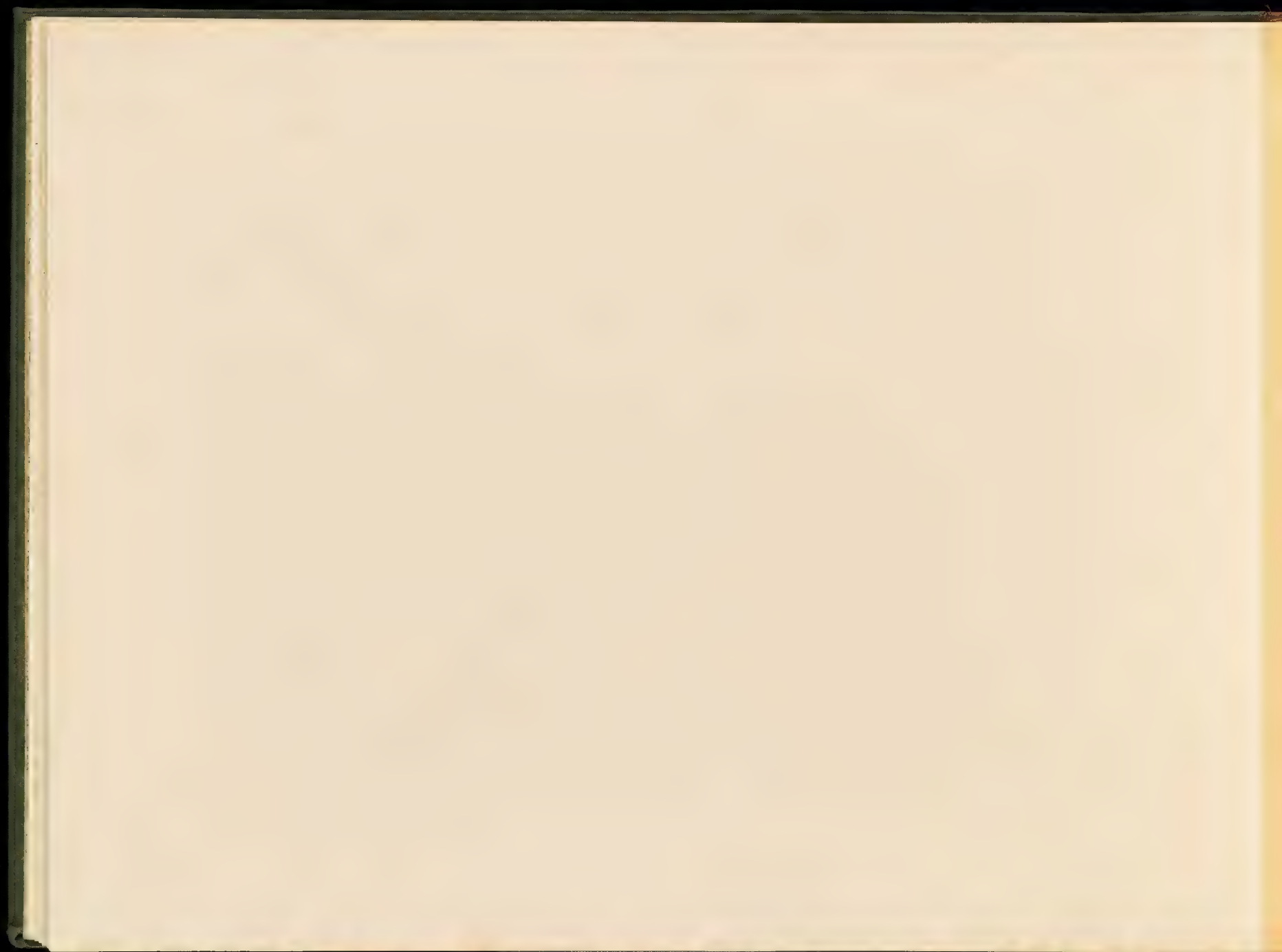
Gabriel Pereira.

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Tumulo de D. Jorge de Mello

PORTALEGRE

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Castello

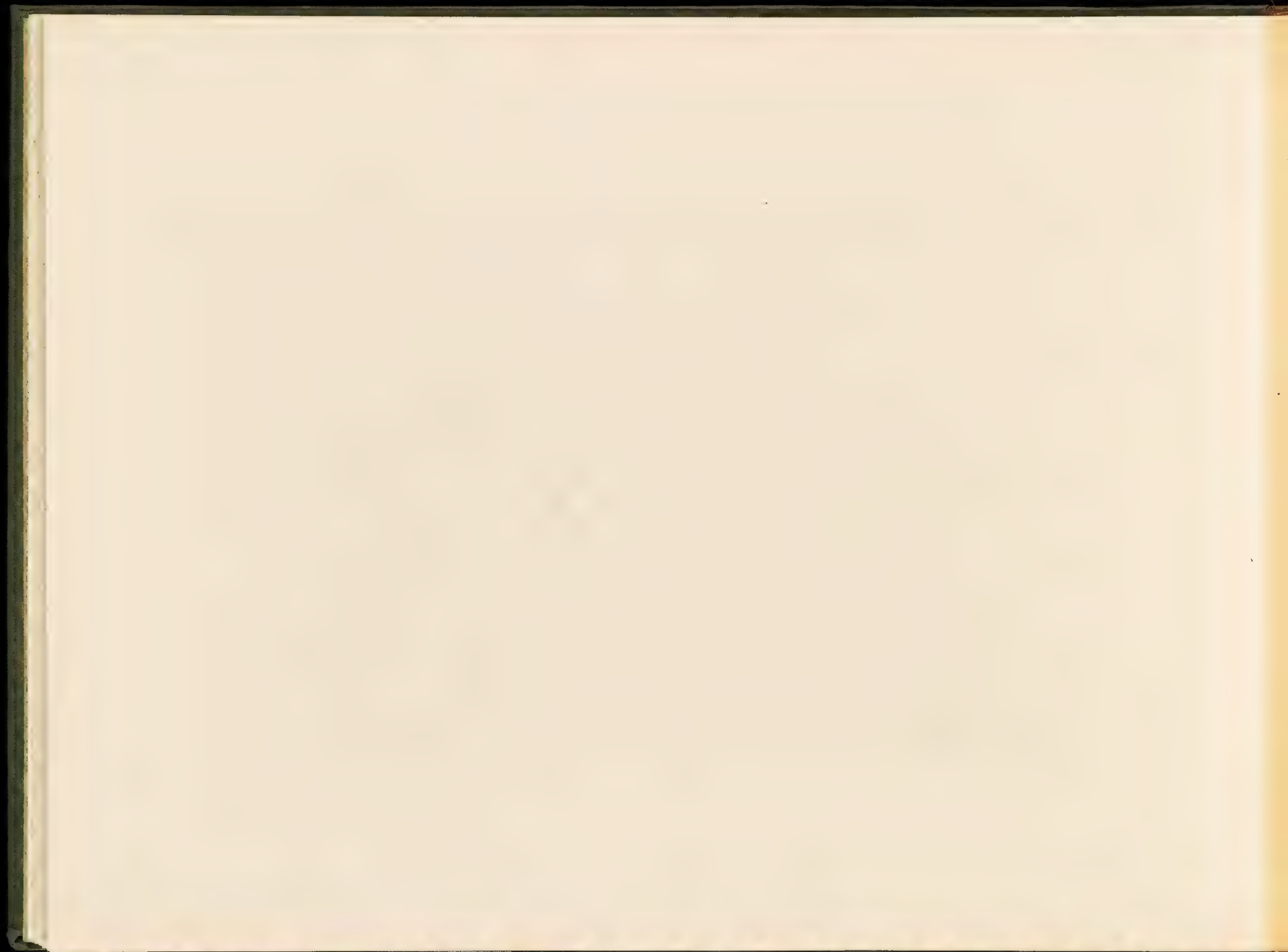
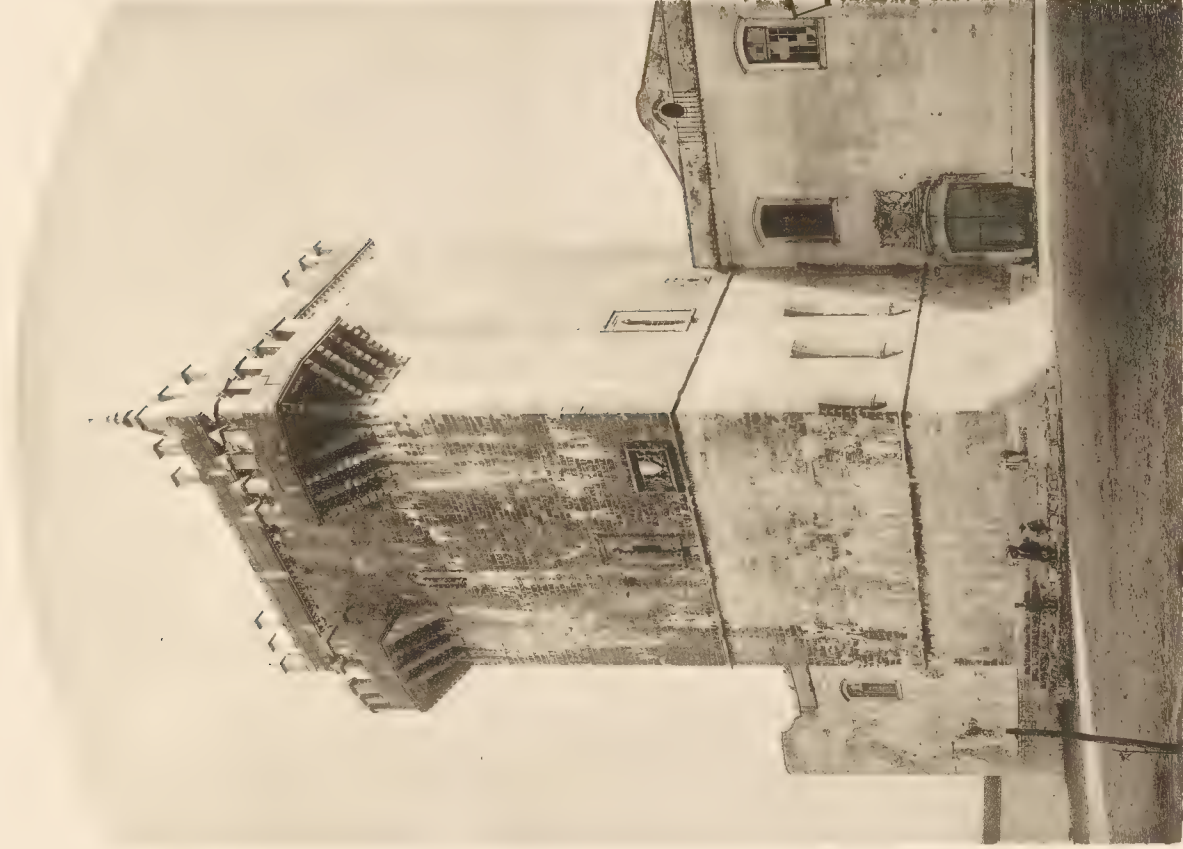
ALVITO

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª-EDITORES

Vista geral

ESTREMOZ

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Torre de menagem
ESTREMOZ

Leiria

Quem a visitasse ha quarenta annos para a estudar no estado em que nós a vimos, levava na memoria a lembrança de uma povoação adormecida n'um profundo lethargo. E ainda depois quando lá voltamos, por differentes vezes, no trajecto de uma romaria sempre querida para o mosteiro da Batalha, a mesma impressão de abandono, de desconforto e de tristeza! Uma rêde confusa de becos e viellas sujas, cortadas por pequenos largos com arvores mesquinhas; aqui e além umas tentativas de novos arruamentos, abrindo largas feridas na estructura do velho burgo — ruinas novas, juntando-se ás velhas derrocadas, sem nenhum intuito claro. E por cima de toda essa desolação antiga e moderna, dominando a cidade e a planicie, o gigantesco castello, alteroso e bravio, desafiando ainda a furia dos elementos e a barbarie dos homens, após uma lucta de seis seculos:

«Nem que a cerviz indomita obedeça a outro jugo qualquer que se lhe offereça.»

Lá de cima voltava o viajante, — como um visionario. Procurára as ruinas da pousada da Rainha Santa, certamente tão modesta outr'ora, como o cubiculo que hoje lhe attribuem no castello de Extremoz; buscára os vestigios da passagem da formosa D. Leonor Telles, a quem D. Fernando dera o senhorio da villa — pesquizas inuteis, melancholicas, no meio das ruinas mais grandiosas que os castellos do reino podem offerecer-nos. Apenas de uma terceira Rainha, a esposa de D. João I, conserva Leiria, no santuario de Nossa Senhora da Encarnação (a uns 700 metros do centro) uma reliquia, adornada de formosos azulejos. Mas voltemos á cidade.

Nos ultimos quinze annos conseguiu acordar e transformar-se finalmente, sobretudo desde que a linha ferrea de Lisboa-Torres Vedras valorizou tantas localidades importantes da Estremadura. Até alli, o viajante que pretendesse visitar a Batalha, apeava-se em Pombal e seguia em carro para Leiria. Das hospedarias d'esse tempo é melhor não fallar... Uma expedição d'essas, feita em 1879, com *touristes* estrangeiros ficou-nos gravada na memoria. Não havendo ainda hoje uma pousada sufficiente na Batalha, onde se possa pernoutar (— pois correr, como o vento, atravez do glorioso edificio é praticar um sacrilegio —), não ha remedio senão escolher como pontos de partida ou Leiria, ou Caldas da Rainha, quando se queira aproveitar bem as bellezas naturaes e os thesouros artisticos da região intermedia. E que accumulação de riquezas em tão pequeno percurso! Juntem-se emfim os attractivos com que a moderna actividade da industria e do commercio póde e deve fixar a attenção do viajante — as grandes e pequenas fabricas do districto de Leiria, as feiras rumorosas e, *last not least*, as prestigiosas thermas.

Ha dous caminhos a seguir, conforme o destino do viajante; quem vier do Sul, escolherá as Caldas da Rainha como quartel general. Tem diante de si um programma variado: as distracções de uma grande estação thermal, justamente afamada, edificios historicos notaveis, fabricas celebres de ceramica, que o talento de um grande artista moderno popularisou. Tomando de manhã um banho sulfuroso, póde á tarde ir mergulhar, no Oceano (a meia hora de distancia, em carro americano). Encontra, a poucos passos, todo o *sport* nautico, as diversões da caça e da pesca na celebre lagôa de Obidos; a excursão ao notavel castello de Obidos, onde além das magestosas ruinas, achará monumentos notaveis da Renascença, occultos nas egrejas da villa; póde alongar os seus passeios até á formosa praia de S. Martinho, um verdadeiro idyllio maritimo. O fecho e a corôa de todas estas excursões é, naturalmente, a visita ao historico mosteiro de Alcobaça. O exame d'este grande monumento não deve ser feito n'uma caminhada, conjunctamente com a Batalha. É um erro grave pretender approximar duas concepções estheticas tão oppostas. Infelizmente, a regra geral do viandante imprevidente é: baralhar tudo. E, no entanto, em Alcobaça ha muito mais que vêr, além do mosteiro; por exemplo, o museu do distincto archeologo snr. Vieira Natividade, cheio das preciosas antiguidades prehistoricas, que elle descobriu nas celebres grutas dos arredores, e liberalmente mostra.

Quem, vindo do Norte, escolher Leiria como ponto de partida, terá um campo de exploração não menos rico e interessante; a dous passos, o celebre pinhal, iniciado por D. Diniz, augmentado e enriquecido até nossos dias, (9:000 hectares) com as suas grandes installações e fabricas annexas de productos florestaes. Uma vez dentro do pinhal, não deixará de visitar a Real fabrica de vidros, fundada em 1769 por iniciativa do Marquez de Pombal, que ainda hoje honra o paiz. Tem perto ainda a villa de Pombal, com recordações pessoaes do grande ministro; póde ir retemperar as forças nas celebres thermas da Amieira,

Leiria

Ceux qui, il y a une quarantaine d'années y auraient fait une visite d'étude dans l'état où nous l'avons vue, auraient emporté dans leur souvenir, l'impression d'une localité endormie dans une profonde léthargie. Et même plus tard, quand maintes fois nous y sommes retournés, en un pélerinage toujours cher au monastère de Batalha, nous avons retrouvé le même air de négligence, d'abandon et de tristesse! C'est un réseau confus de ruelles et d'impasses malpropres, coupées par de petites places avec des arbres rabougris; çà et là des tentatives de nouvelles rues, ouvrent de larges blessures dans l'ensemble du vieux bourg — de nouvelles ruines s'ajoutant aux anciennes, sans aucune idée nette. Et, au dessus de toute cette désolation ancienne et moderne, dominant la ville et la plaine, le gigantesque château s'élève, hautain et farouche, bravant encore la furie des éléments et la sauvagerie des hommes, après une lutte de six siècles:

«Nem que a cerviz indomita obedeça a outro jugo qualquer que se lhe offereça» [1].

Le visiteur revenait d'en haut, comme un visionnaire. Il avait cherché les ruines de la demeure de la Reine Sainte, sans doute aussi modeste autrefois, que la cellule du château de Estremoz que de nos jours on lui attribue; il s'était aussi enquis des vestiges du passage de la belle D. Leonor Telles, à laquelle D. Fernando avait donné la seigneurie de la ville — tristes et vaines recherches, au milieu des ruines plus grandioses que peuvent nous offrir les châteaux du royaume. Leiria conserve à peine, dans le sanctuaire de Notre Dame da Encarnação, à 700 mètres du centre, une relique ornée de précieuses faïences, provenant d'une troisième Reine, épouse de D. João I. Mais revenons à la ville.

Pendant la dernière quinzaine d'années, elle a enfin réussi à se réveiller et se transformer, surtout depuis que le chemin de fer de Lisbonne à Torres Vedras est venu augmenter la valeur de tant de localités importantes de la province de Estremadura. Jusqu'à ce temps là, le voyageur qui voulait visiter Batalha devait descendre à Pombal et faire le reste du trajet en diligence jusqu'à Leiria. Quant aux auberges il vaut mieux ne pas en parler. En 1879, une de ces excursions faite avec des touristes étrangers est restée pour toujours gravée dans notre mémoire. Comme il n'y a pas encore à Batalha un hotel présentable où l'on puisse coucher, et que c'est un sacrilège de visiter le glorieux édifice en courant comme le vent, on est obligé de choisir, comme point de départ, Leiria ou Caldas da Rainha, si l'on veut bien apprécier les beautés de la nature, et les trésors artistiques de la région intermédiaire. Quelle accumulation de richesses dans ce petit parcours! Et admirez aussi les attraits que l'activité moderne de l'industrie et du commerce ont réuni pour fixer l'attention du voyageur; les grandes et petites usines du district de Leiria, les bruyantes foires, et, *last not least*, les fameuses thermes.

Il y a deux routes à prendre, selon la destination du voyageur: celui qui vient du midi choisira Caldas da Rainha comme quartier général. Il aura devant lui un programme assez varié: les distractions d'une ville d'eaux justement renommée, des édifices historiques remarquables, d'importantes fabriques de céramique que le talent d'un grand artiste moderne a rendue populaire. Le matin on prend un bain sulfureux, et l'après midi en prenant le tramway, à une demi heure de distance, on peut faire le plongeon dans l'Océan. À quelques pas, on trouve tout le *sport* nautique, les diversions de la chasse et de la pêche dans le fameux étang d'Obidos; l'excursion au château d'Obidos, où l'on trouve de beaux monuments de la Renaissance, cachés dans les églises du bourg, sans parler des majestueuses ruines; en prolongeant la promenade jusqu'à la belle plage de S. Martinho on sera en plein idylle maritime. Le clou de toutes ces excursions est, naturellement, la visite à l'historique monastère d'Alcobaça. L'analyse de ce grand monument ne doit pas être faite en une seule tournée, conjointement avec celui de Batalha. C'est une grave erreur, de vouloir rapprocher deux conceptions esthétiques si opposées. Malheureusement la règle générale du touriste imprévoyant est de mélanger tout. D'ailleurs, à Alcobaça il y a beaucoup d'autres choses à voir, outre le monastère, par exemple, le musée du distingué ar-

---

[1] «Sans jamais courber sa tête indomptable à aucun joug qui se présente.» (*N. du tr.*).

onde o comboio o leva em uma hora; e sobra-lhe tempo para combinar quantas excursões queira á nossa querida Batalha, para a qual é preciso reservar, pelo menos, tres visitas demoradas, com intervallos regulares. Todo o bom portuguez deveria deixar lá, como «cédula de presença», comprovativa da sua triplice visita, um obulo, na proporção dos seus recursos, destinado á conservação do monumento, e tambem d'esse formidavel castello de Leiria, que encerra uma egreja, a qual bem póde chamar-se a filha mais formosa da Batalha.

A cidade de Leiria não tem sabido aproveitar a sua posição excepcional desde que a linha de Lisboa a Alfarellos a poz em contacto com a grande arteria Porto-Lisboa, e lhe franqueou um porto de mar de largo futuro, a Figueira da Foz. Em vez de simples ponto de passagem para a Batalha, deveria ser um centro de exploração para variadas excursões. Os modernos arruamentos, a abertura de praças e passeios, deram ar e luz á cidade e certo aceio, mas destruiram quasi todos os vestigios das edificações da Renascença, e mesmo as reliquias manoelinas, que notámos de 1867-70 e fomos achar, embora muito reduzidas, ainda em 1890. Hoje, o aspecto da cidade é trivial. Se exceptuarmos o antigo paço episcopal, o seminario e a Sé, os restos desmantelados, mas ainda interessantes, de alguns conventos, fica-lhe sómente o castello, com uma egreja gothica dentro e uma outra, romanica (S. Pedro) na encosta, tambem em ruinas! Mas esse castello que D. Diniz traçou com mão generosa e D. João I ennobreceu com a formosa egreja (o seu escudo d'armas está repetido na abside, em varios logares, bem visivelmente) — esse castello vale um poema. O que elle poderia representar, depois de restaurado com criterio — demonstrou-o um artista estrangeiro, o snr. Corrodi, professor da Escola industrial de Leiria, n'uma monographia notavel, a que não faltou, felizmente, auxilio official do governo portuguez, e foi impressa na Allemanha. Uma reducção d'esse estudo, com estampas adequadas, na fórma de um guia portatil, é indispensavel. A camara municipal da cidade deveria ter tratado d'isso ha annos, desde que o artista estrangeiro lhe deu tão generoso exemplo; tem perdido um tempo precioso!

Aos pés do gigante medieval, cujos hombros mal feridos a hera, a madresilva e o louro enlaçam e encobrem com amorosa piedade, estende-se uma das mais deliciosas paisagens da Estremadura. Em cima, no monte, o testemunho das luctas seculares; na planicie o perfeito idyllio que inspirou formosos versos e suaves devaneios em prosa a alguns dos nossos melhores poetas. Entre elles cita-se, principalmente, o celebre Francisco Rodrigues Lobo, que pelas suas Eglogas mereceu o cognome de Theocrito portuguez. Uns affirmam que nascera em Leiria, outros negam; mas todos concordam em que alli viveu annos, no principio do seculo XVII, enleado nos encantos de uma aia da duqueza de Caminha, cujo marido, pertencente á casa dos Marquezes de Villa Real, tinha residencia em Leiria. Segundo certa tradição, os pensamentos do poeta foram até muito mais alto, e offenderam o orgulho do duque. O poeta fugiu e acabou mal, morrendo afogado no Tejo, entre os annos de 1623-1627. A casa de Villa Real, origem das suas desventuras, tambem findou tragicamente no cadafalso, envolvida na conspiração de 1641 contra El-Rei D. João IV.

De tanta grandeza, que aspirava até á purpura de um throno, restam hoje apenas uns deliciosos versos do poeta.

Quem examinar com attenção uma das bellas estampas do presente fasciculo: a formosa paisagem do rio Liz, com a azenha á direita, encostada á grande nóra; o rio correndo mansamente entre amieiros; as lavadeiras, cantando; a moça com a bilha, pousada na cinta, á espera de um olhar namorado, — recitará involuntariamente a celebre cantiga:

Descalça vai para a fonte
Leonor pela verdura,
Vai fermosa, e não segura.

A talha leva pedrada,
Pucarinho de feição,
Saia de côr de limão,
Beatilha soqueixada,
Cantando de madrugada,
Pisa as flores na verdura,
Vai formosa, e não segura.

Leva na mão a rodilha,
Feita da sua toalha,
Com uma sustenta a talha,
Ergue com a outra a fraldilha,
Mostra os pés por maravilha,
Que a neve deixão escura,
Vai formosa, e não segura.

As flores por onde passa,
Se o pé lhe acerta de pôr,
Ficam de inveja sem côr,
E de vergonha com graça;
Qualquer pegada que faça,
Faz florescer a verdura,
Vai fermosa, e não segura.

(Rodrigues Lobo, *Eglogas*).

chéologue Mr. Vieira Natividade, plein de précieuses antiquités préhistoriques qu'il a découvertes dans les célèbres grottes des environs et qu'il montre très aimablement.

Lorsque, venant du nord, on choisit Leiria comme point de départ, le champ d'exploration est tout aussi riche et intéressant; à deux pas, on voit la fameuse sapinière, commencée par le roi D. Diniz, augmentée et enrichie depuis, jusqu'à nos jours, à près de 9:000 hectares, avec ses vastes installations et usines d'industries forestières. Etant dans la sapinière on devra visiter la Fabrique Royale de verrerie, fondée en 1769 par l'initiative du Marquis de Pombal, et qui fait encore aujourd'hui honneur au pays. Tout près se trouve le bourg de Pombal avec des souvenirs personnels du grand ministre; on pourra aussi aller se réconforter aux celèbres sources de Amieira après un trajet d'une heure en chemin de fer; et on a encore le temps de faire des excursions à notre chère Batalha pour laquelle il faut réserver au moins trois longues visites, à des intervalles réguliers. Tout bon portugais devrait y laisser comme — cédule de présence — attestant sa triple visite, une obole proportionnelle à ses ressources, qui serait destinée à la conservation du monument, ainsi que de ce formidable château de Leiria, qui renferme une église que l'on peut bien nommer la plus belle fille de Batalha.

La ville de Leiria n'a pas su profiter de sa situation exceptionnelle depuis que la ligne de Lisbonne à Alfarellos l'a mise en contact avec la grande artère Porto-Lisbonne, et lui a livré un port de mer de grand avenir, celui de Figueira da Foz. Au lieu d'être simplement le point de départ pour Batalha, elle devrait être un centre d'exploration pour une infinité d'excursions. Les rues modernes, le percement de squares et de promenades, ont donné à la ville, de l'air, de la lumière et une certaine propreté, mais ils ont enlevé tous les vestiges d'édifications de la Renaissance et même des reliques du temps de D. Manuel, que nous avions remarquées de 1867 à 1870 et que nous avons retrouvées très réduites en 1890. Actuellement la ville présente un aspect vulgaire. Si l'on excepte l'ancien palais épiscopal, le séminaire et la cathédrale, les restes démantelés, mais encore intéressants de quelques couvents, on n'y trouve que le château, avec une église gothique à l'intérieur, et, sur la pente de la montagne, une autre, celle de S. Pedro, de style roman, également ruinée! Mais ce château que D. Diniz traça d'une main généreuse et que D. João I enrichit avec la belle église où son écusson est répété dans l'abside et d'autres endroits bien visibles, ce château vaut, à lui seul, un poème. Ce qu'il pourrait devenir, après une restauration bien étudiée, a été demontré par un artiste étranger Mr. Corrodi, professeur de l'Ecole Industrielle de Leiria, dans une remarquable monographie, qui heureusement a été faite avec l'aide officielle du gouvernement portugais, et imprimée en Allemagne. Il serait indispensable de faire une réduction de ce travail, avec des gravures, et sous forme de guide portatile. La municipalité de la ville aurait dû s'en occuper depuis longtemps, surtout depuis qu'un artiste étranger lui a donné un aussi bel exemple, mais elle a perdu un temps précieux!

Au pied de ce géant du moyen âge, dont le torse plein de blessures est enlacé de lierre, de chèvre feuille et de laurier, qui le recouvrent avec une tendre piété, s'étend un des plus delicieux paysages de la province de Estremadura. En haut sur la montagne, le témoignage des luttes séculaires; sur la plaine un idylle parfait, qui a inspiré de beaux vers et de douces rêveries en prose, à plusieurs de nos bons poètes. Entre autres on cite surtout le célèbre Francisco Rodrigues Lobo, qui, par ses Eglogues, a mérité le surnom de Théocrite portugais. Les uns assurent qu'il est né à Leiria, d'autres le nient; mais tout le monde s'accorde à dire qu'il y a vécu des années au commencement du XVII^{me} siècle, épris des charmes d'une dame de la duchesse de Caminha, dont le mari, appartenant à la famille des Marquis de Villa Real, habitait Leiria. D'après une certaine tradition, les pensées du poète s'élevèrent trop haut, au point d'offenser l'orgueil du duc. Le poète prit la fuite et finit mal, noyé dans le Tage, vers les années de 1623 à 1627. La maison de Villa Real, source de ses malheurs, s'éteignit aussi tragiquement sur l'échafaud compromise dans la conspiration de 1641 contre le roi D. João IV.

De toutes ces grandeurs qui visaient jusqu'à la pourpre d'un trône il ne reste aujourd'hui que quelques vers délicieux du poète.

En examinant attentivement une des belles gravures qui acompagnent cet article: le charmant paysage du Liz avec son moulin à eau à droite, appuyé à la grande machine à puiser l'eau; le fleuve coulant doucement entre les aulnes; les blanchisseuses chantant; la jeune fille avec sa cruche appuyée sur la hanche guettant un regard amoureux; — on réciterait involontairement la fameuse chanson dont la traduction est à peu près ce qui suit:

São deliciosos os arredores da cidade, cujos campos, cortados pelos rios Liz e Lena, gozam de grande fama pela sua riqueza agricola, como se a Providencia quizesse accumular no districto todos os thesouros da lavoura e da industria, podendo esta attingir condições poderosas de grande industria, com o estabelecimento de altos-fórnos para o tratamento do minerio de ferro [1]. Algum dia, os riquissimos jazigos de ferro, conjugados com os enormes depositos de carvão, não menos ricos (sobretudo lignite e hulha) postos, de mais a mais, em fraternal contacto pela natureza previdente, hão de transformar não só os campos de Leiria, mas todo o districto. Então, adeus amorosa paisagem; adeus pastores e rebanhos, ribeiros e regatos, sarças povoadas de rouxinoes! De todo esse quadro bucolico ficarão apenas os magicos versos de Rodrigues Lobo na sua *Primavera:*

Já o sol mais fermoso
Está ferindo as aguas prateadas;
E zephyro queixoso
Ora as mostra encrespadas
Á vista dos penedos,
Ora sobre ellas move os arvoredos.
De reluzente areia
Se mostra mais formosa a rica praia,
Cuja riba se arreia
Do alamo e da faia,
Do freixo e do salgueiro,
Do ulmo, da aveleira e do loureiro.
Já com rumor profundo
Não soa o Lis nos montes seus visinhos;
Antes no claro fundo
Mostra os alvos seixinhos,
E os peixes que nas veias
Deixam, tremendo, a sombra nas areias.
. . . .

Tal como hoje existe, o castello de Leiria, ao qual dedicamos especialmente as estampas, é talvez o monumento mais imponente da nossa grandeza militar, medieval. Seria, quando collocado em qualquer paiz da Europa, motivo para admiração, mesmo na Allemanha, cujas lendarias alcaçovas conhecemos, por exame demorado, em differentes viagens. Em Portugal só terá um émulo, no castello-convento de Palmella, tambem como o de Leiria, consagrado por um templo, o dos cavalleiros de S. Thiago, que não pôde proteger o monumento contra a furia sacrilega dos modernos vandalos! Seria facil salvar ainda a egreja, cobrindo-a com um telhado provisorio, porque a abside está ainda firme e resguardada, em parte. O grande esmero da construcção revela-se nos menores detalhes, no grande apparelho, perfeitissimo, dos silhares; nos elementos decorativos, nos emblemas heraldicos (onde predominam as siglas de D. João I e o seu escudo); nos finissimos capiteis, nas firmes e esbeltas molduras das arcarias. A pedra é o mesmo calcareo empregado na Batalha, a flora ornamental identica; o systema de construcção da abside copía traçados correspondentes do celebre modelo. Uma differença fundamental existe; faltam as grandes janellas rasgadas d'alto a baixo; apenas esguias frestas interrompem as paredes da nave unica, dando-lhe um aspecto de grande solidez, como convinha ao templo de uma fortaleza. O corpo saliente do portal ainda reforça e sublinha o vigor da obra, cujo ponto culminante era, e ainda hoje é, a formosa abside, francamente aberta em todos os lados do pentagono, por outras tantas janellas. A

[1] Um alto-fôrno para fundição de ferro funccionou já em março de 1866 no sitio de Pedreanes, a 2 kilometros da Marinha Grande, pertencente á *Companhia de ferro e carvão de Portugal, limitada.* Calculava-se a sua producção em 80 toneladas por semana (4.160:000 kilos de ferro, por anno). Quando os inglezes nos mimosearam com o seu *ultimatum* de 1890, relembrou a parte mais intelligente da imprensa que era tempo de arrancar aos descendentes da familia ingleza Croft as concessões mineiras do districto de Leiria (carvão e ferro, umas trinta e tantas!) porque só essas seriam bastantes para transformar a situação do reino. Tudo passou, como fumo, para que Portugal continuasse a comprar á Inglaterra, annualmente, cinco mil contos de carvão e outros cinco mil contos de ferro; para que as fabricas portuguezas e a sorte dos seus operarios, a força dos nossos arsenaes e fundições de armas, a vitalidade dos estaleiros continuassem dependentes do favor inglez...

Leonor va à la fontaine pieds nus, suivant le chemin verdoyant; elle s'en va toute belle mais point tranquille.

Elle emporte sa cruche, son petit pot, sa jupe couleur de citron, son petit bonnet de toile; elle chante depuis l'aurore, foule les fleurs du sentier, et s'en va toute belle mais point tranquille.

Elle tient d'une main sa cruche et le coussinet fait d'une serviette; de l'autre elle soulève sa jupe, montrant ses pieds délicieux, qui font paraître la neige sombre, et s'en va toute belle mais point tranquille.

Si son pied par hasard, foule les fleurs du chemin, celles-ci se décolorent jalouses, et lui prennent de sa grâce; chacun de ses pas fait refleurir la verdure et elle s'en va toute belle mais point tranquille.

(Rodrigues Lobo, *Eglogues*).

Les environs de la ville sont délicieux, les vastes campagnes coupées par les fleuves Liz et Lena, sont des plus renommées pour leur richesse agricole; on dirait que la Providence a voulu réunir dans cette région tous les précieux trésors de son labeur et de son industrie, cette dernière pouvant même devenir de la plus grande importance grâce à l'établissement des hauts fourneaux pour l'exploitation de minerai de fer [1]. Un jour viendra où ces riches gisements réunis aux énormes dépôts de charbons (surtout la lignite et la houille), également considérables, et mis en contact les uns avec les autres par la prévoyante nature, rendront tout à fait méconnaissables, non seulement les plaines de Leiria, mais aussi celles de tout le district. Alors on pourra dire adieu à l'amoureux paysage, aux bergers et aux troupeaux, aux ruisseaux et aux rivières, aux buissons peuplés de rossignols! De tout ce bucolique tableau il ne restera que les charmants vers de Rodrigues Lobo dans sa *Primavera:*

Le plus beau soleil blesse déjà les eaux argentées; le plaintif zéphyr les frise, tantôt près des rochers, tantôt agitant sur elles les arbres verdoyants; les berges reluisent de sable brillant et sur les bords s'élèvent les aulnes et les trembles, les frênes et les saules, les ormes, les noisetiers et les lauriers. Le Liz, avec sa rumeur profonde, ne s'entend plus dans les montagnes voisines; au fond de ses eaux claires, on voit les blancs cailloux et les poissons, qui passent frémissants, laissant sur les sables du fleuve leur ombre tremblottante.

. . . .

Le château de Leiria tel qu'il est actuellement et dont nous donnons spécialement les gravures, est peut-être le monument le plus imposant de notre grandeur militaire au moyen âge. Dans un autre pays de l'Europe, il serait un sujet d'admiration, même en Allemagne, dont nous connaissons les châteaux légendaires, minutieusement étudiés dans nos fréquents voyages. En Portugal il n'a qu'un rival, celui de Palmella, comme lui également consacré par un temple, celui des chevaliers de S. Thiago, qui toutefois n'a pas suffi à protéger le monument contre la furie sacrilége des vandales modernes! Il serait encore facile de sauver l'église, en la protégeant avec une toiture provisoire, car l'abside est encore résistante et partiellement garantie. Le grand soin de la construction se reconnait dans les moindres détails, dans la parfaite disposition des pierres, des éléments décoratifs, des emblêmes héraldiques, où prédominent les signes de D. João I et son écusson; dans les fins chapiteaux, les moulûres fermes et élancées des arceaux. La pierre est le même calcaire employé à Batalha et la flore ornamentale identique; le système de construction de l'abside copie des traits correspondants du célèbre modèle. Mais il existe une différence fondamentale: les grandes fenêtres percées du haut en bas; à peine quelques étroites lucarnes s'ouvrent sur les murs de la nef unique, et lui donnent un aspect de grande solidité convenable au temple d'une forteresse. La partie saillante du portail augmente et souligne encore la vigueur de la construction dont la partie principale était, et est encore, la belle abside, franchement ouverte sur toutes les faces du pentagone, par autant de croisées. L'église est le seul élément harmonieux de toute cette masse de bâtiments du château, grandiose mosaïque, mais assez confuse, commencée au XII^me^ siècle,

[1] En Mars 1866 un haut fourneau pour fonderie de fer, travaillait déjà à Pedreanes à 2 kilomètres de Marinha Grande, appartenant à la Compagnie de fer et charbon de Portugal. On évaluait sa production à 80 tonnes par semaine 4.160:000 kilogrammes de fer par an. Lorsque en 1890 les anglais nous envoyèrent leur *ultimatum*, la partie la plus intelligente de la presse, rappella qu'il était temps d'enlever aux descendants de la famille anglaise Croft les concessions de mines du district de Leiria, à peu près une trentaine, de charbon et de fer, qui à elles seules suffiraient à transformer la situation du royaume. Mais tout cela s'évanouit en fumée et le Portugal continue à acheter annuellement à l'Angleterre vingt cinq millions de charbon et vingt cinq millions de fer; les fabriques portugaises et le sort de leurs ouvriers, la force de nos arsenaux, la fonderie des armes, la vitalité des chantiers, tout continue sous la dépendance du bon plaisir anglais.

egreja é o unico elemento harmonico da grande massa de construcções do castello, mosaico grandioso, mas confuso, que começou no seculo XII, com a monarchia portugueza. Os vestigios mais consideraveis e mais caracteristicos que subsistem hoje; remontam a D. Diniz (1279-1325) e ao periodo de transição do estylo romanico para o gothico; outros, tambem notaveis, pertencem a D. João I (1385-1433). D'ahi em diante fizeram-se certamente obras de reparação, de reforço, mas sem physiognomia propria. Sob o entulho, que devia ser cuidadosamente removido e estudado, devem existir restos apreciaveis para a historia archeologica e artistica do monumento. Na subida para o castello se encontra a pequena egreja romanica de S. Pedro, desmoronada, mas bem digna de uma visita.

O leiriense faz muito caso da sua Sé, exagerando-lhe o valor, talvez por se lembrar da gloria ephemera do bispado de Leiria, creado por D. João III em 1545. A inscripção da fachada affirma que fôra edificada *a fundamentis* e concluida em poucos annos pelo Bispo D. Fr. Gaspar do Cazal á sua custa, sendo a primeira pedra lançada a 11 de agosto de 1559. Outros auctores asseguram que as obras começaram já no governo do primeiro Bispo D. Fr. Braz de Barros, com avultadas esmolas do seu protector D. João III. É uma boa e solida construcção da Renascença, n'um estylo frio e nú, muito em voga na segunda metade do seculo XVI. O prototypo d'esse estylo vamos encontral-o em Evora, na egreja de Santo Antão, que o Cardeal D. Henrique fundou (interior de bello estylo jonico). Outro exemplar da mesma familia artistica é a egreja de Santa Maria do Castello em Extremoz.

Merecem uma visita em Leiria, os restos do convento e egreja de Santo Agostinho, fundação do mesmo Bispo D. Gaspar do Cazal, onde fez seu jazigo; e o Santuario de Nossa Senhora da Encarnação, nos arrabaldes da cidade, já citado.

Do palacio dos duques de Caminha e marquezes de Villa Real, que tiveram residencia official em Leiria até 1641, ficou uma recordação de fausto e de grandeza que mal se combina com o aspecto das construcções relativamente modestas, que ainda alli attribuem a esses grandes fidalgos. Extincta a poderosa casa, que teve até a alcaidaria do castello; condemnada ha mais de dous seculos e meio, por sentença infamante, não admira que ninguem se quizesse interessar pelos traidores. Em 1886 ainda pudemos admirar, em Villa Real de Traz-os-Montes, os restos de um vasto solar do fim do seculo XV, que traduziam ainda de um modo bem altivo e austero a grandeza heroica de D. Pedro de Menezes, capitão illustre de Ceuta. Dos seus descendentes nasceu o primeiro marquez de Villa Real, creado por El-Rei D. João II em 1489. Em meados do seculo XVI cedia D. João III a outro descendente as proprias casas que haviam sido da Rainha Santa Isabel, esposa de D. Diniz, situadas no castello; e passado menos de um seculo caminhava o ultimo marquez e ultimo duque para o cadafalso. O monumento que recorda ainda a grande familia dos Menezes tem, pois, de procurar-se não em Leiria, mas sim em Villa Real.

Á cidade prende-se ainda uma tradição muito repetida e que representaria uma gloria, se fosse verdadeira. Leiria haveria sido *a primeira cidade de toda a Hespanha* que teve impressão com caracteres metallicos, inventados por João Guttemberg em Mayença. A tradição, que remonta a 1588 e pretenderam cobrir com o nome do illustre cosmographo Pedro Nunes, é pura lenda, mas durou até nossos dias! Sendo de 1474 o primeiro livro impresso em Hespanha pelo allemão Lambert Palmart na cidade de Valencia, a cidade portugueza cingiria uma corôa de louros immortal; teria imprensa em 1470! As primeiras impressões em Portugal são hebraicas e pertencem, com certeza de logar e anno, a Lisboa (1489, 1490, 1491 e 1492). Leiria teve officina hebraica só em 1494, vinte e quatro annos depois da data que ainda Antonio Ribeiro dos Santos lhe attribuiu nos seus estudos [1].

Joaquim de Vasconcellos.

[1] Esses trabalhos appareceram em 1812 nas publicações da Academia Real das Sciencias; e foram reimpressos em 1856. Trazem o titulo: *Memoria sobre as Origens da Typographia em Portugal no seculo XV;* completa-se com outra memoria sobre as impressões do seculo XVI. Ambas pertencem ás *Memorias de Litteratura portugueza* da Academia. Vol. VIII. Vejam-se as passagens a pag. 6, 8, 20 e 34 da primeira dissertação na 2.ª ed. de 1856. Os notaveis estudos do allemão Konrad Haebler sobre a typographia hispano-portugueza dos sec. XV e XVI, publicados em Londres, Strasburgo, La Haye e Leipzig (1896-99) corrigiram e completaram os estudos, aliás valiosos, do nosso illustre patricio.

avec la monarchie portugaise. Les vestiges les plus considérables et caractèristiques qui existent actuellement, remontent au temps de D. Diniz (1279-1325) et à la période de transition du style roman au gothique; d'autres, également remarquables appartiennent à l'époque de D. João I (1385-1433). Dès lors, on a fait assurément d'importantes réparations mais sans caractère défini. Dans les décombres qui devraient être soigneusement étudiés et déplacés, il doit y avoir des restes intéressants pour l'histoire archéologique et artistique du monument. En montant au château, on trouve la petite église romane de S. Pedro, en ruines, mais bien digne d'être visitée.

Les natifs de Leiria font grand cas de leur Cathédrale dont ils exagèrent le mérite, en souvenir, peut-être, de la gloire éphémère de l'évêché de Leiria, créé par D. João III en 1545. L'inscription de la façade assure qu'elle a été édifiée depuis les fondements et terminée en peu d'années par l'Évêque D. Fr. Gaspar do Casal, à ses frais, et que la première pierre fut posée le 11 Août 1559. D'autres auteurs disent que les travaux commencèrent déjà, sous le gouvernement du premier évêque D. Fr. Braz de Barros, avec d'importantes aumônes de son protecteur D. João III. C'est une belle et solide construction de la Renaissance, d'un style froid et nu, très en vogue à la deuxième moitié du XVI^me^ siècle. Nous retrouvons le prototype de ce style à Evora, dans l'église Santo Antão, fondée par le Cardinal D. Henrique et dont l'intérieur est du plus beau style ïonique. L'église de Santa Maria do Castello à Estremoz est encore un exemplaire de la même famille artistique.

Il y a encore à Leiria les restes du couvent et de l'église de Santo Agostinho, fondés par le même évêque D. Gaspar do Casal, qui y est inhumé; et le Sanctuaire de Notre Dame da Encarnação, aux environs de la ville et dont nous avons déjà parlé.

On a gardé un souvenir de faste et de grandeur, du palais des ducs de Caminha et marquis de Villa Real, dont le domicile officiel était à Leiria jusqu'à 1641, mais on ne s'en aperçoit guère à l'aspect des constructions relativement modestes, qu'on attribue encore à ces grands nobles. Après l'extinction de cette puissante famille qui eût même le gouvernement du château, et qui, il y a plus de deux siècles et demi fut condamnée à une peine infamante, rien d'étonnant à ce que personne n'ait voulu s'intéresser aux traîtres. En 1886 nous avons encore pu admirer à Villa Real de Traz-os-Montes les restes d'un vaste manoir de la fin du XV^me^ siècle qui montraient d'une manière assez hautaine et sévère, l'héroïque grandeur de D. Pedro de Menezes, illustre capitaine de Ceuta. De sa descendance naquit le premier marquis de Villa Real, titre donné par le roi D. João II en 1489. Vers le milieu du XVI^me^ siècle D. João III cédait à un autre descendant, les appartements même, qui avaient appartenu à la reine Sainte Isabel, épouse de D. Diniz, situés dans le château; et moins d'un siècle après, le dernier duc et le dernier marquis montaient à l'échafaud. Le monument qui rappèle encore la grande famille des Menezes, doit donc être cherché, non à Leiria mais à Villa Real.

Une autre tradition très répétée et qui serait glorieuse si elle était véridique, se relie encore à la ville. Leiria aurait été *la première ville de toute l'Espagne*, qui fit paraître l'impression en caractères métalliques inventés par Jean Guttemberg à Mayence. Cette tradition qui remonte à 1588 et qu'on prétendit couvrir sous le nom de l'illustre cosmographe Pedro Nunes est une pure légende, mais elle a duré jusqu'à nos jours! Si le premier livre imprimé en Espagne par l'allemand Lambert Palmart, dans la ville de Valencia, avait été de 1474, la ville portugaise aurait eu droit à cette immortelle couronne de laurier; elle aurait eu une imprimerie en 1470! Mais, les premières impressions en Portugal sont hébraïques, et avec toutes les données de lieu et de date, elles appartiennent à Lisbonne (1489, 1490, 1491 et 1492). Leiria eut un atelier hébraïque seulement en 1494, c'est-à-dire, vingt quatre ans après la date que Antonio Ribeiro dos Santos lui a encore attribuée dans ses études [1].

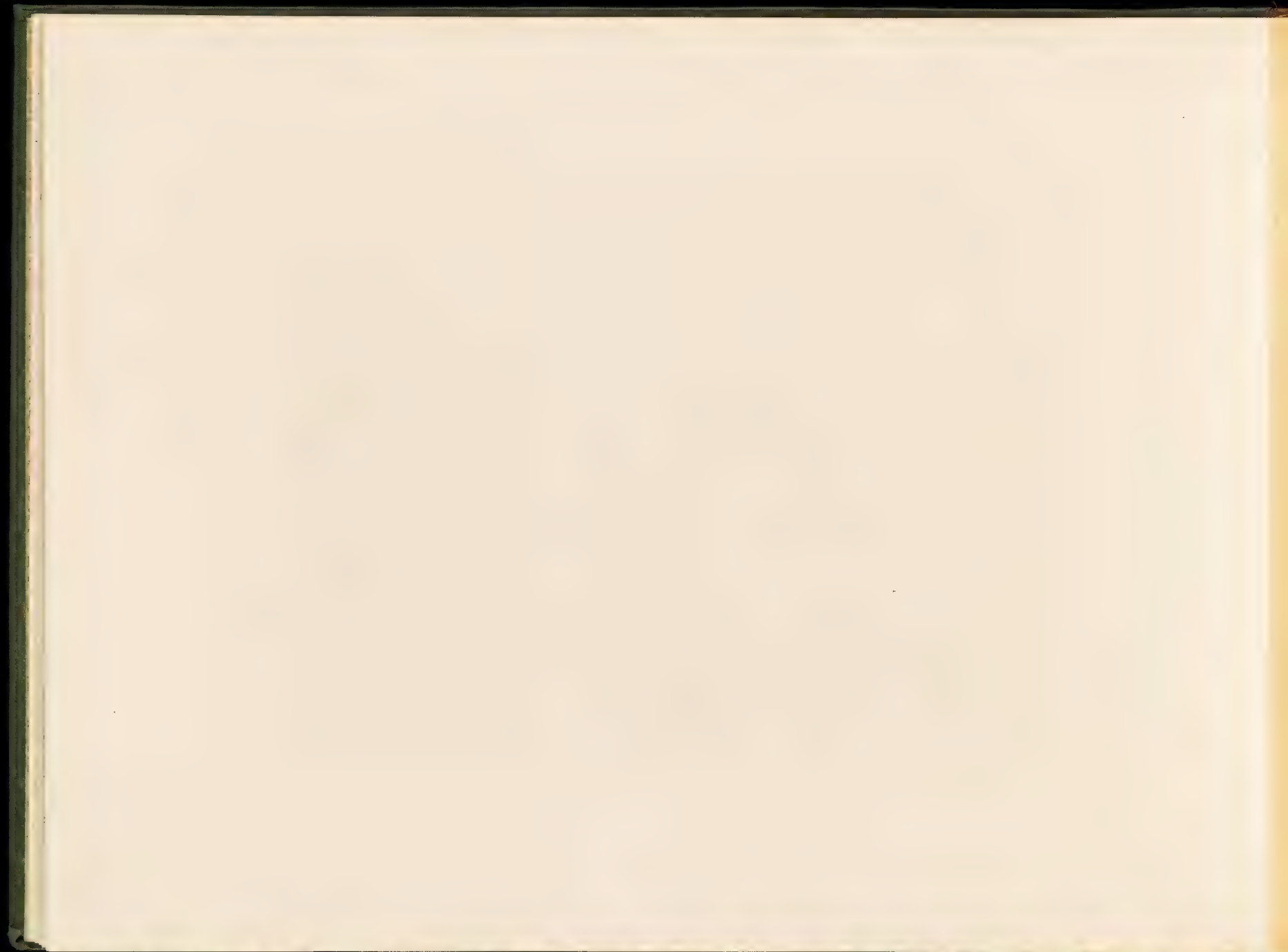
Joaquim de Vasconcellos.

[1] Ces travaux parurent en 1812 dans les publications de l'Académie Royale des Sciences et furent réimprimés en 1856, sous le titre de: *Memoria sobre as origens da Typographia em Portugal do seculo XV;* complétés par un autre mémoire sur les impressions au XVI^me^ siècle. Ils appartiennent tous les deux aux *Memorias da litteratura portugueza da Academia.* Vol. III. Voir les passages, pag. 6, 8, 20 et 34 de la première dissertation dans la 2^me^ édition de 1856. Les remarquables études de l'allemand Konrad Haebler sur la typographie hispano-portugaise du XV^me^ et XVI^me^ siècles, publiés à Londres, Strasbourg, La Haye et Leipzig (1896-99) ont corrigé et complété ces études, d'ailleurs très appréciables, de notre illustre compatriote.

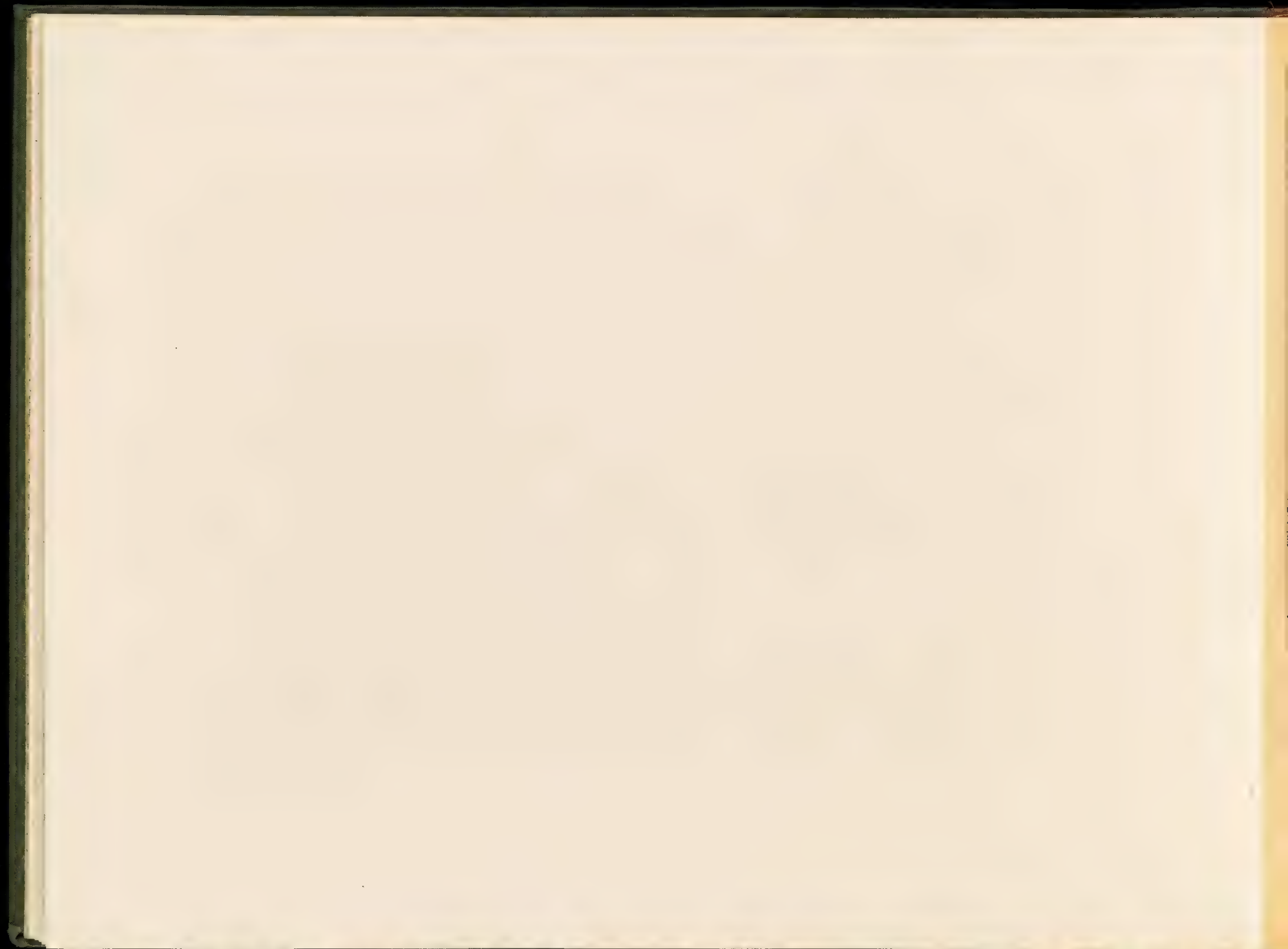
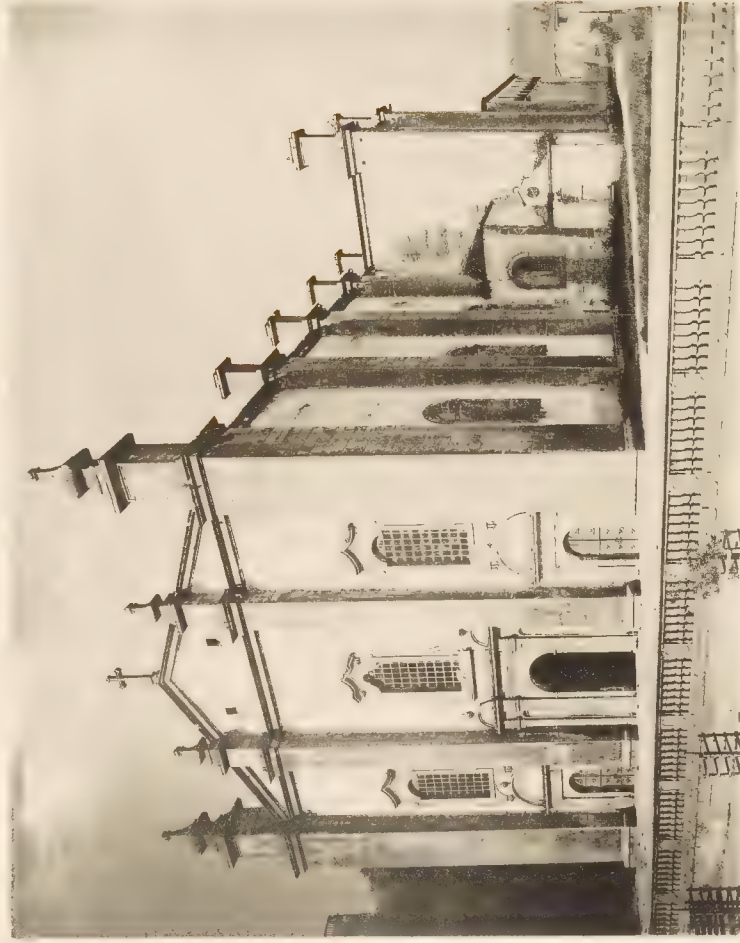
A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

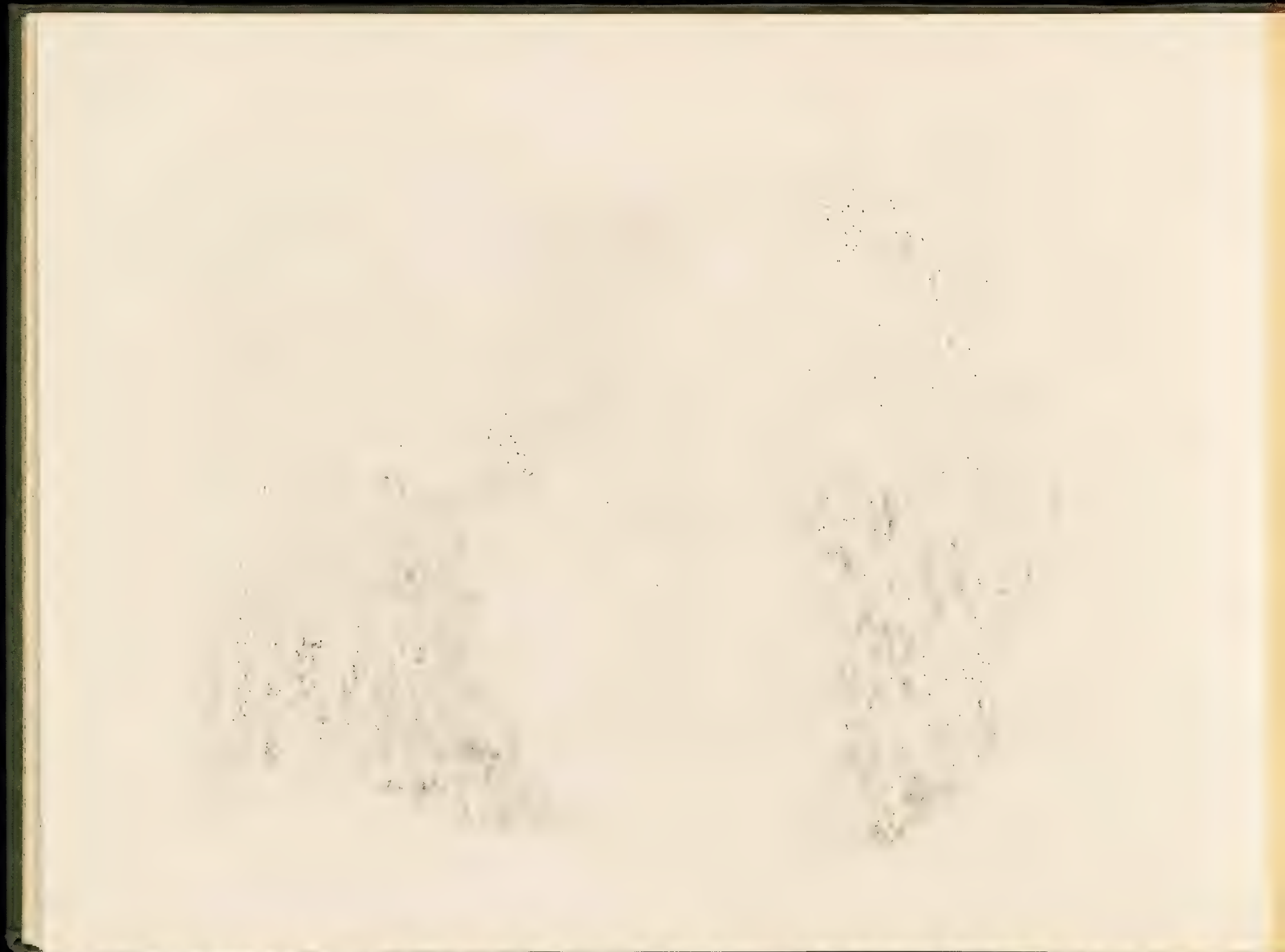
EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Vista geral

LEIRIA

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO

EMILIO BIEL & C.ª-EDITORES

Ruinas do Castello e da egreja gothica
LEIRIA

Ruinas do Castello

EMILIO BIEL & C.ª EDITORES

Sé

LEIRIA

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª EDITORES

Paisagem no rio Liz
LEIRIA

INDICE

Collocação das phototypias